

Primeiro lugar na lista do *The New York Times*

# NORA ROBERTS

*A Pousada ~ 1*

## UM NOVO AMANHÃ

"Nora utiliza a própria  
vida para criar uma trilogia  
cativante, doce e sexy."

*Library Journal*



ARQUEIRO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

UM NOVO  
AMANHÃ





## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA  
ROBERTS

*A Pousada ~ 1*

UM NOVO  
AMANHÃ



ARQUEIRO

Título original: *The Next Always*

Copyright © 2011 por Nora Roberts  
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

A Editora Arqueiro se reserva o direito exclusivo de publicação desta obra no Brasil, podendo exportá-la para o restante do mundo, exceto Portugal, Angola e Moçambique.

*tradução:* Janaína Senna

*preparo de originais:* Gabriel Machado

*revisão:* Cristhiane Ruiz e Renata Dib

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Raul Fernandes

*imagens de capa:* Lee Avison/ Trevillion Images

*adaptação para ebook:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R549n

Roberts, Nora

Um novo amanhã [recurso eletrônico]/ Nora Roberts; tradução de  
Janaína Senna. São Paulo: Arqueiro, 2016.  
recurso digital (A pousada; 1)

Tradução de: The next always

Continua com: O eterno namorado

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-513-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Senna, Janaína. II. Título.  
III. Série.

16-29771

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

---

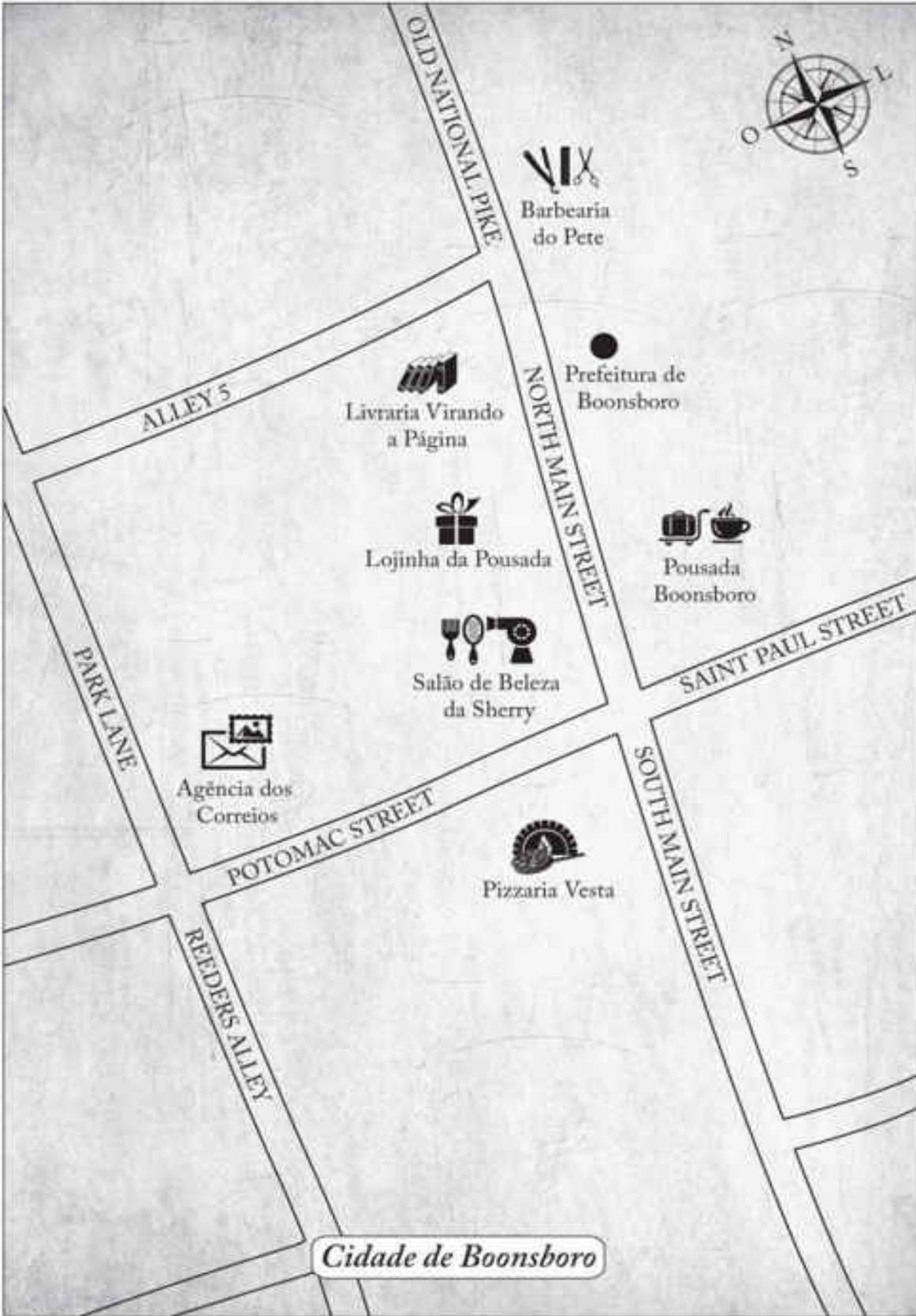
Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

Para John Reese,  
o melhor chefe do mundo,  
e os funcionários da Pousada BoonsBoro.

A música e o silêncio do coração,  
Que em parte são profecias, e em parte  
São um desejo selvagem e vão.

– LONGFELLOW



## capítulo um



**A**S PAREDES DE PEDRA estavam de pé havia mais de dois séculos, simples, mas resistentes. Formadas por rochas das colinas e dos vales, erguiam-se como testemunho do desejo – tão comum ao ser humano – de deixar uma marca, de construir e criar.

Ao longo desses duzentos anos, o homem uniu pedra e tijolo, madeira e vidro, ampliando, transformando, aprimorando segundo as necessidades, as épocas, os caprichos. Nesse período, a construção situada na encruzilhada viu o povoado se tornar uma cidade à medida que novos prédios eram edificadas.

A estrada de terra foi asfaltada. Cavalos e charretes deram lugar a carros. Os estilos mudaram num piscar de olhos. Porém ela permaneceu lá, num canto da praça, como um marco duradouro em meio ao ciclo das mudanças.

Envolveu-se com a guerra, ouviu o eco da artilharia, os gritos dos feridos, as preces dos temerosos. Conheceu sangue e lágrimas, júbilo e fúria, nascimento e morte.

Floresceu nos bons tempos e resistiu aos períodos difíceis. Mudou de mãos e de propósito, mas as paredes de pedra permaneceram de pé.

Com os anos, a madeira de suas graciosas portas de duas folhas começou a se deteriorar. O vidro se despedaçou, o reboco rachou e se desfez. Ao erguerem os olhos, motoristas que paravam no sinal da praça da cidade viam pombos entrando e saindo pelas janelas quebradas e se perguntavam o que teria sido aquela velha construção. Mas o sinal abria e eles seguiam adiante.

Beckett sabia muito bem.

Estava parado na outra extremidade da praça com os polegares

enfiados nos bolsos da calça jeans. O ar carregado do verão se mantinha imóvel. Como não vinha carro nenhum, ele poderia ter atravessado a rua principal mesmo com o sinal aberto, mas ficou esperando. Lonas azuis opacas cobriam toda a fachada do prédio. No inverno elas haviam protegido os operários do frio. Agora ajudavam a bloquear o sol e a vista.

Contudo, Beckett sabia qual era a aparência do prédio naquele momento e como ficaria quando as obras terminassem. Afinal, ele projetara todas as alterações, junto com os dois irmãos e a mãe. Mas, nos papéis do projeto, ele é que contava como arquiteto, sua principal função como sócio da Empreiteira Montgomery.

Por fim, atravessou a rua. Seus tênis mal faziam barulho no asfalto, em meio ao silêncio abafado das três horas da manhã. Passou por baixo do andaime junto à construção, descendo a St. Paul. Ficou feliz por ver, à luz dos postes, como as pedras e os tijolos haviam sido bem limpos.

O prédio parecia velho. Aliás, de fato *era* velho, e isso constituía parte de sua beleza e encanto. Agora, porém, pela primeira vez em suas lembranças, dava a impressão de estar bem cuidado.

Deu a volta pelos fundos, pisando na terra ressecada pelo sol e em meio aos entulhos da obra, que estavam espalhados pelo que em breve se tornaria um belo pátio. Ali, as varandas que se estendiam tanto pelo segundo quanto pelo terceiro andar estavam perfeitas. Balaústres recém-pintados, feitos sob encomenda – projetados para reproduzir os que se viam nas velhas fotos do prédio e os que foram encontrados durante as escavações –, secavam a um canto.

Ryder, seu irmão mais velho e empreiteiro-chefe, já tinha uma data prevista para a instalação dos parapeitos e balaústres. Beckett sabia disso porque Owen, o irmão do meio, reclamava com todos eles a respeito de prazos, planejamentos e livros de contabilidade, e mantinha o caçula informado de cada prego colocado – mesmo que Beckett não quisesse saber.

Naquele caso, pensou enquanto pegava a chave, quase sempre queria saber os detalhes. O velho hotel tinha se tornado uma obsessão familiar.

Não pensava em outra coisa, admitiu, abrindo a porta inacabada e provisória do que viria a ser o lobby. Era o seu xodó, dono da sua mente e do seu coração. Nenhum outro projeto em que trabalhara o fisgara desse jeito. E desconfiava que nenhum outro teria o mesmo efeito sobre ele.

Acionou o interruptor e a lâmpada possante que pendia do teto se acendeu, iluminando pisos de concreto, paredes emboçadas, ferramentas, lonas, material de obra.

O interior recendia a madeira e pó de concreto, mas havia também um leve cheiro de cebola grelhada, que alguém devia ter comido na última refeição.

Faria uma inspeção mais detida nos primeiros dois andares pela manhã, quando haveria mais claridade. De qualquer jeito, fora burrice ter ido até ali àquela hora, pois não podia ver defeitos e estava morto de cansaço. Mas não conseguira resistir.

Estava obcecado, pensou novamente, passando sob um amplo arco com as bordas das pedras expostas e ainda não polidas. Acendendo a lanterna, dirigiu-se para a frente do prédio e para a escada de pedreiro que levava lá para cima.

Havia algo especial naquele prédio no meio da noite, quando o barulho das pistolas de pregos, das serras, dos rádios e das vozes se extinguiu e as sombras dominavam tudo. Não chegava a ser absolutamente silencioso, imóvel. Era algo irresistível, que lhe dava arrepios na nuca.

Iluminou com a lanterna o segundo andar e notou a forração marrom nas paredes. Como sempre, o relato de Owen fora preciso: Ry e sua equipe tinham completado o isolamento térmico do pavimento.

Embora antes sua intenção fosse seguir direto para o outro piso, ficou circulando por ali com um sorriso no rosto comprido e ossudo. O prazer lhe iluminava os olhos de um azul profundo.

– Estamos avançando – disse ele, a voz rouca por não ter dormido.

Andou em meio à escuridão, guiado pelo facho da lanterna. Era um homem alto, de quadris estreitos, com as pernas compridas dos

Montgomerys e a cabeleira castanha com alguns traços mais claros herdados dos Rileys, sua família materna.

Precisou lembrar a si mesmo que, se continuasse ali no segundo andar, nem teria tempo para dormir. Então, subiu ao terceiro piso.

– É exatamente a isso que estava me referindo.

Deleitado, logo afastou a ideia do sono ao passar o dedo pelas emendas já seladas do revestimento das paredes.

Iluminou com a lanterna os buracos por onde passariam os conduítes, dirigiu-se ao que seriam os aposentos do administrador e analisou as aberturas para o encanamento da cozinha e do banheiro. Passou mais tempo vagando pelo que seria a suíte mais elaborada, assentindo com aprovação diante do painel que faria as vezes de parede, dividindo o generoso espaço do banheiro.

– Você é um gênio e tanto, Beck, mas agora, pelo amor de Deus, vá para casa.

Atordoado de cansaço e ansiedade, deu mais uma boa olhada no local antes de se dirigir à escada.

De volta ao segundo andar, ouviu uma espécie de ruído surdo, nitidamente feminino. No exato momento em que esse som chegou aos seus ouvidos, também veio um perfume: o cheiro doce e selvagem de madressilvas florescendo no verão.

Sentiu um desconforto no estômago, mas manteve a lanterna acesa enquanto seguia pelo corredor até a parte inacabada, onde ficariam os quartos de hóspedes. Então o som e o perfume se esvaíram e ele balançou a cabeça.

– Sei que você está aqui – disse com uma voz firme que fez eco.  
– E acho que está aqui há algum tempo. Nós a estamos trazendo de volta. Ela merece isso. Espero que goste do resultado, porque é assim que vai ficar.

Aguardou por um ou dois minutos. Sua imaginação estava tão fértil – ou seu cansaço era tão grande – que parecia sentir alguém, ou algo, vigiando-o.

– Que seja – falou ele, dando de ombros. – Estamos lhe dando o melhor que temos e somos bons pra caramba.

Quando desceu, notou que a lâmpada da obra já não estava mais acesa. Beckett a acendeu novamente e, em seguida, apagou-a,

encolhendo os ombros de novo. Não seria a primeira vez que o habitante atual brincava com os interruptores.

– Boa noite! – gritou antes de passar a chave na porta.

Dessa vez não esperou o sinal fechar; atravessou a rua na diagonal. A Vesta Pizzaria e Restaurante ocupava a outra ponta da praça, no mesmo prédio do seu apartamento e escritório. Foi andando pela calçada até o estacionamento dos fundos e pegou sua pasta na cabine da caminhonete. Decidido a matar quem quer que o chamasse antes das oito da manhã, Beckett destrancou a porta que dava para a escada e subiu até o seu andar, passando pelo restaurante.

Quando chegou, nem acendeu a luz: seguiu pelo apartamento sem esbarrar em nada, movendo-se com a ajuda da memória e da luminosidade vinda dos postes da rua. Despiu-se ao lado da cama, deixando as peças caírem no chão.

Atirou-se de bruços no colchão e dormiu pensando em madressilvas.



O celular deixado no bolso do jeans tocou às cinco para as sete.

– Desgraçado!

Irritado, saiu da cama se arrastando e pegou o telefone. Ninguém falou nada. Percebeu então que estava com a carteira encostada na orelha.

– Merda!

Largou a carteira e saiu tateando em busca do aparelho.

– Que diabos você quer?

– Bom dia para você também – respondeu Owen. – Estou saindo do Sheetz com café e rosquinhas. Tem uma nova funcionária no turno da manhã. Ela é bem gostosa.

– Vou matar você a marteladas.

– Aí vai ficar sem café e rosquinhas. Estou indo para o canteiro de obras. Ry já deve estar lá. Reunião matinal.

– É às dez!  
– Não leu a mensagem que eu mandei?  
– Qual delas? Estive fora por dois dias e você me mandou um milhão de mensagens enlouquecidas.  
– Eu disse que tínhamos mudado o horário para sete e quinze.  
Vista-se.

Owen desligou.

– Droga!

Tomou uma chuveirada rápida e colocou a roupa.

As nuvens que se acumularam durante a noite haviam conservado o calor, portanto sair agora era como mergulhar inteiramente vestido num rio quente.

Enquanto atravessava a rua, ouviu o barulho de pistolas de pregos, o som de uma música, o ruído de serras. Lá dentro, alguém ria como um louco.

Ao virar a esquina, viu Owen parando a caminhonete no estacionamento que ficava atrás do futuro pátio. O carro brilhava, nitidamente recém-lavado, e as caixas de ferramentas prateadas que ficavam de ambos os lados da carroceria estavam reluzentes.

Owen desceu. Usava jeans, botas de trabalho bem surradas, uma camiseta branca enfiada para dentro da calça e, no cinto, destacava-se o maldito telefone que fazia de tudo – só faltava lhe dar beijos de boa-noite, mas Beckett preferia nem duvidar. O cabelo castanho-escuro de Owen estava penteado bem para trás e era evidente que ele tivera tempo para fazer a barba, notou Beckett, irritado.

Owen lhe lançou um sorriso e Beckett imaginou que os olhos por trás daquelas lentes escuras estavam alertas e animados.

– Onde está a porcaria do café?

Owen pegou um copo grande da bandejinha para viagem.

– Só cheguei em casa às três – disse Beckett, tomando um primeiro gole caprichado, que o traria de volta à vida.

– Por quê?

– Quando consegui sair de Richmond já eram quase dez horas. Depois, peguei um engarrafamento na 95. E não venha me dizer, simplesmente *nem* pense em me dizer, que eu deveria ter verificado

as condições do trânsito antes de pegar a estrada. E cadê as rosquinhas?

Owen abriu a imensa caixa e o cheiro de fermento, açúcar e gordura inundou o ar pesado. Beckett pegou uma coberta de geleia, devorou metade e engoliu o resto com um pouco mais de café.

– Os balaústres ficaram ótimos – comentou Owen daquele seu jeito descontraído. – Valeram todo o tempo e o dinheiro investidos. – Inclinou a cabeça na direção da caminhonete parada ao lado da sua.

– O revestimento do terceiro andar já foi feito. Hoje vão dar a segunda demão de cimento. Ficamos sem folhas de cobre para o telhado, o que vai nos atrasar um pouquinho, mas enquanto o material não chega estamos trabalhando nas telhas.

– Já deu para perceber – comentou Beckett ouvindo o barulho de serras.

Owen continuou a pôr o irmão a par de tudo à medida que cruzavam a porta do saguão e o café despertava Beckett.

O barulho era ensurdecedor, mas agora que Beckett havia ingerido um pouco de açúcar e cafeína, aquela cacofonia soava como música aos seus ouvidos. Cumprimentou alguns operários que instalavam o isolamento, depois seguiu Owen pelo arco lateral até a lavanderia, que no momento fazia as vezes de escritório.

Com a testa franzida, Ryder observava algumas plantas abertas sobre a mesa de compensado. Diaraque, seu vira-lata caseiro e bonachão e uma companhia inseparável, roncava deitado a seus pés.

Ao sentir o cheiro da rosquinha, abriu os olhos mais que depressa, abanando o rabo emaranhado. Beckett partiu um pedaço, atirou-o para o alto e o cachorro o pegou no ar sem a menor dificuldade.

Diaraque não via a menor lógica em correr atrás de pedaços de pau ou bolinhas. Concentrava suas habilidades em pegar qualquer tipo de comida.

– Se pedir outra mudança, mato você em vez do Owen – falou Beckett.

Ryder apenas resmungou e estendeu a mão para pegar seu café.

– Precisamos tirar o quadro de fiação elétrica daqui para usar

este espaço como área de serviço do segundo andar.

Beckett pegou outra rosquinha, pensando na sugestão de Ryder. Aqueles pequenos retoques não prejudicariam em nada, pelo contrário, provavelmente só melhorariam o resultado final. O primogênito era, afinal de contas, quem convivia mais de perto com o edifício. Mas quando propôs retirar o teto em caixotões da sala de jantar – motivo de atrito entre eles –, Beckett foi firme.

– Isso fica exatamente como previsto, pois dá personalidade ao ambiente.

– E precisa ter personalidade?

– Todos os ambientes deste lugar vão ter personalidade. A da sala de jantar vai ficar evidente nesses caixotões, entre outras coisas. Eles combinam com o aposento e dão destaque aos painéis que estamos fazendo para as laterais das janelas profundas. Além delas, tem também o teto, o arco de pedra na parede do fundo...

– Que chatice!

Ryder deu uma olhada nas rosquinhas e escolheu uma de canela. Vendo de relance o rabo que se agitava muito aos seus pés, partiu um pedaço e o atirou para Diaraque. O cachorro pegou a guloseima no ato.

– Como foram as coisas lá em Richmond?

– Da próxima vez que eu me oferecer para projetar e ajudar a construir uma varanda coberta para um amigo, me nocauteiem, por favor.

– Com todo o prazer.

Ryder sorriu enquanto comia a rosquinha. Seu cabelo, de um castanho tão escuro que parecia preto, despontava por baixo do boné manchado de tinta. Estava com as sobrancelhas erguidas, o que destacava os olhos verdes com traços dourados.

– Achei que tivesse feito isso para poder se aproximar da irmã do Drew.

– Essa era parte da motivação.

– E como foi?

– Ela tem saído com alguém há umas semanas, só que ninguém se incomodou em me comunicar esse detalhe. Nem sequer cheguei a vê-la. Então, fiquei lá dormindo no quarto de hóspedes do Drew,

fingindo que não o ouvia discutir com Jen todas as noites, reclamando por ela fazer da vida dele um inferno diário.

Beckett tomou o resto do café.

– Apesar disso, a varanda ficou legal.

– Agora que você voltou, podia me ajudar com as estantes da biblioteca – disse Owen.

– Tenho umas coisas para resolver, mas posso reservar umas horinhas para você hoje à tarde.

– Tudo bem. – Owen lhe passou uma pasta. – Mamãe foi até a Bast's – informou ele, referindo-se à loja de móveis que ficava na mesma rua. – Isto é o que ela deseja, incluindo as dimensões e o aposento onde cada item vai ficar. Quer que você faça os esboços.

– Fiz o último lote antes de ir para a casa do Drew. Ela compra tão depressa assim?

– Amanhã ela vai se encontrar com tia Carolee. Vão conversar sobre os tecidos, por isso precisa saber o quanto antes se o que comprou vai servir. Quem mandou tirar uns dias na esperança de conseguir uma gata?

– Pisou na bola.

– Cale a boca, Ry. – Beckett pôs a pasta debaixo do braço. – É melhor eu ir andando.

– Não quer subir para dar uma olhada?

– Já fiz isso de noite.

– Às três da madrugada? – perguntou Owen.

– É, isso mesmo. Está legal.

Um dos operários surgiu à porta.

– Oi, Beck. Ry, o cara que coloca o revestimento está com uma dúvida.

– Vou lá daqui a pouco. – Ryder pegou uma lista escrita à mão de sua prancheta e passou-a a Owen. – Materiais. Faça a encomenda. Quero pôr a cobertura da varanda principal.

– Eu cuido disso. Vai precisar de mim por aqui agora de manhã?

– Temos que pintar milhões de balaústres, instalar alguns quilômetros de isolamento e colocar o assoalho da varanda do segundo andar, a da fachada. O que acha?

– Acho que vou pôr meu cinto de ferramentas depois de pedir o

material.

– Passarei por aqui antes de ir à loja hoje de tarde – disse Beckett e saiu depressa, antes que resolvessem lhe dar uma pistola de pregos para se juntar ao trabalho.



Em casa, pôs uma xícara na cafeteira, conferiu a quantidade de água e os grãos. Enquanto a máquina fazia a moagem, deu uma olhada na sua correspondência, que Owen tinha deixado na bancada da cozinha, assim como *post-its* com os horários em que regara as plantas. Beckett balançou a cabeça. Embora não tivesse pedido a Owen, nem a ninguém, para fazer essas pequenas tarefas enquanto estivesse fora, não ficou surpreso ao ver que haviam sido realizadas.

Se fosse preciso lidar com um pneu furado ou com o holocausto nuclear, Owen era a pessoa certa a quem recorrer.

Beckett jogou as cartas que não interessavam no lixo reciclável e levou as que mereciam maior atenção para o escritório junto com o café.

Gostava daquele espaço, que projetara para si mesmo quando os Montgomerys compraram o prédio anos antes. Tinha ali a velha escrivania, achada numa feirinha, que ele mesmo restaurara, voltada para a Main Street. Daquele lugar, podia observar a pousada.

Era dono de um terreno fora da cidade e planejava construir uma casa, em cujo esboço vinha trabalhando. Mas outros projetos sempre o obrigavam a adiar este. De qualquer forma, não tinha pressa. Estava satisfeito com a vista privilegiada da Main Street do alto da Vesta. Além do mais, podia ligar lá para baixo e pedir uma entrega em casa ou descer, se não quisesse comer sozinho.

Dava para caminhar até o banco, o barbeiro, a livraria, os correios, até o Crawford's, se quisesse um café da manhã quentinho ou um hambúrguer. Conhecia seus vizinhos, os comerciantes, o ritmo em Boonsboro. Não, não precisava ter pressa.

Deu uma olhadinha na pasta que Owen lhe entregara. Estava

tentado a começar de uma vez, a ver o que a mãe e a tia haviam pensado, mas antes tinha outro trabalho para fazer.

Passou a hora seguinte pagando contas, atualizando outros projetos, respondendo e-mails a que não dera atenção quando estava em Richmond.

Conferiu o cronograma de trabalho de Ryder. Owen insistia em que tivessem uma cópia atualizada toda semana, mesmo que se vissem e falassem uns com os outros toda hora. Quase tudo estava no prazo, o que, considerando-se o escopo do projeto, era de fato um milagre.

Olhou para a pasta branca abarrotada, cheia de fichas, impressões, diagramas – tudo organizado por cômodo – dos sistemas de ar-condicionado e calefação, dos detectores de incêndio, banheiras, vasos sanitários, lavabos, torneiras, iluminação, padrões dos azulejos, eletrodomésticos, além de móveis e acessórios já escolhidos e aprovados.

A pasta ficaria ainda mais grossa antes de terminarem, então era melhor ver o que sua mãe estava planejando. Abriu-a e espalhou as fichas. Em cada uma delas, a mãe colocara as iniciais do aposento para o qual a peça se destinava. Ryder e os operários ainda usavam os números que haviam designado para cada quarto e suíte, mas Beckett sabia que J&R – no segundo andar, na parte de trás, uma das duas que tinha entrada privativa e lareira – queria dizer Jane & Rochester.

Beckett adorara a ideia da mãe de dar às suítes nomes de casais apaixonados da literatura que tiveram um final feliz. Ela fizera isso com todas, exceto com a da frente, que decidiu chamar de A Cobertura.

Ele analisou a cama que a mãe queria e decidiu que o dossel de madeira se encaixaria como uma luva no Thornfield Hall, lar de Rochester. Sorriu ao ver o sofá curvo, o divã que, segundo ela, devia ficar no pé da cama.

A mãe escolhera uma cômoda, mas apontava como alternativa uma escrivaninha com gavetas. Quanto mais exclusivo, pensou ele, mais interessante.

E, pelo visto, também optara por uma cama para a Westley &

Buttercup – a segunda suíte da parte posterior –, já que tinha escrito *ESTA AQUI!* em letras garrafais na ficha.

Beckett olhou as outras anotações; ela realmente tivera bastante trabalho. Virou-se para o computador e passou as duas horas seguintes no AutoCAD organizando, ajustando, medindo. De tempos em tempos, abria a pasta para se lembrar do conceito e da disposição dos banheiros ou para dar mais uma olhadinha na parte elétrica, na fiação das TVs de plasma de cada quarto.

Quando se deu por satisfeito, enviou para a mãe o arquivo por e-mail, com cópia para os irmãos, indicando as dimensões máximas para as mesinhas de cabeceira e eventuais cadeiras.

Precisava dar uma parada e queria mais café. Café gelado, decidiu. Ou melhor, um cappuccino. Por que não tomar um na Virando a Página? O café da livraria era bom e ele podia esticar as pernas andando um pouco pela Main Street.

Resolveu ignorar o fato de que a cafeteira que comprara fazia capuccino, e ele tinha gelo em casa. Disse a si mesmo que deveria arrumar um tempo para se barbear, pois estava muito quente.

Saiu de casa, desceu até a Main Street e parou diante do Salão de Beleza da Sherry para conversar com Dick, o barbeiro, que estava descansando um pouco.

- Como anda a obra? – perguntou ele.
  - Já estamos instalando as divisórias.
  - Ah, sim, ajudei a descarregar algumas quando chegaram.
  - Vamos ter que pôr seu nome na folha de pagamentos.
- Dick sorriu e apontou com o queixo para a pousada.
- Estou gostando de vê-la voltar à vida.
  - Eu também. Até mais, Dick.

Beckett continuou caminhando e subiu os degraus da varanda coberta da livraria. Ao entrar, fez com que os sininhos em cima da porta tilintassem. Ergueu a mão cumprimentando Laurie, que estava atendendo um cliente. Enquanto esperava, foi até a parte da frente da loja, onde ficavam os best-sellers e os lançamentos. Pegou o último livro de John Sandford – como tinha deixado escapar esse? –, deu uma lida nas resenhas internas e resolveu ficar com ele. Então seguiu examinando as outras pilhas de livros.

A loja dava uma sensação de tranquilidade, com aquelas salas que se comunicavam umas com as outras de forma fluida e a escada em caracol de degraus rangentes que levava ao escritório e ao depósito no segundo andar. Miudezas, cartões, artesanato local, um pouco disso, um pouco daquilo e, acima de tudo, livros e mais livros enchendo estantes, mesas e caixas, de um jeito que incentivava os clientes a bisbilhotar.

Era mais um prédio antigo, que tinha visto a guerra, as mudanças, o tempo de vacas magras e o tempo de abundância. Hoje em dia, com os tons suaves e o velho assoalho de madeira, conservava uma atmosfera residencial.

Na sua opinião, aquele lugar tinha um cheiro de livro e de mulher, o que fazia sentido, pois a proprietária contava com uma equipe basicamente feminina em tempo integral ou parcial.

Beckett encontrou um Walter Mosley recém-lançado e o pegou também. Depois de olhar para a escada que levava ao escritório do segundo andar, passou pela porta aberta da seção dos fundos da loja. Ouviu vozes, mas logo percebeu que eram de uma garotinha e de uma mulher que ela chamava de mamãe.

Clare tinha filhos, mas eram três meninos. Talvez nem fosse trabalhar naquele dia ou só chegasse mais tarde. De qualquer forma, Beckett fora até ali para tomar café, não para ver Clare Murphy. Clare Brewster, lembrou-se. Já deveria ter se acostumado com o sobrenome, que ela carregava havia dez anos.

Clare Murphy Brewster, sussurrou, mãe de três crianças, dona da livraria. Uma antiga amiga de colégio que voltara para a terra natal depois que um atirador iraquiano destroçara sua vida, deixando-a viúva.

Só iria encontrá-la se ela por acaso estivesse na loja. Não fazia *qualquer* sentido querer ver a viúva de um cara que fora seu colega de escola, de quem gostava, embora o invejasse.

– Desculpe pela demora. Tudo bem, Beck?

– O quê? – Ele voltou a si, virando-se para Laurie enquanto ouvia a porta tilintar com a entrada de mais clientes. – Ah, tudo bem. Encontrei uns livros.

– Imaginei – disse ela, sorrindo para Beckett.

– Pois é. Eu aqui, numa livraria... Mas também tinha esperanças de sair daqui com um cappuccino gelado.

– Posso ajudá-lo. Tudo o que é gelado está fazendo sucesso neste verão.

Laurie prendeu o cabelo castanho-dourado para enfatizar o calor, então gesticulou na direção dos copos.

– Grande?

– Com certeza – respondeu Beckett.

– Como está a pousada?

– Avançando.

Ele se dirigiu ao balcão quando ela se virou para a máquina de *espresso*.

Laurie é uma graça, pensou Beckett. Trabalhava para Clare desde o início, conciliando o emprego com os estudos. Havia... cinco anos, talvez seis? Será que já passara esse tempo todo?

– As pessoas vivem nos perguntando – comentou ela enquanto fazia o café. – Quando, o quê, como... Em especial quando vão tirar aquela lona para que possamos vê-la.

– E estragar a grande surpresa?

– Essa espera está me matando.

Com a conversa e o barulho da máquina, ele não chegou a ouvi-la, mas sentiu sua presença. Olhou para cima e a viu descendo a escada, segurando o corrimão.

Seu coração disparou. Bom, Clare fazia isso acontecer desde que ele tinha 16 anos.

– Oi, Beck. Bem que tinha reconhecido sua voz.

Ela sorriu e o coração de Beckett quase parou de bater.

## capítulo dois



**B**ECKETT CONSEGUIU SE CONTROLAR. Sorriu também, de modo breve e casual, enquanto ela continuava descendo a escada, balançando o longo e dourado rabo de cavalo. Clare sempre lhe parecera um girassol, alta e radiante. Os traços esverdeados dos olhos cinzentos lhe davam um brilho a mais sempre que abria um sorriso.

– Faz uns dias que não vejo você – comentou ela.

– Fui a Richmond.

Ela estava um pouco bronzeada, reparou Beckett.

– Perdi alguma coisa? – acrescentou.

– Deixe-me ver.... Alguém roubou um anão de jardim da Carol Tecker.

– Caramba. Provavelmente algum desocupado.

– Ela está oferecendo uma recompensa de 10 dólares para quem conseguir recuperá-lo.

– Vou ficar de olho.

– Alguma novidade da pousada?

– Começamos a instalar as divisórias.

– Essa é velha – retrucou ela, fazendo um gesto de descaso. – Avery me contou ontem, depois que soube por Ry, quando ele foi comer uma pizza.

– Minha mãe fez mais um pedido de móveis e agora está escolhendo os tecidos.

– Isso, *sim*, é novidade.

O verde dos olhos dela brilhava, fazendo o coração de Beckett retumbar.

– Vou adorar ver o que ela escolheu – afirmou Clare. – Sei que

vai ficar lindo. E ouvi uns boatos de que vai ter uma banheira de cobre por lá.

Beckett ergueu três dedos.

Ela arregalou os olhos, o verde se destacando do cinza enfumaçado. Ele já estava sem ar.

– Três? Onde vocês conseguem encontrar essas coisas?

– Damos nosso jeito.

Ela olhou para Laurie e deu um profundo suspiro feminino, afetado.

– Já imaginou como será se refestelar numa banheira de cobre? Parece tão romântico...

Infelizmente, Beckett logo a imaginou despindo um belo vestido de alcinha com estampa de papoulas vermelhas e entrando na banheira de cobre.

Não conseguia mais se controlar.

– Como vão os meninos? – perguntou, pegando a carteira.

– Estão ótimos. Agora estamos nos preparando para a volta às aulas, então eles ficam bem agitados. Harry finge que não está nem aí e se faz de maduro, já que vai para o terceiro ano. Ele e Liam generosamente transmitem sua vasta experiência para Murphy. Nem acredito que o meu bebê já vai para o jardim de infância.

Pensar nas crianças sempre o deixava mais centrado e o ajudava a vê-la como MÃE, alguém que não deveria imaginar nua.

– Ah – fez ela, apontando o livro de Mosley antes de Laurie colocá-lo na sacola. – Ainda não tive tempo de ler esse livro. Depois me diga o que achou.

– Claro. Ah, passe lá um dia desses para dar uma olhada.

Ela esboçou um sorriso.

– Nós espiamos pelas janelas laterais.

– É só entrar pelos fundos.

– Sério? Eu adoraria, mas achei que não quisessem ninguém circulando por ali.

– Normalmente não, mas... – Ele se interrompeu quando os sinos da porta tocaram e dois casais entraram. – Bom, preciso ir.

– Divirta-se com o livro – disse ela e foi atender os clientes: – Posso ajudá-los a encontrar alguma coisa?

– Estamos só dando uma olhadinha – respondeu um dos homens. – Vocês têm algum livro sobre a Batalha de Antietam?

– Temos. Vou lhe mostrar.

Ela o conduziu até outro ponto da livraria enquanto o resto do grupo vagava pelo local.

Beckett a viu descer um pequeno lance de escadas para ir ao que chamavam de anexo.

– Bem, até mais, Laurie.

– Beck?

Ele se deteve, já com a mão na maçaneta.

– E os livros? O café?

Laurie lhe estendeu a sacola e o cappuccino.

– Ah, claro. – Ele riu, balançando a cabeça. – Obrigado.

– De nada.

Ela deu um breve suspiro quando ele se foi, imaginando se seu namorado já a teria observado se afastar.



Clare levou uma caixa de livros para despachar nos correios. Ao sair pela porta dos fundos e atravessar o estacionamento de paralelepípedos, inspirou fundo enquanto a brisa afagava seu rosto.

Esperava que fosse chover. Talvez uma bela tempestade a faria poupar o tempo que gastava regando o jardim e os vasos de plantas. Se não viesse acompanhada de raios, poderia deixar os meninos correr ao ar livre depois do jantar e gastar um pouco de energia.

Depois disso, daria um bom banho neles, porque era noite de ver filme e comer pipoca. Tinha que consultar suas anotações para saber de quem era a vez de escolher o título.

Quando três menininhos precisavam decidir se queriam passar o tempo vendo o Bob Esponja, os Power Rangers ou a galera de *Star Wars*, registrar tudo ajudava a evitar discussões, reclamações e

brigas. Não chegava a *eliminá-las* de verdade, mas as mantinha num nível que dava para controlar.

Despachou as encomendas e ficou um tempinho conversando com a funcionária dos correios. Como o tráfego na Rodovia 34 estava intenso, voltou a pé pela praça e apertou o botão para acionar o sinal de pedestres. E esperou.

De vez em quando lhe ocorria que estava, pelo menos geograficamente, de volta ao ponto de partida. Todo o resto tinha mudado, pensou, olhando para aquela enorme lona azul.

E continuava mudando.

Ela saíra de Boonsboro aos 19 anos, recém-casada. *Como eu era jovem!*, pensava agora. Cheia de entusiasmo e confiança, muito apaixonada. Não se importara nem um pouco em se mudar para a Carolina do Norte para começar a vida com Clint como esposa de militar.

Acabara se saindo muito bem nesse papel. Cuidava da casa, trabalhava em meio expediente numa livraria e voltava correndo para preparar o jantar. Soubera que estava grávida poucos dias antes de Clint ser mandado para a sua primeira missão no Iraque.

Enquanto passava pela Vesta, lembrou-se de seu medo na época, que fora superado pelo inocente otimismo da juventude e a alegria de estar esperando um bebê, que dera à luz com apenas 20 anos.

Clint voltara e eles se mudaram para o Kansas. Ficaram lá por quase um ano. Liam nascera durante a segunda missão de Clint. Na volta, fora um bom pai para os dois meninos, mas a guerra tinha lhe roubado aquela alegria espontânea, seu riso rápido e fácil.

Ela não sabia que estava grávida quando lhe dera um beijo de despedida na última vez.

No dia em que lhe entregaram a bandeira do caixão de Clint, Murphy se mexeu dentro dela pela primeira vez.

E agora voltara, pensou, abrindo a porta envidraçada. Para ficar de vez.

Tinha programado sua visita para depois do almoço e antes dos preparativos do jantar. Algumas pessoas estavam sentadas às mesas de madeira escura e lustrosa, e uma família – de gente de fora, pelo que notou – se amontoava num canto mais ao fundo. Estavam com

um bebê de cabelos cacheados esparramado na almofada vermelha, dormindo a sono solto.

Clare ergueu a mão para cumprimentar Avery, que estava atrás do balcão, espalhando molho numa massa. Sentindo-se em casa, pegou um copo de limonada e se aproximou do balcão.

- Acho que vai chover.
- Você disse isso ontem.
- Mas hoje é sério.
- Então tá. Vou pegar meu guarda-chuva.

Avery cobriu o molho com fatias de mussarela e pôs uma camada de pepperoni, cogumelos e azeitonas pretas. Com movimentos rápidos e experientes, abriu um dos enormes fornos atrás de si. Colocou lá dentro a pizza e tirou outra, fatiando-a.

Uma das garçonetes veio da cozinha cantarolando “Oi, Clare” e levou a pizza e alguns pratos para uma das mesas.

- Ufa! – exclamou Avery.
- Dia cheio?
- Estamos lotados desde às onze e meia. Só diminuiu um pouco o movimento há uma meia hora.
- Vai trabalhar à noite?
- Wendy ligou dizendo que está passando mal de novo, então parece que vou ter que dobrar meu turno.
- “Passando mal” quer dizer que terminou com o namorado mais uma vez.

– Acho que eu também passaria mal se estivesse envolvida com esse imprestável. As pizzas dela são boas pra caramba. – Avery pegou uma garrafa de água sob o balcão. – Mas provavelmente vou ter que demiti-la. Esses jovens de hoje... – Revirou os olhos azuis reluzentes. – Não têm a menor responsabilidade profissional.

– Estou tentando lembrar o nome do sujeito por quem você ficou caidinha quando foi pega matando aula.

– Lance Poffinberger... apenas um lapso. E, caramba, paguei caro por isso. Fiz essa bobagem uma única vez e papai me deixou de castigo por um mês. Lance trabalha na Canfield’s como mecânico. – Avery arqueou as sobrancelhas enquanto tomava um gole de água. – Mecânicos são gostosos.

- Está falando sério?
- Lance é a exceção que confirma a regra.

Ela atendeu o telefone, anotou um pedido, tirou a pizza do forno e a fatiou para que a garçonete pudesse levá-la ainda borbulhante até a mesa.

Clare saboreou a limonada e ficou vendo a amiga trabalhar.

Eram amigas desde o ensino médio, no tempo em que eram líderes de torcida. Elas meio que competiam. Quando Avery foi para a universidade e Clare foi para Fort Bragg com Clint, perderam o contato.

Reencontraram-se só depois que Clare retornou, grávida de Murphy e com outros dois filhos. Já Avery, com seu cabelo ruivo e a pele leitosa dos antepassados escoceses, tinha acabado de abrir um restaurante italiano.

- Beckett esteve na livraria mais cedo.
- Alguém tem que avisar a imprensa!

Clare recebeu o sarcasmo da amiga com um sorriso envaidecido.

- Ele disse que posso dar uma olhada na pousada.
- Sério? Deixe-me terminar de preparar esse pedido e a gente vai.

– Não posso agora. Preciso pegar as crianças daqui a... – deu uma olhada no relógio – uma hora. E ainda tenho trabalho a fazer. Que tal amanhã? Talvez antes do período de maior movimento aqui ou na livraria.

– Combinado. Chego por volta das nove para ligar os fornos e tudo o mais. Posso dar uma escapada às dez.

– Às dez então. Tenho que ir. Trabalho, filhos para buscar, jantar, banhos e ainda filme à noite.

– Temos um excelente ravióli de espinafre se não quiser cozinhar hoje.

Clare estava prestes a recusar a oferta, mas achou que era uma ótima forma de fazê-los comer espinafre e ainda poupar 45 minutos na cozinha.

– Eu aceito. Ouça, meus pais chamaram os meninos para dormir na casa deles no sábado. Que tal se eu fizesse uma pizza e abrisse um vinho para uma noitada só para mulheres?

– Não acho nada mal. Poderíamos até pôr uns vestidos sensuais e sair. Quem sabe não encontramos por acaso uns homens que queiram compartilhar a noite?

– É, mas como vou passar a maior parte do dia no shopping e em outlets com três meninos experimentando roupas para a volta às aulas, provavelmente vou querer matar o primeiro sujeito que se dirigir a mim.

– Será a noite das mulheres, então.

– Perfeito.

Avery colocou o ravióli numa caixinha para viagem e pôs a comida na conta de Clare.

– Obrigada. E até amanhã.

– Clare – disse Avery enquanto a outra se encaminhava para a porta –, sábado vou levar uma segunda garrafa de vinho e uma sobremesa. Além do meu pijama.

– Melhor ainda. Quem precisa de homem quando se tem a companhia da melhor amiga?

Clare riu ao ver Avery estender a mão para cima.

Ao sair do restaurante, quase deu um encontrão em Ryder.

– Agora só falta o Owen para eu completar a trinca. Vi Beck mais cedo.

– Estou indo à casa da minha mãe. Ele e Beck estão no escritório. Posso lhe dar uma carona – ofereceu-se com um sorriso.

– Vim comprar comida. Mamãe disse que está muito quente para cozinhar.

Clare mostrou sua sacolinha.

– Concordo com ela. Diga que mandei um abraço.

– Pode deixar. Está muito bonita, *ma chère* Clare. Quer sair para dançar?

Ela retribuiu o sorriso enquanto apertava o botão para acionar o sinal de pedestres.

– Claro. Pode passar por volta das oito que eu e os meninos estaremos prontos.

Por sorte o sinal abriu logo e ela atravessou, despedindo-se com um aceno. Tentou se lembrar da última vez que um homem a convidara de verdade para dançar.

Não conseguiu.



O escritório dos Montgomerys era grande como uma casa e fora projetado para que se parecesse com uma. Ostentava uma grande varanda coberta – frequentemente abarrotada com projetos em diferentes estágios – com duas cadeiras reclináveis de braço, feitas de tábuas de madeira já bem gastas, que havia dois anos esperavam ser reformadas e pintadas.

Portas, janelas, duas cubas, caixas de azulejos, telhas, compensados e uma enorme variedade de itens que sobraram de outros projetos estavam misturados num anexo nos fundos, construído por falta de espaço para armazenagem.

Como aquela bagunça o deixava louco, de meses em meses Owen organizava tudo. Mas logo Ryder ou Beckett trazia algo mais, que ficaria largado em qualquer lugar.

Ele sabia muito bem que faziam isso de propósito.

Na parte principal, havia bancadas de trabalho, prateleiras com suprimentos, duas caixas enormes de ferramentas com rodinhas, tábuas, velhos potes de vidro e latas de café com pregos e parafusos, etiquetados por Owen.

Embora nunca satisfizessem completamente os altos padrões de Owen, os outros mantinham ali pelo menos certa organização.

Trabalhavam bem juntos, com um rock de fundo tocando num antigo som reciclado da casa da família, dois ventiladores de coluna soprando para longe o calor, a serra de mesa zumbindo quando Beckett passava mais uma peça de castanheiro pela lâmina.

Ele gostava de segurar a madeira, sentir sua textura, seu cheiro. O vira-lata de labrador da sua mãe, Atticus, ficava estirado sob a mesa da serra, todo grandalhão, tirando uma soneca. Finch, seu irmão, depositava uma bolinha de beisebol de brinquedo aos pés de Beckett a cada dez segundos.

Diaraque estava jogado de costas em cima de um monte de

serragem.

Beckett desligou a máquina e fitou os olhos arregalados de entusiasmo de Finch.

– Por acaso eu pareço estar brincando?

Finch abocanhou a bolinha de novo e a soltou mais perto da bota de Beckett. Embora soubesse que aquilo só ia encorajar uma atividade interminável, ele a pegou e lançou pela porta da frente da oficina.

Finch foi atrás dela com uma alegria incontrolável.

– Você se masturba com essa mão? – perguntou Ryder.

Beckett limpou a baba do cachorro na calça jeans.

– Sou ambidestro.

Pegou mais uma tábua que Ryder já havia medido e marcado. Finch voltou com a bola e a deixou novamente a seus pés.

O processo continuou: Ryder media e marcava, Beckett cortava, Owen unia as peças com cola especial e braçadeiras, seguindo os desenhos pregados num quadro.

Uma das duas estantes de livros que iam do chão ao teto e ficaria ao lado da lareira na biblioteca esperava para ser lixada e envernizada. Logo que acabassem a segunda, assim como o arremate da lareira, encarregariam Owen de embelezar a peça.

Cada um tinha sua habilidade, pensou Beckett, mas não se podia negar que Owen era o mais meticoloso dos três.

Desligou a serra, atirou a bolinha para o doido do Finch e percebeu que já tinha escurecido lá fora. Atticus bocejou, se espreguiçou e se esfregou na perna de Beckett antes de vagar por ali.

Hora de parar, decidiu-se Beckett, e tirou três cervejas da velha geladeira.

– Já é mais do que hora de tomar uma bebidinha – anunciou e levou as garrafas para os irmãos.

– Já percebi.

Ry chutou a bola que o cachorro tinha deixado a seus pés, atirando-a pela janela aberta com a mesma precisão que chutava as bolas de futebol americano na época da escola.

Finch correu e pulou atrás dela. Um barulho de algo quebrando

se ouviu na varanda.

– Você viu isso? – perguntou Beckett acima das gargalhadas dos irmãos. – Esse cachorro é maluco.

– Foi um salto e tanto. – Ryder lambeu o polegar e o passou pelo canto da estante. – É uma madeira ótima. Castanho foi uma escolha bem acertada, Beck.

– Vai combinar bastante com o assoalho. E o sofá tem que ser de couro. Escuro, mas intenso, com cadeiras de couro mais claro para contrastar.

– Que seja. Chegaram hoje as luminárias do teto que mamãe encomendou.

Ryder tomou um gole da sua cerveja. Owen pegou o celular para fazer uma anotação.

– Você as examinou?

– Eu estava meio ocupado.

Owen anotou mais alguma coisa.

– Marcou as caixas? Levou-as para o depósito?

– Aham. Estão marcadas e foram guardadas no porão da Vesta. As luminárias da sala de jantar, tanto as do teto quanto as das paredes, também chegaram.

– Preciso das notas.

– Estão com as caixas.

– Temos que manter a papelada organizada.

Finch voltou trotando e soltou a bolinha, abanando o rabo com toda a força.

– Vamos ver se você consegue fazer aquilo de novo – sugeriu Beckett.

Sem pensar duas vezes, Ryder chutou a bola pela janela. O cachorro voou atrás dela. O barulho de algo quebrando se repetiu. Intrigado, Diaraque se aproximou e pôs as patas no parapeito. Depois de um tempo, tentou pular lá para fora.

– Preciso de um cachorro – comentou Owen.

Ele deu um gole na cerveja e os três ficaram observando o esforço de Diaraque para seguir Finch.

– Vou arranjar um cachorro assim que terminarmos este trabalho.

Fecharam a oficina e foram tomar a cerveja lá fora. Passaram uns quinze minutos falando de trabalho e jogando a bolinha para o incansável Finch.

As cigarras e os vaga-lumes enchiam de sons e brilho o gramado e as árvores ao redor. Às vezes, uma coruja reunia forças para piar de forma agourenta. Tudo isso fazia Beckett se lembrar de outras noites de verão em que os três irmãos corriam por ali, tão infatigáveis quanto Finch.

Quando as luzes da casa acendiam e apagavam, acendiam e apagavam, era hora de entrar – e sempre lhe parecia cedo demais.

Um pouco preocupado, pensava na mãe, sozinha lá em cima, na grande casa em meio ao bosque. Após a morte do pai, que fora bem dura para todos, os três voltaram a morar com ela. E ficaram lá até que a mãe os pôs para fora, meses depois.

Ainda assim, por um ano, pelo menos um deles arranjava uma desculpa para passar a noite lá, uma vez por semana que fosse. Mas a verdade é que ela estava bem. Tinha seu trabalho, sua irmã, suas amigas, seus cachorros. Justine Montgomery não ficava se arrastando pela enorme casa. Ela *morava* ali.

Ryder indicou a casa com a cabeça. Dava para ver a varanda, a cozinha e o escritório iluminados, para o caso de eles quererem voltar.

– Está acordada, caçando mais coisas na internet.

– Ela é boa nisso – comentou Beckett. – Caso não se dispusesse a gastar seu tempo e não tivesse um olho cirúrgico, nós é que precisaríamos fazer isso.

– Você faz de qualquer forma – observou Ryder. – Sr. Escuro mas Intenso com Contraste.

– Faz parte do trabalho de design, meu irmão.

– Falando nisso – interveio Owen –, ainda estão faltando as luzes de emergência e as placas com indicação de saída.

– Estou procurando. Não vamos colocar algo feio. – Beckett enfiou as mãos nos bolsos. – Encontraremos algo que caia bem. Já vou indo. Amanhã trago algumas opções – disse a Ryder.

– Traga seu cinto de ferramentas.



No caminho para casa, o vento batia-lhe no rosto, entrando pela janela da caminhonete. A estação em que tinha sintonizado tocou Goo Goo Dolls, lembrando-o dos tempos de colégio e de Clare.

Percorreu o trajeto mais longo, pelas estradas secundárias que traçavam um grande círculo. Estava fazendo isso porque gostava de dirigir, disse a si mesmo, não para passar em frente à casa de Clare.

Não era de ficar bisbilhotando ninguém.

Reduziu um pouco a velocidade, deu uma boa olhada na casinha situada nos limites da cidade e percebeu que a residência de Clare estava como a da mãe dele, com as luzes da cozinha e da varanda acesas, além da sala.

Não conseguiu pensar numa desculpa para fazer uma visita. Não que precisasse de uma, mas...

Imaginou-a relaxando após um dia cheio, talvez lendo um livro ou vendo um pouco de TV. Desfrutando de um tempinho só para ela depois de pôr as crianças para dormir.

Ele *podia* bater à sua porta. Ei, estava aqui pelas redondezas, vi as luzes acesas. Estou com minhas ferramentas no carro, caso precise de algum conserto.

Meu Deus!

Continuou dirigindo. Em toda a sua história com as mulheres, Clare Murphy Brewster era a única que o deixava atordoado e confuso.

Sempre se saíra bem com as mulheres. Provavelmente porque gostava de tudo nelas, do jeito estranho como suas mentes funcionavam. De uma bebê até uma velhinha, apreciava-as pelo que eram.

Nunca tinha ficado perdido, sem saber o que falar a uma mulher, a não ser com Clare. Nunca havia se arrependido por algo que devia ter dito ou por algo que dissera, exceto quando se tratava de Clare. Nunca ficara excitado sem fazer nenhum movimento de aproximação em seguida – sem contar Clare.

Na verdade, seria melhor ficar com alguém como a irmã do Drew. Uma mulher atraente, que gostava de ser paquerada e não o deixava pensando ou querendo demais.

Já era hora de tirar Clare e seus meninos fofos da cabeça de uma vez por todas.

Parou no estacionamento atrás do seu prédio e olhou para as janelas escuras do apartamento.

Tinha que subir, trabalhar um pouco, depois dormir logo para recuperar o sono atrasado.

Em vez disso, atravessou a rua. Só ia dar uma volta, olhar o que Ry, sua equipe e os operários tinham feito naquele dia. Não estava pronto para ficar sozinho, admitiu, e a atual residente da pousada era melhor do que nada.



Na casa de Clare, os Power Rangers lutavam contra as forças do mal. Bombas explodiam, os Rangers voavam, saltavam, rolavam e atacavam. Clare já tinha visto aquele DVD e incontáveis outros da série tantas vezes que podia narrar os golpes de olhos fechados.

Isso lhe dava a vantagem de fingir que se concentrava na ação enquanto repassava o que precisava fazer. Liam se esparramava no sofá, com a cabeça em seu colo. Viu que os olhos dele estavam abertos, mas turvos. Não ia demorar muito para dormir.

Harry estava deitado no chão, com um Ranger vermelho na mão, tão quieto que ela percebeu que o menino já tinha apagado. Mas Murphy, sua corujinha, se achava sentado ao seu lado, desperto e fascinado pelo filme como se o visse pela primeira vez.

Se deixasse, ele ficaria acordado até meia-noite. Clare sabia que, quando acabasse o filme, Murphy imploraria para ver mais um.

Ela precisava pagar suas contas, terminar de dobrar as roupas e pôr mais uma leva de toalhas para lavar. Tinha que começar a ler o livro que trouxera para casa – não só por prazer, mas porque considerava a leitura uma parte essencial do seu trabalho.

Depois de repassar a lista de tarefas, deu-se conta de que ela é que ia ficar de pé até meia-noite. Tudo culpa sua, pois sucumbira aos pedidos dos meninos para uma segunda sessão.

Bom, os quatro ficaram muito felizes, ela também, por poder passar a noite aconchegada com os três homenzinhos. As roupas para lavar estariam sempre lá, pensou, mas seus meninos em breve não se animariam mais com a ideia de ver filmes em casa com a mãe.

Como imaginara, assim que o bem venceu o mal, Murphy a fitou com aqueles grandes olhos castanhos suplicantes. Era tão engraçado ele ser o único a herdar a cor dos olhos de Clint e a genética ter lhe dado os cabelos louros dela.

– Por favor, mãe! Não estou cansado.

– Por hoje foram dois, o terceiro fica para depois – ela rimou, apertando o nariz do filho.

O rostinho bonito do menino, com o nariz achatado cheio de sardas, se franziu numa expressão tristonha.

– Por favor! Só um episódio.

Ele parecia um homem faminto implorando por um pedaço de pão duro.

– Murphy, já passou da hora de dormir. – Ela ergueu o dedo quando o filho ameaçou protestar. – E, se continuar reclamando, vou me lembrar na próxima noite de filme. Vamos, levante-se e vá fazer xixi.

– Não estou com vontade de fazer xixi.

– Vá assim mesmo.

Ele se levantou e andou como se estivesse indo para a forca. Clare foi cuidar de Liam. Ela o ergueu, segurando seu corpinho inerte, a cabeça apoiada em seu ombro.

Clare amava os fartos cachos castanho-claros de Liam, que estavam cheirando a shampoo. Subiu os degraus carregando-o para o banheiro onde Murphy cantarolava enquanto esvaziava a bexiga.

– Não baixe a tampa nem dê descarga.

– Tenho que fazer isso. Você sempre me manda fazer.

– É, mas Liam também tem que fazer xixi. Ande, vá para a cama, meu querido. Já estou indo para lá.

Com a agilidade adquirida com a experiência, Clare pôs Liam de pé, segurando-o com uma das mãos e, com a outra, baixou seu short do pijama.

– Vamos fazer xixi, rapaz.

– Tá.

Quando ele mirou, Clare teve que guiar sua mão para não ter que limpar as paredes depois.

Por fim, ergueu o short do filho e se preparou para acompanhá-lo até a cama, mas o menino se virou e estendeu os braços para ela.

Clare o carregou até o quarto, que fora planejado para ser usado por um casal, e o deitou na cama de baixo de um dos beliches. Murphy estava na outra, enrodilhado com seu Optimus Prime de pelúcia.

– Eu já volto – sussurrou ela. – Vou buscar Harry.

Repetiu com Harry tudo o que havia feito com Liam, até chegar ao banheiro. Recentemente, o filho tinha decidido que mamãe era uma garota e que garotas não podiam entrar no banheiro quando ele fazia xixi.

Clare saiu após se assegurar que Harry estava acordado o bastante para se manter de pé. Estremeceu um pouco ao ouvir a tampa do vaso bater e esperou pela descarga.

Pouco depois, ele saiu.

– Tinha uns sapos azuis no carro.

– Humm. – Sabia que Harry tinha sonhos muito realistas e frequentes. Guiou-o até a cama. – Gosto de azul. Vamos, suba.

– O vermelho é que dirige.

– Provavelmente é o mais velho.

Ela o beijou no rosto – ele já havia pegado no sono de novo –, foi até a cama de Liam para beijá-lo também, depois se debruçou para falar com Murphy.

– Feche os olhos.

– Não estou cansado.

– Feche assim mesmo. Quem sabe você não encontra com Harry e os sapos azuis? O vermelho está dirigindo.

– Tem cachorros também?

– Se você quiser, vai ter. Boa noite.

- Boa noite. Podemos ter um cachorro?
- Por enquanto você podia apenas sonhar com um.

Ela deu uma última olhada nos seus meninos, seu mundo, que dormiam sob a luz fraquinha do abajur de Homem-Aranha.

Em seguida, desceu para executar sua lista de tarefas.

Pouco depois da meia-noite, pegou no sono com um livro nas mãos e a luz acesa. Sonhou com sapos azuis e seu motorista vermelho, além de cachorros roxos e verdes. E, curiosamente, ao despertar um instante para apagar a luz, pensou em Beckett Montgomery sorrindo ao vê-la descer a escada da livraria.

## capítulo três



CLARE PAROU NO ESTACIONAMENTO de paralelepípedos atrás da Virando a Página às nove. Como sua mãe ficaria com os meninos durante o dia – bendita seja –, teria tempo de trabalhar com tranquilidade antes que Laurie chegasse para abrir a livraria. Levando no ombro a bolsa e carregando a pasta, andou até a porta dos fundos e a destrancou. Acendeu as luzes à medida que subia o pequeno lance de escadas, passava pelo aposento onde ficava o estoque e chegava à sala principal da loja. Adorava sentir o ambiente, o modo como cada seção fluía em direção a outra sem perder sua identidade.

Assim que vira o velho edifício nos arredores da praça, soubera que aquele seria o lugar. Ainda conseguia se lembrar da empolgação e do nervosismo quando resolvera dar aquele salto no escuro. De alguma forma, ao investir boa parte do montante que o Exército concedia às viúvas dos combatentes, fizera com que Clint participasse do que havia construído.

Tivera que fazer isso por si mesma e pelos meninos.

Adquirir a propriedade, criar o plano de negócios, abrir contas, comprar suprimentos – e livros, livros, livros. Entrevistar possíveis empregados, desenhar o layout. Tudo fora muito intenso, estressante, e o tempo e o esforço gastos a ajudaram a superar sua perda, ajudaram-na a sobreviver.

Na época, Clare achara que a loja seria sua salvação. Agora tinha certeza disso. Sem ela, sem a pressão, o trabalho, a concentração, teria desmoronado nos meses após a morte de Clint e antes do nascimento de Murphy.

Precisava ser forte para os meninos e para si mesma. E, para isso, deveria ter um propósito, um objetivo... e uma renda.

Agora tinha tudo aquilo, pensou enquanto ia para trás do balcão preparar o primeiro café do dia, um latte desnatado. A mãe e viúva de militar se transformara numa mulher de negócios, uma empresária, uma proprietária.

A loja e os filhos tomavam boa parte de seu tempo, o trabalho era constante. Mas era algo que ela amava. Adorava estar ocupada, ficava satisfeita de saber que podia sustentar a família com a empresa sólida que havia erguido na sua cidade natal.

Não teria conseguido sem a ajuda dos pais – ou sem o apoio e o carinho dos sogros. E muito menos sem amigas como Avery, que lhe dera muitos conselhos empresariais e todo o suporte.

Levou o café para cima e sentou diante de sua escrivaninha. Ligou o computador e enviou um rápido e-mail para os pais de Clint com novas fotos dos meninos antes de atualizar o site da livraria.

Quando Laurie chegou, Clare gritou um bom-dia lá para baixo. Dedicou mais uns minutos ao site antes de responder aos e-mails. Depois de acrescentar alguns itens a um pedido pendente, desceu e se aproximou de Laurie, que estava sentada diante do computador atrás da bancada.

– Chegaram alguns pedidos pela internet essa noite. Eu... – Laurie franziu a testa. – Nossa, você está ótima hoje.

– Ora, obrigada. – Satisfeita, Clare deu uma voltinha com seu vestido verde de alça. – Mas não posso aumentar seu salário.

– É sério. Você está resplandecente.

– Quem não está neste calor? Vou sair para fazer um tour pela pousada, mas vou levar o celular, caso precise falar comigo. Caso contrário, provavelmente estarei de volta em meia hora.

– Leve o tempo que precisar. E vou querer detalhes. Ah, você ainda não fez o pedido para a Penguin, não é?

– Não, pensei em fazer na volta.

– Perfeito. Alguns desses pedidos vão nos deixar com um único exemplar de vários títulos. Eu lhe direi o que vamos precisar antes de você mandar o pedido.

– Está bem. Quer alguma coisa da rua?

– Pode me trazer de presente um dos irmãos Montgomery?

Clare sorriu enquanto abria a porta da frente.

- Alguma preferência?
- Confio na sua escolha.

Clare saiu rindo e mandou uma mensagem de texto para Avery quando passava diante da Vesta: A caminho.

Quase no mesmo instante, Avery apareceu à porta do restaurante.

- Eu também!

Estavam paradas em esquinas opostas, esperando o sinal abrir para atravessar: Clare em seu vaporoso vestido de verão, Avery com uma calça capri preta e uma camiseta.

Encontraram-se no meio da Main Street.

– Sei muito bem que você passou meia hora hoje cedo arrebanhando três meninos, preparando o café da manhã, apartando brigas.

- Como sempre – concordou Clare.
- Como, então, parece que nunca suou na vida?
- É um dom.

Elas se abaixaram para passar sob o andaime.

– Eu sempre amei este prédio – continuou Clare. – Às vezes o via pela janela do meu escritório e o imaginava do jeito como era antes.

– Mal posso esperar para ver como *vai* ficar. Se conseguirem terminar, com toda certeza o seu negócio e o meu vão dar um bom salto, minha querida. Assim como todos os outros da cidade.

– Vamos cruzar os dedos. Estamos bem agora, mas se tivéssemos um belo lugar para as pessoas se hospedarem aqui na cidade, caramba! Eu poderia chamar mais autores para a minha loja, organizar grandes eventos... Os hóspedes daqui iriam almoçar ou jantar no seu restaurante.

Elas pararam um instante nos fundos e observaram o chão irregular, os tapumes e o entulho.

– Gostaria de saber o que planejam fazer aqui atrás – comentou Avery. – Por estas varandas, terá que ser algo fabuloso. Os rumores não param. Alguns afirmam que será um enorme estacionamento; outros, um elaborado jardim.

- Já ouvi falarem por aí de uma fonte e uma piscina com raias.
- Vamos perguntar direto à fonte.

Quando entraram, em meio ao barulho, ao rangido das ferramentas, Avery olhou de relance para Clare.

– O nível de testosterona acaba de subir uns quinhentos pontos.

– E deve subir mais. Eles preservaram as arcadas. – Ela se aproximou para observar de perto as amplas aberturas em arco à sua frente e à esquerda. – Eu me perguntava se eles fariam isso, se poderiam. Elas são a única coisa de que me lembro da época em que havia uma loja de antiguidades aqui. Minha mãe costumava visitá-la.

Atravessou o arco principal, contemplando as escadas rústicas que levavam temporariamente ao outro andar.

– Nunca fui lá em cima. Você já?

– Uma vez, escondida, ainda na época do colégio. – Avery examinou os degraus. – Com Travis McDonald, um cobertor e uma garrafa de cidra Boone’s Farm. Nós ficamos lá.

– Aprontando, né?

– Meu pai teria me matado se soubesse. Aliás, ainda me mataria, então bico fechado. De qualquer forma, não foi nada de mais. Ele não chegou muito longe, de tão apavorado que estava. As portas e o assoalho rangiam. Eu queria dar uma olhada por ali, mas ele era bem covarde. O lance entre nós nunca passou de uns beijos. – Avery riu e começou a subir. – Ele também nunca sentiu o cheiro de madressilva... ou apenas não queria admitir.

– Madressilva?

– Um cheiro forte, inebriante, como se você tivesse enfiado o nariz numa flor. Acredito que, com tudo o que está acontecendo aqui agora, quem quer que vagasse por este lugar já tenha se mudado.

– Você acredita nisso? Digo, em fantasmas?

– Claro. Minha tetravó ainda assombra sua mansão perto de Edimburgo. – Detendo-se, Avery pôs as mãos na cintura. – Uau! Com certeza o andar não tinha essa aparência quando beijei Travis McDonald.

Soleiras mal-acabadas conduziam a um corredor no segundo pavimento, que cheirava a serragem e a pó de gesso. Ouviam-se operários trabalhando no terceiro andar e no térreo. Clare entrou no aposento à sua esquerda. Uma luz, fraca e levemente azulada por

causa da lona que cobria as janelas da frente, inundava o piso imperfeito.

– Queria saber que quarto é esse. Devíamos procurar um dos Montgomerys. Ah, olha, vai ter uma porta para a varanda. Que maravilha!

– Falando em maravilhas – disse Avery com um gesto –, veja só o tamanho desse banheiro. Pelo tamanho dos canos – prosseguiu quando Clare se juntou a ela –, vai ter uma banheira aqui, um chuveiro ali e duas pias.

– É maior que o meu banheiro e o dos meninos juntos. – Ela foi tomada pela inveja. – Eu poderia morar aqui. Será que todos são tão grandes? Preciso saber que quarto é este.

Atravessou o quarto e se virou para a entrada, dando de cara com Beckett.

Ele ergueu as mãos para segurá-la. Será que ele estaria tão surpreso e constrangido quanto ela? Provavelmente mais, já que o martelo de seu cinto de ferramentas estava pressionando o quadril de Clare.

– Desculpe – disseram os dois ao mesmo tempo, e ela riu.

– Tenho que me desculpar primeiro – retrucou Clare. – Não estava olhando para onde ia. O tamanho do banheiro me deixou meio atordoada. Fui procurar você.

– Me procurar?

– Devíamos ter feito isso antes de subir, mas todos pareciam tão ocupados... Preciso saber que quarto é este antes de me mudar para cá.

– Antes de... Ah! – O cérebro de Beckett se atrofiava com o aroma e o toque dela, o cinza de seus olhos que lembrava um lago enevoado. – Provavelmente vai gostar mais dele quando estiver pronto.

– Descreva-o para mim. Pinte o quadro.

Por meio segundo, Beckett pensou se Owen já tinha escolhido a cor das paredes, até se dar conta de que ela não queria saber de pintura. Resolveu recuar. Era óbvio que seu QI baixava uns cinquenta pontos quando ele a tocava.

– Bem...

– O projeto é seu.  
– Quase todo. Ah, oi, Avery.  
Os olhos da moça brilharam.

– Achei que tivesse tomado uma pílula de invisibilidade. Nem acredito em todas as mudanças que vocês fizeram, Beck. A última vez que estive aqui, o prédio só tinha ladrilhos e janelas quebrados, pombos e fantasmas.

– As janelas e os ladrilhos não foram tão complicados quanto os pombos, podem acreditar. Já o fantasma ainda está aqui.

– Sério?

Beck estremeceu e ajustou o capacete empoeirado.

– Só não espalhe por aí, ok? Não até descobirmos se ela é uma atração ou um inconveniente.

– *Ela*. Madressilva.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Isso mesmo. Como sabe?

– Um breve encontro, anos atrás. A pista acabou esfriando.

Diante da expressão dele, Avery fechou um zíper imaginário na boca.

– Agradeço. Bom, este aqui é o Titânia & Oberon.

– Da banheira de cobre.

Com um farfalhar da saia, Clare voltou para a área do banheiro.

– A gigantesca banheira de cobre – confirmou Beckett, seguindo-a. – Vai ficar nesta parede. Os azulejos vão destacá-la, combinando, com seus tons terrosos e acobreados. O piso vai ser térmico. Aliás, todos os banheiros terão pisos térmicos.

– Vou começar a chorar agora mesmo.

Mais relaxado, ele sorriu para Clare.

– O chuveiro ficará ali. Terá portas de vidro sem moldura, puxadores de bronze envelhecido. E porta-toalhas térmico, que também poremos em todos os banheiros. Duas pias de cobre, cada uma numa bancada num estilo de madeira rústica, com uma mesa de cobre arredondada entre elas. A iluminação seguirá essa proposta orgânica, com um padrão de parreira. O toalete será lá.

– O célebre toalete – comentou Avery. – Já ouvi falarem muito dele. É uma espécie de dois em um, bidê e vaso – explicou para

Clare –, com descarga automática e uma tampa que se ergue sozinha quando alguém se aproxima.

– Está brincando!

– Ao seu dispor. – Sorrindo, Beckett deu um passo atrás, entrando no outro cômodo. – A cama vai ficar lá. Terá um dossel aberto de ferro, em tons de cobre e bronze, com quatro colunas e um relevo de parreira e folhas. Uma beleza.

– Como um caramanchão – murmurou Clare.

– Essa é a ideia. Vamos pôr um cortinado, ou melhor, nosso pessoal encarregado dos tecidos. Uma cômoda lá, e sobre ela uma TV de tela plana. Mesinhas de cabeceira em pátina e aqueles abajures em estilo rústico. As paredes serão verde-claras e as janelas terão algo de vaporoso, ainda pensaremos na decoração... Acho que colocaremos também um banco sob elas. Estamos fazendo persianas de madeira escura para dar privacidade. Acrescentem mais alguns acessórios, e pronto.

Clare suspirou.

– Um romântico caramanchão para dois, em pleno verão ou inverno.

– Quer redigir nossos anúncios? Não estou brincando – disse Beckett quando ela riu.

– Ah. – Obviamente pega de surpresa, Clare olhou o espaço vazio à sua volta. – Eu poderia dar uma ajuda se vocês...

– Está contratada.

Ela hesitou um pouco, depois sorriu.

– Então vai ter que nos levar para uma ronda completa. Por etapas – completou ela, dando uma olhada na hora. – Agora só tenho mais alguns minutos livre.

– Gostaria de ver o espaço em que será a cozinha. Não consigo evitar – comentou Avery –, é meio doentio.

– Levo vocês lá embaixo. E continuaremos no andar de cima quando tiverem mais tempo – disse ele, voltando-se para Clare.

– Perfeito. Qual é o nome deste quarto?

– Elizabeth & Darcy.

– Ah, eu amo *Orgulho e preconceito*. Como vocês vão... Não, não, não me conte. Assim nunca vou voltar para o trabalho.

– Em linhas gerais – começou ele quando se puseram a descer –, a cabeceira e os pés da cama estofados, em tons de lavanda e marfim, uma banheira branca em estilo antigo, azulejos creme e dourado-claro.

– Hummm – fez Clare. – Elegante e charmoso. Miss Bennett e Mr. Darcy aprovariam.

– Você realmente tem que escrever nossos folhetos de divulgação.

Ele virou à esquerda quando chegou ao pé da escada, mas se deteve de súbito ao ouvir Ryder gritar uns palavrões lá na lavanderia.

– Temos um problema – avisou Owen. – Vou me concentrar nele.

– Que problema? – perguntou Beckett.

Owen enfiou as mãos nos bolsos do jeans.

– Karen Abbott está grávida.

– Sua mãe nunca conversou com vocês a respeito de sexo seguro? – indagou Avery, pegando Beckett pelo braço.

Owen lhe lançou um olhar vazio.

– Muito engraçadinha. É de Jeff Corver. Eles têm saído desde que Chad foi para a universidade ano passado.

– Têm feito mais do que só sair – murmurou Ryder. – Meu Deus, ela deve ter uns 40 anos, não é? Como foi deixar isso acontecer com esta idade?

– Como Jeff Corver conseguiu isso com a idade que tem? – acrescentou Avery.

– Ela tem 43 – disse Owen, dando de ombros. – Sei porque andei conversando com ela sobre a possibilidade de ser gerente da pousada. Já estava quase decidido. Agora ela e Jeff vão se casar e estão escolhendo nomes para o bebê.

– Que droga! Bom, pelo menos para nós – explicou Beckett quando Clare lhe lançou um olhar de desaprovação. – Conhecemos Karen, e ela, mamãe e Owen estavam trabalhando em todos os detalhes do projeto. Caramba, ela já tinha até escolhido a cor da tinta do apartamento de gerente no terceiro andar.

– E ela tem experiência com hotéis – observou Owen. – Trabalhou no Clarion. Vou começar a procurar outra pessoa.

– Conheço alguém que pode servir – afirmou Avery, erguendo um dedo. – Ela seria perfeita. Hope – esclareceu, virando-se para Clare.

– Claro. Ela seria perfeita mesmo.

– Que Hope? – perguntou Owen. – Conheço todo mundo e não sei quem é a perfeita Hope.

– Beaumont – respondeu Avery –, e você já esteve com ela uma vez, acho, quando ela veio de visita. Fomos colegas de faculdade e continuamos bem próximas. Ela mora em Washington e está pensando em se mudar.

– O que faz dela a pessoa perfeita? – indagou Ryder.

– Uma pós-graduação em administração hoteleira, para começar. E sete anos de experiência no Wickham, um hotel de luxo em Georgetown. Nos três últimos anos, ela foi gerente de lá.

– É perfeita demais. – Ryder balançou a cabeça. – Qual é a pegadinha?

– Com ela, nenhuma. O problema é o idiota com quem ela se envolveu, cujos pais são donos do Wickham. Ele a deixou por uma patricinha com pedigree e peitos de silicone.

– Ela continua cumprindo seu contrato de trabalho – prosseguiu Clare –, o que exige muito sangue-frio. Está querendo se mudar, estudando possibilidades.

– De Georgetown para Boonsboro? – Ryder deu de ombros. – Por que faria isso?

– Por que não? – rebateu Avery.

– Avery e eu temos tentado convencê-la a vir para cá, ou para mais perto. Ela gosta desta região. – Quanto mais pensava na ideia, mais Clare a apreciava. – Ela vem uma vez ou outra para visitar Avery e acabamos ficando amigas. No ano passado, organizamos um fim de semana só para mulheres lá no Wickham e, posso garantir, Hope é atenta a todos os detalhes.

– Vocês acreditam mesmo que ela aceitará trocar um hotel de luxo pela pousada de uma cidadezinha?

Avery sorriu para Owen.

– Acho que aceitaria, especialmente se o resto da pousada for tão bom quanto o Titânia & Oberon.

- Podem me dar mais informações? – pediu Owen.
- Mostrem-me o espaço da cozinha, depois podem vir comigo até o restaurante. Dou mais detalhes e posso até ligar para ela se quiserem.
- Combinado.
- Como ela é? – indagou Ryder.
- Quer saber uma das muitas razões para Jonathan Wickham ser um idiota? Deixou uma mulher inteligente e cheia de energia como Hope para ficar com aquela piranha socialite de nariz operado e peitões.
- Tenho que voltar – interveio Clare. – Depois me conte o que Hope disse. Seria maravilhoso se aceitasse. – Ela sorriu para Beckett. – Vai estar por aqui mais tarde? Posso voltar lá pelas duas ou duas e meia.
- Claro.
- Vejo você mais tarde, então. Ah, seria ótimo se desse certo com Hope. Ela realmente é perfeita.
- Ryder observou-a sair com a testa franzida.
- Não gosto de nada *perfeito*. Porque nunca é, mas não se vê o problema até que seja tarde demais.
- Sempre admirei e invejei seu radiante otimismo.
- Otimistas nunca veem a bota, até que ela lhes dá um chute que faz suas bolas saírem pela boca. Otimismo é o que faz uma mulher de 43 anos ter um filho na universidade e outro no ventre.
- Owen vai dar um jeito nisso. Ele sempre dá.



Clare se reuniu com um representante de vendas, depois conversou com um entregador enquanto assinava o papel de uma encomenda. Adorava recebê-las e encontrar os livros, as capas que continham tantas histórias, tantos mundos, tantas palavras.

Em meio à arrumação das estantes, fez uma pausa para ler a mensagem de texto que acabara de chegar. Era de Avery, constatou,

sorrindo: H vai falar c/ O amanhã. Se der certo, H vai vir no próx fds pra entrevista :)

Clare respondeu: Torcendo

Não seria maravilhoso? Não só para Hope, mas para todas elas. Já tinha uma amiga no final da rua, e teria outra em frente. Poderia dar uma passadinha na pousada de vez em quando para ver Hope e todos aqueles belos quartos. Ficariam lindos. Agora tinha certeza disso.

Ah, reservaria o Titânia & Oberon para o aniversário de casamento dos pais na primavera seguinte. Ou talvez o Elizabeth & Darcy. Seria um presente perfeito, romântico e especial. Os Montgomerys tinham que insinuar isso, de forma bem sutil, no seu folheto.

Devia anotar essas ideias.

Pegou o celular para fazer isso, depois voltou a guardá-lo quando uma de suas clientes habituais chegou com o bebê.

– Oi, Lindsay. Oi, Zoe.

– *Quero livro!*

– Quem não quer?

Encantada, como sempre, Clare pegou Zoe no colo e a acomodou em seu quadril.

– Eu estava a um quarteirão daqui – comentou Lindsay – e não pensava em parar. Mas ela ficou tão agitada, se mexendo na cadeirinha...

– Prometo que vou contratá-la assim que for permitido por lei.

Clare beijou os cachinhos escuros de Zoe, levando-a para a seção de livros infantis.

Quando saíram – com dois livros para Zoe, um para a mamãe e uma linda bolsinha de gatinho de pelúcia para o aniversário da sobrinha –, Clare já tinha ficado por dentro de todas as fofocas de celebridades e da cidade, soube do recente ganho de peso da mãe da sobrinha e da última dieta feita por Lindsay.

Assim que os sininhos da porta silenciaram, Laurie apareceu, vinda do anexo.

– Eu desertei.

– Percebi.

– Você sabe lidar melhor com ela do que eu. Ela me dá dor de ouvido.

– Não me importo. Ela só precisa falar com um adulto de vez em quando. Além disso, gastou mais de 50 dólares. Já almoçou? Posso me virar aqui se precisar sair um pouco.

– Eu trouxe comida. Lindsay não é a única que faz dieta. Vou comer minha mísera salada lá nos fundos. Cassie acabou de chegar. Está embalando uns pedidos para enviar.

– Vou ficar aqui na frente. Preciso sair de novo lá pelas duas, mas voltarei antes do seu horário de saída.

– Se tiver muito movimento, avise que uma de nós duas viremos ajudar.

Quem dera... A loja não estava exatamente abarrotada de clientes naquele dia. Se ao menos entrassem outras Lindsay..., pensou enquanto pegava uma bebida refrescante na geladeira.

Foi para a seção infantil, arrumou os brinquedos que tinha usado com Zoe e se lembrou dos cachinhos escuros e macios da garotinha.

Clare não trocaria seus garotos por nada nesse mundo, mas, secretamente, sempre desejou ter uma menina. Vestidos bonitos, laços de fita, Barbies e bailarinas.

Mas se tivesse uma filha, ela provavelmente se tornaria um moleque, tão louca por bonecos e lutas na lama quanto os irmãos.

Quem sabe Avery não iria se apaixonar por alguém e ter uma menina? Assim, ela seria a tia coruja honorária e enfim poderia comprar todas as rendas e babados que quisesse.

Isso seria divertido, imaginou enquanto organizava os livros e arrumava os bichos de pelúcia. Ver Avery apaixonada para valer, ajudá-la a planejar seu casamento e compartilhar a emoção da primeira gestação. Seus filhos poderiam crescer juntos. Bem, seus meninos estariam um pouco mais velhos, mas ainda assim cresceriam juntos. Depois, *anos* mais tarde, a filha de Avery e... provavelmente Murphy, por ser o mais novo... podiam se apaixonar, se casar e dar a elas netos lindos.

Clare riu consigo mesma, passando o dedo pela capa de um livro infantil.

Contos de fada, murmurou. Sempre fora uma boba, louca por

eles. E por finais felizes, em que tudo acabava tão bonito como um laço de fita no cabelo cacheado de uma menina.

Talvez mais boba que nunca agora, admitiu. Depois de saber o que era sofrer uma perda de verdade. Talvez por isso precisasse acreditar nesse laço de fita lustroso do “felizes para sempre”.

– Sonhando comigo?

Ela deu um pulo. Virou-se e tentou não fazer uma careta ao ver Sam Freemont à porta.

– Só estava pondo tudo em ordem – disse em tom amável, lembrando a si mesma que ele às vezes comprava algo, não só perturbando-a para que saíssem juntos. – Não ouvi os sininhos tocarem.

– Vim pelos fundos. Você tem que instalar algum sistema de segurança lá, Clare. Fico preocupado com você trabalhando neste lugar.

Ela captou o tom de menosprezo nas palavras *neste lugar* e fez o maior esforço para permanecer gentil.

– Laurie e Cassie estão lá nos fundos e temos uma câmera. Na verdade, elas estão nos vendo neste exato instante. O que posso fazer por você, Sam?

– Eu é que posso fazer algo por você.

Ele se apoiou no portal. Fazendo pose, percebeu ela, naquele terno cor de palha. A gravata azul fora escolhida para combinar com os olhos, pensou Clare.

– Estou com um belo e polpudo cheque de bônus. – Deu um tapinha no bolso e piscou para ela. – Vou levá-la para jantar no meu clube. Assim, podemos comemorar.

Como ele trabalhava – quando queria – na concessionária do pai e sua mãe vinha de uma família rica, Clare imaginava que os cheques polpudos deviam habitar seu bolso com frequência.

Ele se gabava demais de ter dinheiro.

– Parabéns, e obrigada pela oferta. Mas jantar no clube não combina comigo.

– Você vai adorar. Tenho a melhor mesa do local.

Sempre o melhor, pensou ela. O maior, o mais caro. Ele nunca mudava.

– E eu estarei na mesa da minha cozinha, convencendo meus três filhos a comer brócolis.

– O que você precisa é de uma *diarista*. Minha mãe poderia ajudá-la com isso.

– Acredito que sim, se eu estivesse interessada, o que não é o caso. Agora, preciso...

– Tenho um tempo livre agora. Podíamos almoçar tomando champanhe.

– Eu não... – os sininhos da porta da frente tocaram – tenho tempo. Obviamente. Queira me desculpar.

Em vez de passar por ele, Clare se dirigiu para o salão principal pela outra passagem, pronta para dar um beijo em quem quer que tivesse interrompido as irritantes investidas de Sam.

– Justine! Sabia que eu estive na pousada hoje de manhã? Carolee! Fico muito feliz em ver vocês duas.

Justine tirou os óculos escuros de aro vermelho e abanou a mão diante do rosto.

– Viemos andando da Bast's. Meu Deus, que calor! E você, nesse vestido, está passando um frescor... Como um sorvete, aliás, um sorbet de limão.

Carolee deixou-se cair em uma das cadeiras da mesinha perto da janela.

– Nossa, seria uma boa ideia tomar um sorbet de limão agora. Vamos nos dar de presente um dos seus fantásticos cafés gelados.

– O especial desta semana é o Cookie Dough Jo. É uma tentação.

– Pode fazer dois. – Justine largou a bolsa em cima da mesa e foi ver as novidades. – Não sabia que esse já tinha saído – disse, pegando um livro. – É tão bom quanto o último que ela escreveu?

– Na verdade, acho esse ainda melhor.

– Bom, essa paradinha aqui vai me custar mais que o preço do tentador café gelado.

Justine arqueou as sobrancelhas ao ouvir a porta dos fundos batendo.

– É só Sam Freemont expressando sua irritação. E os cafés são

por conta da casa, em agradecimento por terem me livrado de seu insistente convite para um jantar no clube.

– Sam Freemont era um pequeno fedelho que cresceu e virou um canalha e tanto. – Os belos olhos castanhos de Carolee se endureceram. – Você se lembra, Justine, das fofocas que ele espalhou sobre a minha Darla? Ele ficava atrás dela querendo que o acompanhasse ao baile de formatura. Quando ela se deu conta de que não adiantava apenas dizer “não”, mandou-o ir se ferrar.

– Com palavras mais chulas – acrescentou Justine, fazendo a irmã abrir um sorriso largo.

– Essa é a minha menina! Então ele espalhou que ela estava grávida e não sabia quem era o pai.

– E Ryder lhe deu uma boa surra. Mas nunca vai admitir isso – prosseguiu Justine – e meus outros filhos mantiveram o voto de silêncio fraterno. Mas eu soube e lhe trouxe o CD player que Ryder estava juntando dinheiro para comprar. Então ele soube que eu sabia.

– Eles têm sangue dos Rileys, e os Rileys cuidam dos seus. Os Montgomerys também. – Carolee agitou um dedo no ar. – O problema é a criação dos Freemonts. Ele foi muito mimado. A mãe é insuportável, nunca consegui aguentar aquela mulher, já o pai é pior ainda, por ser tão permissivo. Sempre deu tudo o que ele quis, na hora que quis. E ele se acha melhor que todo mundo.

– Ela tem o que merece, não acha? – Justine deu de ombros. – Um filho que é um babaca.

Clare sorriu enquanto ligava a máquina de moer café. Justine Montgomery era exatamente o que ela queria ser quando crescesse: inteligente, forte, autoconfiante, uma mãe excelente e amorosa. Uma mulher atraente com o cabelo escuro preso num rabo de cavalo, em plena forma, usando uma calça capri estilosa e uma regatinha branca.

Carolee, que levantara para bisbilhotar os livros com a irmã, tinha o cabelo dourado-claro e era quase tão alta e delicada quanto a outra.

Clare sabia que elas eram como unha e carne.

Justine se aproximou e pôs dois livros no balcão.

– Sabe, querida, Ryder ou qualquer um dos três poderia livrá-la de Sam se você pedisse.

– Obrigada, de verdade, mas consigo lidar com ele.

– Pode deixar essa carta na manga. Bom, Owen me disse que você e Avery têm uma indicação para o cargo de gerente da pousada, agora que Karen vai se dedicar a comprar sapatinhos de bebê.

– Hope seria ótima. O local merece alguém tão talentoso quanto ela. Só vi de verdade um aposento. Beckett nos descreveu os detalhes do quarto Titânia & Oberon hoje de manhã e eu fiquei encantada. Consegui imaginá-lo direitinho.

– Vocês duas têm a cabeça no lugar, então uma indicação vinda de vocês é algo que consideraremos seriamente. Aquele lugar... – Justine se aproximou da janela da porta da frente para dar uma olhada – arrebatou meu coração. O nosso, não é, Carolee?

– Nunca me diverti tanto na vida. Está sendo ótimo ajudar a escolher desde as camas com dossel até os pratos de sopa. Vamos organizar um concurso de aromas na semana que vem.

Clare fez uma pausa e pôs o creme batido no café gelado.

– Como é que é!?

– Aromas – repetiu Justine com uma risada. – Foi você quem nos falou de Joanie, da Cedar Ridge Soaps.

– Ah, ela é ótima, não é? Ela disse que ia fornecer para vocês os artigos de banheiro, todos de fabricação local. Achei uma ideia ótima.

– E cada quarto terá seu próprio aroma, como uma assinatura.

– Essa é uma ideia *fabulosa*. Sabonetes, shampoos, loções...

Vocês pensaram também em difusores?

Justine estreitou os olhos.

– Não até este exato minuto. Ela faz isso?

– Faz, sim. Eu os uso lá em casa.

– Carolee...

– Estou anotando.

– Isso parece mesmo uma tentação. – Justine pegou as duas xícaras e levou uma para a irmã. – Você teria um minutinho, Clare?

– Sim.

– Queria falar com você sobre a biblioteca. Em sua maioria, os livros vão ser comprados no sebo, acho, mas queria misturar com algo novo. Pensei em romances, suspenses, policiais. O tipo de coisa que alguém queira ler num dia chuvoso ou encolhido em frente à lareira numa noite fria. Você poderia fazer uma lista de títulos?

– Mas é claro.

– Pode misturar brochuras e livros de capa dura. E alguns livros locais. Sobre a região. Não há ninguém melhor que você para fazer isso. Você poderia selecionar alguns agora, depois outros mais para o começo do ano. E acrescentar também livros para cada quarto. Beckett disse que você também conseguiria DVDs.

– Com certeza.

– Bom, quero DVDs de todos os livros que inspiraram os nomes dos quartos. Vou fazer uma lista do que gostaríamos de ter à disposição dos hóspedes. Você pode acrescentar as ideias que tiver também, se algo lhe ocorrer.

– Farei isso. – Sorriu para Carolee. – Vai ser divertido. Vou voltar lá mais tarde para conhecer tudo melhor. Beckett me pediu para ajudar a redigir o folheto de divulgação.

– Pediu?

– Se não for problema.

– Acho ótimo. – Justine sorriu, lambendo um pouco de creme da ponta do dedo.

## capítulo quatro



**A**RMADA COM UM CADERNO contendo tudo o que já tinha organizado e dividido, Clare atravessou a Main Street. Obter as descrições dos quartos não tomaria muito tempo nem criaria problemas, e a faria se sentir parte do projeto. Uma pequena participação, é claro. Mas também a ajudaria a selecionar e fornecer alguns livros e filmes.

Perguntava-se como seria a biblioteca. Devia ter uma lareira, pelo que Justine havia falado. Talvez, se começasse a apresentar boas sugestões, eles deixariam Clare ajudar a organizá-la.

Entrou pelos fundos e se viu em meio a batidas, zumbidos, estrondos. Ouviu uma voz dizer “Vá se foder, Mike” de um jeito bem casual, e outra responder “Prefiro fazer isso com a sua irmã, como ontem à noite”.

Os homens gargalharam e, logo depois, Beckett surgiu.

Ele se deteve, encarando-a e expirou.

– Mulher no recinto, pessoal! – gritou. – Desculpe.

– Sem problema. Achei que havia outras mulheres por aqui.

– Mamãe e Carolee estão dando uma olhada no terceiro andar.

De toda forma, já estão acostumadas. Então não tem problema para elas. Ahn...

Beckett parecia distraído e ocupado, percebeu Clare. Talvez também um pouco confuso.

– Se não for uma boa hora, eu posso...

– Não, já estou redirecionando meus pensamentos. Podemos começar por aqui.

Aliviada por não ter que guardar sua empolgação para depois, ela se virou.

– Aqui onde?

– O saguão. As portas duplas de vidro por onde você entrou levam ao pátio. O chão é de cerâmica, com um belo desenho e um mosaico no centro que dá destaque à enorme mesa redonda encimada por um lustre em estilo de candelabro. A iluminação é contemporânea e fria, orgânica, lembrando pedaços de vidro branco derretido. Mamãe quer flores grandes e vistosas sobre a mesa. E um par de cadeiras chiques ali.

– Diga que vai manter a parede de tijolo aparente.

– Isso mesmo. O mosaico e as cadeiras terão um ar francês. O estofamento será num tom verde-palha e haverá rebites de bronze. O resultado é uma mistura de estilo francês e rústico. Mamãe ainda não escolheu a mesa. Talvez ponha outra cadeira num canto e acho que vamos precisar de algo para a parede em frente.

Ela a observou, tentando pensar em algo.

– Um pequeno aparador, talvez.

– Talvez. As obras de arte ainda não foram escolhidas, mas queremos que sejam locais, e incluiremos no pacote de cada quarto uma lista de obras e artistas com os preços.

– É uma ótima ideia.

A rapidez com que ele comentava sobre tudo a fez concluir que estava com pressa. Ela ia anotando o mais rápido possível, tentando acompanhá-lo.

– Então aqui será um local de passagem? Um lugar para sentar e tomar uma xícara de chá ou de café, talvez uma taça de vinho? Você não mencionou uma mesa ou um balcão para check-in...

– Ficaré na recepção. A entrada será bem junto à calçada. Venha, eu levo você para ver tudo. Virando um pouco à esquerda, entramos no lounge. – Ele fez um gesto meio vago, mostrando um corredor curto. – Por ora está abarrotado de equipamentos e materiais. É longo, um pouco estreito. Devia ser usado pelas carruagens.

– Um lounge para relaxar?

– Para passar um tempo. Vai ser uma espécie de barzinho contemporâneo, imagino. Com sofá de couro e poltronas. Grandes e confortáveis pufes de rodinhas para as bergères. Mamãe escolheu amarelo.

Pela primeira vez ele sorriu, parecendo menos tenso.

– Achei que Ry ia mantê-la sob controle.

– Amarelo amanteigado, um couro nesse tom. – Clare tentou se imaginar com um sofá de couro amarelo em casa, mas então pensou nos meninos. Impossível. – Aposto que vai ficar fabuloso.

– Carolee e ela apostam que isso vai dar um ar sofisticado ao bar. E haverá uma mesa de cartas ou outro jogo, com poltronas forradas de couro verde. Uma TV de tela plana de 32 polegadas. Três luminárias no teto com padrão de folhas de carvalho, criando mais uma vez uma sensação orgânica. Ainda estamos vendo os detalhes.

– Mal dá para acreditar quanto já avançaram. É impressionante como conseguem decorar um lugar que ainda está em construção. – Ela ia anotando algo no caderno enquanto falava. – Já devia saber que Justine não se contentaria com tecidos baratos.

– Ela quer uma joia, com todos os lados bem polidos e resplandecentes. E vamos lhe dar isso.

Clare olhou para cima, maravilhada.

– Gosto desse jeito de vocês. De todos vocês. É o que quero para mim e para os meus filhos. Essa afeição, o espírito de equipe, a compreensão.

– Vi você com os meninos. Diria que já tem isso tudo.

– Em alguns dias me sinto como um mestre de cerimônia de um circo habitado por demônios. Imagino que sua mãe já sentiu o mesmo.

– Acho que, se perguntar, ela vai dizer que ainda se sente assim.

– É reconfortante e assustador ao mesmo tempo.

É, ele parecia preocupado, distraído – e acima de tudo sexy. Mas tinha se enganado quando pensou que estivesse confuso. Beckett sabia tudo sobre cada faceta polida e resplandecente dessa joia que estavam criando.

Lembrou que sonhara com ele uma noite, havia pouco tempo. Desconcertada, deu meia-volta e perguntou:

– O que será lá no fundo?

– O quarto para cadeirantes e a entrada da frente da sala de jantar.

– Qual será o nome do quarto?

– Marguerite & Percy.

– O *Pimpinela Escarlata*... Já que estávamos falando de estilo francês.

Clare repassou suas anotações. Inclinando a cabeça, Beckett percebeu que ela tinha encabeçado cada seção com os nomes dos quartos.

– Posso vê-lo? – perguntou Clare.

– Pode tentar. Mas tem material amontoado lá dentro. É o menor – explicou ele, conduzindo-a por um pequeno corredor. – Tivemos que estudar o impacto do edifício sobre o meio ambiente e as normas de acessibilidade. Colocaremos duas camas grandes, com uma mesinha de cabeceira entre elas e uma luminária antiga fantástica que era da minha avó.

– Vocês estão usando objetos da família?

– Uma vez ou outra, quando combinam. Mamãe quis que fizéssemos isso.

– Vai ficar encantador, especial. As camas vão ficar em frente às janelas?

– Isso mesmo. Escolhemos cabeceiras de palhinha e poremos cortinas atrás para ficar elegante e dar privacidade. Bancos de palhinha com proteções de tecido nos pés, e saias para as camas. Algum tipo de espelho grande e ornamentado para a parede da entrada. As paredes vão ser creme, com sanca, e o teto, azul-claro.

– Um teto azul...

Por alguma razão, ela achou que ficaria muito romântico. E se perguntou por que nunca pensara em pintar os tetos de casa de uma cor diferente de branco.

Concluiu que tinha esquecido como ser romântica.

– Está me parecendo bem francês. Não perguntei o que pretendem usar para cobrir as camas.

– Depois de pensar muito, após ocasionais discussões acaloradas, optamos por lençóis de alta qualidade, brancos ou de tom cru, dependendo do quarto. Um edredom bem fofo e, por cima dele, outro lençol em vez de uma colcha, uma manta ou qualquer outra coisa assim. Muitos travesseiros, com fronhas de linho em tons

neutros, talvez uma dessas almofadas cilíndricas e uma manta de caxemira.

– Manta de caxemira? Quero reservar um quarto. Penas de pavão, penas de pavão!

– Isso é algum tipo de maldição?

– Deveria ter penas de pavão em algum lugar. Dizem que dão azar, eu sei, mas têm um ar tão francês e opulento...

– Já registrei: penas de pavão. Este é o espaço mais problemático, mas acho que vai acabar dando tudo certo.

– Pois eu já estou amando. Onde é o banheiro? – perguntou Clare, dando um jeito de passar por cima de baldes e tábuas.

– Cuidado onde pisa – alertou Beckett, segurando seu braço. – Aqui não vai ter banheira, mas uma enorme e luxuosa ducha, daquelas que têm o chuveiro no alto e vários jatos laterais. B.E.

– B.E?

– Desculpe. Bronze envelhecido. Todas as áreas comuns seguem essa linha. Uma cuba de vidro arredondada com suporte de ferro. Grande e bonita. Azulejos em creme e dourado-claro, decorados com flores-de-lis.

– *Mais oui* – disse ela, fazendo-o sorrir.

– Achei umas prateleiras de ferro com arabescos. As normas e o espaço impõem certas limitações.

– Essa não é a melhor forma de dizer. Seria melhor falar “necessidades especiais tratadas com um conforto espetacular. O esplendor do passado com toda a comodidade”... não, “com todos os prazeres do presente”.

Ela voltou a fazer anotações, deu um passo atrás e esbarrou em latas de tinta.

– Cuidado.

Beckett passou o braço por sua cintura para equilibrá-la e ela se agarrou a ele.

Era a segunda vez naquele dia que ficavam tão próximos, os corpos se roçando, os olhos fixos um no do outro. Mas dessa vez estava um pouco mais escuro, a luminosidade era filtrada pela lona azul. Algo que se parecia muito com o luar.

Notou, meio atordoada, que Beckett a segurava, e de um jeito

que não parecia amistoso ou gentil. De um jeito que fazia algo brotar lentamente dentro dela.

Algo que poderia perfeitamente ser descrito como desejo.

Um desejo que se espalhou como uma onda quando Clare viu que ele fixou o olhar em sua boca. Ela sentiu cheiro de madressilva. Madressilvas ao luar.

Aproximou-se, ansiando por aquele primeiro contato, aquele primeiro sabor, aquele primeiro...

Os olhos dele voltaram de súbito a fitar os dela, tirando-a daquilo que parecia um estranho sonho.

Meu Deus, ela quase...

– Preciso voltar. – Não chegou a guinchar, mas foi por pouco. – Tenho que... fazer umas coisas.

– Eu também.

Ele deu um passo para trás com todo o cuidado, como se estivesse se afastando de um fio desencapado.

– Está bem, então – comentou Clare.

Ela saiu daquele quarto que refletia o falso luar, cujo ar de repente assumira um cheiro de flores silvestres de verão.

– Ok.

– Ok.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

Ali seria mais seguro, pensou ela, caso contrário acabaria pulando em cima dele outra vez.

– Vou trabalhar em algumas ideias sobre os ambientes que já vi.

– Ótimo. Olha, posso lhe emprestar nossos arquivos. Temos fichas e fotos das luminárias e dos móveis, dos itens de banheiro, coisas do gênero. O fichário daqui tem que ficar na obra para consulta, mas tenho outro em casa e posso emprestá-lo por uns dias.

– Combinado. – Clare respirou fundo e se acalmou um pouco mais. – Adoraria dar uma olhada neles.

– Posso levar lá na livraria ou na sua casa qualquer hora.

– As duas opções para mim são boas.

– E pode voltar quando tiver tempo, se quiser ver os outros quartos. Se eu não estiver, Owen ou Ry poderá acompanhá-la.

– Perfeito. Bom, melhor eu ir de uma vez. Minha mãe vai deixar os meninos na loja daqui a pouco e eu ainda tenho... umas coisas para fazer.

– Até logo.

– Até.

Ele a observou se afastar, esperou a porta se fechar atrás dela com as mãos ainda dentro dos bolsos, de punhos cerrados.

– Idiota – murmurou. – Você é um perfeito idiota.

Conseguira assustá-la a ponto de ela mal conseguir fitá-lo e só querer se afastar. Sua mãe gostava de dizer aos filhos que eles eram grandes o bastante para não deixar que seus desejos os ferissem. Mas foi o que aconteceu. Esse tipo de desejo deixava um enorme buraco na boca do estômago.

Trataria de se manter longe dela por uns dias, até que essa sensação se abrandasse. E até Clare se sentir confortável novamente em sua presença. Pediria a um dos rapazes que deixassem o arquivo na sua casa.

Seus desejos podiam ser dolorosos, mas já era grande o bastante para saber lidar com isso.

Sentiu o cheiro de madressilva de novo e, poderia jurar, ouviu um leve som de riso feminino.

– Ah, não me venha com críticas você também!

Aborrecido, subiu determinado a dar uma bronca nos operários.



Não se sentindo preparada para encarar a livraria e as funcionárias, Clare foi até a Vesta. Atrás do balcão, Franny, o braço direito de Avery, cobria uma massa com fatias de queijo. Ela lhe deu um sorriso.

– Oi, Clare. Onde estão meus namorados?

– Com a minha mãe. A Avery está?

– Está lá nos fundos. Algum problema?

Caramba, será que dava para notar?

– Não, nada. Eu só... só queria falar um minutinho com a chefe.

Tentando aparentar normalidade, Clare andou até a área fechada da cozinha onde Avery dispunha massa fresca em bandejas. Steve, o sujeito que lavava a louça, movimentava-se entre as duas grandes pias, e uma das garçonetes pegava copos no escorredor.

– Preciso falar com você quando tiver um tempinho.

– Pode falar. Não estou usando os ouvidos para nada neste momento. – Só depois de dizer isso é que Avery ergueu os olhos e viu o rosto de Clare. – Ah, ok, me dê cinco minutinhos. Vá pegar algo gelado para bebermos. Preciso mesmo buscar uns suprimentos lá embaixo.

– Vou descer e esperar.

Pegou dois refrigerantes e saiu pela porta que dava para a escada dos fundos. Já fora do prédio, pôde ouvir pessoas conversando e rindo na varanda acima. Entrou no porão de teto baixo cheio de caixas de refrigerantes, cerveja e vinho.

Está gelado aqui, pensou. Abriu a lata de refrigerante e tomou um bom gole.

Luar e madressilva. Estava enojada. Só mais um conto de fadas em sua vida. Era adulta, mãe de três crianças. Sabia disso *perfeitamente*.

Mas, para ser sincera, nunca havia reparado que a boca de Beckett tinha o formato perfeito. O que ela sabia bem é que ele era lindo. Todos os Montgomerys eram, mas nunca reparara aqueles olhos profundamente azuis ao luar.

– Não tem luar nenhum, sua idiota. Era um quarto em obras, lotado de latas de tinta, baldes e tábuas. Pelo amor de Deus!

Tinha se deixado levar pelo clima romântico do lugar, era isso. Couro amarelo, tetos azuis, sancas e mantas de caxemira.

Era tudo tão fantástico, tão distante do seu dia a dia, de tudo o que a cercava, à prova de crianças. E, afinal, não tinha feito nada. Apenas ceder ao desejo por um instante.

Ficou andando de um lado para outro. Quando a porta se abriu, virou-se.

– O que aconteceu? – perguntou Avery. – Parece até que a polícia está no seu encalço.

– Eu quase beijei Beckett.  
– Não podem prendê-la por isso. – Avery pegou a lata fechada e prosseguiu: – Como, onde e por que quase?  
– Fui lá para ver mais alguns quartos e estávamos no Marguerite & Percy...  
– *Ou là là!*  
– Para com isso, Avery. É sério.  
– Estou vendo, querida, mas quase beijar um homem tão atraente e disponível que tem tesão por você não chega a ser um desastre.  
– Ele não tem tesão por mim.  
Avery tomou um gole e balançou a cabeça.  
– Preciso discordar. Mas continue.  
– Foi só... Tinha um monte de coisas por lá, eu tropecei, me desequilibrei um pouco e ele me segurou para que eu não caísse.  
– Segurou onde?  
Clare reclinou a cabeça e ficou olhando para o teto.  
– Por que estou lhe contando isso?  
– A quem mais contaria? Mas sério, em que parte? Ele pegou na sua mão, no seu braço, na sua bunda?  
– Na minha cintura. Envolveu a minha cintura e eu... não sei exatamente, mas então sua boca estava à minha frente, e havia aquela luz curiosa e o cheiro de madressilva...  
– Madressilva? – O rosto de Avery se iluminou. – Você viu o fantasma.  
– Claro que não. Em primeiro lugar, porque não há fantasmas lá.  
– Foi você quem sentiu cheiro de madressilva.  
– Só tenho a impressão de que senti. Eu me deixei levar. O quarto era romântico... ou vai ser, o jeito como ele o descreveu, a luz, e senti... algo que não sentia há muito, muito tempo. Não raciocinei, só me deixei levar.  
– Você tinha dito “quase”.  
– Pouco antes de nossos lábios se tocarem, ele me olhou como se eu tivesse lhe dado um chute no saco. Estava atordoado. – Mesmo agora, com Avery, a vergonha e aquela onda de desejo ainda a envolviam. – Eu me detive e nós dois nos desculpamos. Depois,

ele se afastou, como se eu fosse radioativa. Eu o deixei sem graça e fiquei assim também.

– Vou lhe dizer o que penso. Acho que, se tivesse prosseguido, nenhum dos dois estaria sem graça agora. Em vez de vir aqui correndo com essa cara de quem assaltou uma velhinha, estaria dançando e cantando.

Caramba, por que mesmo tinha ido contar aquilo para Avery?

– Primeiro, Beckett é um amigo, só um... Não, primeiro, não tenho tempo para dançar e cantar. Minhas prioridades são os meninos e o meu negócio.

– E é assim mesmo que deve ser. Mas, como eu já falei, isso não impede que aconteça o que agora estamos chamando de dançar e cantar. – Já sem o sorriso brincalhão, Avery fazia um carinho no braço da amiga. – Caramba, Clare, essa parte da sua vida não terminou. Você tem o direito de dançar e cantar, especialmente com alguém de quem goste e em quem confie. Você sentiu algo, o que é bem significativo.

– Talvez. Mas agora, pensando bem, acho que isso tudo aconteceu só por causa desse falso ar romântico. O quarto que idealizei, a luz, o cheiro imaginário, o toque dele. Tudo contribuiu. Beckett nem deve levar isso tão a sério. Foi tudo muito rápido, provavelmente ele já esqueceu.

Avery já ia retrucar, mas resolveu guardar sua opinião para si mesma. Por ora.

– Seja como for, os quartos vão ficar fabulosos – continuou Clare – e ele vai me emprestar os arquivos com fichas e fotos. Vou poder mostrar para Hope quando ela vier. Honestamente, Avery, ela seria doida se não agarrasse essa oportunidade de trabalhar aqui.

– Seria mesmo – disse Avery, pensando que tinha duas amigas doidas.



Beckett decidiu dar a Clare um pouco de tempo, um pouco de

espaço, assim ela não acharia que ele estava dando alguma importância ao que chamava de O Momento. Enviou sua cópia dos arquivos do projeto para a livraria por um dos rapazes da equipe e um recado de que passaria para pegá-lo dali a uns dias – não precisava ter pressa.

Por algumas manhãs, deixou de dar sua tradicional parada na livraria para tomar café e dividiu seus dias de trabalho entre a pousada e outro projeto nas vizinhanças de Sharpsburg. Quando voltava para Boonsboro, os operários já tinham encerrado sua jornada diária e os irmãos estavam fechando tudo.

– Bem na hora – disse Ryder, aproximando-se, seguido por Diaraque. – Vamos atravessar a rua para uma reunião com direito a cerveja e pizza.

– É meu tipo favorito de reunião. Vocês falaram com a amiga de Avery? – perguntou a Owen.

– Falamos. Se quiser detalhes, pode pagar uma rodada.

– Mas fui eu que paguei a cerveja da última vez.

– *Eu* paguei a cerveja da última vez – corrigiu Ryder.

– Ele pagou a cerveja da última vez – confirmou Owen, apontando o polegar para Ryder.

– Talvez. – Beckett tentou se lembrar enquanto caminhavam pela calçada sob os andaimes. – Quando foi a última vez que você pagou a cerveja?

Owen deu um sorriso satisfeito e baixou os óculos escuros.

– Estou liberado de pagar por seis rodadas pelo que consegui com o sujeito do elevador. Ainda faltam duas.

Beckett lembrou que haviam feito um acordo quando Owen fechara um negócio excelente com a compra de um elevador usado, fazendo-os poupar o tempo e o suor de pedidos de autorização. Já ia começar a questionar, mas deixou pra lá. Se Owen dissesse que restavam mais duas rodadas, então que fosse.

Beckett olhou de relance para a Virando a Página ao atravessar a rua, ouvindo só em parte o que os irmãos diziam dos aquecedores de água. Talvez devesse esperar mais um dia. Manter-se à distância, dar a ela mais tempo para estudar os arquivos, deixar tudo numa boa, num clima amistoso.

Como se O Momento nunca tivesse existido.

Mas existira. Desgraçadamente existira.

– Acha ruim esse sistema? – perguntou Ryder.

– O quê? Não.

– Então pare de fazer essa cara emburrada. – Ryder amarrou o cachorro ao lado da varanda frontal do restaurante. – Vou trazer seu jantar – disse ele e abriu a porta.

Chegaram à Vesta no fim da tarde, quando começavam a servir o jantar. Famílias e pequenos grupos de adolescentes ocupavam os reservados, alguns casais sentados aqui e ali em mesas para dois comiam massa, enrolando-a em seus garfos, ou estudavam o menu, e havia ainda dois frequentadores habituais diante do balcão tomando sua cervejinha pós-trabalho.

Beckett e os irmãos entraram no ambiente cumprimentando os vários conhecidos.

– Peça uma Heineken para mim – disse Owen, indo em direção à cozinha fechada.

– Vamos sentar no fundo – sugeriu Ryder. – Se ficarmos aqui, vamos acabar tendo que falar com todo mundo.

– Tudo bem.

Beckett pediu a cerveja a uma garçonete, depois seguiu pelo corredor até os fundos. Dois garotos em idade escolar competiam no fliperama, soltando os xingamentos habituais.

– Os azulejos já foram despachados – comentou Ryder quando Beckett se juntou a ele na mesa. – Ou boa parte deles. Alguns mais desenhados ficaram para depois. Vamos agendar a entrega para daqui a duas semanas. Owen lhes perguntou sobre a instalação. Podem começar no fim da semana que vem se o trabalho que estão fazendo não tiver atrasos. Se tiver, começam logo no início da semana seguinte.

– Tudo bem.

– Quero agendar a instalação do restante em seguida. O calor já está diminuindo. Podemos pôr os operários para trabalhar nos balaústres dos fundos, iniciando a pintura da parte externa.

Owen veio se sentar com eles exatamente quando a cerveja chegou.

– Já querem fazer os pedidos? – perguntou a garçonete.

– Pizza do Guerreiro – declarou Ryder.

– Não quero comer tanta carne – retrucou Owen, balançando a cabeça e bebericando a cerveja.

– Amarelão.

– Peça você a bomba de colesterol – sugeriu Beckett, então acrescentou para Owen: – Podemos dividir uma de pepperoni com pimenta.

– Fechado. E uns bolinhos de caranguejo.

– É pra já. Como vão as coisas na pousada?

– Avançando – respondeu Owen.

Ela apontou o lápis para ele.

– Vão tirar a lona logo?

– Mais cedo ou mais tarde.

– Grande revelação...

A moça revirou os olhos e foi tratar do pedido.

– Vocês sabem que essa lona está gerando uma enorme expectativa e que podemos não corresponder a ela...

Ryder deu de ombros.

– Também está impedindo que escombros caiam na rua e bloqueando parte do calor. Conte a ele sobre a Princesa Urbana.

– Hope Beaumont – começou Owen. – É inteligente, sagaz. Fez todas as perguntas certas, incluindo algumas em que eu não havia pensado ou com as quais ainda não precisamos lidar. Tem uma voz sexy, dessas meio aveludadas. Gostei.

– Voz sexy. Está contratada. – Ryder se recostou na cadeira com a cerveja na mão.

– Você está excitado porque teve que procurar alguém de fora para o trabalho.

– Seria bom trabalhar com gente daqui – comentou Beckett. – Mas precisamos de alguém que se encaixe no perfil. Além disso, se ela aceitar o trabalho e se mudar para cá, em dez ou vinte dias já vai ter virado gente daqui.

– Vamos saber mais depois de sábado. Marcamos uma reunião para sábado de manhã – avisou Owen. – Para fazermos um tour com ela pelo prédio. Eu a procurei na internet. – Tirou umas

pastinhas da maleta e passou para cada irmão. – Achei algumas coisas de coluna social, ela às voltas com o sujeito que a deixou. Um artigo mais denso do *Washingtonian* sobre o hotel, com uns comentários a respeito dela, algumas citações. Ry a apelidou de Princesa Urbana porque ela é originalmente da Philadelphia e ganhou uns concursos de beleza por lá.

Beckett começou a dar uma olhada quando ouviu o som de pés correndo. Os três filhos de Clare irromperam como condenados em fuga. Sem fôlego, com os olhos arregalados, falavam sobre um videogame, até que Harry viu os Montgomerys.

– Oi! Oi! Temos 1 dólar cada um.

– Podem me fazer um empréstimo?

Liam caiu na gargalhada com a pergunta de Beckett.

– É para comprar uma pizza e jogar.

Murphy foi até a mesa, observando os três homens.

– Vocês poderiam jogar se tivessem 1 dólar. Ou posso pedir a minha mãe o dinheiro para vocês.

Morrendo de rir com o garoto, Beckett o pegou no colo.

– Aposto que Owen tem 1 dólar. Por que não...

Interrompeu-se de repente quando Clare entrou. Ela parecia meio ruborizada, meio surpresa.

– Desculpem. Eles fogem com muita facilidade. Vocês estão falando de trabalho, certo? – disse ela, percebendo as pastas. – Vou levá-los daqui antes que...

– Mãe! – protestou Harry, sentindo-se traído.

– Quando viemos para cá, já sabíamos que haveria barulho – observou Ryder. – Está tudo bem. Sente-se.

– Eu estava contando a Beck que a sua amiga vai ter uma reunião conosco no sábado – comentou Owen.

– Avery já me disse, e foram nesses dois segundos que o trio escapou.

– Como vai o folheto de divulgação?

– Tive umas ideias.

– Ela teve ótimas ideias – confirmou Avery, que vinha chegando.

– Já me mostrou algumas.

– São só uns esboços. Gostaria de ver um pouco mais, poder

sentir o ambiente.

– Deveria ir lá agora. Beckett, você devia levá-la.

– Avery! – murmurou Clare, tentando disfarçar a surpresa.

– Não, é sério. Está vazio. É mais fácil e mais produtivo olhar o lugar sem aquele barulho. – Ela deu um sorriso encantador. – Não acham?

– Com certeza. – Murphy foi jogar com os irmãos, abandonando Beckett, que agora não sabia o que fazer com as mãos. – É, com certeza.

– Eu os interrompi, e tem os meninos...

– Nós ficamos de olho. Vou pedir a pizza deles. – Avery fez um gesto para enxotar a amiga. – Assim, podemos expor suas ideias para Hope quando ela vier amanhã. Vou ficar no seu lugar, Beck, e a cerveja é por conta da casa. Esta eu é que vou terminar. – Pegou um copo, tomou um gole e sorriu. – Não estou trabalhando hoje à noite.

Sem ter como se livrar, Beckett se levantou.

– Vamos?

– Parece que sim. – Clare lançou um olhar frio para a amiga antes de se virar. – Vou sair com Beckett por uns minutinhos – disse ela aos filhos. – Avery, Ryder e Owen estão no comando. Comportem-se.

– Ok, mãe, ok – respondeu Harry, encarando a tela, concentrado.

Os dois saíram do restaurante. O vento despenteou o cabelo de Clare, que olhou para o céu nublado.

– Vai cair uma tempestade.

## capítulo cinco



**T**OMANDO CUIDADO PARA FICAR a uma distância razoável dela, com as mãos enfiadas nos bolsos, Beckett a conduziu até os fundos da pousada e destrancou a porta.

Aquela noite de fim de verão estava sombria, então ele foi acendendo todas as luzes pelo caminho. Clarão e sombra, pensou ele, paredes desnudas e chão de concreto. Não era exatamente um ninho sedutor. Ela podia se sentir segura.

– Você quer terminar de ver o andar principal? – perguntou ele.

– Queria ver mais quartos de hóspedes. Talvez pudéssemos ir até o segundo andar. Não quero perturbar Avery e seus irmãos deixando os meninos com eles por muito tempo.

– Não vai perturbá-los. Avery se ofereceu.

– É. Verdade, não é mesmo?

Beckett ergueu as sobrancelhas diante daquele tom sarcástico.

– Está tudo bem?

– Por que não estaria?

– Ok, então. – Ele seguiu para a escada. – Já vimos o T&O e o E&D. Agora talvez devêssemos ir ao Nick & Nora.

– *A ceia dos acusados...* – Ela organizou suas ideias, lembrando-se dos arquivos que ele tinha emprestado. – Gostei das luminárias que escolheram para lá, e a cama e a cômoda são lindas, bem *déco*.

– Uma pitada de elegância, uma pitada de glamour. – Foi caminhando pelo corredor do segundo andar. – Bom, a biblioteca vai ser ali e...

– Ah, a biblioteca. Quero muito ver o espaço.

– Claro.

Ele virou à esquerda, pegou outro pequeno corredor e ligou o

interruptor.

– Está bem escuro agora. A única janela livre é a que dá para a frente. Vamos pôr uma escrivaninha aqui. Nesses nichos ficarão as estantes, a lareira ficará entre elas e, em frente, um sofá de couro marrom.

Ela entrou no aposento. Tinha visto os desenhos dele das estantes; seu desejo era tê-las ali.

*Não pense em desejo!*

– Ah, você e seus irmãos estão fazendo as estantes?

– Estamos, e a moldura da lareira também. Além de outras coisas.

– Deve dar a maior satisfação construir algo.

– Você deve saber como é. Afinal, construiu uma família – disse Beckett quando Clare se virou para ele.

– Muito legal da sua parte dizer isso.

Observou que Beckett estava parado na entrada, ao passo que ela se encontrava no centro do cômodo. Esse *espaço* entre eles, pensou, era muito estranho, muito desconfortável.

Já era hora de consertar aquilo.

– Não consigo entender.

– Entender o quê?

– Se está chateado comigo, me evitando, ou se estou imaginando uma coisa ou outra.

– Não sei do que está falando.

– Você não vai à livraria desde... a última vez que estive aqui. E, como agora, fica o mais distante possível quando estamos no mesmo ambiente. Olha, Beckett, desculpe pelo que aconteceu, mesmo que não tenha acontecido nada.

– Está dizendo que sente pelo que não aconteceu – disse ele lentamente.

– Caramba, eu só me deixei levar pelo ambiente, a luz e... sei lá o quê. Foi apenas um momento, então...

– Um, não, "O".

– O quê?

– Deixa pra lá. Está pedindo desculpas pelo que aconteceu?

– Não sei por que deveria fazê-lo, já que não aconteceu nada. –

Sua voz traía certa irritação, o que só acentuava seu constrangimento. – Não sei por que dois adultos precisam lidar com algo que não aconteceu como se tivesse acontecido. E daí se tivesse? Ah, esqueça – disparou, pois ele simplesmente a encarava. – Vamos, me mostre o próximo ambiente – pediu, dirigindo-se com passos firmes para a porta. – Preciso voltar.

– Espere um minuto. – Ele a segurou pelo braço e os dois ficaram parados no vão da porta. – Você sente pelo que não aconteceu?

– Não gosto de me ver em situações constrangedoras.

– Deixei você constrangida?

– Não. – Ela balançou a cabeça. – Agora você está me deixando confusa.

Talvez. Mas claramente sentia algo por ele.

– Por que não começamos de novo?

Relampejou lá fora e um clarão azulado atravessou a janela tapada pela lona. Clare se jogou nos braços dele quando houve um rugido ensurdecedor.

– É só um trovão.

– Eu me assustei – disse ela, com os olhos grudados nos dele. – Não tenho medo de tempestades.

– É o que veremos.

Então ele se moveu devagar, prolongando aquele novo momento, como que para medir a reação de Clare. Enquanto a chuva começava a cair, pôs as mãos na cintura dela e foi deslizando-as por seu corpo, de forma suave, lenta, ao mesmo tempo que baixava a cabeça. Deteve-se, respirou fundo, depois tocou os lábios dela com os seus.

Isso valera a espera, pensou Beckett, tomando o rosto de Clare com as mãos. Suave, doce, um terno estremecimento, e os braços dela envolveram sua cintura e o puxaram para mais perto.

O clarão do relâmpago seguinte não a assustou. Ignorou o trovão, mergulhando naquela deliciosa onda de prazer.

Ser abraçada, ser tocada. Sentir e deixar que a sentissem. A sensibilidade entorpecida pelas circunstâncias e pelas obrigações voltava a se inflamar e acordar para a vida.

Segurou firme a camisa de Beckett e tomou o que ele lhe dava. Não, ela nunca tivera medo de tempestades.

Mesmo quando ele começou a recuar, Clare se sentiu maravilhosamente anestesiada por aquele turbilhão.

– Espero por isso desde que você tinha 16 anos – murmurou Beckett.

Ela sorriu e, em seguida, soltou um risinho.

– Ah, deixe de conversa.

– Ok, desde que você tinha 15 anos. Não falei porque soaria patético.

Ela franziu a testa.

– Não sei o que dizer.

– Quer que eu lhe dê um tempo maior para pensar a respeito?

Ele lhe deu um beijo de tirar o fôlego, e ondas de calor e de frio exacerbaram a sensibilidade recém-descoberta.

Pensar? Impossível.

– Beckett. – Ela afastou-o só um pouquinho. – Estou sem prática. Provavelmente vou precisar pensar, deveria pensar, mas é bem difícil fazer isso aqui e agora.

– Que tal pensar em qualquer lugar, a qualquer hora?

Ela riu de novo, perdendo o ar grave.

– Talvez se... – interrompeu-se, franzindo a testa e se inclinando para cheirar o ombro de Beckett. – Não vem de você.

– O quê?

– Juro que senti um cheiro de madressilva.

– Ela gosta de madressilva.

Beckett passou a mão no rabo de cavalo de Clare, algo que queria fazer havia anos. O cabelo roçou sua pele como uma seda dourada.

– Quem gosta?

– Elizabeth. Eu a chamo de Elizabeth porque eu estava no E&D na primeira vez que tive certeza de que ela morava aqui.

– É sério que está falando de um fantasma?

– Esse prédio... ou partes dele... está aqui há dois séculos e meio. Eu ficaria surpreso se não tivesse fantasmas. Nem tudo ou todos se vão.

Isso tocou fundo nela, mas Clare apenas balançou a cabeça.

– Falar sobre fantasmas é que me deixa surpresa. Meus filhos estão lá jogando videogame e eu, aqui, com você. Tenho que voltar. Nesse ritmo vou levar um ano para ver o prédio todo.

– Leve o tempo que quiser. Vamos sair amanhã à noite.

– Eu... Eu não posso. Combinei de jantar com Avery e Hope. E, antes que pergunte, porque acho que vai perguntar, sábado prometi uma maratona de filmes aos meninos. Segunda é o início das aulas e Murphy vai começar no jardim de infância. É algo a ser comemorado.

– Claro que é. Depois, então. Diga quando.

– Talvez sexta que vem. Se eu conseguir uma babá.

– Sexta que vem. – Ela a beijou, de leve, para selar o acordo.

– Não mude de ideia.

Clare se afastou porque queria se aproximar.

– Desculpe, as crianças... Nem sei há quanto tempo estamos aqui. Perdi a noção.

– Não faz tanto tempo.

Tomou a mão dela e a conduziu pelo corredor.

– É meio mágico aqui – comentou ela. – É estranho como consigo visualizar os cômodos quando você os descreve, mesmo antes de ter olhado os arquivos. Eu devia tê-los trazido comigo. Estão na livraria.

– Seria bom. Que tal se fôssemos lá pegá-los?

– Ahn...

– Só um instante.

Beckett pegou o celular enquanto cruzavam o térreo em direção à porta dos fundos. Saíram, trancaram o prédio e pararam na varanda. Ele atendeu a ligação de Ryder.

– Oi, os meninos estão bem?

– Tudo certo. Vendemos os dois maiores para um circo ambulante por 20 pratas cada. O menor foi trocado por um engradado com meia dúzia de cervejas. Um negócio e tanto.

– Estaremos aí daqui a cinco minutos, mais ou menos.

– Por mim tudo bem. Eles comeram a sua pizza, cara. O nanico come pimenta como se fosse bala.

– Espere aí. De que sabor de pizza você gosta?

– Eu ia comer uma salada – respondeu Clare.

Como ele a encarou com aqueles olhos de um azul profundo, ela suspirou.

– Só de pepperoni.

– Peça uma de pepperoni – disse a Ryder. – Chego em cinco minutos.

Desligou e tomou a mão dela de novo.

– Vou convidá-la para uma pizza, o tradicional primeiro encontro. Seus filhos comeram a minha.

– Ah, sinto muito.

– Eu, não. Isso me deu a chance de ter um primeiro encontro com você. Está chovendo menos. Pode me dar as chaves da livraria, vá indo na frente.

– Não me importo de pegar um pouco de chuva. Além disso, vai ser mais fácil e rápido se eu for buscar. Sei exatamente onde estão.

Eles deram a volta no prédio.

– Você sabia que Murphy gosta de pimenta?

– Ele come qualquer coisa.

Clare riu quando Beckett saiu correndo, arrastando-a consigo. Riu quando a chuva resfriou sua pele, ensopou seu cabelo.

– Beckett? Já está sendo um belo primeiro encontro.



Beckett duvidava que um primeiro encontro tradicional incluísse três crianças implorando por uns centavos, seus irmãos e a proprietária do restaurante ficando de vela – e jogando fliperama – e um monte de gente passando por aquela mesa tão concorrida para saber do andamento da pousada.

Mas achou tudo ótimo.

Um ambiente tão casual e lotado evitaria especulações. Não ligava para as fofocas da cidade; eram parte do combustível que moviam as engrenagens. Mas preferia não ter sua vida particular

discutida na mesa do café da manhã do Crawford's ou consumida como uma banana split da Creamery.

Os Montgomerys resolveram só voltar a falar de trabalho quando Clare levasse os meninos.

– Só mais uma partida. Por favor! – Liam, o encarregado das negociações, fez sua melhor cara de pedinte. – Só mais *uma*, mamãe. Não estamos cansados.

– Eu estou. E não tenho mais trocados. Além disso, vocês vão ter que pagar sua dívida limpando o quarto amanhã.

Eles fitaram os Montgomerys. Clare estreitou os olhos.

– Nem pense em tentar a sorte dessa forma outra vez.

– Desculpe, cara. – Beckett ergueu as mãos. – Ninguém pode desobedecer a uma mãe.

– Ah, qual é? – questionou Liam antes que a mãe estreitasse ainda mais os olhos.

– Acho que você deveria dizer outra coisa a Beckett, Ryder, Owen e Avery.

Ele suspirou fundo.

– Obrigado pelos trocados, pela pizza e tudo o mais.

– Da próxima vez vou ganhar de lavada no Space Crusader, pirralho – disse Ryder, e Liam ficou radiante com o desafio.

– Nada disso! *Eu* é que vou.

– Vamos embora, tropa. – Avery se levantou. – Levo vocês lá fora.

Depois de um coro de “tchau” e “obrigado” e de pés se arrastando, Clare conseguiu levar os meninos até a porta da escada.

Quando o barulho diminuiu, Owen pegou sua maleta, onde estavam guardadas as pastas.

– Espere – falou Ryder. – Vamos levar isso para a casa do Beck. Quem sabe aparece mais alguém para nos desafiar com mais umas rodadas de Monster Bash.

– Boa ideia. – Owen se levantou, apontando para Beckett. – Você paga.

– Ei!

– Falei primeiro. Esperamos você lá em cima.

Quando chegou, seus irmãos, que tinham a chave do

apartamento, já haviam saqueado sua cozinha, pegando cerveja e batata chips, antes de se instalarem confortavelmente na sala.

Diaraque se esparramou no chão, apreciando os restos da pizza.

Ryder deu um sorrisinho maroto para Beckett.

– E então, você pegou *ma chère* Clare?

– Não *peguei* a Clare. Estou explorando a possibilidade de sairmos socialmente.

– Ele pegou a Clare – disse Owen com a boca cheia de batata. – Ainda tem a quedinha da época da escola. O que eu queria saber é se ainda escreve aquelas músicas românticas péssimas falando de coração partido.

– Vá à merda. E elas não eram péssimas.

– Eram, sim – discordou Ryder. – Mas pelo menos agora não temos que ouvir você tocar seu teclado, uivando pela casa. Imagino que você percebeu que ela agora tem três apêndices.

– Por acaso prestei atenção nisso. E daí?

– Só estava querendo ter certeza. Gosto deles. Não são pestinhas nem robôs.

Beckett se deixou cair numa cadeira e pegou a cerveja que os irmãos tinham deixado para ele.

– Vou sair com ela na próxima semana. Pensei em levá-la para jantar ou talvez ao cinema.

– Amante à moda antiga – opinou Ryder. – Previsível.

– Talvez, mas acho que os modos antigos e previsíveis são os que funcionam mais. Tenho a impressão de que ela não tem um encontro desde que voltou para Boonsboro.

– Pergunte a Avery. Elas são inseparáveis.

Pensativo, Beckett assentiu para Owen.

– Talvez eu faça isso.

– Eu pularia o cinema e passaria direto para o jantar, num lugar em que demorem bem a atender sua mesa. Assim se tem mais tempo para contato visual.

– Talvez seja melhor mesmo.

– Agora que já ajudamos a incrementar a vida amorosa de Beck, podemos voltar ao trabalho?

Owen puxou as pastinhas sobre Hope de novo.

– Podem dar uma olhada quando quiserem, para terem informações antes da reunião com ela. Se for tão boa quanto dizem, será um bem valioso. Próximo assunto. – Passou alguns folhetos para os irmãos. – Temos que decidir sobre os aquecedores da recepção e as lareiras a gás para o J&R, o W&B e a biblioteca. Os Thompsons vão lá dar mais uma olhada e falaremos sobre o local para instalar o gás e como passar a tubulação. Está marcado para segunda. Também temos um encontro para debater sobre o pátio: a pavimentação, o desenho, o acesso ao depósito, ao material, às plantas, e tudo o mais. Na terça-feira.

– Andei trabalhando um pouco nisso – comentou Beckett.

– Mais um motivo para você estar lá. Terça, quatro horas. Mamãe e Carolee vão participar também.

– Vamos tratar de algumas questões práticas – observou Ryder. – Por exemplo: como vamos dispor as unidades de calefação e ventilação, como faremos para instalar tudo, inspecionar e obter as autorizações antes da chegada do frio.

– Certo – prosseguiu Owen. – Por isso, você precisa se encontrar com Mike na Care Services semana que vem. Temos todos os dados para começar. E vou me reunir com Luther para falar sobre os parapeitos. Mas temos que decidir que formato e acabamento queremos. Depois também precisamos definir o design da porta de entrada.

Dividiram áreas de trabalho e mesclaram outras. Em seguida, começaram uma longa discussão sobre mecânica, o que os levou ao escritório de Beckett para avaliar os projetos.

Depois de mandar os irmãos embora, ele resolveu revisar os planos estruturais e mecânicos antes de dormir.

Na verdade, por uma noite, a única coisa que queria fazer era pensar em Clare.

Ele a beijara. Havia quinze anos que queria fazer isso. Agora, em cerca de uma semana, a teria toda só para ele por uma noite. Seria um jantar tranquilo e agradável, Owen tinha razão. Um pouco de vinho, um bate-papo.

Do que fariam duas pessoas que se conheciam praticamente a vida toda?

Bom, ele não sabia um monte de coisas a respeito dela.

Ficou na janela, olhando para a pousada escura e encoberta, tentando imaginar o que descobriria. E o que poderia acontecer depois.



O dia seguinte foi dominado por dores de cabeça no trabalho, a começar pela visita do inspetor, que, segundo Ryder, reinterpretou arbitrariamente as normas e exigiu a mudança das portas externas já instaladas.

Depois de passar metade do dia em Hagerstown tentando resolver isso, Beckett retornou a Boonsboro e teve a notícia de que o fornecedor dos ladrilhos havia se enganado com o pedido do piso de um dos banheiros e, aparentemente, esquecera de pedir um lote inteiro de outra padronagem. E agora dizia que não poderia começar o trabalho de instalação em menos de seis semanas.

Já previra isso, comentara com Owen, mas o irmão andava ocupado com a reunião que teria com os mecânicos a respeito do sistema anti-incêndio.

Foi para seu escritório em casa e passou a hora seguinte reclamando com o vendedor que tinha feito a burrada a ponto de provocar nele uma dor de cabeça ainda maior que a sua.

Isso, pelo menos, lhe deu alguma satisfação.

Ao término da ligação, pegou uma Coca, tomou uma aspirina e voltou a atravessar a rua. Encontrou Owen no estacionamento.

– Onde está indo? – perguntou.

– Vou passar um tempo na oficina. Olha, Ry me contou sobre a confusão com os ladrilhos. Amanhã de manhã vou dar a maior bronca.

– Já fiz isso. Precisamos de uma reunião de emergência. Onde está Ry?

– Na última vez que o vi, estava no terceiro andar. Ei, acho que

– Você deveria saber sobre a galeria ao lado da livraria e as últimas ideias da mamãe.

– Agora não. Vamos.

Acharam Ryder no terceiro andar, instalando um dos painéis no vão da janela.

– Encaixou como uma luva – disse ele – e ficou fodástico.

Diaraque concordou abanando o rabo, provavelmente na esperança de que algum deles fosse lhe dar comida.

– Pelo menos uma coisa deu certo hoje.

– O que aconteceu? – perguntou Ryder, olhando para os irmãos.

– Owen já lhe contou?

– Eu contarei a Owen e a você. Primeiro, não entre em conflito com o inspetor da obra mesmo ele sendo um cretino.

– Ei, calma aí...

– Não. Em primeiro lugar, vocês têm razão, mas criar caso com a prefeitura pode comprometer todo o projeto. As portas externas estão dentro das normas, já foram aprovadas previamente. Elas ficam. Mas deixe que Owen ou eu faça o trabalho sujo, se o negócio parecer que vai ficar feio. Em segundo...

Ryder largou a pistola de pregos.

– Me dê essa Coca – ordenou, tirando-a da mão de Beckett. – Se vai me passar um sermão, mereço uma boa recompensa.

Ao ouvir a palavra “recompensa”, Diaraque abanou o rabo mais depressa.

Ryder se limitou a olhar para ele e dizer:

– É minha.

– Em segundo lugar – prosseguiu Beckett –, dei a maior bronca no vendedor. O filho da mãe tentou me convencer de que encomendaria o resto do pedido e que só demoraria uma semana para chegar. E isso é uma mentira deslavada – completou, antes que seus irmãos o fizessem. – Tudo o que encomendamos com eles levou semanas para chegar.

Owen pegou o refrigerante de Ryder.

– Eles foram recomendados, bem elogiados e juraram que dariam conta do trabalho. Lição aprendida.

– Não culpo você... muito. O fornecedor fez a maior burrada. Vão

nos mandar os ladrilhos que faltam e os que ele não tinha pedido, pagando do próprio bolso, e teremos dez por cento de desconto pela chateação. Eu falei com o dono.

– Belo trabalho – comentou Owen.

– Aprendi com papai também. O vendedor está por um triz, a empresa foi avisada e você vai acompanhar o processo diariamente para garantir que eles não façam confusão de novo.

– Pode deixar.

– E eles não vão fazer a instalação.

– Ei, espere aí...

– Não foi você que passou duas horas no telefone ouvindo desculpas, adulações e besteiras enquanto o proprietário tentava tirar o corpo fora e arranjar pretextos para ganhar tempo. Não podemos lidar com esse tipo de empresa. Só vamos prosseguir com eles por causa dos ladrilhos, já que seria uma dor de cabeça ainda maior começar tudo de novo com o que está faltando, mas eles não trabalharão mais para nós.

– Concordo com Beck – interveio Ryder.

– Esperem aí. Temos um monte de ladrilhos especiais: de vidro, importados, com desenhos intrincados. Para instalá-los, precisamos de alguém com experiência nesse tipo de trabalho e uma equipe bem numerosa.

– Entrei em contato com o dono de outra empresa, que vem aqui se inteirar do trabalho. Ele é um dos caras que deixou o cartão de visitas. É da cidade, está doido para pegar o serviço e me deu três contatos que podem referendar seu trabalho. Está a caminho. Você fala com ele – pediu a Owen. – Se achar que não vai dar conta, pode procurar outra pessoa. Nós acharemos alguém. É uma questão de princípios.

– Você sabe como ele fica quando está irritado – observou Ryder.

– Além do mais, está com toda a razão.

– Ok. Tudo certo. – Owen esfregou o rosto com as mãos. – Caramba!

Beckett pegou o pote de aspirina no bolso.

– Obrigado.

– Agora, que tal me contar sobre mamãe e suas ideias?

Owen engoliu uma aspirina com a ajuda de um gole de Coca.

– Pegue, talvez precise disso de novo. Agora que a galeria fechou, mamãe quer aproveitar o espaço para montar uma lojinha de presentes da pousada.

– Eu sei.

– O que você não sabe é que ela quer isso agora.

– O que quer dizer com *agora*? Não dá para fazer isso agora.

Owen lhe lançou um olhar piedoso.

– Diga isso a ela. Está lá neste instante com um mostruário de cores, um bloco de notas e uma fita métrica.

– Ah, pelo amor de Deus... – Beckett esfregou a nuca. Logo agora que a dor de cabeça tinha diminuído. – Vocês vêm comigo. Não vou encarar-la sozinho.

– Prefiro ficar aqui – declarou Ryder. – Trabalhando na carpintaria. Gosto do silêncio.

– Então traga o seu martelo. Quem sabe não vamos precisar dele?

Havia alguns anos eram proprietários da sala comercial ao lado da livraria. Ao longo do tempo, ela passara por muitas reencarnações. Na última, fora uma pequena galeria de arte e loja de molduras, que se mudara para um local maior, do outro lado do rio.

Agora, como se via claramente pela janela perto da porta, sua mãe estava naquele espaço desocupado, segurando um mostruário de cores diante da parede.

Merda.

Ela se virou quando entraram.

– Oi, meninos. O que acham deste amarelo? É bonito, quente, mas tranquilo o bastante para não desviar a atenção da arte.

– Ouça, mãe...

– Ah, e aquela parede de lá? Definitivamente precisa ser transformada numa meia-parede. Aumentaria o espaço, dando maior acesso à pequena área da cozinha. Podemos deixá-la quase do mesmo jeito que está e usá-la para expor utensílios de cozinha: vasilhas, tábuas e coisas do gênero. Esse portal pode permanecer

aberto, para a passagem até o escritório. Talvez só com uma cortina de continhas para ficar mais alegre. E lá em cima...

– Mãe. Mãe. Ok, isso tudo é muito legal, mas talvez você não tenha notado que estamos enterrados até o pescoço com o trabalho do outro lado da rua.

Ela deu um sorriso para Beckett e uma palmadinha em sua bochecha.

– Isso não é nada. É basicamente estético.

– Pôr abaixo uma parede...

– É uma parede pequena. – Ela se abaixou para afagar Diaraque quando ele roçou em sua perna, todo amoroso. – Só vai precisar de pintura. Para o banheiro, uma pia nova, coisinhas assim. Para dar uma renovada. Vocês podem mandar uns dois operários para cá enquanto os pisos estão sendo instalados.

– Mas...

– Não queremos deixar este espaço vazio, não é? – Ela pôs as mãos na cintura enquanto dava uma volta. – Precisamos de um balcão ali, para a caixa registradora. Mais uma vez, algo pequeno, nada muito espetacular. Você pode fazê-la, não pode, Owen?

– Ahn... claro.

– Covarde – murmurou Beckett quando a mãe foi até o fundo observar o minúsculo toaleta.

– Pode apostar, irmão.

– Uma pia pequena, colada à parede, um vaso novo, um belo espelhinho e luz. Pronto. Pintura e luzes bonitas aqui fora e lá em cima. Ah, e uma demão de tinta no lado externo. Escolheremos algo que combine com o que estamos fazendo na pousada.

– Mãe, mesmo que pudéssemos abrir mão de alguns operários para fazer tudo isso aqui, precisaríamos de alguém para acompanhar, para comprar material e...

– Já pensei nisso. Vocês não precisam se preocupar com nada. Falei com Madeline, do clube de leitura. Vocês conhecem, Madeline Cramer – prosseguiu Justine com entusiasmo, imune a quaisquer objeções. – Ela administrava uma galeria de arte em Hagerstown.

– Ah, claro, mas...

– Ela conhece todos os artistas e artesãos locais. Vamos nos

especializar na arte da cidade, mostrando o que temos aqui, o que somos. – Com os óculos escuros no alto da cabeça e o mostruário de cores em riste, Justine contemplava o espaço. – Vai ficar uma maravilha!

Ele não tinha como discutir. Não tinha mesmo, pensou Beckett. Estava desarmado.

– Só vamos poder mandar alguém para cá depois que a obra da pousada tiver terminado.

– Mas é claro, querido. Ry, você tem um tempinho para me ajudar a pensar como será aquela parede?

– Claro.

– Não vai ser divertido? – Ela deu um sorriso todo alegre para os três. – Vamos dar à cidade um negócio novo, um espaço maravilhoso para os artistas locais, e teremos uma pequena amostra antes de a pousada abrir.

Ela pôs as mãos na cintura.

– Algum de vocês tem compromisso hoje à noite?

– Quem tem tempo para isso? – murmurou Owen. – Não, mãe, eu não tenho.

Os outros dois balançaram a cabeça. Justine suspirou fundo e se dirigiu a Diaraque:

– Como vou ter noras e netos se eles não saem com ninguém? Bom, por que não vêm jantar comigo? Vou comprar milho verde no caminho de casa. Vou fazer um banquete para vocês.

E os enredaria nos vários detalhes de sua última ideia fixa, pensou Beckett. Mas o que poderia fazer?

– Estou dentro.

Ao se virar, viu Clare despontar na porta.

– Oi. Reunião de família?

– Acabamos de acabar – respondeu Justine.

– Ah, isto aqui está tão melancólico agora... Fiquei triste ao ver que a galeria ia sair daqui, mas sei que, para ela, é ótimo ter um espaço maior em Shepherdstown.

– Não vai parecer melancólico por muito tempo. É exatamente de você que eu preciso. – Justine ergueu o mostruário de cores. – Diga-me o que acha desta cor para as paredes.

– Adorei. É solar. Quente, mas não reluzente em excesso. Vocês já têm um novo locador?

– Nós vamos ocupar o espaço. Aposto que não falou com Madeline recentemente.

– Não desde o último encontro do clube de leitura.

Enquanto sua mãe punha Clare a par de tudo, visivelmente satisfeita com o entusiasmo da moça, Beckett saiu e se sentou na escada da varanda da livraria.

Elas que se entendessem, decidiu. Os prazos dos operários, do trabalho em si e dos materiais... Talvez pudesse arranjar um tempinho se fosse necessário redesenhar algo. Não precisariam de permissões, já que não haveria mudanças estruturais e continuaria a ser um espaço comercial.

Owen ficaria encarregado da licença para abrir o negócio, de toda a papelada.

Mas, caramba, que dia. Era o arremate perfeito para um dia catastrófico. Pelo menos lhe renderia uma comidinha caseira.

Sua mãe saiu com Clare, dessa vez mostrando outra cor para as paredes externas antes de franzir a testa para Beckett.

– Você está com cara de cansado, querido.

– Foi um dia difícil. O tempo todo tentando resolver pepinos – acrescentou antes de ganhar um beijo dela. – Falamos disso mais tarde.

– Que assim seja. Por ora, por que não leva Clare em casa?

– Ah, não, não precisa – interveio Clare. – É só uma caminhadinha.

– Por que vai andando? – perguntou Beckett. – São quase 2 quilômetros.

– Não chega a um, e gosto de caminhar. O carro da minha babá deu defeito e lhe emprestei o meu. Não quero que ela vá pegar os meninos e depois tenha que passar aqui para me buscar.

– Levo você lá.

– É sério, não precisa se incomodar.

– Pode argumentar comigo – disse Beckett, levantando-se –, mas com ela não tem argumento que cole. – Ele se aproximou da mãe e

beijou-a no rosto. – Lembre a Ry e Owen que o instalador dos ladrilhos vem hoje.

– Vou falar com eles.

– Vejo você mais tarde, tirana.

## capítulo seis



— **A**GRADEÇO PELA CARONA – começou Clare enquanto se dirigiam para a caminhonete. – Especialmente com todo esse cansaço.

– Não estou cansado. Só tive um dia de cão.

– Problemas com a pousada?

– Aborrecimentos. O tipo do dia em que preferia martelar furiosamente do que ficar pendurado no telefone. Tomara que, no final, valha a pena – comentou, dando uma olhada na pousada.

– Vai valer. E agora ainda tem a lojinha. Não é excitante?

– Vai ser mais excitante daqui a seis meses.

Ele abriu a porta do carona e tirou do banco uma prancheta, um caderno grosso e uma toalha bem velha e suja.

– Mas só vai ser preciso dar uma pintura, não é?

Ele se virou e a fitou longamente.

– O que foi? – perguntou Clare.

– Primeiro, nunca é só uma questão de pintura, não para minha mãe. Segundo, você tem um perfume maravilhoso.

Ouviu-se uma buzina. Virando-se, Beckett viu um dos carpinteiros passar acenando. Clare entrou depressa na caminhonete.

– Ainda está de pé nosso encontro de sexta à noite?

– Alva está livre e vai poder ficar com as crianças.

– Ótimo. – Ele ficou parado por um minuto, apenas apreciando o fato de Clare estar sentada na caminhonete e os dois terem planos para sexta à noite. – Às sete é bom para você?

– É, sete está bom.

– Ótimo – repetiu Beckett, depois fechou a porta e se

encaminhou para o lado do motorista. – Então, como os meninos reagiram ao início das aulas?

– Liam não fala de outra coisa. Murphy está pilhadíssimo, especialmente por causa da lancheira de Power Rangers. E Harry ainda finge que não é com ele.

Beckett saiu do estacionamento, parou no sinal, então virou à esquerda.

– E você?

– Tive que comprar tênis, mochilas, lancheiras, giz de cera, lápis, cadernos. O Safári Maluco do Shopping enfim terminou, o que é um alívio. Com Murphy na escola em tempo integral, vou me livrar de um monte de afazeres infantis e isso vai facilitar muito a minha vida.

– Acho que ouvi um *mas*.

– Mas... meu bebê está no jardim de infância. Até cinco minutos atrás, eu o carregava por aí numa daquelas bolsas canguru, parecidas com uma mochila, e agora é ele quem carrega uma para ir à escola. Harry já está quase no ensino fundamental. Nem dá para acreditar. Então, na segunda de manhã, vou levá-los para a escola e chorar à vontade em casa. E pronto.

– Sempre imaginei que a minha mãe fizesse uma dancinha feliz assim que nos via andando em direção ao ônibus escolar.

– A dancinha feliz vem depois da choradeira.

– Entendi.

Ele seguiu pela ruazinha de cascalho e parou atrás da minivan de Clare.

– Não posso convidá-lo para jantar. Avery e Hope estão vindo para cá.

– Tudo bem. Mamãe nos subornou com um jantar na casa dela.

Ela hesitou, olhando-o de soslaio.

– Se tiver um minuto, você poderia entrar, para tomarmos algo gelado.

– Eu tenho um minuto.

Inclinou-se sobre ela para abrir a porta, mantendo-se no seu banco, mas fitando aqueles olhos cinzentos rajados de verde.

– Gosto de ficar perto de você sem ter que fingir que não quero

me aproximar.

- É estranho saber que você quer ficar perto.
- Estranho no sentido bom ou ruim?
- Bom e estranho – respondeu ela e saiu.

Ele não conhecia sua casa propriamente, apesar de já ter estado lá umas poucas vezes. Clare contratara Ryder para fazer alguns trabalhos um pouco depois de comprá-la e Beckett o ajudara.

Aproveitava qualquer desculpa.

Ela fizera uns churrascos ao longo dos anos, logo ele já tinha estado no jardim e na cozinha.

Mas não sabia como era o dia a dia do lugar. Isso era algo que lhe interessava nos prédios e nas pessoas que os habitavam ou trabalhavam neles. E se interessava particularmente por Clare.

Havia flores plantadas na frente da casa, uma bela mescla bem cuidada sofrendo um pouco com o que sua mãe chamava de rigores do fim do verão. E seu pequeno gramado precisava ser aparado.

Poderia ajudá-la com isso.

Clare pintara a porta de um azul bem escuro e tinha posto uma aldraba celta de bronze bem no meio dela.

Ela abriu a porta e entraram direto na sala de estar, onde se via um pequeno sofá de listras azuis e verdes, além de duas poltronas verdes. E também os restos de um grande engavetamento de carrinhos espalhados pelo assoalho de madeira nobre.

As estantes que ele ajudara a construir ocupavam uma parede inteira. Ficou satisfeito ao ver que Clare fizera bom uso delas, enchendo-as de livros, fotos de família e algumas bugigangas.

– Vamos até a cozinha.

Ele parou à porta de um pequeno quarto com as paredes recobertas por mapas e pôsteres. Havia brinquedos dentro de cubos coloridos e espalhados pelo chão. Observou os pufes em tamanho infantil, as mesinhas e a bagunça feita por três meninos.

– Bonito.

– É um espaço que eles podem compartilhar, onde ficam livres de mim.

Clare continuou andando em direção aos fundos, passou por um

pequeno lavabo que ficava debaixo da escada e chegou a um misto de cozinha e sala de jantar.

Eletrodomésticos brancos e móveis de carvalho escuro. Frutas de verão frescas dentro de uma tigela de madeira sobre uma pequena bancada branca que ficava junto ao fogão. Do outro lado dela, havia uma geladeira coberta por desenhos das crianças e um calendário para planejamento mensal. E quatro cadeiras ao redor da mesa quadrada.

– Os meninos devem estar no quintal. Me dê só um segundo.

Ela se aproximou da porta e os chamou sem abrir a porta de tela:

– Meninos!

Ouviram-se gritos e mais gritos e Beckett viu o rosto dela se iluminar.

– Clare, por que não me ligou para eu ir buscá-la?

– Peguei uma carona. Está tudo bem.

Beckett ouviu o barulho de uma cadeira se arrastando e, em seguida, Alva Ridenour apareceu à porta.

Ele fora seu aluno de álgebra no primeiro ano, e de cálculo no último. Usava óculos de armação prateada na ponta do nariz e seu cabelo, agora já grisalho, estava preso num coque arrumado.

– Ora, Beckett Montgomery. Não sabia que estava administrando uma frota de táxis.

– É só dizer aonde quer ir, Sra. Ridenour. O taxímetro fica desligado para a senhora.

Ela abriu a tela e os meninos vieram correndo até Clare para contar as aventuras do dia, fazer perguntas, pedidos, reclamações.

Alva passou por eles e deu uma cutucada no ombro de Beckett.

– Quando é que a pousada vai ficar pronta?

– Ainda vai demorar um pouco, mas quando estiver, eu a levarei pessoalmente para conhecê-la.

– Acho bom.

– Precisa de alguma ajuda com o carro?

– Não. Meu marido conseguiu levá-lo a uma oficina. Como vai sua mãe?

– Ocupada, e nos mantendo ocupados.

– Faz muito bem. Ninguém quer um bando de rapazes preguiçosos. Clare, já estou indo.

– Eu a levo em casa, Sra. Ridenour.

– São só duas casas daqui, Beckett. Estou parecendo inválida?

– Não, senhora.

– E vocês, meninos – ela usou aquela voz de professora aposentada e os três fizeram silêncio –, deem um descanso para sua mãe. Vou querer saber tudo sobre o primeiro dia de aula quando nos virmos da próxima vez. E, Liam? Vá guardar os carrinhos espalhados lá na sala.

– Mas Murphy...

– Foi você quem os trouxe lá de cima, é você quem tem que guardar. – Deu uma piscadinha para Clare. – Já estou indo.

– Obrigada, Alva.

– Ah, prometi que daria biscoitos com leite se não brigassem por meia hora. Eles conseguiram.

– Vamos aos biscoitos com leite, então.

– Você brigou com seus irmãos hoje? – perguntou Alva a Beckett.

– Não na última meia hora.

Ela soltou uma gargalhada enquanto saía.

Murphy puxou a mão de Beckett.

– Você quer ver meus Power Rangers?

– Você tem o Ranger vermelho da Força Mística?

Os olhos do garoto se arregalaram. Apenas concordou rapidamente antes de correr dali.

– Lave as mãos! – gritou Clare. – Ponto para você – murmurou para Beckett. – Vão lavar as mãos – disse aos outros meninos – se quiserem comer biscoito.

Eles obviamente queriam, porque saíram em disparada.

– Os Power Rangers são a obsessão atual de Murphy. Ele tem bonecos, DVDs, pijamas, camisetas, fantasias, carrinhos. Em abril, no aniversário dele, o tema vai ser Power Rangers.

– Eu também assistia. Tinha uns 12 anos. Hoje, acho muito bregas. Mas, na época, me conquistaram.

Enquanto falava, observava-a tirar pratinhos do armário e colocá-los na mesa: Power Rangers, Homem-Aranha e Wolverine.

- Qual é o meu?
- Como é que é?
- Não vou ganhar biscoitos e leite num pratinho de super-herói?
- Ah, claro. – Obviamente surpresa, ela voltou ao armário e pegou outro prato. – Han Solo.
- Perfeito. Já me vesti de Han Solo no Halloween.
- Quantos anos você tinha?
- Vinte e sete.

Beckett adorava o jeito dela de rir. Quando Clare trouxe quatro copos coloridos para a mesa, ele tomou sua mão.

- Clare.
- Tenho TODOS eles. – Murphy entrou carregando um cesto plástico branco cheio de bonecos. – Tenho os Rangers originais e a versão Fúria da Selva e, olha, tenho o Ranger rosa, mesmo que seja uma menina.

Beckett se agachou e tirou dali um Ranger verde.

- Essa, meu rapaz, é uma bela coleção.

Com os olhos ainda arregalados e uma seriedade fervorosa, Murphy assentiu.

- Eu sei.



Beckett ficou lá quase uma hora. Clare o teria beijado de novo só pelo fato de ter dado a seus filhos um fim de tarde tão agradável. Em nenhum momento pareceu cansado ou aborrecido com aquela conversa de super-heróis, poderes, aliados, inimigos.

Mas ele não a beijou.

É claro que não a beijara, pensou Clare ao pôr para assar batatas cortadas em pedaços, cobertas com azeite e ervas. Teria sido bem estranho fazer isso rodeada pelos meninos.

Colocou a tábua de cortar na pia – aquela era a melhor posição para observar os meninos, que tinham voltado a brincar lá fora no

parquinho – e amassou alguns dentes de alho para marinar o frango.

As crianças ficaram encantadas por ter um homem para brincar com elas.

Tinham o avô materno, é claro, e o pai de Clint quando vinha de visita, e Joe, o marido de Alva. Mas na verdade não tinham ninguém mais ou menos da idade que seu próprio pai teria.

Então, foi uma diversão.

Agora estava atrasada com o jantar, mas tudo bem. Eles comeriam um pouco mais tarde que o normal. Com uma noite tão bonita quanto aquela, podiam até comer na varanda, e depois os meninos ficariam um pouquinho no quintal antes de ir para a cama.

Misturou os ingredientes, jogou em cima dos peitos de frango, cobriu a vasilha e deixou-a de lado. Gostava de ficar na cozinha, ouvir as vozes dos meninos trazidas pela brisa cálida e o latido do cachorro do vizinho, sentir os aromas do forno e do seu pequeno jardim.

Então lembrou que precisava limpar as plantas e colher algumas coisas no fim de semana. E ainda havia as roupas que acabara não lavando por ter ficado tanto tempo na Vesta na noite anterior. Quando beijara Beckett nas sombras da pousada.

Era uma boba de ficar obcecada com isso, pensou. Tinha beijado outros homens após a morte de Clint. Haviam sido apenas dois, mas, bom, isso já a credenciava a usar o plural. O filho da vizinha da sua mãe, um rapaz adorável, que era contador e morava e trabalhava em Brunswick. Foram três encontros e dois beijos bem prazerosos. Mas não houvera nenhum interesse genuíno nem química de ambas as partes.

Depois fora um amigo da tia de Laurie, um advogado imobiliário de Hagerstown. Um cara bonitão, interessante, mas ainda muito ressentido com a recente separação. Um encontro, um beijo tenso de boa-noite. Ele chegara a lhe enviar flores com um pedido de desculpas por ter passado a noite falando da ex-mulher.

*Há quanto tempo foi isso?*, perguntou-se. Calculou, distraída, enquanto descascava as cenouras. Harry caíra do triciclo e perdera

um dente de leite da frente na manhã seguinte ao dia em que ela jantara com o contador. Ele tinha 5 anos na época.

Meu Deus, já fazia mais de três anos. E ela saíra com o advogado um dia depois de passar Murphy do berço para a cama, portanto ele tinha 3 anos. Havia dois anos, então.

O que era mais revelador: o fato de medir o tempo pelos pequenos acontecimentos da vida de seus filhos ou o fato de nem sequer pensar em encontros por dois anos?

Achava que uma coisa era equivalente à outra.

O frango cozinhava em fogo baixo, regado com vinho e ervas, quando ela ouviu a porta da frente se abrir e Avery gritar:

– Trouxemos presentes!

– Estamos aqui atrás! – Clare deu mais uma olhada pela janela antes de ir lá para a frente. – Hope. – Ela deu um abraço apertado na amiga. – Você está fantástica!

Essa era uma verdade constante. Ela agora irradiava elegância com a saia de verão casual e a blusinha bordada de um vermelho cor de pimenta.

– Ah, como é bom ver você. – Hope retribuiu o abraço com um apertão a mais. – Quanto tempo! Meu Deus, algo está cheirando divinamente.

– O jantar, que está um pouco atrasado. Ah, girassóis!

– Não consegui resistir a eles.

– Eu adoro girassóis. Entrem.

– Onde estão os meus homens?

Hope sacudiu as três sacolinhas que carregava.

– Não precisava trazer presentes.

– Mas eu me divirto fazendo isso.

– Ei, eu trouxe o vinho. – Avery deu uns tapinhas na bolsa pendurada em seu braço. – O que também é divertido. Vamos abri-lo para começar logo essa festa.

Hope foi direto lá para trás, rindo quando os meninos saíram em disparada em direção a ela e às sacolinhas de presente. Clare ficou observando a cena pela tela da porta enquanto Avery abria o vinho.

As crianças adoravam Hope, pensou Clare, com ou sem presentes. E ela realmente era encantadora. O ar sensual combinava

com a voz aveludada, o cabelo preto curtinho repicado combinava perfeitamente com as maçãs do rosto pronunciadas e os olhos ardentes de cílios longos.

Clare sabia que ela fazia vigorosos exercícios diários, que a deixavam parecendo ao mesmo tempo atlética e intensamente feminina.

– Caramba, como ela está bonita!

– Eu sei. Seria fácil odiá-la. – Avery passou uma taça de vinho para Clare. – Mas estamos acima disso. Nós a amamos apesar de sua beleza. E temos que falar com ela para aceitar esse trabalho.

– Mas se ela decidir que não quer...

– Estou com o Bom Pressentimento dos McTavish. Ninguém ousa ignorá-lo. Ela está infeliz em Washington.

– Não é de espantar – murmurou Clare, irritando-se de novo ao pensar no ex desgraçado da amiga.

– Hope falou em voltar para a Filadélfia, ou tentar Chicago, e eu sei, Clare, eu *sei* que não é isso que ela deve fazer. Ela deve ficar aqui, conosco.

– Bom, posso fazer a minha parte, exaltando a pousada e os Montgomerys. Só que a decisão, no fim das contas, é dela. – Passou o braço pela cintura de Avery. – Mas com certeza seria maravilhoso ter vocês duas por perto.

*Seria mesmo maravilhoso*, pensou Clare durante o jantar, enquanto a comida que tinha preparado era apreciada pelas amigas e os girassóis refulgiam na cabeceira da mesa.

Deixou os meninos gastarem as calorias do jantar e o excesso de agitação até o anoitecer.

– Vou lá colocá-los no curral.

– Quer uma ajuda para amarrá-los? – perguntou Avery.

– Não, eu me viro.

– Ótimo, porque, depois dessa refeição e do sorvete com morangos frescos, não tenho certeza se consigo me mexer.

Clare os chamou e ouviu os esperados lamentos e protestos.

– Nós temos um acordo – lembrou-os. – Deem boa-noite.

Eles obedeceram, de cabeça baixa, arrastando os pés, como se tivessem sido condenados a fazer trabalhos forçados.

Quando ela voltou, as amigas já haviam tirado a mesa.

– Eu diria que não precisavam ter feito isso, mas fico feliz que tenham feito. – Clare se deixou cair pesadamente na poltrona e pegou a taça de vinho que Avery completara. – Cara, como isso é ótimo. Seria tão bom se pudéssemos fazer isso sempre que quiséssemos...

– Desde que cheguei, Avery não para de falar da tal pousada.

– Bom, então agora é a minha vez. – Preparada, Clare se apurou e se inclinou para a frente. – Ela é mais do que uma simples pousadinha. Acho que vai ter uma atmosfera acolhedora e charmosa, combinada com o estilo de um hotel chique. Andei visitando algumas áreas, para ter uma ideia do layout, estudei fichas e fotos dos móveis e acessórios. Ainda estou encantada.

– Morar onde se trabalha... – falou Hope, pensativa, erguendo os ombros – tem seus prós e contras.

– Qual é, Hope, você praticamente morava no Wickham.

– Talvez. – Incapaz de negar esse simples fato, ela soltou o ar. – O Canalha e a Srta. Peitos estão oficialmente noivos.

– Eles se merecem – murmurou Avery.

– Ah, isso é. De qualquer forma, ela surgiu no meu escritório semana passada querendo falar dos planos do casamento, já que a celebração vai ser no hotel.

– Vaca!

– Concordo de novo. – Hope brindou com Avery. – Ontem, o chefe mandou me chamar. Queria falar do meu contrato que está prestes a terminar. Ofereceu um aumento, pois soube que eu estava pensando em pedir demissão. Recusei. Ele ficou sinceramente aturdido.

– Ele achava que você ficaria lá depois de ser tratada daquela forma pelo filho dele? – questionou Clare.

– Claro que sim. Quando percebeu que eu estava falando sério, dobrou o valor do aumento. – Com uma sobancelha arqueada, ela ergueu de novo a taça para outro brinde. – Dobrou a oferta sem pestanejar. Isso me deixou incrivelmente satisfeita. Quase tão satisfeita quanto ao dizer “Não, obrigada”. Ele ficou tão irritado que me dispensou de cumprir o resto do tempo do contrato.

– Ele *demitiu* você?

– Não, não me demitiu. – Hope sorriu diante da indignação de Clare. – Apenas fizemos um acordo. Já que eu sairia em questão de semanas, podia deixar o trabalho imediatamente. Então foi o que fiz.

– E você está bem? – perguntou Clare, inclinando-se para apertar a mão da amiga.

– Estou, sim. De verdade. Tenho uma entrevista semana que vem em Chicago, outra pendente na Filadélfia, e uma ainda em Connecticut.

– Fique conosco.

Hope também apertou a mão de Clare.

– Não descarto essa hipótese, senão não teria vindo. O que essas pessoas estão fazendo é instigante, admito. Quero ver e sentir isso. Estar tão perto de você e Avery é realmente tentador, mas o trabalho tem que combinar comigo.

– Vai cair tão bem em você quanto um dos seus terninhos Akris. E não precisa confiar só na minha palavra. – Avery deu de ombros, recostou-se na poltrona de forma casual e deu um sorriso satisfeito. – Você vai ver.

– Gosto da cidade, ou talvez devesse dizer que sempre gostei de passar um ou dois dias aqui quando venho fazer uma visita. Então, conte-me mais sobre os Montgomerys. Avery só falou o básico. Mãe, três filhos. Perderam o pai, que criou a empreiteira, cerca de dez anos atrás. São donos de várias propriedades na cidade e nos arredores.

– Eles salvaram a pousada. Havia rumores de que o prédio seria demolido por estar muito decadente. Teria sido um crime.

– Lembro como estava nas últimas vezes que vim aqui – comentou Hope. – Não deve ter sido nada fácil recuperá-lo.

– Eles têm bom olho e talento. Os três são carpinteiros e marceneiros espetaculares. Foram eles que fizeram esta varanda para mim.

– Ryder, o mais velho – prosseguiu Avery –, é o responsável pelo projeto. Owen é o encarregado dos detalhes, dos cálculos, de dar os telefonemas, de marcar as reuniões. A maioria delas. Beckett é

arquiteto. Clare pode falar mais a respeito dele, já que estão começando a namorar.

– Ah, é? – Hope ergueu as sobrancelhas. – Sério?

– Sério – respondeu Avery antes que Clare pudesse abrir a boca.

– Eles deram um beijo daqueles nos corredores escuros e assombrados da pousada.

– *Sério?* Espere, assombrados? Não, uma coisa de cada vez. – Hope agitou as mãos no ar como se estivesse apagando um quadro-negro. – Conte-me tudo sobre Beckett Montgomery agora mesmo. Eu o conheci brevemente no seu restaurante, Avery, mas só lembro que ele é um gato.

– Boa lembrança, mas Clare pode dar mais detalhes a esse respeito.

– Eu nunca devia ter contado a você sobre ontem à noite – arrependeu-se Clare.

– Até parece. Ele é lindo, os três são. O apartamento e escritório de Beckett fica em cima do restaurante.

– Ah, claro, mas é claro. Agora estou lembrando. Conheci Owen só o suficiente para dar um oi. Pelo menos dois deles são bem interessantes.

– Ryder segue a tradição. Bom, Beckett – Avery sorriu para Clare – se formou na Universidade de Maryland, trabalhando nos negócios da família no verão, e estagiou numa empresa de Hagerstown por uns anos. Agora está em tempo integral na Empreiteira Montgomery, administrando as questões arquitetônicas, e ainda afivela o cinto de ferramentas quando é necessário. Cinto que, por sinal, lhe cai muito bem.

– Talvez fosse melhor *você* sair com ele.

Avery apenas continuou rindo para Clare por cima da taça de vinho.

– Beckett nunca me lançou um olhar de cachorrinho carente. Ele é caidinho por Clare desde a época da escola. Disse isso a ela.

– Aahh!

Avery deu uma palmadinha no braço de Hope.

– *Eu sei.* Vão sair na sexta à noite.

– Aonde vão?

Clare se remexeu na cadeira.

– Não sei. Jantar, acho. Ele vem me buscar às sete. Então só pode ser um jantar.

– O que você vai vestir?

– Não sei. Meu Deus, não tenho a mínima ideia. Não me lembro mais como se faz esse tipo de coisa.

– Estamos aqui para ajudar – assegurou Hope. – Vamos lá em cima escolher uma roupa.

– Nem sei se tenho roupa para ir num encontro. É tudo roupa de mãe ou de ir para a livraria.

– Eu adoro as suas roupas – discordou Avery.

– Vamos ver o que você tem. Se não acharmos nada que a deixe satisfeita, vamos fazer compras.

– Não tenho tempo para...

– Clare, você já fez compras comigo. – Hope ergueu um dedo. – Sabe muito bem que, em vinte minutos, consigo encontrar a roupa perfeita, além de sapatos, acessórios e o que mais for preciso.

– Ela tem esse dom – concordou Avery e acrescentou para Hope:

– Viu que divertido? Podemos fazer isso sempre depois que vier morar aqui. Você precisa se mudar para cá agora. Fique na minha casa enquanto as obras da pousada não terminam. Vai ser perfeito. Vamos dividir um apartamento de novo. Você vai conhecendo o lugar, as pessoas, vai se familiarizando com a pousada antes de começar a trabalhar lá.

– Adiantar-se aos acontecimentos sempre foi um dos seus talentos. Ainda nem vi o lugar. E, mesmo se eu decidir que quero o trabalho como quero um par de sapatos Manolo, não há qualquer garantia de que serei contratada. A mamãe e os filhos podem não gostar de mim.

– Isso nunca aconteceria; eles são muito espertos. Especialmente Justine. Ah, se é. – Avery agitou a taça de vinho. – Já soube da lojinha de presentes?

– Estive lá mais cedo – respondeu Clare. – É o imóvel ao lado da livraria – contou a Hope. – Os inquilinos saíram de lá e os Montgomerys vão transformá-la numa loja de presentes, especializada na arte local. Querem vinculá-la à pousada.

– É uma ótima ideia.

– Eles têm várias ótimas ideias – afirmou Avery.

– Aham. Conte-me sobre a assombração.

– É uma mulher que gosta de madressilvas. É tudo o que sei. – Avery deu de ombros. – A parte original do prédio é a casa de pedra mais antiga da cidade. De 1790 e sei lá o quê. Então ela pode ser de qualquer época. Quer saber? Owen deveria investigá-la. Não é isso que ele faz, investiga?

– Foi com Owen que eu falei. É um homem detalhista. Esse fantasma amante de madressilvas tem causado algum problema?

– Não que eu saiba. E eu saberia, e Clare também. Os operários comem sempre lá no restaurante e vão tomar café ou ler um livro nas horas vagas. Eles fariam sobre isso, pode acreditar. Talvez você faça algum contato quando for lá amanhã. Clare, você tem que ir também.

Clare acordou de seu devaneio, desviando o olhar do jardim na penumbra, que estava precisando de uma poda.

– Não acho que os Montgomerys vão querer três meninos correndo por lá. Além disso, não é seguro.

– Não deve demorar muito. Posso pedir a Franny para olhá-los por meia hora. Ela vai trabalhar amanhã.

– Não sei... Deixe-me pensar. Talvez pudesse deixá-los na casa da minha mãe um pouco. Um pouquinho só. Ainda preciso fazer um monte de preparativos para a volta às aulas, além de arrumar a casa e o jardim.

– A visita vai ser às dez.

Clare repassou mentalmente sua agenda do dia seguinte.

– Talvez. Estarei lá se conseguir.

– Ótimo. Agora – Hope esfregou as mãos –, vamos ver seu armário.

## capítulo sete



COMO TINHAM COMBINADO, OWEN chegou na Vesta às nove e meia para entrevistar Hope. Já que prometera não se meter, Avery foi se ocupar com os preparativos matinais: acender os fornos e fazer os molhos para que estivessem prontos às onze, na hora de abrir a pizzaria.

Quando Owen entrou, Hope estava sentada diante do balcão tomando um café e repassando suas anotações.

Owen passou sua maleta para a mão esquerda e estendeu a direita.

- Hope.
- Owen.
- Fico feliz em vê-la novamente. Obrigado, Avery.
- Tudo pelo bem comum – disse ela lá do fogão. – Quer café?
- Seria ótimo. Vou aí me servir.

Sentindo-se em casa, ele deu a volta no balcão e foi até a chaleira que estava no fogo, serviu-se uma xícara, e em seguida pôs uma colher de açúcar.

– Por que não vamos para uma mesa? – sugeriu a Hope. – Então, como foi a viagem para cá?

- Nada mal.

Ela se sentou, analisando-o e sabendo que ele fazia o mesmo a seu respeito. Seus olhos, de um azul claro e sereno, a fitavam diretamente.

– Saí cedo o bastante para não pegar trânsito – acrescentou Hope.

- Não vou muito a Washington. O trânsito é um dos motivos. –

Esboçou um sorriso, que suavizou os ângulos de seu rosto. – As coisas por aqui se movem mais devagar.

– É, tem razão. É uma bela cidade. – Ela mantinha seu tom neutro, descompromissado. – Aproveito bastante quando venho visitar Avery e Clare.

– É uma diferença e tanto para Georgetown.

Estavam dando voltas, pensou ela. Bom, sabia executar essa dança.

– Estou querendo uma mudança. A recuperação e o redesenho de um prédio como o da pousada, que carrega tanta história, deve ter sido uma grande mudança com relação ao tipo de trabalho que a Empreiteira Montgomery fez no passado. Você e sua família já tinham recuperado prédios antigos, inclusive este em que estamos, mas nada em grande escala. Deve ter sido um desafio e tanto.

– Foi, sim.

– E ser proprietário de uma pousada, com todas as suas demandas, dificuldades, particularidades, deve ser uma enorme mudança no papel de patrão mais tradicional.

Quem estava entrevistando quem?, pensou ele, decidindo que gostava dela.

– Pensamos sobre isso por um longo tempo, discutimos nossos pontos de vista e chegamos a uma visão bem específica. Vamos fazer com que ela vire realidade.

– Por que uma pousada?

– Aposto que pesquisou sua história.

– Mas não descobri o motivo de você e sua família terem concebido essa visão em particular.

Ficou observando-a enquanto o questionava. Estava ganhando pontos – pela aparência, em primeiro lugar. Tinha um porte físico de matar e sabia tirar proveito disso. O cabelo repicado combinava com seus olhos. O corte e o tom vermelho enferrujado de sua roupa caíam como uma luva em seu corpo e transmitiam controle e autoridade.

Os olhos grandes e sensuais, percebeu Owen, eram compensados por um ar de frieza.

Era uma bela combinação.

– Originalmente era uma estalagem – contou a ela –, um lugar de descanso para viajantes e seus cavalos, onde podiam fazer uma refeição. Com o passar do tempo, o lugar teve vários proprietários. O nome mudou, mas por mais de um século serviu de pousada. Vamos voltar a transformá-lo numa, respeitando sua história. Mas adaptando-a ao século XXI.

– Já andei me inteirando de alguns de seus recursos.

Ela sorriu de novo, abrandando um pouco a frieza.

Ele lhe deu mais alguns pontos.

– Estamos nos divertindo bastante. Esta região tem muito a oferecer aos visitantes. A Batalha de Antietam, grutas de cristais, o Parque Nacional de Harpers Ferry e muito mais. Neste momento, não há um lugar para esses visitantes ficarem em Boonsboro. Quando havia, as pessoas vinham para cá, queriam comer, comprar, passear por aí. Queremos dar a elas uma experiência única num lugar bonito com serviço excepcional.

– Exclusivo, individual, histórico. É um conceito interessante esse de batizar os quartos com nomes de casais famosos da literatura.

– Casais de romances. Cada quarto tem seu próprio sabor, sua atmosfera única. Os casais são a maior clientela dos hoteizinhos que oferecem café da manhã. Queremos atraí-los para luas de mel, comemorações de aniversário de casamento ou alguma data especial. Dar a eles uma estadia memorável, para que queiram voltar e possam fazer propaganda para os amigos.

*E agora chega de falar de nós*, pensou ele, tomando um gole de café.

– Seu currículo sem dúvida a qualifica para o cargo de gerente.

– Eu trouxe uma cópia impressa do arquivo que enviei por e-mail, caso queira.

– Claro.

– É necessário que o gerente more na pousada.

– Não dá para administrá-la a distância. Forneceremos o alojamento: um quarto duplo no terceiro andar com sala, banheiro, uma pequena cozinha. Mas o gerente teria acesso à cozinha principal e à lavanderia da pousada.

– Ela ou ele teria que cozinhar.

– Só o café da manhã.

– Pensei que queriam algo mais que isso. Se vão disponibilizar o serviço de uma pousada para pernoite com café da manhã, teriam que oferecer cookies e muffins caseiros ou outro tipo de comida para se consumir durante o dia. E queijos e vinhos para a noite.

– Seria um detalhe interessante.

– Avery teve a ideia de um serviço de entrega para os hóspedes, se eles não quiserem sair para comer.

Owen virou-se para trás e olhou para a cozinha.

– Esperta. Podemos pôr o cardápio dela nos quartos. Bem esperta – repetiu ele, e fez uma anotação.

– Ainda há muitas questões práticas, Owen. A lista de obrigações, salário, dias de folga. Faxina, lavanderia, orçamento, manutenção. Quem quer que aceite o cargo vai precisar de um assistente. Ninguém pode trabalhar 24 horas, sete dias por semana, 52 semanas por ano.

– Então vamos conversar a respeito disso.

Enquanto eles discutiam os pormenores, Justine chegou. Os óculos escuros eram de aro verde-menta para combinar com suas botinhas. Acenou para Avery e foi direto até a mesa.

– Você deve ser a Hope. Sou Justine Montgomery. – Apertou a mão da moça e fez um carinho no ombro do filho. – Como estão as coisas por aqui?

– Com muitas perguntas – respondeu ele. – E muitas ideias novas.

Hope se ajeitou na cadeira para olhar Justine nos olhos.

– Vocês já tiveram várias. Estou impressionada com a quantidade de detalhes essenciais que foram decididos. O planejamento de vocês é bem abrangente, considerando-se que nunca se dedicaram a esse mercado.

– Fizemos muita pesquisa com amigos e familiares que viajam com bastante frequência. Pedimos que listassem o que teria a sua pousada dos sonhos. Achamos que a experiência vai ser nossa maior mestra, mas queremos acertar tudo o que for possível logo de cara.

– Posso lhe servir um café, Justine? – perguntou Avery.

– Vou pegar um refrigerante. Estou andando desde as seis –

respondeu enquanto tirava a bebida da geladeira. – Meu cérebro não quer desligar. Imaginei que Owen estivesse falando de todos os detalhes com Hope, descrevendo o trabalho e tudo o mais. Por isso, decidi passar aqui um instante antes de irmos à pousada para dizer o que exatamente estou querendo.

– Mas é claro.

– Precisamos de alguém apresentável, que saiba lidar com o público, enfrentar todas as dificuldades. Sem dúvida você não teria trabalhado tanto tempo no Wickham se não pudesse fazer tais coisas. Só que eu quero mais.

Observando Hope, Justine abriu a garrafa de Coca Diet.

– Quero alguém capaz de criar raízes, que veja a pousada, e a cidade, como sua casa. Alguém assim será mais feliz no trabalho e o fará melhor. No dia a dia, uma coisa aqui, outra ali que fosse surgindo seria solucionada mais depressa. Mas você teria que se doar, se apaixonar pelo projeto ou ele não serviria para você nem para nós.

Ela sorriu e prosseguiu:

– Garanto que Owen está pensando que é mais importante que você saiba mexer no programa de reservas, fazer bem os registros, manter em dia os dados dos clientes, encontrar um quarto disponível quando houver uma urgência. Imagino que você tenha conhecimento disso tudo e muito mais, caso contrário Avery nem a teria indicado. Mas esse não é só um trabalho, não para nós. Esse lugar precisa de amor. Já lhe demos bastante. Quero deixá-lo nas mãos de alguém que possa fazer o mesmo. E que saiba fazer waffles gostosos.

– Não sei se sou a pessoa certa – disse Hope com todo o cuidado. – Não sei se essa é a situação e o lugar certos para mim. Minha vida... está à deriva no momento. Só sei que me interessa. E já estou encantada pelo conceito e por seus propósitos.

– Já é um começo. Por que não vamos até lá dar uma olhada? Você e Owen podem falar sobre os detalhes mais tarde.

– Adoraria ir até lá.

– Já, já alcanço vocês – falou Avery. – Assim que Franny chegar.

– A porta dos fundos vai estar aberta. – Owen se levantou,

pegando a maleta. – Ry e Beck estão trabalhando lá desde cedo.

– Você vai precisar usar a imaginação – continuou Justine quando saíram. – Já avançamos bastante, mas ainda falta muito para fazê-lo brilhar.

– É um grande projeto. Belo trabalho de cantaria.

Hope observava as linhas do prédio enquanto caminhavam até ele.

Justine falava sobre um pátio onde Hope só via escombros e barro solidificado. Mas as varandas eram promissoras, com aquelas balaustradas charmosas.

Entraram no saguão e Hope ouviu Justine falar de ladrilhos e mesas, arte e flores. Depois passou sob o arco que dava no que seria a sala de jantar. O teto em caixotões, com ripas brancas sobre um marrom-escuro, descreveu Justine. Ali haveria mesas de madeira lustrosa, sem toalhas, com um vasinho de flores em cada uma. Um pequeno arco com as pedras originais do prédio ficaria exposto na parede dos fundos, com um grande bufê entalhado à sua frente. As luminárias seriam de ferro, num padrão de folhas de carvalho, com grandes globos de vidro em formato arredondado.

Hope quase chegou a visualizar tudo nas paredes ainda por pintar, no piso de cimento, em meio aos materiais amontoados. Observou o ambiente a tal ponto que teve certeza de que faltava um par de aparadores, talvez sob as maravilhosas janelas laterais.

Desceram para ver mais pedras e tijolos expostos; passaram pelo que seria a lavanderia e o escritório e entraram no espaço reservado à cozinha.

Mais uma vez ouviu as descrições, tentando imaginar os armários, muitos com portas de vidro para dar uma quebrada na rigidez da madeira escura. As bancadas de granito e os eletrodomésticos de aço inoxidável, o forno embutido, o fogão na ilha feita de madeira clara para contrastar com a escura.

– Não tem porta na cozinha?

– Vamos deixá-la aberta. – Com os óculos no alto da cabeça e os polegares nos bolsos da calça, Justine dava uma boa olhada no ambiente. – Queremos que os hóspedes se sintam em casa assim

que entrarem aqui. Vamos manter a geladeira sempre abastecida com bebidas geladas: refrigerantes, sucos, água.

– Como um grande frigobar?

– Mais ou menos isso. Os hóspedes devem se sentir à vontade para se servirem. Não vamos ficar cobrando por todos os serviços. Uma vez que estiverem aqui, o valor pago pela estadia cobrirá o restante. Se quiserem uma xícara de café antes do desjejum, ou a qualquer hora, e a gerente não estiver por perto, podem vir aqui preparar ou pegar um na máquina que vamos pôr na biblioteca no segundo andar. Talvez devêssemos deixar aqui uma grande bacia com frutas da estação. Ou uns cookies.

– Ela já havia pensado nos cookies – observou Owen.

– Viu, estamos na mesma sintonia. Essa é a ideia. Relaxar, aproveitar, ficar à vontade.

Hope foi tomada por uma espécie de conforto cálido, que se intensificou à medida que se encaminharam para a recepção. Com tantas caixas e ferramentas, mal podia ver o ambiente, mas começou a imaginá-lo. Duas poltronas verdes de encosto curvo diante da lareira de tijolos aparentes. Nada de escrivaninha, nada de balcão, mas uma longa mesa feita sob medida para a gerente. Pisos de ladrilhos, como os da cozinha e do saguão, e todas as janelas trazendo luz para o ambiente.

Fez perguntas práticas sobre check-in, computadores, armazenagem, segurança, mas só quando acabaram de ver o andar térreo e começaram a subir é que entendeu por que os Montgomerys haviam se apaixonado pelo local.

– Parece que meus outros filhos estão no terceiro andar. – Justine se virou para olhar para trás. – Por que não vamos direto para lá e vemos o apartamento do gerente? Assim, você conhece o resto da família.

– Perfeito.

Sentiu um ligeiro puxão do lado esquerdo quando se dirigiram ao terceiro andar.

– Elizabeth & Darcy – informou Justine ao vê-la hesitar. – Os dois quartos da frente têm acesso à varanda virada para a Main Street.

Por um instante, Hope pensou ter sentido cheiro de madressilva.

Virou-se, olhou para dentro e deu um pulo quando Avery gritou lá de baixo:

– Vocês estão aí em cima?

– Subindo para o terceiro! – respondeu Owen.

– Demorei mais do que esperava – disse Avery ao surgir. – O que está achando?

– É grande e maravilhosamente bem-pensado. Dos quartos, só vi o para deficientes, no térreo. Vamos direto para o terceiro andar, depois desceremos.

– Vai poder ver seu apartamento.

Assentindo com condescendência, Hope continuou subindo, segurando num corrimão improvisado. *É só imaginação*, pensou, soltando a mão. Podia jurar que tinha tocado num metal suave.

– O apartamento do gerente – anunciou Justine com um gesto. – E a cobertura, onde alguém está trabalhando.

Hope deu um passo atrás. Ouviu o sibilar e o golpe seco de uma pistola de pregos antes de vê-lo. Raios de sol entravam pela janela onde ele estava trabalhando. Por um segundo, não conseguiu distinguir o rosto, apenas teve uma impressão de força e competência quando a ferramenta voltou a ser usada.

Ele passou a mão pela madeira; era o mesmo tipo de painel que tinha visto emoldurar as janelas do térreo. Depois, baixou a pistola e se virou.

Fitou-a com olhos frios e avaliativos. De algum lugar ali perto, veio o som de outra pistola de pregos. Justine os apresentou, mas Hope estava com os ouvidos zumbindo. Ao ouvir o nome do rapaz, sentiu um súbito e tolo alívio por aquele não ser Beckett.

Ryder.

Ela apertou sua mão, que estava com um arranhão cicatrizando no dorso, e sentiu a palma forte, com calos.

– Como vai?

– Bem, obrigada.

Mas não tinha tanta certeza. O calor aumentara, parecendo se concentrar naquele local. Seu cérebro estava latejando com o excesso de detalhes e imagens.

De repente, quis desesperadamente se sentar e tomar qualquer

coisa bem gelada.

– Você está bem, querida?

Olhou para Justine, cuja voz parecia ter atravessado um longo túnel.

– Ah... acho que tomei café demais hoje de manhã – foi o que conseguiu dizer. – Estou um pouco desidratada.

Ryder abriu um *cooler* e tirou uma garrafa de água. Como ela só ficou olhando, ele a abriu.

– Então se hidrate.

– Obrigada.

Pela primeira vez notou o cachorro, um vira-lata marrom magnificamente desengonçado, sentado com a cabeça meio de lado, observando-a.

– Que detalhe adorável – comentou, evitando tomar metade da garrafa de um só gole. – Os painéis laterais.

– É, ficou ótimo mesmo.

– Merda, fiquei sem munição. Você tem...? – perguntou Beckett ao aparecer. – Ah, oi.

– E esse é Beckett – apresentou Justine. – Estamos mostrando a pousada para Hope.

– Oi. Acho que já nos encontramos por uns cinco segundos alguns anos atrás. Bem-vinda à cobertura. Acabei de vir do fim do corredor, onde supostamente será seu apartamento. É... Clare não veio com vocês?

– Liguei para ela antes de vir – respondeu Avery. – Ela teve que parar na Virando a Página para resolver um problema com a internet.

– Deixe-me mostrar o resto deste aposento antes de passarmos ao apartamento – disse Justine. – Aqui será a sala de estar e, no fim do corredor, a porta que dá acesso à varanda do terceiro andar. Os quartos ficam nos fundos, com um banheiro entre eles.

Hope a seguiu por um pequeno corredor e se espantou.

– Mas é um espaço *enorme*. Adorei a parede flutuante.

– Meu filho é arquiteto. Deste lado haverá uma bancada com duas pias e, lá, o chuveiro. A banheira, belíssima, fica do outro lado da parede. Queremos que este lugar seja exuberante, então vai ter

ladrilhos intrincados, alguns mosaicos, arandelas de cristal com detalhes de níquel escovado. Contemporâneo com um toque de Velho Mundo.

A cobertura era mesmo um luxo, percebeu Hope. Tinha aquela grande cama com dossel de quatro colunas com entalhes ornamentais, elegantes banquinhos a seus pés e uma graciosa cadeira de encosto reto, sem braços.

Percebeu que eles tinham feito o espaço valer a subida até ali.

Já se sentia bem de novo quando atravessaram o corredor para conhecer o apartamento. Ali se viam mais daquelas janelas maravilhosas. A cozinha era pequena, mas Owen tinha razão: ela não precisava de uma maior. Ficava ligada à sala de estar que ela poderia tornar acolhedora e útil a um só tempo. Não chegava nem perto do espaço que tinha hoje em dia, mesmo com o segundo quarto, mas dava acesso à varanda e ficava naquela grande pousada tão belamente decorada.

Era, sem dúvida, mais que adequado, disse consigo mesma, percorrendo o local. E tinha mais que o dobro do tamanho de seu primeiro apartamento, que também ficava num terceiro andar sem elevador.

Não teria problemas com o espaço para roupas e calçados: poderia usar o segundo quarto, já que seu escritório ficaria lá embaixo. Se quisesse receber visitas, poderia...

Quando foi que decidiu que queria aquele trabalho, aquele local?

– É um espaço ótimo e prático, além de bem distribuído.

– Se chegarmos a um acordo, você pode escolher a cor que quiser para as paredes – disse Justine, com um sorriso. – Podemos agora ver a Westley & Buttercup, nossa outra suíte. Ela tem uma entrada própria pelo lado externo.

– Vou adorar conhecê-la.

Estava adorando tudo, mas sabia perfeitamente que não podia se lançar em algo assim sem apurar detalhes, negociar os termos, pensar bem.

Aquela seria uma enorme mudança: de moradia, de estilo de vida, de carreira. Não podia tomar uma decisão sem refletir bastante sobre o assunto.



– Vai ficar um espetáculo. – Estava no saguão novamente, dando uma última olhada. – Cada quarto é especial, ou vai ser. E o prédio tem personalidade, uma energia incrível.

– Você se apaixonaria por ele? – perguntou Justine.

Com um meio sorriso no rosto, Hope balançou a cabeça.

– Acho que já me apaixonei.

– Quer o trabalho?

– Mãe, nós ainda temos...

Justine fez um gesto de desagrado para Owen.

– Nós deveríamos... – começou Hope, mas então se interrompeu: – Quero. – Era apavorante dizer isso, porém se tratava da mais pura verdade. – Quero mesmo.

– Está contratada.

Avery deu um gritinho e agarrou Hope, que estava perplexa, puxando-a para uma dancinha em círculo. Depois, fez o mesmo com Justine. Quando se virou para Owen, ele ergueu as mãos.

– Isso é coisa de menina.

Então ela lhe deu um soco no braço.

– Estou tão feliz! Tão empolgada! Hope!

Ela agarrou a amiga de novo, aos pulos.

– Eu... Sra. Montgomery, tem certeza disso?

– Me chame de Justine. Estamos juntas nisso agora. Tenho certeza. Owen e os irmãos vão pôr você a par de tudo. Agora, por que nós duas não vamos almoçar na Vesta, por volta de meio-dia e meia? Podemos tomar vinho e conversar um pouco mais.

– Ah, sim, claro.

Clare bateu à porta e a abriu.

– Não sabia se ainda estariam aqui. Não consegui vir antes. Para cada coisa que deu certo hoje de manhã, três deram errado. Já viram tudo?

– Cada aposento – respondeu Avery, com um sorriso meio alucinado.

– Ah, ok.

– Depois levo você para ver as partes que ainda não conhece, se quiser. – Justine pôs a mão no ombro de Hope. – Mas, antes, cumprimente a nossa nova gerente.

– Você... Sério? Sério *mesmo*? Ah, Hope!

Hope disse a si mesma que estava zonzinha porque Clare a apertava com força, deixando-a sem ar, e não porque tinha acabado de tomar uma das maiores decisões de sua vida, guiada mais pela emoção e o instinto do que pela análise e a razão.

Como as mulheres estavam falando pelos cotovelos, Owen resolveu escapar e voltou a subir. Encontrou os irmãos discutindo a logística da bancada da pia do banheiro da cobertura.

– Mamãe a contratou.

– Esteticamente, vai combinar melhor se nós... – Beckett parou no meio da frase. – Ahn?

– Eu disse que mamãe contratou Hope Beaumont.

– Como assim ela a contratou? – Ryder guardou a trena no cinto de ferramentas. – Ela não pode simplesmente sair por aí contratando gente.

– Bem, foi o que ela fez. – Owen passou a mão no cabelo. – No ato. Não pude nem abrir a boca, porque elas começaram a dar gritinhos e dançar, especialmente depois que Clare chegou e se juntou ao coro.

– Clare está aqui?

– Não desvie do assunto! – exclamou Ryder. – Como você foi deixar isso acontecer, caramba?

– Ei, não venha me culpar. Por um lado, Hope é mais do que qualificada, mas...

– Qualificada para ficar desfilando num hotel chique de Washington, onde conta com empregados e dinheiro à vontade. Meu Deus, ela subiu só alguns lances de escada e parecia que ia desmaiar – reclamou Ryder, contrariado. – Provavelmente porque veio dar uma volta numa área em construção usando sapatos de salto agulha. Pelo amor de Deus, ela estava de terninho.

– Bom, estava vindo de uma entrevista.

– Ela é da cidade grande. O gerente vai ser o pilar de

sustentação desta pousada. Você e mamãe conversaram com ela por cinco minutos e ela já foi contratada!

– Eu a entrevistei por pelo menos uma hora, sem contar o telefonema do outro dia. Examinei seu currículo, pesquisei a seu respeito. – Quanto mais Ryder fazia objeções, mais Owen defendia a atitude da mãe. – Ela é inteligente, conhece bem o trabalho. Mencionou detalhes que nós nem tínhamos chegado a pensar e deu sugestões.

– Dar sugestões é mole. Colocá-las em prática é que são elas. O que vai acontecer na primeira vez que alguém derramar café no chão? Ela vai chamar o setor de manutenção e limpeza? Nós não temos isso.

– Você ao menos leu o currículo dela? – rebateu Owen. – Ela trabalha desde os 16 anos. Foi garçonzete quando estava no ensino médio.

– Grande merda. Isso foi no ensino médio. E agora? O que aconteceu com a ideia de discutirmos os elementos-chave deste lugar e fazermos uma votação?

– Pergunte à mamãe. Mas se isso tiver que ser votado, eu concordo com ela.

A discussão reforçara sua posição.

– Ah, que ótimo. E você? – perguntou Ryder, apontando para Beckett.

– É, Beckett – interveio Justine, aparecendo à porta –, e você?

Todos ficaram paralisados, inclusive Clare, que tinha subido com Justine. Quando tentou dar um passo para trás a fim de se manter afastada, Justine a segurou pelo braço.

– Não, tudo bem. Isto não vai demorar. Pelo visto Ryder tem algumas objeções quanto à minha escolha. E vi que Owen não tem.

– Talvez eu devesse... É, na verdade não tenho – decidiu-se Owen. Sabiamente.

– Beckett?

O caçula olhava ora para a mãe, ora para Clare.

– Eu só falei com ela por um segundo. É um posto fundamental, como disse Ry. É o posto fundamental. Mas li o currículo dela e concordo com Owen: a moça é mais que qualificada. E, obviamente,

conseguiu passar uma ótima impressão, caso contrário você não a teria contratado. Então... acho que temos uma gerente.

– Então está decidido. Agora, antes que eu leve Clare para ver o W&B, vou dizer a vocês três, seus *imbecis*, que têm muita sorte por Hope não ter vindo comigo. Quem sabe ela teria mudado de ideia sobre trabalhar para um trio de homens grosseiros e cruéis. E você – acrescentou, apontando para Ryder –, vou lhe dar seis semanas depois que Hope tiver começado a trabalhar aqui para se desculpar por ter questionado minha escolha.

– Mãe...

– É tudo o que tenho a dizer. – Ela o cortou, com o dedo em riste. – Vamos, Clare.

Ela lhes lançou um olhar de desculpas e foi atrás da irritada Justine.

– Ótimo – murmurou Beckett, esfregando o rosto com as mãos. – Essa foi incrível.

– “Acho que temos uma gerente” – imitou Ryder. – Você só concordou porque quer se dar bem com a Clare.

– Caramba, quer calar a boca? Isso não tem nada a ver com a Clare. – Ou quase nada. – Ela é qualificada. Mamãe gosta da moça. E pronto.

– Nós nem ao menos a conhecemos.

Embora estivesse bastante irritado, Beckett assentiu.

– Então precisamos conhecê-la. Temos um apartamento em frente à St. Paul. Ele está vazio no momento. Podemos deixá-la se instalar lá, pondo-a para trabalhar com mamãe e Owen por um tempo. Fazendo pedidos de materiais, organizando os inventários ou o que quer que seja. Ela vai experimentar o que é morar numa cidade pequena e nós vamos poder ter uma noção melhor a seu respeito.

Ryder abriu a boca para protestar, porque era o que sempre fazia, mas desistiu.

– Essa é uma ótima ideia. Se ela não der conta ou for um desastre, vamos saber antes que seja tarde.

– E se eu puder me livrar de parte das ligações, das listas, do trabalho sujo, teria mais tempo para ficar aqui e na loja – completou

Owen, assentindo. – Vamos oferecer a ela o apartamento e uma pequena ajuda de custo. Isso pode funcionar. Se ela aceitar.

– Fale com a mamãe – sugeriu Ryder. – Ela consegue fazê-la aceitar.

– Eu vou falar com ela. A ideia foi minha – acrescentou Beckett e saiu.

Ele as encontrou na base da escada externa.

– Ei! Esperem um minuto. Desta vez consegui ver tudo? – perguntou a Clare enquanto descia.

– Consegui. Vai ficar maravilhoso. Tive mais ideias. – Deu umas batidinhas no bloco de anotações. – Vou conversar com Justine sobre elas assim que eu der uma organizadinha. Obrigada por terem me mostrado tudo. Preciso mesmo ir andando agora.

– Pode esperar um minuto? Assim, poderá dar sua opinião. Mãe, que tal perguntar a Hope se ela não quer se mudar agora para cá ou o mais cedo possível? Poderia ficar no apartamento do outro lado da rua. Dessa forma, ela se acostumaria à cidade, conheceria a região. E ajudaria você e Owen.

Justine baixou um pouco os óculos escuros e olhou para ele por cima da armação.

– De quem é essa ideia?

– Bom, minha, mas Ry e Owen...

– É uma excelente ideia. Você é, pelo menos temporariamente, meu filho favorito. Vou falar com ela no almoço. Depois conversamos, Clare. Me mande por e-mail parte do texto assim que achar que está pronto.

– Pode deixar.

– Vou ligar para Carolee.

Justine pegou o celular enquanto se afastava.

– Desculpe-nos pelo drama familiar.

– Temos muitos desses também. Ryder não quer mesmo que Hope seja a gerente?

– Só está irritado por mamãe não o ter consultado. – Beckett omitiu questões como *cidade grande*, *terninho* e *salto agulha*. – Ouça, pensei em passar na sua casa mais tarde para dar uma ajuda com o quintal.

– O quintal?

– Cortar a grama para você. Não lembrei disso.

– Ah, que gentil, mas já cortei hoje de manhã.

– Hoje de manhã? Mas ainda é de manhã.

– As crianças nunca dormem em casa aos sábados, especialmente no verão. A vantagem é que posso realizar um monte de tarefas antes do meio-dia, o que é ótimo, pois sábado é meu dia de fazer tudo. Deixo o domingo para fazer o que não consegui dar conta. Mas obrigada.

– Pode contar comigo. De verdade.

– Ok, vou me lembrar disso. Tenho que pegar as crianças na casa da minha mãe e passar no mercado. Estou tão feliz que tenham contratado Hope... Ela é perfeita para a pousada, e a pousada vai ser perfeita para ela. Bem, até mais.

– Ah, venha cá. – Ele a puxou de lado, parando sob uma das varandas. – Senti falta de fazer isso ontem.

Beijou-a de uma forma gentil e natural. Quando ela passou o braço livre por seus ombros, resolveu prolongar aquele momento.

– Isso é melhor que me ajudar com o quintal – murmurou ela.

– Posso fazer as duas coisas, quando quiser.

Ela ainda levaria um tempo para se acostumar com isso.

– Acho que vou ver você na segunda.

Ele passou a mão pelo rabo de cavalo dourado de Clare.

– Ligo mais tarde.

– Ok.

Levaria um tempo para se acostumar com tudo aquilo, pensou ela, entrando no carro. Telefonemas, beijos e encontros na sexta à noite. Era quase como estar no ensino médio de novo... bem, a não ser pelas crianças, o mercado, as roupas esperando para serem dobradas e os livros de contabilidades da livraria para conferir.

Deu uma última olhada na pousada e se afastou. O prédio se encontrava lá por mais de dois séculos e, de alguma forma, estava mudando tudo.

## capítulo oito



JÁ QUE TRABALHAR NO quintal de Clare não estava na sua agenda de fim de semana e não conseguiu pensar em nenhuma desculpa razoável para dar uma passada na casa dela, Beckett dedicou um tempo a mais ao negócio da família. Acompanhado pelos cachorros e o iPod, construiu a moldura de madeira para o arco de pedra que separava o saguão do corredor de entrada.

Não se dedicava tanto à carpintaria como seus irmãos, mas gostava de trabalhar nisso. Por um instante, ficou feliz por estar sozinho na oficina.

Lembrava que o pai tinha lhe ensinado como usar as serras, o torno, a plaina. Thomas Montgomery era paciente, mas esperava precisão.

*Não tem sentido fazer algo se for pela metade.* Era seu lema de vida, pensou Beckett.

Nossa, seu pai teria adorado aquele projeto. Tudo ali teria atraído sua atenção e o desafiado. Ele amava aquela cidade, os prédios antigos, seu ritmo, suas cores e seus tons.

Sentava diante do balcão do Crawford's para comer ovos com bacon e batatas fritas e jogar conversa fora com as pessoas mais interessantes que estivessem por lá.

Nunca perdera um desfile ou queima de fogos do Quatro de Julho no Shafer Park, pelo que Beckett se lembrava. Resolvera patrocinar um time das ligas inferiores e a empresa da família dera continuidade. Chegou a ser treinador por alguns anos.

A seu modo, supunha Beckett, sem mentir ou impor nada, ensinou aos filhos o que era fazer parte de uma comunidade. E a valorizar isso.

É, ele adoraria aquele projeto, pelo trabalho, pelo prédio e pela comunidade.

Nada ali seria feito pela metade.

Beckett pegou a trena, que tinha sido do pai. Sua mãe fez questão de que cada um dos filhos ficasse com uma de suas ferramentas. Ele mediu e marcou a peça seguinte.

Estava se erguendo quando sua mãe surgiu.

– Fazendo hora extra, pelo visto.

– Claro! Como sou eu que quero os arcos emoldurados, achei que devia começar a trabalhar nisto.

– Vai ficar muito bom também. Olhe só essas estantes. – Ela pôs a mão no coração. – É o trabalho mais extraordinário que vocês já fizeram. Seu pai ficaria muito orgulhoso.

– Estava mesmo pensando nele. É difícil pensar em outra coisa aqui. Ele teria adorado trabalhar na pousada, trazê-la de volta.

– E reviraria os olhos pelas minhas costas quando eu chegasse com uma nova ideia. Sei que vocês fazem o mesmo.

– Só para manter a tradição.

– Vocês fazem um bom trabalho nesse sentido.

– Ainda está brava?

Ela inclinou a cabeça.

– Pareço brava?

– Você sabe disfarçar bem. De toda forma – disse ele, sorrindo –, foi tudo culpa de Ry.

– Ele tem a cabeça dura do seu pai e o meu gênio. Uma mistura explosiva. Mas Ry tinha razão: eu devia ter discutido isso antes com vocês três. Mas se disser isso a ele, vou lhe dar uma surra.

– Ele nunca ouvirá isso de mim. Por que a contratou assim, mãe, tão subitamente?

Justine deu de ombros. Em seguida, abriu a geladeira, balançou a cabeça ao ver os engradados de cerveja e pegou dois refrigerantes.

– Às vezes a gente simplesmente sabe que algo é certo, e às vezes precisa aceitar que as coisas acontecem por algum motivo. Nesse caso, foi pelas duas razões.

Ela riu e tomou um gole da bebida.

– Acho que Hope ficou surpresa por ter aceitado a oferta tão rápido quanto eu a fiz. Não achei que ela fosse aceitar, mas é isso o que o amor é capaz de fazer. Ela se apaixonou pela pousada. Vocês vão ver.

– Acho que veríamos mais rápido caso ela se mudasse para cá de uma vez.

– Ela vai se mudar – assegurou Justine. – Só precisa se organizar. Vai fazer a mudança daqui a umas poucas semanas.

– Você a convenceu?

– Tive ajuda de Avery.

– Uma arma secreta.

– Ela é uma pessoa empreendedora, claro – concordou Justine. – Dei a chave a Hope para que fosse dar uma olhada no apartamento. Veja se precisamos passar uma demão de tinta.

Beckett bufou e Justine ergueu as sobrancelhas.

– Sei que é chato, mas também necessário. Aliás, pedi uma nova pia e torneiras para a loja de presentes. E um novo vaso, já que estava tratando disso. Mande para você os links. Como o pessoal da Willow Run vem conversar conosco semana que vem sobre o desenho final do pátio da pousada, vou pedir a Brian que dê uma olhada nos fundos da lojinha. Acho que ela precisa de um belo pátio e uma nova cerca no lado que dá para a livraria. Algumas plantas – acrescentou, rindo – e aqueles velhos degraus podiam ser substituídos por pedras como as do pátio.

– Você poderia me dar as costas por um tempo para eu revirar os olhos?

– Vai ficar lindo. Madeline já está falando com os artistas locais. E já consegui aliciar Willy B.

– O pai de Avery?

– Ele faz uns trabalhos belíssimos com metal no tempo livre. Você viu os candelabros que ele me deu no Natal passado, não viu? Então... acho que podemos inaugurar lá para o fim de outubro.

Ele quase engasgou com o refrigerante.

– Mãe, nós mal começamos.

– Então é melhor se dedicar a isso. Ah, e fale da cerca com Clare se eu não a encontrar.

- Ok.
- Pode falar sobre isso no encontro de sexta à noite.  
Ele baixou a lata de refrigerante.
- Alguém pôs um anúncio no jornal? Só falei com Owen e Ryder.
- E eles não me contaram nada? Preciso ter uma conversa com esses dois. Foi Avery que me contou. Você já adiou isso por tanto tempo, querido...
- Vai ser só um jantar ou algo do gênero.
- Você espera por um jantar ou algo do gênero com Clare desde que era adolescente. Eu ficava de coração partido.
- Não sabia que você sabia.
- Querido, é claro que eu sabia. Sou sua mãe. Assim como soube que fez sexo pela primeira vez com Melony Fisher, depois de um encontro.  
Beckett ruborizou.
- Meu Deus, mãe!  
Ela caiu na gargalhada, ao ponto de ficar sem ar.
- Eu confiava que você seria cuidadoso depois que seu pai e eu enchemos a cabeça de vocês falando sobre sexo seguro, respeito e consequências. Lembre-se de tudo isso com Clare.
- Meu Deus, mãe.
- Você está se repetindo.
- Eu... – Quando o celular tocou, ele o agarrou como a uma tábua de salvação. – Oi, Owen. Ainda que você não saiba o motivo, estou na maior dívida com você agora. Estou na oficina, por quê? Ele o quê? Sério? Claro, claro, estou a caminho.  
Guardou o celular de volta no bolso.
- Ry está bajulando você depois do que aconteceu de manhã. Está quebrando a sua parede. Querem que eu vá lá dar uma olhada.
- Vá, então. Tem algum compromisso para esta noite?
- Não.
- Podia comprar uma pizza e voltar para cá. Vou rever meus pedidos de hoje, assim como umas ideias que andei tendo.
- Tudo bem.
- Se nenhum dos seus irmãos tiver um encontro para sábado à

noite, não sei que diabos está acontecendo de errado. Mas se quiserem vir também, traga mais pizza.



Na segunda-feira, havia operários trabalhando em três frentes: passando uma demão de tinta no apartamento vazio, preparando a loja de presentes para a pintura e, já que a temperatura tinha abrandado um pouco, pintando a parte externa da pousada. O cobre reluzia ao sol enquanto os homens trabalhavam no telhado.

Por volta das dez, precisando de um descanso, Beckett caminhou até a livraria e encontrou Clare no lugar de Laurie.

– Oi. Onde está sua equipe?

– Laurie tinha uma consulta no dentista. Vai chegar mais tarde. Cassie estará aqui daqui a pouco e Charlene virá à uma hora. Eu disse a elas que abriria a livraria hoje, então. Não podia ficar sentada em casa me lamentando...

– Lamentando?

– É o primeiro dia de aula.

Clare se pôs a fazer café para Beckett sem que ele tivesse pedido. Isso significava que era um sujeito previsível?

– E eles estavam bem?

– Ah, sim. Estavam loucos para ir. Vai ser assim por pelo menos uma semana. Ficam animados para ver todos os amigos e usar o material novo. Eu é que fico mal. Nem quis voltar para casa depois que os deixei lá porque sabia que o silêncio me mataria. Vai ser assim por pelo menos uma semana também. Depois, quando os meninos ficarem de folga por causa de algum feriado, vou ficar irritada.

Ele parou para refletir e se sentiu um pouco emocionado.

– Eu adorava feriados.

– Aposto que sua mãe não gostava. Acompanhei todas as atividades desta manhã. Parece que a cidade inteira está em ebulição.

– Estamos espalhados por toda parte. Mamãe quer abrir a loja em cerca de seis semanas. Você já sabia? – perguntou Beckett quando ela pigarreou.

– Acho que ela comentou. Que bom que Hope vai estar aqui para a inauguração. – Clare estendeu o café para ele. – Assim já vai conhecer algumas pessoas.

– Inauguração? Vamos ter uma inauguração? Eu devia ter imaginado.

– Sua mãe vai cuidar de tudo. Imagino que vocês só vão ter que aparecer por lá. – Obviamente se divertindo com a expressão preocupada de Beckett, deu um tapinha na mão dele. – Considere isso um ensaio para a inauguração da pousada.

– Acho que vou precisar ir acompanhado. Que tal... Desculpe – interrompeu-se, pegando o celular. – Oi. Não, eu incluí, sim. Mostrei a você. É, eu... Não, não levei. Deixei em casa. Vou lá buscar e já chego aí. Preciso ir – disse por fim, ao desligar o telefone.

– Não se preocupe com isso – replicou ela quando o viu pegar a carteira. – Primeira xícara de café, primeiro cliente. Por conta da casa pela volta às aulas.

– Obrigado. Por que nós não... – O celular tocou de novo, ao mesmo tempo que o telefone da livraria. – Até mais – ele se despediu e saiu com o celular ao ouvido. – O que é agora?



Foi uma semana de tropeços, avanços e atrasos, entremeada por muita frustração. Beckett percebeu que não precisaria inventar desculpas para ver Clare, pois não tinha tempo mesmo. E, quando tinha, era ela quem estava ocupada.

– Quem pensaria que duas pessoas que moram e trabalham na mesma cidade não conseguiriam conversar por mais de cinco minutos? – comentou Beckett, enquanto instalava o balaústre da varanda do terceiro andar.

– Você está apaixonado. Já fiquei assim – comentou Ryder –, e

sei muito bem por quem você está choramingando, mesmo sem citar nomes.

– Não estou choramingando. É só uma observação.

– Não vão sair amanhã à noite?

Ainda precisava dar um jeito de se preparar para o encontro.

– Vamos.

– Então desembuche. Caramba, vá falar com ela antes que a livraria feche. Ela fica aberta até as seis.

– Clare tem que pegar as crianças na escola. Além do mais, tem o tal clube de leitura à noite.

– As pessoas falam demais mesmo, especialmente quando não têm nada a dizer. Sabe a mulher com quem saí semana passada? Ela não calava a boca. Tinha pernas belíssimas e uma boca que não conseguia manter fechada. – Deslizou a mão pela lateral da peça que acabara de fazer. – Ficou ótimo.

Fitando Beckett, Ryder prosseguiu:

– Por que não vai ver como os operários estão se saindo na loja de presentes? Como ela é do lado da livraria, talvez consiga um tempinho para essa conversa que tanto deseja. De quebra, ainda afastaria de mim esses germes de apaixonado.

– Boa ideia. Quer que eu peça para um dos homens vir ajudar você?

– Não. Gosto do silêncio.

Beckett percorreu o prédio, que de silencioso não tinha nada, e saiu pelos fundos. Logo, logo desmontariam os andaimes, pensou, passando por baixo deles. E não demorariam muito para tirar a lona da fachada.

Enquanto atravessava a rua, repassava o cronograma e os prazos mentalmente. Entrou na lojinha – primeiro cumpriria sua obrigação. A mãe tinha acertado em cheio quanto à cor e à meia-parede.

Conversou com os pintores e saiu pelos fundos. A mãe tinha razão naquilo também: o lugar precisava de um trato. Talvez pudessem pôr um pequeno portão... Então se interrompeu.

– Não comece, cara – falou para si mesmo. – Não vá dar mais ideias a ela.

Chegou ao estacionamento no momento em que Clare saía pela

porta de trás da livraria, andando depressa, com o telefone ao ouvido.

– Não, não se preocupe. Diga a ela que estou mandando melhoras. Tudo bem, claro. – Acenou distraída para Beckett. – Falo com você mais tarde. Tchau.

– Algum problema?

– Lynn Barney. Ligou para me dizer que Mazie saiu da aula mais cedo. Talvez seja uma intoxicação alimentar.

– Sinto muito.

– Ela é que ia ficar de babá hoje no horário do clube de leitura.

– Ah, sei...

– Tenho que correr para pegar as crianças e resolver isso.

– Posso ficar com eles – Beckett se pegou dizendo.

Depois, se perguntou de onde diabos aquilo tinha saído.

– O quê?

– Posso ficar com eles. Vão ser o quê, duas, três horas, não é?

– Ah, sim, obrigada, mas posso dar um jeito nisso.

– Espere.

Achando graça da situação, Beckett a pegou pelo braço antes que Clare pudesse abrir a porta do carro. Agora que tinha pensado para valer naquilo, até que estava gostando da ideia.

– Acha que não consigo dar conta de cuidar de três meninos? Eu fui um menino. Com dois irmãos.

– Eu sei, mas...

– A que horas você tem que sair para o clube?

– Tenho que estar aqui por volta das cinco para ajudar na organização. Começamos lá pelas cinco e meia. E geralmente vamos até umas sete. Depois leva mais um tempinho para recolher tudo, fechar e...

– Então, às cinco para as oito, mais ou menos, você volta. Sem problemas.

– É, mas eles precisam comer, tomar banho e...

– Compro o jantar na Vesta e passo lá às cinco.

– Bem...

– Vai ser divertido. Gosto dos seus filhos.

– Meu Deus, vou me atrasar.

– Então vá. Vejo você às cinco.

– Eu só não sei se... Ok – decidiu-se Clare. – Mas nada de pizza. Se levar espaguete e almôndegas, eles poderão dividir em três porções. E uma salada. Diga a quem atender que é para os meninos. Todos lá sabem do que eles gostam. Vou mandar que façam o dever de casa – acrescentou ela, entrando no carro. – Se alguma coisa acontecer...

– Clare, estarei lá às cinco. Vá buscar as crianças.

– Ok. Obrigada.

Seria divertido, pensou Beckett enquanto ela se afastava. E ainda teria espaguete com almôndegas. Perfeito.



– Por que o vovô não pode vir jogar com a gente? – protestou Liam com o livro nas mãos.

– Já disse que ele tem uma reunião com o grupo de fotografia. Agora me responda: o que Mike encontrou quando subiu na árvore?

– Um estúpido ninho de passarinho.

– Escreva aí.

Ergueu os olhos para Clare com um sorrisinho que a deixava encantada ou irritada, dependendo de seu humor.

– Não sei como se soletra “estúpido”.

– L-I-A-M – cantarolou Harry.

– Mãe! Harry me chamou de estúpido.

– Harry, pare com isso! Liam, escreva a resposta. Murphy, quantas vezes vou ter que dizer para não jogar bola dentro de casa? Vá lá para fora!

– Não quero ir lá pra fora. Posso ver TV?

– Pode. Por favor, vá fazer isso.

– Também quero ver televisão.

*Eu também,* pensou ela, olhando para Liam.

– Então termine o dever de casa.

– Eu *odeio* dever de casa.

- Nós dois, meu caro. Harry...
- Já terminei o meu. Viu?
- Ótimo. Vamos treinar as palavras para o ditado de amanhã.
- Eu *sei* as palavras.

Devia mesmo ser verdade: Harry sempre tirava de letra os ditados.

– Vamos repassar de qualquer forma, depois as suas, Liam, quando você tiver terminado o exercício do livro.

– Por que Murphy pode ver televisão? – perguntou Liam, conseguindo fazer cara de sofrimento e indignação ao mesmo tempo. – Por que ele não tem dever de casa? Isso não é justo.

– Ele teve dever de casa. E já fez.

– Eram só uns cartões estúpidos. Dever de bebê.

– Não sou bebê! – protestou Murphy lá da sala, furioso. Tinha ouvidos de tuberculoso.

– Ele pode fazer tudo o que quer. Isso não é...

– Não quero mais ouvir “isso não é justo”. Sabe, Liam, quanto mais tempo ficar reclamando, mais tempo vai levar para terminar. Aí, não vai poder jogar nem ver televisão.

– Não quero que Beckett venha tomar conta da gente.

– Você gosta do Beckett.

– Talvez ele trate mal a gente. Talvez grite e tranque a gente no quarto.

Clare cruzou os braços.

– Ele alguma vez já foi malvado com vocês?

– Não, mas pode ser.

– Se está querendo alguém que grite, continue enrolando com o dever. Assim, você vai ouvir alguém gritando.

Ela pegou a lista de palavras do ditado de Harry e começou a lê-las em voz alta. Ao término, foi checar o que o filho tinha escrito.

– Excelente. Bom trabalho, Harry. Já pode ir.

Ela voltou a se concentrar no filho do meio.

– Muito bem, Liam. Mas veja só aqui, você escreveu um *b* no lugar do *p*.

– E por que eles foram feitos assim, tão fáceis de confundir?

– Boa pergunta. Mas é para isso que as borrachas servem. –

Pegou a lista de palavras enquanto ele corrigia o dever, reclamando.

– Pegue um papel em branco.

– Eu tenho mais dever de casa que *todo mundo*.

Isso não era verdade, mas Clare não tinha tempo de lhe lembrar que ele ficava enrolando, rabiscando e olhando para o teto.

– Está quase acabando.

Liam se curvou sobre o papel quando ela começou a ditar as palavras. Sua caligrafia era melhor que a de Harry, mas ele não se saía tão bem na ortografia.

– Nada mau. Você errou três, mas olhe aqui, escreveu *b* em vez de *p*. Sabe como pode se lembrar da diferença? Com “b” se escreve “bunda” e, se você reparar, o “b” maiúsculo parece mesmo uma bunda.

Liam riu e Clare decidiu parar naquele momento mais bem-humorado.

– Amanhã de manhã vamos trabalhar nisso mais um pouco. Guarde essas coisas e vá ver televisão.

Ao subir para tomar banho antes de sair, ela gritou:

– Nada de brigas!

Mais tarde, enfiou o livro e as anotações na bolsa e foi pentear o cabelo. Então ouviu a campainha: Beckett chegara dez minutos adiantado. Ela se olhou no espelho do banheiro. Bem que ele poderia ter chegado só na hora marcada.

Desceu correndo a escada a tempo de ouvir Murphy perguntar:

– Você vai trancar a gente no quarto?

– Por quê? Estão pensando em roubar um banco, rapazes?

– Humm, não!

– Então não vou precisar trancá-los. – Beckett se virou, olhou para cima e sorriu. – Espaguete e almôndegas, como foi pedido.

– Obrigada. Você é meu herói.

Ela pegou a sacolinha e sentiu um ligeiro aperto no estômago ao ver os meninos olhando para Beckett como se ele fosse um animal exótico no zoológico.

– Vamos levar isto lá para dentro, assim posso mostrar onde fica tudo. Eles já terminaram o dever de casa – avisou ela quando chegaram à cozinha. – E comem por volta das seis – acrescentou,

pegando os pratos. – Não se preocupe com o banho: resolvo isso amanhã de manhã. Os pijamas estão separados; eles gostam de vesti-los pelo menos uma hora antes de dormir.

– Homens à vontade.

– Isso mesmo. Chego em casa antes de eles irem para a cama, lá pelas oito e quinze mais ou menos.

– Entendido. Relaxe, Clare. As acusações de maus-tratos infantis eram falsas.

– Muito engraçadinho. Estou mais preocupada com você. Eles sabem as regras, mas isso não significa que não vão tentar burlá-las. Você tem meus contatos. Se precisar, aparecerei aqui em cinco minutos.

– Vamos ficar bem. Não darei ouvidos se disserem para eu correr com tesouras nas mãos.

– Ok. – Ela deixou escapar um suspiro. – Melhor eu ir.

Ele foi andando atrás dela e, mais uma vez, os meninos ficaram encarando-o.

– Estarei em casa antes de vocês irem dormir. Comportem-se, e nada de lanches antes do jantar. – Por fim, disse a Beckett: – Boa sorte.

Ele fechou a porta quando ela saiu e esperou um segundo.

– E então, garotos, quais são seus planos?

Harry, o mais velho, tomou a iniciativa.

– Queremos biscoito.

– Vou ter que negar. Foram ordens diretas.

– Eu já sabia – murmurou Liam.

– Queremos jogar PlayStation. Vovô e vovó deram um PlayStation 3 de Natal.

– Que jogos vocês têm?

Harry lançou um olhar indagador para ele.

– Você sabe jogar?

– Ora, faça-me o favor. Vocês estão diante do atual campeão da cidade.

– Mentira.

Beckett sorriu e flexionou os dedos.

– Podem trazer o jogo.



Eles eram muito bons, até o menorzinho. Não devia estar surpreso em se ver metido numa competição para valer. Ele próprio já jogava com os irmãos aos 5 anos. Harry tinha paciência e dom para estratégias, ao passo que Liam se atirava de cabeça, numa técnica que às vezes dava supercerto e, às vezes, era um fracasso completo.

E Murphy? Ele só curtia.

Os meninos xingavam e reclamavam bastante; o tempo todo acusavam uns aos outros, e até ao jogo, de estar roubando. Beckett os ignorava ou se juntava a eles. Quando superaram o espanto por não terem sido repreendidos pela falta de espírito esportivo – pois aquilo era só um jogo que deveria ser divertido –, ficaram ainda mais barulhentos e mais grossos.

– Massacrei você! – vangloriou-se Harry, erguendo os punhos fechados no ar.

Não exatamente contente por ter sido massacrado por um menino de 8 anos, Beckett franziu a testa para a tela.

– Merda.

– Você não pode dizer palavras feias – informou Murphy.

– *Vocês* é que não podem dizer palavras feias. Eu tenho permissão de xingar.

Liam fez um muxoxo.

– Ah, qual é...

– E ela vai ser renovada mês que vem. Vamos... Merda! – repetiu quando viu as horas. – Era para termos jantado meia hora atrás.

– Temos outro jogo do Ben 10. – Harry se levantou de um salto para apanhá-lo na estante. – Podemos jogar antes.

– Precisamos repor nossas energias, caso contrário sua mãe vai nos dar uma palmada na bunda.

– E “bunda” se escreve com “B”, que é uma letra bunduda.

Beckett ficou olhando para Liam e, por fim, disse:

– Ok. Vamos comer.

Harry hesitou, pois Beckett não tinha mandado que guardassem os jogos. Então deu de ombros e correu para a cozinha.

Em espírito de solidariedade, Beckett escolheu um prato do Hulk. Ficou surpreso por eles comerem a salada sem reclamar, mas talvez fosse porque comentavam as partidas enquanto engoliam a comida.

Ou talvez estivessem famintos, já que estavam jantando mais tarde.

Eles pediram para tomar Coca. Murphy os delatou enquanto Beckett os servia:

– A gente tinha que tomar leite, e não refrigerante.

Liam lhe deu um empurrão. Murphy não hesitou e retrucou na mesma moeda.

– Parem com isso. É uma ocasião especial. A Noite dos Homens. Uma rodada de refrigerante para todo mundo.

– Ele me bateu – falou Liam.

– Não bati nada.

– Bateu, sim – disse Beckett e acrescentou antes que Murphy viesse com a mesma ladainha: – Você deu o troco. Então já basta.

– Vou contar pra mamãe – murmurou Murphy.

– Não pode fazer isso, cara.

Beckett balançou a cabeça enquanto servia espaguete nos pratinhos, sem esquentar antes.

Dividido entre a indignação e o fato de ter sido chamado de “cara”, Murphy o encarou, com o lábio inferior tremendo.

– Por quê?

– É um código da irmandade. É estritamente seguido na Noite dos Homens. O que acontece aqui, permanece aqui.

Murphy refletiu a respeito disso, olhando para o prato. Ninguém cortara o espaguete ou as almôndegas com a faca. Talvez porque fosse a Noite dos Homens. O caçula tentou pegar uma almôndega com o garfo, mas ela saiu rolando pela mesa e foi pousar no colo de Liam.

– Dois pontos – comentou Beckett.

Depois disso, um inferno se instaurou.

Gritando de raiva, Liam pegou a almôndega e jogou de volta no irmão. Que pontaria ele tinha! Acertou em cheio a testa de Murphy.

A reação do caçula deixou Beckett admirado. Ele não chorou, não hesitou: só atacou.

Pulou da cadeira e avançou em Liam. O espaguete voava como serpentina. Beckett conseguiu passar o braço pela cintura de Murphy e puxá-lo de volta enquanto o menino procurava furiosamente chutar o irmão. Louco por vingança, Liam tentou agarrá-lo. Beckett o bloqueou e o sentou de novo diante da mesa.

O copo de Coca se derramou em cima de Harry.

Desesperado para acabar com aquela guerra, Beckett ergueu Liam antes que Harry, já de punhos cerrados, investisse contra ele.

– Ei, espere. Harry, foi culpa minha. Fui eu que derrubei o refrigerante. Fiquem calmos. Vamos parar por aqui!

– Ele fez de propósito! – acusou Liam, tentando se soltar para bater no irmão menor.

– Não fiz, não. – Com um olhar assassino e molho de tomate no rosto, Murphy lhe deu um baita chute. – Ele não cortou a almôndega. A culpa é *dele*.

– Parem! Quietos!

Os gritos e as acusações pararam de repente. Três rostos rebeldes o encaravam enquanto ele tentava administrar o estrago.

– Uau, que bagunça!

A almôndega que dera início à briga estava parcialmente esmagada no chão. Da mesa escorriam macarrão e molho.

– Mamãe vai ficar uma fera.

Agora os olhos de Murphy estavam cheios de lágrimas.

– Não vai, não. Olhem, crianças, essas coisas acontecem quando homens comem juntos sem uma mulher por perto.

– Acontecem?

– Estou vendo com meus próprios olhos, então acontecem. Vamos nos sentar.

– Ele jogou uma almôndega em mim.

– Ele não jogou – retrucou Beckett enquanto Liam olhava para Murphy com uma aversão que só irmãos podem sentir um pelo outro. – Foi um acidente porque eu não cortei a almôndega. É a primeira vez que eu faço esse tipo de trabalho, então vocês podiam me dar uma trégua. Vamos nos sentar.

- Mas minha calça está manchada.
- E daí? Podemos limpar depois que tivermos comido.

Ele pôs Murphy sentado, recolheu a almôndega culpada por tudo e a jogou no lixo antes de colocar o espaguete de novo no prato do menininho. Pegou uma faca, tirou outra almôndega da quentinha e a cortou.

– Grande Chefe Murphy. Parece que seu rosto está pintado para a guerra.

O garoto sorriu para ele, doce como um anjo.

– Gosto de *pasquete*.

– Eu também. Quer que eu corte o seu, Liam?

– Ok.

– Foi um disparo certo. – Beckett apontou para a mancha na camiseta de Liam. – Ainda de pé para a batalha, Harry?

– Gosto de enrolar o macarrão.

– É um bom plano. – Exausto, Beckett se deixou cair na cadeira.

– Ao ataque, homens.

## capítulo nove



**E**LES COMERAM COMO UM bando de esfomeados, inclusive Beckett. Talvez a guerra virtual, seguida pela briga da almôndega, lhes tivesse aberto o apetite. Depois da refeição, a melhor solução que lhe ocorreu foi tirar a roupa dos meninos numa pequena área de serviço contígua à cozinha. Enquanto jogava a própria camisa suja de espaguete na máquina, os três fizeram o que garotos pelados sempre fazem na história da humanidade.

Correram pela casa gritando feito uns selvagens.

Beckett não sabia que confusão era pior: a da cozinha ou a dos meninos, mas optou por lidar com eles antes. Duvidava que Clare fosse tão permissiva a ponto de deixá-los ir para a cama melecados e com o pijama manchado de molho. Por isso, levou-os para o banheiro.

- Os três de uma vez – anunciou. – Todos para a banheira.
- A gente pode fazer bolhas de sabão? – perguntou Murphy.
- Não sei. Podem?
- A gente tem o Homem-Aranha.

Harry abriu o armário das toalhas e tirou um frasco no formato do super-herói.

– Maneiro. – Beckett jogou uma boa dose dentro da água. – Ok, podem entrar e eu vou...

- Precisamos dos nossos brinquedos.

Liam foi na direção do armário, puxou uma cesta de plástico e jogou na banheira tudo o que estava lá dentro. Pelo olhar sorrateiro que o menino lhe lançou, Beckett percebeu que não era assim que a mãe deles lidava com o banho.

Mas era a Noite dos Homens.

– Ok...

– Precisamos do nosso sabonete. – Harry pegou um frasco com borrifador. – Dá para lavar o cabelo e o corpo com ele.

– Muito prático.

– Mas não precisa lavar o cabelo – disse Murphy.

– Ok. – Beckett deu uma olhada no frasco. – Então vamos lá. Vamos começar.

Os meninos entraram. Se não tivesse se distraído com o Homem-Aranha, os brinquedos e o sabonete líquido, teria imaginado que a água poderia transbordar.

Fechou a torneira e jogou uma toalha no chão, onde havia caído água. Como estava sem camisa, arregaçou as mangas apenas metaforicamente e pôs mãos à obra.

Em questão de trinta segundos, Beckett percebeu que precisaria pegar mais toalhas. Isso lhe trouxe recordações dos banhos que costumava tomar com os irmãos, as guerras de água, as inundações, a tola diversão. E também os protestos chorosos quando chegava a hora de sair da água.

– Eis mais uma coisa a respeito da Noite dos Homens. As mulheres voltam. Se sua mãe voltar para casa e vir o banheiro e a cozinha desse jeito, meus caros, estamos fritos. Então é melhor escondermos as provas do crime.

Tirou a tampa do ralo. Ele usou uma dezena de toalhas para o chão, as paredes e as crianças. E, agora, os garotos pelados corriam aos gritos novamente, mas pelo menos estavam limpos.

– Crianças, tratem de se vestir. – Beckett catou os brinquedos molhados na banheira e os jogou na cesta. – Tenho que dar um jeito na cozinha.

Levou as toalhas lá para baixo, passou a roupa molhada para a secadora e enfiou as toalhas na máquina de lavar.

Deu uma olhada no relógio. Meu Deus, como já podia ser quinze para as oito? Mais que depressa, ouvindo barulho de pés correndo e gritos vindos lá de cima, pôs os pratos no lava-louça. Esfregou a mesa, limpou o molho caído no chão e enfiou na máquina o paninho que estava usando para limpar tudo.

– Ei, vocês precisam descer para guardar os jogos.

– Estamos vestindo o pijama! – gritou Harry.

Em seguida, vieram as gargalhadas.

– Sei, aposto que estão.

Mas o tempo estava quase acabando. Correu até a sala e recolheu os jogos, os controles e, depois, subiu depressa a escada.

Eles tinham posto a calça do pijama, mas a camisa fora amarrada na cabeça, parecendo um cocar. Estavam sentados no chão, em volta de uma montanha de bonecos.

– Sei fazer som de pum com o braço – contou-lhe Murphy. – Liam me ensinou.

Ele fez uma demonstração, provocando gargalhadas histéricas dos irmãos.

– É uma habilidade importantíssima na vida, se bem executada. Vistam as camisas, rapazes. Sua mãe está prestes a chegar em casa.

– Ela diz que é feio soltar pum perto das outras pessoas, mesmo se for só com o braço.

– Sábias palavras.

Tomando as rédeas da situação, Beckett pôs a camisa de Murphy. E recebeu outro daqueles sorrisos angelicais.

– Amanhã também pode ser a Noite dos Homens?

Beckett teve uma estranha sensação de prazer.

– Amanhã não dá, mas vamos repetir a dose outro dia.

– A gente pode fazer quando não tiver aula no dia seguinte, aí você fica pra dormir.

*Assim espero.*

– Gostei da ideia.

– Mamãe chegou. Mamãe chegou.

Murphy saiu correndo, seguido, e depois ultrapassado, pelos irmãos.

Quando Beckett começou a descer, os meninos já a tinham cercado. Murphy estava com os braços para cima pedindo colo e todos falavam pelos cotovelos.

Ela riu, pegou Murphy, beijou o topo da cabeça de Liam e afagou o cabelo de Harry.

– Noite dos Homens, não é? Bem, temos que... – Ela olhou para Beckett, que vinha descendo a escada, e pestanejou. – Ah, oi.

– Oi. Como foi lá?

– Muito bom. Ahn, e como foi aqui?

– Tudo bem. Jogamos um pouco de pôquer e tomamos um engradado de cerveja.

– É claro. Meninos, subam para escovar os dentes. Estarei lá em alguns minutos. Deem boa-noite a Beckett.

Ele ganhou um *high-five* de Harry e de Liam e Murphy lhe deu um abraço na perna.

– Ele vai ficar pra dormir outro dia – contou o menininho à mãe.

– Tchau, Beckett. Tchau!

Clare tirou a bolsa do ombro enquanto os meninos subiam as escadas.

– Então, está tudo bem?

– Claro.

– Não precisava ter dado banho neles. – Ela deu uma batidinha no nariz com o dedo ao ver que Beckett empalidecera. – Estão cheirando a sabonete líquido.

– Ah, sim, bem... Houve um pequeno acidente com o espaguete.

– Entendo. É por isso que está sem camisa?

– Ah, é. – Ele olhou para o próprio peito. – Tinha esquecido. Joguei a camisa na máquina com as roupas dos meninos. Elas estão secando. Ah, também tivemos uma pequena inundação, então coloquei as toalhas para lavar.

Agora era a vez dela de empalidecer.

– Você lavou roupa?

– Mais ou menos. Mereço uma recompensa.

– Acho que sim.

Ela se aproximou e lhe deu um beijo nas bochechas antes de encostar suavemente os lábios nos dele.

O torso de Beckett era quente e firme e seus braços fortes a envolveram, fazendo-a suspirar.

– Você está com cheiro de *smoothie* de laranja – murmurou Clare, com vontade de lambê-lo.

– Como é que é?

– O sabonete líquido que uso nos meninos. Fica com um cheiro diferente em você. Beckett...

– Mãe! – O grito de Liam a fez dar um pulo. – Já escovamos os dentes. Harry escolheu o livro.

– Ok, já estou indo – respondeu Clare e disse para Beckett: – Desculpe, está na hora de dormir e tento ler para eles por alguns minutos quase todas as noites.

– Bom, eu já vou. Venho pegar você amanhã às sete.

– Você não pode sair sem camisa.

– Imagino que nenhuma roupa sua caiba em mim.

– Mas...

– Ainda está quente lá fora.

Ele lhe deu mais um rápido e delicado beijo.

– Bom, obrigada.

Afobada, ela se afastou. Na verdade, estava pensando em pedir que ele ficasse... até que a camisa estivesse seca. Talvez pudessem tomar uma taça de vinho. Talvez...

– Mãe!

– Sem problemas. Eu me diverti. Vejo você amanhã.

Clare suspirou e fechou a porta logo depois que Beckett foi embora.

– Estou indo! – berrou ela quando Liam a chamou de novo.

Provavelmente era melhor assim, pensou. Mal poderia... ficar com Beckett, já que os meninos estavam logo ali no andar de cima.



Beckett estacionou atrás da Vesta.

Quando se dirigia para a escada, Brad, o encanador, o chamou lá da varanda.

– Ei, Beck! Teve uma noite difícil na partida de pôquer? Perdeu a camisa?

– Você não sabe da missa a metade.

Já no apartamento, foi direto pegar uma cerveja na geladeira, depois ligou a televisão e se deixou cair no sofá.

– Meu bom Deus.

Parecia que acabara de correr a maratona de Boston.

Como Clare conseguia se virar? Como diabos ela conseguia fazer aquilo todos os dias, e provavelmente ainda mais? Só o jantar, as disputas, a bagunça, a enorme quantidade de coisas de que precisava se lembrar e fazer, tendo que lidar com três crianças, já era mental e fisicamente exaustivo...

Divertido, admitiu, mas exaustivo.

E ela precisava levantar de manhã, acordá-los, vesti-los, alimentá-los. *Então*, ir para a livraria. Depois do trabalho, Clare repetia basicamente o que ele tinha feito. Além disso, ainda cuidava da casa e administrava o próprio negócio.

Será que as mulheres têm superpoderes?

Mandaria flores para sua mãe de manhã.



– Quando ouvi dizer que ele chegou em casa sem camisa, pensei: essa Clare, hein? Que mulher selvagem.

Avery estava recostada na cama de Clare.

– Selvagens são os meninos.

– Almôndegas voadoras, inundações... – Avery balançou a cabeça. – E ele ainda quer sair com você hoje à noite. Esse tem caráter.

– Quando convenci Murphy a ser honesto, ele desembuchou. Além do mais, encontrei manchas do molho do espaguete que Beckett tinha se esquecido de limpar. – Clare pegou os brincos que Hope tinha escolhido. – Ele foi ótimo, sério, e foi embora rápido. Nem esperou a camisa secar.

– Isso não é uma espécie de código?

– Não que eu saiba. Embora eu tenha pensado em perguntar a ele se queria ficar um pouco, talvez abrir uma garrafa de vinho.

– Você é uma mulher selvagem.

– Você sabe que sempre se pode deixar os homens e o sexo para segundo plano. – Experimentando os brincos, Clare virou a cabeça

para um lado, depois para o outro. – Você pode até prescindir deles inteiramente. Afinal, não é fácil encaixá-los no cronograma. Mas quando comecei a pensar em Beckett dessa forma e percebi que ele pensa em mim da mesma maneira...

– As coisas começaram a esquentar.

– A fogo brando. Não está sendo fácil agora deixá-lo em segundo plano.

– Pois passe-o para o primeiro plano. Seja proativa.

– Acho que prefiro esperar para ver como vai ser hoje à noite. Tem certeza de que está bom, não é? – perguntou Clare, dando uma voltinha.

– Você está fantástica. Esse tom de azul... turquesa, acho... caiu muito bem em você.

Clare estreitou os olhos para seu reflexo. Gostava do vestido de corte simples, um tantinho mais largo na parte da saia, que terminava um pouco acima dos joelhos.

– Com ou sem o suéter?

– Comece com ele, e mais tarde você pode tirá-lo. É. – Avery assentiu, aprovando. – É um visual muito bonito de fim de verão. Nervosa?

– Um pouco. E agitada. Vou sair para um encontro e, pela primeira vez, com um homem em quem estou realmente interessada.

– Seja proativa – repetiu Avery.

– Voltei a tomar pílula. Isso é ser proativa ou agressiva?

– É ser inteligente. Tenho que ir. Sou eu que fecho o restaurante hoje. – Ela segurou Clare pelos ombros. – Divirta-se e me ligue amanhã para contar todos os detalhes.

– Vou ligar.

Deteve-se por um instante, observando-se por todos os ângulos possíveis. Três crianças, pensou, mas ainda estava em plena forma. Isso era fruto de disciplina e bons genes.

Se corresse tudo bem naquela noite, se a química persistisse, ela e Beckett provavelmente fariam o que adultos solteiros faziam quando havia química entre eles.

– Isso se chama sexo, Clare – murmurou para si mesma. – Só

porque não pratica há anos não quer dizer que não possa nem pronunciar a palavra.

Nem sabia ao certo se era boa nisso. Ela e Clint tiveram uma vida sexual saudável e satisfatória, mas ele fora o único homem com quem já se deitara. E os dois conheciam o ritmo, os sinais, o corpo um do outro tão bem, apesar das longas separações, ou talvez por causa delas.

E, agora, Beckett.

Como seria com Beckett?

Como *ela* seria com Beckett?

Não pense nisso, ordenou a si mesma, ou não vai conseguir aproveitar o encontro. Viva o momento. Um passo de cada vez.

Clare foi para o andar de baixo. Conseguia ouvir os meninos no quarto dos brinquedos. Barulhentos, mas sem brigas. Estavam entretidos com uma guerra de super-heróis quando passou a caminho da cozinha. Alva folheava uma revista de jardinagem ao som de pipocas estourando no micro-ondas.

– Vamos ver *Como treinar o seu dragão*.

– De novo?

– Pelo menos eu gosto. – Alva baixou os óculos de leitura. – Clare, você está linda.

– Obrigada. É bom se arrumar para um encontro. Diferente, mas muito bom.

– Você fez um bom trabalho. E ele chegou pontualmente – acrescentou Alva quando a campainha tocou. – Quer que eu abra para que você possa fazer uma entrada triunfal?

– Não. De qualquer forma, é tarde demais – respondeu Clare ao ouvir Harry gritar *Já vai*. – Melhor eu ir salvá-lo dessa turma.

Os meninos o cercaram na porta mesmo, enchendo-o de perguntas, implorando para que Beckett jogasse uma partida com eles. Clare percebeu que estava tão acostumada a vê-lo com roupas de trabalho que sentiu certo prazer de observá-lo com a calça preta e o blazer cinza.

Ele trazia um buquê de flores cor-de-rosa e sorria para os meninos. Soube, naquele instante, que estava caidinha por ele.

– Meninos, deixem Beckett pelo menos entrar.

O sorriso dele se abriu ainda mais ao vê-la. E seus olhos se aqueceram.

– Você está muito bonita.

– Mamãe se arrumou porque vai sair – falou Murphy.

– Eu também – disse Beckett, e acrescentou, estendendo o buquê: – São para você.

– Elas são lindas. Obrigada.

Clare viu o ar solene e intrigado de Harry quando ela pegou o buquê e cheirou as rosas. Instintivamente, acariciou-lhe as costas.

– Esperem um minuto que vou colocá-las na água. Eu...

– Mãe.

– Só um minuto, Liam.

– Mãe, não estou passando bem. Minha barriga está doendo.

Quando se virou para ele, o menino se curvou e vomitou no sapato de Beckett.

– Ai, meu Deus. – Ela devolveu as flores para Beckett. – Harry, vá chamar a Sra. Ridenour e diga que Liam está doente. Peça para ela trazer uma toalha.

– Uau – disse Beckett quando Clare se abaixou e pôs a mão na testa do filho.

– Desculpe, me desculpe. Deixe-me... Amor, você está um pouquinho quente.

– Não estou me sentindo bem.

– Eu sei. Vamos lá para cima. Beckett, me desculpe.

– Não se preocupe.

Alva chegou correndo com as toalhas, um balde e um esfregão.

– Liam vomitou – informou Murphy.

– Eu soube. Tadinho... você também – acrescentou, voltando-se para Beckett. – Vamos limpar isso.

– Tenho que levá-lo lá para cima. – Clare deu um sorriso distante para Beckett. – Vamos ter que cancelar a reserva.

– Claro.

– As flores... Obrigada. Desculpe. Vamos, querido.

Clare pegou Liam no colo. Ele encostou o rosto pálido no seu ombro.

– Posso deitar na sua cama?

– Claro. Vou acomodar você lá. Harry, querido, pode pegar um copo com água tônica?

Lá em cima, ela lavou o rosto de Liam, segurando-o enquanto ele vomitava pela segunda vez. Mediu a temperatura: 37,5 graus. Deu a água tônica para ele.

– Vomitei duas vezes.

– Eu sei. – Ela tentava acalmá-lo, vestindo-o com o pijama do Homem de Ferro. – Ainda está passando mal?

– Não.

– Vou pôr o balde aqui caso queira vomitar de novo e não dê tempo de chegar no banheiro. – Acariciando a cabeça do menino, pegou o controle da televisão. – Cartoon Network ou Nickelodeon?

– Nick. Depois que vomitei, acho que estou melhor.

– Que bom, meu amor.

Liam ficou agarrado nela, com os olhos marejados.

– Não queria ter vomitado no Beckett.

– É claro que não.

– Ele ficou zangado?

– Não, não ficou. – Ela beijou a cabeça de Liam. – Vou trocar de roupa.

– Você está zangada? – perguntou ele enquanto a mãe tirava da gaveta da cômoda uma calça de ginástica e uma camiseta.

– Por que eu estaria?

– Porque estava toda arrumada.

Ela tirou aqueles sapatos lindos, mas pouco práticos.

– Achei divertido me arrumar. E vou fazer isso de novo em outra ocasião.

Deixou a porta do armário entreaberta e se postou atrás dela. Tirou o vestido e pôs suas roupas de mãe. Jogou o vestido no cesto de roupas, pois estava cheirando a vômito.

– Mãe, posso pegar o Homem de Ferro... o novo, não o velho... o Wolverine e o Deadpool? E o Luke também?

Luke era o cachorro de pelúcia esfarrapado, chamado assim em referência a *Star Wars*.

– Claro.

– E posso tomar mais água tônica?

– Claro.

Ela pôs a mão na testa do menino mais uma vez, depois nos lábios. Ainda estava quentinho, pensou, e bem pálido.

– Volto em um minuto. O balde está do seu lado. Pode me chamar se você se sentir enjoado antes de eu voltar.

– Ok. Obrigado, mãe.

Primeiro foi buscar os brinquedos e deixou Liam enrodilhado com Luke.

– Alva? Muito obrigada por...

Clare se interrompeu ao ver Beckett descalço saindo do quarto dos brinquedos.

– Ela acabou de sair. Disse para ligar se precisar de alguma ajuda. Como Liam está?

– Melhor, acho. Está na minha cama vendo Nickelodeon com seu cachorro de pelúcia. Wolverine, Homem de Ferro e Deadpool também estão lhe fazendo companhia. Deadpool...

– Sei quem é Deadpool. Não esqueça que sou homem.

– Você sabe quem é Deadpool. Ok, seja como for, ele está com um pouquinho de febre, ainda pálido, então parece ser o que Mazie teve. Não achei que você fosse ficar.

– Tínhamos um encontro.

– Ah, mas...

– Então, como você me deu bolo, resolvi me divertir com meus camaradas. É o que os homens fazem. Acredito que precisará ficar de enfermeira. E não imagino que tenha um daqueles uniformes brancos, com uma saínia branca e...

– Liam vomitou de novo? – perguntou Murphy.

– Vomitou, mas depois se sentiu melhor. – Ela pôs a mão na testa do menorzinho. – E você?

– Não estou me sentindo mal.

– Não é à toa que dizemos que você tem estômago de avestruz. E Harry?

– Estou bem. Nós íamos jogar umas partidas de Bendominoes, mas Beckett não sabe jogar.

– Eu aprendo rápido. Pode se arrumar para a partida, e prepare-se para perder.

– De jeito nenhum!

Harry pegou o jogo.

– Beckett, você não precisa... Ah, caramba, tenho que levar mais água tônica para Liam. Não quero que ele fique desidratado. Já volto. Só me dê um minuto.

Clare foi depressa até a cozinha. Havia pipoca numa vasilha e suas adoráveis flores estavam num jarro com água em cima da mesa.

– Estou atrapalhando?

Ela se virou e viu Beckett encarando-a da porta.

– Não, claro que não, mas você não vai querer passar duas noites seguidas com um bando de crianças, incluindo uma que vomitou nos seus sapatos. Como eles ficaram?

– Vão sobreviver.

– Liam achou que você tinha ficado zangado.

– Como se ele tivesse mirado em mim...

Beckett observou-a encher o copo com água tônica e pegar uns biscoitos de água e sal. Então pensou no menino lá na cama enquanto os irmãos jogavam.

– Quer que eu suba com os dois para ficar com ele?

– Ah... está bem.

Tirou o copo e o prato com os biscoitos das mãos dela.

– Ouvi dizer que vai ter filme com pipoca mais tarde.

– Esse era o plano... que está um pouco atrasado agora.

– Posso esperar. É, posso esperar – repetiu ele, certificando-se de que ela captara a mensagem.

– Beckett – disse ela ao vê-lo se virar –, que tal ovos mexidos?

– O que tem eles?

– Se não vomitar os biscoitos, Liam vai querer ovos mexidos. É sua comida predileta quando está doente. A de Harry é Chicken & Stars, aquela canja com macarrão de estrelinha, e a de Murphy... embora ele quase nunca fique doente... é torrada com geleia de morango. Posso fazer uns ovos mexidos. E tenho vinho.

– Parece bom. E o uniforme de enfermeira?

– Está na lavanderia.

– Que droga! Maldito azar.

Clare sorriu enquanto Beckett se afastava. Ele não saía correndo diante de um menininho doente e lhe dava uma sensação de leveza quando a beijava. E ainda sabia quem era Deadpool.

É, estava mesmo caidinha por ele.



Beckett foi até o quarto de Clare e pensou como o menino parecia pequeno naquela cama.

– Como está, garoto?

– Vomitei duas vezes.

– Isso é que dá comer tanta ostra e tomar todo aquele uísque.

– Não fiz nada disso!

– Isso é o que você diz.

Liam abraçou com mais força o cachorro de pelúcia.

– Não queria ter vomitado em você.

– Essas coisas acontecem entre homens.

Beckett sentou-se a seu lado na cama e lhe ofereceu o copo e os biscoitos.

– Ah, é?

– Pode me perguntar de novo daqui a dez anos. Aposto que Deadpool já vomitou em Wolverine.

– Não, ele... Sério?

– Eu não ficaria surpreso.

Fascinado, Liam pegou Deadpool e ficou fazendo barulhos de alguém vomitando.

– Ótimo. Sua mãe falou que vai preparar uns ovos mexidos se você quiser.

– Talvez. Você vai ver televisão comigo?

– Por uns minutos.

Embora não fosse daquele jeito que tivesse sonhado ficar na cama de Clare, Beckett se acomodou, recostando-se na cabeceira. O menino encostou a cabeça no braço de Beckett e o encarou com o sorriso angelical que ele já tinha visto no irmão menor.



Jogou Bendominoes, que por sinal era bem divertido, enquanto Clare fazia os ovos mexidos para Liam. Quando ela sentou com o doentinho, viu um filme engraçado com os meninos. Beckett esperou-a pôr os outros dois na cama e dar mais uma olhada em Liam.

– Ele está dormindo – disse a Beckett ao descer. – E a febre baixou. Então acho que essa crise passou. Harry vai ser o próximo, e com ele é bem pior.

– Que otimista.

– Eu sei do que estou falando. Então, quer comer ovos mexidos na cozinha?

– Não precisa se incomodar. Deve estar cansada.

– Estou faminta e queria muito uma taça de vinho.

– Já me convenceu.

Não era tão ruim assim sentar na cozinha e tomar uma taça de vinho enquanto Clare fazia ovos mexidos. Inspirado, Beckett foi até a sala e pegou três velas pequenas que ela deixava dentro de taças azul-marinho.

– Você se importa? Tinha pensado num jantar à luz de velas para hoje à noite.

– Adorei.

Ela abriu uma gaveta, tirando um isqueiro.

Sentados na cozinha, comeram ovos mexidos com torrada à luz de velas e com um vaso de rosas.

– Estou feliz por você ter ficado.

– Eu também. E você fica ainda mais bonita à luz de velas, como imaginei. Na próxima semana, quer tentar comer algo que você não precise cozinhar?

– Sexta à noite?

– Mesmo horário, mesmo canal.

– Você não desiste mesmo. Estou dentro. Ok, a pergunta que não quer calar: sei que você já foi um menininho, mas todos os

homens já foram e nem todos se dão tão bem e agem tão naturalmente com crianças como você. Por que não tem filhos?

– Acho que é porque nunca tive nada sério o bastante com ninguém. Você teve o primeiro filho mais cedo que a maioria.

– Era exatamente o que eu desejava, e não quis esperar. Clint também. Apenas sabíamos o que queríamos.

– Como era a vida militar?

– Com muita espera. Conheci partes do mundo que nem sonhava que conheceria, aprendi a me organizar, a não me apegar. Sentia falta de casa. Não o tempo todo, mas havia momentos em que eu sentia muita saudade. Quando Clint morreu, soube que precisava voltar, trazer os meninos para cá. Por causa da família, por um sentido de continuidade.

Ela balançou a cabeça.

– Não teria feito isso sem os meus pais e os meus sogros. Eles são maravilhosos. Você sabe como é, trabalha com seus irmãos, sua mãe, no negócio da família.

– É, eu sei.

– Algumas pessoas precisam se afastar da família, outras precisam se manter junto dela. Acredito que fiz as duas coisas. Aqui é minha casa agora, de novo. Você já pensou em morar em outro lugar?

– Já, mas não há outro lugar em que eu queira estar.

Beckett a fez rir falando de pessoas conhecidas e de gente de que nunca ouvira falar. Quando ela se levantou para tirar a mesa, ele também ficou de pé e a puxou para perto, dando-lhe um beijo que fez sua pulsação se acelerar.

– Talvez pudéssemos sentar no sofá – murmurou ele em seu ouvido – para tomar outra taça de vinho. Para nos beijar e ficarmos juntos.

*Ah, sim, por favor,* pensou ela.

– Você serve o vinho. Só vou dar uma olhada em Liam, depois...  
Harry!

Pálido como uma folha em branco, com os olhos meio vidrados, ele estava parado à porta.

– Estou doente.

– Ah, meu querido... – Ela foi até ele depressa e pôs a mão na sua testa. – É, você está quentinho. Vou levá-lo para a cama. Beckett...

– Tudo bem. Precisa de alguma ajuda?

– Não, está tudo sob controle.

– Vá em frente. Não precisa me acompanhar até a porta.

Melhoras, garotão.

– Obrigada. Vamos lá, meu amor.

– Posso ir para a sua cama também? Liam foi.

– Claro.

Clare lançou um olhar de desculpas para Beckett, depois levou o filho para o andar de cima.

## capítulo dez



O FIM DE SEMANA TRANSCORREU numa nebulosa de doença, sopa e ovos mexidos. Na manhã de domingo, tanto Liam quanto Harry já se sentiam bem o bastante para ficarem entediados e de mau humor. Clare teve a ideia de montar um acampamento na sala, onde os dois garotos se fariam companhia e ainda teriam uma variedade de livros e DVDs para se entreterem. Mas a novidade não deu certo, pois Harry – que não estava mais com febre, mas ainda não se recuperara totalmente – se encheu de ficar com os irmãos.

Teve que concordar com o menino: também estava cansada deles.

Resolveu a última discussão sobre o DVD que seria assistido tomando o controle remoto e desligando a TV.

– Ah, mãe!

A reclamação veio em uníssono.

– Já que vocês só sabem brigar e reclamar dos filmes, chega de ver TV.

– Foi Harry que começou – falou Liam.

– Eu, nada. Você é que...

– Não quero saber quem começou. – Doentes ou não, Clare assumiu seu “Tom de Mãe”. – Acabou. Agora, se quiserem, podem ficar aqui lendo, desenhando ou brincando em silêncio. Se não quiserem, vão para o quarto. E nem pensem em discutir comigo – acrescentou ela, antecipando-se –, senão vou dar *todos* os DVDs até o fim de semana que vem.

– É culpa dele – protestou Liam, baixinho.

– Liam Edward Brewster, eu já avisei. Nem mais um pio.

Os olhos do menino marejaram de tristeza e raiva. Ela também

estava com vontade de abrir o berreiro.

– Agora, quero todo mundo quieto por dez minutos.

– Mamãe.

– Harry – disse ela em tom de advertência.

– Estou com fome. Quero a minha sopa.

Bom sinal ter recuperado o apetite. No entanto...

– Eu já disse que acabou, Harry. Vovó e vovô vão trazer mais.

– Mas estou com fome agora.

– Posso preparar outra coisa. Que tal macarrão com frango ou sopa de letrinhas?

– Não quero nenhuma das duas. Quero Chicken & Stars.

– Então vai ter que esperar. Daqui a pouco eles chegam.

– Por que eles não podem estar aqui *agora*?

Por estar cansado e contrariado, Harry soou como um bebê chorão. Sentindo a paciência chegar ao limite, Clare lembrou a si mesma como ele estava pálido e caidinho na noite anterior.

– Logo, logo eles chegam. É só o que posso fazer, Harry. Dez minutos de silêncio agora. Preciso ver as roupas que pus para lavar.

Teria sorte se conseguisse que ficassem calmos por cinco minutos, mas nem chegou a isso, pois Murphy a seguiu até a cozinha e falou:

– Também estou com fome. Quero manteiga de amendoim e sanduíche de geleia.

– Meu amor, estamos sem pão. Daqui a pouco chega.

– Por que não temos nada do que eu quero?

– Porque seus irmãos ficaram doentes, comeram todos os ovos, o pão e a sopa, e eu não pude sair para fazer compras ontem.

– Por quê?

– Porque Harry e Liam estavam doentes.

Começando a sentir uma dorzinha de cabeça, foi jogando os lençóis secos no cesto.

– Se eles não forem à escola amanhã, vou ficar em casa também.

– Primeiro, não é você quem decide isso. Sou eu. E você não vai ficar em casa amanhã. Como eles já não estão mais com febre, o mais provável é que também não fiquem.

*Meu Deus, tenha piedade de mim!*

– Ninguém brinca comigo.

– Murphy, eu passei metade da manhã brincando com você.

– Com *todos* nós. Por que não pode brincar só comigo?

Clare fechou os olhos para não responder com agressividade. Ela entendia, entendia mesmo, e tentava com todas as forças dedicar parte do seu tempo a cada um dos filhos. Mas, caramba, agora não.

– Por que não vai pegar os Power Rangers para brincar lá em cima enquanto eu faço a cama de vocês?

– Você *tem* que brincar comigo.

– Não, não tenho. E, mesmo que eu quisesse, não tenho tempo. Vai perguntar por quê? – prosseguiu Clare, sabendo que era o que o menino faria se ela lhe desse a menor chance. – Porque preciso acabar de lavar a roupa que não lavei ontem por estar tomando conta de Liam e Harry. Tenho que pôr lençóis limpos nas camas, pois também não consegui fazer ontem. Mas isso foi até bom, já que Harry vomitou no meio da noite. Quer que eu liste tudo o que tenho para fazer ainda hoje?

– Quero.

Ela parou, esfregou as mãos no rosto e riu.

– Murphy, você está me matando.

– Não quero que você morra.

– É só uma expressão.

Ela se abaixou e lhe deu um abraço, principalmente porque estava precisando de um.

– A gente pode ter um cachorrinho?

Exausta, ela apoiou a cabeça no ombro do caçula.

– Ah, Murphy...

– Harry e Liam já estariam bons se tivéssemos um cachorrinho. Meu novo melhor, melhor, melhor, *melhor* amigo da escola, o Jeremy, tem um chamado Spike. Podíamos ter um cachorro e colocar o mesmo nome nele.

– Tudo tem seu tempo, filho, e essa não é uma boa hora para pedir um cachorrinho. Por favor, não me pergunte por quê. Estou um caco, Murphy. Vamos lá para cima. Você e os Power Rangers podem me ajudar a fazer as camas.

- Os Power Rangers lutam contra os malvados.
- Bom, mas eles têm que dormir também, não é?

Clare pegou o cesto de roupas. Como ainda não tinha tirado as roupas de cama do armário, ia poupar tempo usando as recém-lavadas.

E não precisaria dobrá-las. *Eba!*, pensou, enquanto Murphy tagarelava, seguindo-a até a sala. Ali, ela presenciou um verdadeiro milagre: os dois garotos tinham apagado.

– Shhh! Fique quieto. Eles estão dormindo, temos que andar sem fazer barulho.

Nenhum dos dois tinha dormido direito nas duas últimas noites. Isso não parecia incomodar Murphy Linguarudo, mas ao menos ele continuou falando aos sussurros.

Os dois tinham acabado de chegar lá em cima quando alguém bateu a aldrava da porta.

– Vá pegar os Power Rangers – disse a Murphy e desceu as escadas depressa.

Estava decidida a matar quem quer que acordasse os seus meninos adormecidos. Seria capaz de estrangular a pessoa.

Abriu a porta bruscamente e todos os palavrões que vinha reprimindo por causa das crianças lhe passaram pela cabeça.

– Sam.

– Oi, linda! Estava passando por aqui e resolvi aparecer para chamar você para um brunch. Vou encontrar com meus pais no clube. Vai ser uma festa.

– Não é uma boa hora. Meus dois filhos mais velhos passaram mal o fim de semana todo e agora estão dormindo.

– Pelo visto você está precisando de um descanso. Ligue para a babá – sugeriu ele, com um largo sorriso e uma piscadela. – Vou levar você para longe disso tudo um pouquinho.

– “Isso tudo” é a minha vida e não vou abandonar meus filhos sabendo que eles não estão passando bem.

– Mamãe!

– Fique quieto, Murphy. Vai acordar seus irmãos.

Clare percebeu que Sam dera uns passos às suas costas, então se moveu para bloquear sua passagem.

– Mas já peguei os Power Rangers e você disse que...  
– Já vou subir, meu amor. Desculpe, Sam, estou muito ocupada.  
Tenho que ir.

– Vou pedir para a minha mãe lhe falar sobre a *au pair*.

O fato de não ter dormido, de estar sem paciência e sem a maldita Chicken & Stars fez Clare explodir:

– Não quero uma *au pair*, caramba! E também não estou interessada em almoçar nesse clube estúpido. Só quero arrumar as camas. Tenho muito trabalho a fazer, então queira me desculpar...

Normalmente não era grossa, mas bateu a porta na cara dele.

Lá fora, Sam cerrou os punhos como se fosse socar algo. Estava cansado daqueles joguinhos. Num minuto Clare estava sorrindo e flertando com ele, no minuto seguinte lhe dava um fora. E sempre usava os três pirralhos como desculpa.

Já tinha dado para ele, pensou enquanto se encaminhava para o carro. Até porque vira Beckett Montgomery sair da casa dela na noite anterior... por volta das onze horas.

Ela estava querendo deixá-lo com ciúmes. Bom, então não seria mais o Senhor Certinho. Já era hora de Clare Brewster saber quem é que mandava ali.

Sam tirou o carro da entrada da casa e estacionou no meio-fio. Como havia feito na noite anterior, permaneceu sentado ali, observando a casa, furioso.



Lá dentro, Clare consumiu o mau humor atizado por Sam limpando furiosamente o quarto dos meninos com desinfetante. Deixou as janelas abertas para circular ar fresco e sentiu a cabeça esfriar enquanto trabalhava.

O que havia de errado com aquele sujeito?, perguntava-se. Ninguém pode ser tão insistente, egocêntrico e sem noção o tempo todo. Além de chato.

Chegara ao ponto de não conseguir se manter minimamente

educada com Sam e, mesmo assim, ele continuava insistindo. Talvez agora tivesse se livrado de vez.

Meu Deus, batera mesmo a porta na cara dele. Mal podia acreditar. Só daria para interpretar uma coisa dessas como “me deixe em paz!”.

Estava de quatro, esfregando o chão do banheiro quando Murphy bateu em seu ombro.

– Ainda está quebrada?

– Como assim, quebrada?

– Você me disse que estava um caco. Ainda está quebrada?

Encantada, ela se sentou nos calcanhares e deu um abraço apertado no filho. *Au pair* o cacete!

– Só um pouquinho. Estou quase boa.

– Por que você não fez as camas?

– Porque queria limpar aqui antes. Estou numa batalha contra os germes. Matando todos. Não está ouvindo eles gritarem?

Murphy arregalou os olhos.

– Eu quero matar os germes!

Clare molhou outro pano no balde, torceu e o entregou ao filho.

– Tem alguns por ali, naquele canto. Dê cabo deles, Murph!

– Não estou vendo.

– Eles usam capa da invisibilidade, não deixe que façam você de bobo. Acabe com eles!

*Nada mal*, disse a si mesma, vendo-o atacar o chão como se estivesse se vingando.

Ela o deixou prosseguir e apoiou as costas arrebetadas no portal enquanto o filho fazia barulhos de bombas e guerra. De repente, ouviu um barulho de passos infantis. Ao se virar, viu Liam.

– Tirou uma sonequinha?

– Tirei. Mas já acordamos. Podemos ver um filme agora? Queremos ver *Star Wars*.

– Eu matei os germes – anunciou Murphy, balançando o pano como se fosse uma bandeira. – Também quero ver.

– Tudo bem. Vamos lá pôr o filme.

Quando ela estava descendo, Harry, que parecia estar bem melhor, lançou-lhe um olhar suplicante.

– Estou com muita fome.

– Quer que eu prepare um cereal para você aguentar até... Só um minuto. – Clare ergueu a mão ao ouvir a porta da frente se abrir.

– A comida chegou. Estamos salvos!

– Aí estão meus meninos.

Rose Murphy entrou com os braços cheios de sacolas, seguida por Ed. Deu uma piscadinha para a filha e lhe entregou uma das bolsas.

– Vamos ver o que temos aqui para os dois doentinhos e seu irmão – disse ela.

Tirou uns bonecos de outra bolsa. Em meio à confusão, Clare sorriu para o pai.

– Ela trouxe todos os subornos possíveis.

– Você conhece a sua mãe.

– É, conheço. Vou colocar essas coisas na cozinha. Harry estava a ponto de desmaiar por não ter Chicken & Stars.

Alto e corpulento, com o cabelo louro-claro grisalho, Ed deixou as sacolas na bancada.

– Vou pegar o resto.

– O resto? Eu só pedi...

Ele balançou o dedo para ela e sorriu, formando pés de galinha ao lado dos olhos verde-musgo.

– Você conhece a sua mãe.

Não teria que se desdobrar para dar uma passadinha no mercado no dia seguinte, pensou Clare ao guardar as compras que davam para uma semana e incluíam mimos de avós: picolés, jujuba em forma de minhoca, batata frita e sorvete.

– Picolé e sorvete? – exclamou Clare quando Rosie entrou.

– Eles estavam doentinhos.

– Então só conte a eles depois do almoço. Não achei a nota fiscal em nenhuma das sacolas.

– Considere isso uma recompensa por ter sobrevivido a um fim de semana inteiro cuidando de dois meninos doentes e do irmãozinho deles, que devia estar chatinho.

– É, quase não consegui. Mas não quero que paguem...

– Nunca discuta com uma mulher que está lhe dando comida.

– Esse é o lema dos Murphy? – Ela abraçou Rosie. – Obrigada – agradeceu, deitando a cabeça no ombro da mãe por um instante.

Ela estava sempre ao seu lado, pensou Clare.

– Minha menininha está cansada – murmurou Rosie.

– Um pouco – admitiu ela, afastando-se.

Tinha herdado o cabelo dourado da mãe, embora o de Rosie fosse curto e ousado, com algumas mechas mais escuras, combinando perfeitamente com o rosto anguloso e a pele delicada como uma pétala de rosa.

– Você está tão bonita...

– É um novo hidratante. E boas noites de sono, algo que você não deve estar tendo ultimamente. Ah, não esqueça de perguntar a seu pai se ele emagreceu.

– Ele emagreceu?

– Cerca de um quilo e meio. Tenho insistido para que se exercite comigo. O ideal é que ele perca mais uns 3 quilos. Agora diga: o que posso fazer por você?

– Já fez. E possivelmente salvou vidas. – Clare pegou uma das sopas. – Harry estava desesperado.

– Os três querem queijo-quente. Vou fazer para eles. Vá descansar um pouco, Clare. Vá tomar um ar, dê uma volta. Apenas saia um pouco de casa.

Clare fez menção de protestar, mas decidiu se deter. Um passeio viria bem a calhar.

– Fico devendo essa.

– Você pode me dar três netos. Ah, que cabeça a minha, você já deu. Tire uma horinha.

– Meia hora e vou levar meu celular, para caso precise entrar em contato comigo.

– Acho que conseguiremos nos virar. Estamos vendo *Star Wars*. Ah, e os meninos querem dormir lá em casa. Podemos fazer isso na sexta à noite?

– Pode, claro, se vocês quiserem.

– Queremos, sim. Talvez, assim, sua saída com Beckett Montgomery seja mais tranquila.

– Deve ser. Embora ele seja muito compreensivo, como eu lhe

disse, mãe.

– Sempre gostei dos Montgomerys. – Rosie reuniu os ingredientes para fazer os queijos-quentes. – E fico feliz que você esteja namorando alguém... e alguém que eu conheço.

– Não estamos exatamente namorando. Quer dizer, é óbvio que estamos, mas... ainda me parece um pouco estranho.

– Você gosta dele.

– Eu sempre... Gosto, gosto, sim.

– Então faça logo o test-drive com ele, querida. Mas dirija com prudência.

– Vai levar os meninos para eu poder dirigir, mãe?

– Só estou abrindo caminho – respondeu Rosie, animada.

Clare balançou a cabeça.

– É melhor eu ir dar uma volta mesmo.



Estavam no meio da semana, pensou Beckett, e apesar de terem surgido inúmeros problemas, haviam feito progressos consideráveis. As tubulações de gás estavam instaladas, logo era uma dor de cabeça a menos. Ele tinha passado o fim de semana na loja, trabalhando com Ryder nas estantes e nos arcos enquanto Owen construía o balcão que a mãe queria para a loja de presentes.

O projeto extra não estava fazendo com que perdessem tanto tempo quanto temiam. E precisava admitir que ver a construção pintada em tons de creme e verde-acinzentado o deixava animado. Além do mais, quando ia conferir os progressos, podia passar para ver Clare.

A maior parte do seu trabalho se concentrava atrás da lona e, assim como o restante da cidade, Beckett estava morrendo de vontade de ver o prédio da pousada sem ela. Não faltava muito agora, calculou ao assentar outra tábuca na varanda. Talvez mais uma semana, se tudo corresse conforme o planejado.

Ele e seus dois ajudantes trabalharam a manhã toda, sem fazer

uma pausa sequer. Justo quando iam parar para o almoço, Owen apareceu.

- Está bonito. Essa madeira é uma maravilha.
- Ficaré ainda melhor polida. O mogno vai reluzir.
- Vai ser um sucesso! Estamos precisando de você lá atrás.

Beckett o seguiu, observando tudo à medida que avançava. *Que progresso!*, pensou novamente.

– Estamos trabalhando na escada dos fundos. Queremos repassar mais uma vez a base, as colunas e a pintura. Quando estiver pronta, não vamos mexer mais.

– Está com a planta?

– Estou, e temos algumas perguntas sobre a execução, pensando como vai ficar com a pavimentação e as paredes de pedra que rodeiam o pátio. Eles vão começar aqui assim que terminarem na loja de presentes.

– Ainda não escolhemos o tipo de piso.

– É, tem isso também.

Tomou distância. O chão ainda estava cimentado, a escada pela metade, sem corrimãos, mas podia visualizar como ficaria.

Ryder estava com as mãos no quadril, olhando para cima.

– Tem certeza de que quer esses ângulos no segundo andar?

– Tenho.

– Reto seria muito mais fácil.

– E muito menos agradável esteticamente.

– Eu falei que ele ia dizer isso – comentou Owen.

– Tá bom, tá bom. E a parede de plantas?

Eles discutiram, se desentenderam quanto ao estacionamento e a entrada até que Beckett encerrou o assunto.

– Um caminho pavimentado por aqui, vindo da calçada da rua, passando pela recepção. Estacionamento de deficientes ali, estacionamento comum do outro lado.

– Teríamos mais vagas sem a parede de plantas.

Beckett balançou a cabeça.

– Você está sentado aqui numa das mesas, tomando um drinque. Vai querer mesmo ficar olhando para um estacionamento ou prefere ser observado pelas pessoas que estiverem estacionando?

– Ainda assim vai dar para ver o estacionamento. Não vamos plantar uma fileira de carvalhos.

– Mas vai dar uma sensação de privacidade, própria de pátios como esse. Não temos espaço para um jardim, que era o que a mamãe queria. Isso vai funcionar. Coloque alguns canteiros elegantes e, com o arco da entrada ali, algum tipo de trepadeira florida. Como a varanda principal, vai ser um sucesso.

– Ok, ok, você é o homem da apreciação estética.

– E tenho razão.

Ryder retorceu os lábios.

– É melhor que tenha mesmo. Vou descolar um almoço.

– Acho que vou comer um sanduíche na Vesta – comentou Owen. – Tenho umas ligações para fazer.

– É uma boa.

– Alcanço vocês daqui a pouco – disse Beckett. – Vou dar uma olhadinha na loja de presentes.

Owen bufou.

– Cumprimente Clare.

– Vou fazer isso, mas também vou ver como está a loja.

Sentiu um toque outonal no ar – algo estava mudando. Captou um aroma de hambúrgueres na grelha do Crawford's quando alguém abriu a porta do restaurante. Em seguida, veio um cheiro de tinta fresca.

Era assim que as coisas andavam, pensou. *Frescas*.

Percebeu que os operários que trabalhavam na loja já tinham parado para o almoço. Havia coberto os pisos com lona e passado uma fita para que ninguém pisasse nos degraus com a pintura verde-escura ainda úmida.

Entrou no local e desceu até onde seria o escritório. Precisavam de uma escrivaninha, um computador, material geral, prateleiras e sabe-se lá o que mais. Mas isso era problema de Owen.

A equipe dos pisos tinha feito um bom trabalho na parte da manhã. Agora havia pedras onde antes ficava o estreito caminho de cascalho que atravessava o gramado maltratado. Os homens pegaram algumas rochas e tiveram a ideia de usá-las para erguer

um murinho em torno de uma rosa, que continuava incrivelmente florida.

Ferramentas e outros apetrechos estavam empilhados. Observando todo o material que faltava e o espaço ainda por arrumar, incluindo a cerca que precisava ser refeita, Beckett calculou que tudo deveria estar pronto na semana seguinte.

Se as coisas continuassem a correr bem, podia avisar aos irmãos que estariam em condições de iniciar o trabalho no pátio da pousada em duas semanas.

Nada mau.

Contornou a velha cerca e entrou na livraria pela porta dos fundos.

Ouviu vozes de crianças na seção infantil e viu duas ou três delas na parte principal da loja, assim como algumas mulheres – imaginou que fossem as mães – que olhavam as estantes. Cassie estava atendendo um cliente no balcão enquanto Laurie trabalhava diante do computador.

– Movimentado isso aqui – comentou ele.

– Acabamos de terminar nossa primeira Hora da História do outono – explicou Laurie, parando de digitar e erguendo o polegar. – Veio bastante gente. E deve ter sido bom para Avery também. Vários saíram daqui planejando almoçar na Vesta.

– Eu mesmo acho que vou para lá. Clare está por aí?

– No anexo, arrumando umas coisas. Não pise nas crianças menores.

No anexo, Clare guardava um material de atividades artísticas num baú. Estava com uma calça preta, bem justinha, e uma blusa branca de renda de mangas ligeiramente bufantes.

Beckett pensou que adoraria beijá-la na dobrinha suave do cotovelo. Na verdade, adoraria beijá-la em qualquer lugar, em todos os lugares.

Duas mulheres conversavam observando um arranjo de velas. Uma delas embalava um carrinho de bebê, movendo-o para a frente e para trás; dentro dele, uma criança chupava o polegar com uma intensidade feroz. A outra mulher carregava um bebê que dormia numa bolsa canguru.

A criança do carrinho lançou um olhar desconfiado para Beckett, como se ele pudesse lhe roubar aquele precioso polegar. Com certeza não era o momento ideal para beijar a parte interna do cotovelo de Clare, concluiu o rapaz.

– Olá!

Ela ergueu os olhos, segurando um monte de tiras coloridas de feltro.

– Olá!

– Soube que a Hora da História foi um sucesso.

– Foi mesmo. Um sinal evidente de que o verão acabou. Foi o primeiro que fizemos sem a presença dos meus filhos, o que marca outra transição. Como vão as coisas?

– Indo. Devia passar lá mais tarde para ver as novidades.

– Se eu conseguir, seria ótimo. Vou mandar para você por e-mail o arquivo assim que eu tiver terminado aqui. Acho que pode ficar melhor depois que virmos tudo no lugar. Mas tentei fazer algo divertido e atraente.

– Perfeito. Vou dar uma olhada. Deixe que eu levo isso – disse ele, pegando o baú antes que Clare o fizesse.

– Não está pesado. Só vou botar lá nos fundos – Como ele continuava segurando a caixa, ela deu uma olhadela para as clientes. – Vou lhe mostrar onde isso vai ficar. – Então se dirigiu às mulheres: – Está tudo certo?

– Está, sim, obrigada. Fiquei apaixonada por essas bolsas.

– São bolsas plásticas, feitas com fitas de vídeo recicladas. Uma excelente ideia. Bonitas e ecológicas. Se precisar de ajuda, é só me chamar.

Foi conduzindo Beckett para o quartinho que ficava lá fora, atrás da sala dos fundos.

– É lá na prateleira de cima, já que só uso isso uma vez por mês. Sempre achei que seria jeitosa, como essas mães que fazem um carrinho de brinquedo com caixas de cereais e fita adesiva.

– Uma mãe MacGyver.

– Exatamente. Mas não levo jeito.

– Sempre achei que seria um craque de beisebol, mas também não levo o menor jeito.

– A vida é cheia de decepções... – Sorriu quando ele balançou com o dedo o pingente do seu brinco. – E de surpresas.

– E as crianças?

– De volta ao normal e na escola. Graças a Deus!

– Por que não fazemos um ensaio geral para sexta à noite? Pago o seu almoço.

Clare se lembrou de Sam Freemont e do seu maldito clube e pensou que preferia mil vezes comer cachorro-quente no Crawford's ou uma fatia de pizza na Vesta com Beckett.

– A proposta é tentadora. Adoraria estar livre. Mas as meninas e eu vamos pedir comida e finalizar as encomendas de fim de ano. Natal, sabe?

– Natal? Mas o Dia das Crianças foi há cinco minutos!

– É óbvio que você nunca trabalhou no comércio. Temos que preparar a planilha de pedidos hoje à tarde.

– E lá vem a série de decepções de novo... Então tenho que dar um jeito nisso.

Inclinando-se, procurou a boca de Clare com a sua. Com as mulheres rindo do outro lado da parede, o telefone tocando, o bebê agora acordado gritando, ele mergulhou naquele beijo.

*Bem longo*, pensou. Longo para durar até sexta-feira, quando poderia, pelo menos por algumas horas, tê-la só para si. Tudo em Clare era convidativo: seu gosto, seu cheiro, os contornos do seu corpo, que ele puxou mais para perto.

– Ei, Clare, tem um... Ai, desculpem.

Laurie ficou olhando para o teto enquanto o casal se separava.

– Algum problema? – perguntou Clare, buscando dar à voz um tom descontraído. Ou quase...

– Tem um sujeito ao telefone insistindo em falar com a proprietária. Posso dizer que você... deu uma saidinha e anotar o número.

– Está tudo bem. Vou atender na salinha dos fundos.

– Ok. Quer alguma coisa, Beckett? – perguntou Laurie, tremelicando os cílios. – Um refrigerante?

– Não, obrigado. É melhor eu ir andando.

– Até logo, então.

Laurie saiu cantarolando.

- Desculpe – disse Clare. – É melhor eu ver o que é.
- Vou sair pelos fundos. Passe lá se tiver uma oportunidade.
- Vou tentar.

Ela o viu sair, sonhando com a sexta-feira, exatamente como ele. Pôs uma das mãos na barriga, sentindo o estômago se remexer, e pegou o telefone. Talvez ele não quisesse mesmo um refrigerante, mas ela aceitaria.

– Desculpe por fazê-lo esperar – disse. – Quem está falando é Clare Brewster.

Terminada a ligação, voltou para o salão da livraria. Depois da barulheira e da confusão da parte da manhã, sentiu-se envolvida por uma calma acolhedora.

Até que viu o brilho nos olhos de Cassie.

- Pedi o seu almoço – avisou Laurie.
- Ótimo. Vamos pegar o catálogo e a planilha para começarmos... Parem com isso! – exclamou ao ver que as duas a olhavam com um sorriso maroto.
- Não dá para evitar – retrucou Laurie, sacudindo-se na cadeira.
- Quer mesmo que eu fique impassível após dar de cara com você e Beckett Montgomery agarrados no maior beijo?

– Adoraria ter atendido aquele telefonema. Assim, eu é que teria ido procurar você – lamentou-se Cassie. – Malditos clientes. Sabia que havia um clima no ar e não era segredo para ninguém que vocês iam sair na semana passada, mas as crianças ficaram doentes.

- E um dos seus filhos vomitou no sapato dele.

Clare tomou um susto.

- Todo mundo sabe disso também?
- Encontrei a Sra. Ridenour no parque domingo passado e perguntei como tinha sido o encontro de vocês. Ela me contou. E que se dane todo mundo! Não dá para não notar que ele vem aqui quase todo dia... até aí, nada de novo... mas, ultimamente, vocês têm andado flertando.
- Flertando?
- Discretamente ou, pelo menos, essa era a minha opinião até a

hora em que vi os dois escapando para a salinha dos fundos para se agarrarem.

– Não estávamos nos agarrando. Foi... Foi só um beijo.

– E que beijo ardente! – exclamou Laurie abanando o rosto com a mão. – Então, a coisa é séria ou é só um casinho?

– Oficialmente, ainda nem saímos juntos, Laurie.

– Se um cara me beijasse desse jeito, eu também não ia querer sair. Iríamos ficar em casa. Mas, no seu caso, tem os meninos... E estou sendo muito intrometida. Vou calar a boca. – Ela fingiu fechar os lábios com um zíper. – Adorei ver vocês dois juntos. E dando aquele beijo...

– Depois de ouvir isso, vou pegar um refrigerante.

Só começou mesmo a rir quando já estava bem longe. Pelo visto, a sua reputação dera um salto considerável.

E Laurie estava certa: tinha sido um beijo e tanto...

Queria mais. E logo.

## capítulo onze



*SEGUNDA TENTATIVA*, PENSOU BECKETT, batendo à porta de Clare. Desta vez, vinha com um lindo buquê de margaridas brancas. Para que jogar a sorte trazendo as mesmas flores da semana anterior?

Achou aquilo um pouco estranho: não apenas o *déjà vu*, mas especialmente a ansiedade com relação àquela noite por causa do adiamento.

*Vai ser só um jantar*, disse consigo mesmo. Precisava parar de fazer tempestade em copo d'água ou iria arruinar a noite. Tinha ensaiado tudo mentalmente tantas vezes que daria até para achar que os dois iam voar para Paris e jantar no... Em qualquer lugar onde as pessoas jantassem em Paris.

Precisava perguntar se Clare já estivera lá. Ela havia viajado muito mais que ele. Talvez falasse francês. Não escolhera francês no ensino médio? Tinha a impressão de que sim...

Pelo amor de Deus, pare com isso. Não sabia se devia ficar animado ou sair correndo quando ela abrisse a porta.

Clare também não quisera jogar a sorte, concluiu. Estava usando um vestido diferente: um modelo rosa com espirais brancas e, por cima, um casaquinho rosa com mangas três-quartos. Ficou com vontade de beijar de novo a dobrinha do cotovelo dela.

Será que devia ter trazido flores cor-de-rosa mais uma vez? Seria aquilo um sinal?

– Vou acabar mal-acostumada – comentou ela, pegando o buquê. – Esperando ganhar flores toda sexta à noite.

– A não ser que eu varie os dias.

– Boa ideia. E obrigada. Entre. Vou colocá-las na água antes de

sairmos. – Viu, então, uma sacolinha na mão dele. – Trouxe mais coisa?

– Não é para você. – Beckett passou a sacola para a outra mão, como se quisesse mantê-la fora de alcance. – As flores já bastam. Isso aqui é um suborno para ninguém vomitar em mim. Um jogo para PlayStation. Quando fiquei com eles, olhei todos os que têm aqui e não vi este. Onde eles estão? Você os trancou no armário?

– Não, mas, a esta altura, meus pais já devem ter feito isso. Eles foram dormir com o vovô e a vovó.

– Ah!

Instantaneamente, ele começou a pensar em tudo o que os dois poderiam fazer sozinhos ali na casa.

*Vá com calma, cara. Você não veio aqui para isso. Devagar e sempre, um passo de cada vez.* Entrou na cozinha atrás dela e ficou só olhando enquanto ela colocava as flores num vaso.

– Está um silêncio por aqui... – observou.

– Pois é. Nunca sei exatamente se acho chato quando eles dormem fora ou se acho uma bênção. Talvez seja uma bênção chata.

– Não tem medo de ficar sozinha, tem?

Poderia se oferecer para ficar e dormir no quarto das crianças. Ou em outro lugar qualquer.

– Não. Contanto que eu não caia em tentação e leia um livro de terror. É o meu ponto fraco. Aí, acabo dormindo de luz acesa. Nunca entendi por que deixar a luz acesa nos protege dos vampiros, fantasmas ou demônios. Pronto – disse ela, recuando para observar as flores. – São tão lindas... Vamos?

– É, acho melhor irmos andando.

Assim, ele pararia de pensar na cama dela lá em cima, na casa sem as crianças...

– Não é a caminhonete – observou ela ao saírem.

– Não. Minha mãe achou um absurdo eu levar você para sair numa picape, pelo menos desta vez. Então me emprestou o carro dela. Me senti como nos tempos de colégio.

– A que horas tem que estar de volta?

– Conheço todos os caminhos para entrar na casa sem que

ninguém me veja.

Clare ficou pensando nisso enquanto ele se sentava ao volante.

– Você entrava sem ser visto quando era mais novo?

– Claro. Nem sempre dava certo. Para nenhum de nós. Mas a gente tinha que tentar – respondeu ele, lançando uma olhadela na sua direção já dirigindo. – Você não?

– Nunca tentei. Agora estou arrependida.

– Se quiser, ajudo você a entrar por uma das janelas quando voltarmos.

– Tentadora essa proposta, mas não tem a mesma graça quando se está com a chave. O que você ficava fazendo para ter que entrar sem ser visto?

– Um coisas – respondeu ele após uma longa pausa.

– Hmm... Acho que vou ficar preocupada se, algum dia, os meninos resolverem fazer *umas coisas* e, depois, entrarem em casa escondidos. Mas hoje não. Por enquanto, o meu maior problema é que Murphy decidiu que a sua vida só estará completa se ele tiver um cachorrinho e os três se uniram contra mim.

– Não gosta de cachorros?

– Gosto. E eles deveriam ter um. Mais cedo ou mais tarde.

– Isso é igual a *Vamos ver*?

– Venho pensando nisso de verdade – admitiu ela. – Porque eles deveriam ter um cachorro. Adoram a *pug* dos meus pais, Lucy, e o gato, Fido.

– Seus pais têm um gato? Como é que eu não sabia disso?

– Ele acha que é um cão, então não espalhamos a notícia por aí. Enfim, acho que os meninos deveriam ter um cachorro e me sinto culpada por isso. Depois penso: ai, meu Deus, quem é que vai levar o bicho para passear, treiná-lo, levá-lo ao veterinário, lhe dar comida e tudo o mais? Tentei convencê-los a ter um gatinho, mas eles não estão gostando da ideia. Liam me falou com certo desprezo que gatinhos são para meninas. Não sei de onde tiraram isso. – Ela ergueu as sobrancelhas ao ver a expressão de Beckett. – Você concorda com eles?

– Filhotes de gato são para meninas. Já gatos crescidos vão aonde bem entendem.

– Sabe que isso é ridículo.

– Não sou eu que faço as regras. Que cachorro eles querem?

– Nem sabem – respondeu ela com um suspiro. Já estava cansada daquela história toda. – Estão encantados é com a ideia de ter um cachorro. Também vieram me dizer que um cão iria me proteger dos sujeitos malvados quando eles não estivessem comigo.

– Deu de ombros. – Pensei em adotar um, salvar uma vida. Mas quem me garante que o filhotinho resgatado não vai se tornar um cachorrão feroz que late para o carteiro e aterroriza o bairro inteiro? Preciso pesquisar quais são as raças mais dóceis.

– Conhece o cachorro de Ry, não conhece? – indagou ele, entrando no estacionamento do restaurante.

– Quem não conhece Diaraque? – Ela se virou um pouco para encará-lo. – Ryder o leva aonde quer que vá. É um amor.

– O cachorro mais incrível do mundo. Já contaram para você como Ryder o arranjou?

– Nem imagino.

Os dois saíram do carro e ele deu a volta para pegar a sua mão.

– Era um cachorro de rua de 6 ou 7 meses, pela avaliação do veterinário. Uma noite, depois do trabalho, Ryder se encontrava do lado de fora, ocupado com a casa que estava construindo. Já tinha escurecido e ele estava terminando o que fazia quando aquele cachorro apareceu rastejando. Era só pele e osso, com as patas sangrando, trêmulo. Era óbvio que passara algum tempo andando pelo mato. O mais provável é que tivesse sido abandonado.

A afeição que ela sentia por Diaraque se intensificou na mesma hora.

– Tadinho.

– Ryder percebeu que não podia deixá-lo ali, então resolveu levá-lo para casa... Estava morando com mamãe até o fim da obra. Ele lhe deu comida e banho e arranjou um lugar para o bichinho passar a noite. Pretendia levá-lo para o abrigo na manhã seguinte. Isso foi há seis anos.

*Que adorável*, pensou ela – não exatamente o adjetivo que se costumava associar a Ryder Montgomery.

– Acho que foi amor à primeira vista.

– Saímos perguntando por aí, porque ele poderia ter fugido ou se perdido. Não tinha coleira nem identificação e não apareceu ninguém à sua procura. Mas garanto que, se isso tivesse acontecido, Ry teria ficado arrasado.

– Mesmo assim, resolveu batizá-lo de Diaraque.

– Num sentido carinhoso. – Dirigindo-se à recepcionista, falou: – Reserva para as sete e meia, em nome de Montgomery.

Clare ficou pensando naquela história enquanto eram conduzidos até a mesa.

– Está me contando isso para me mostrar que pedigree não tem a mínima importância...

– Quando se trata de gente ou cachorro. Acredito que a criação conta mais do que a linhagem.

Por incrível que pareça, aquela frase a fez lembrar de Sam Freemont e essa simples associação a irritou.

– Mas sei que existem algumas raças que são mais adequadas para crianças – acrescentou Beckett.

– Engraçado... Clint e eu chegamos a pensar em comprar um cachorro assim que Harry nasceu. Depois, achamos que dava para esperar talvez um ano, deixar os dois crescerem juntos. Então fiquei grávida de Liam e fomos pegos de surpresa. Além disso, estávamos envolvidos com a nova transferência de Clint e acabamos abandonando a ideia.

Beckett ia falar alguma coisa, mas o garçom chegou com os cardápios, a lista das sugestões e perguntou se aceitavam algum drinque.

Por um instante, ambos ficaram olhando os menus em silêncio.

– Fica chateado quando falo de Clint?

– Não. É que nunca sei o que dizer. Ele era um bom sujeito.

– Era mesmo.

Clare tomou uma decisão. Nada de se calar. Diga o que deve ser dito. Só existiria algo real entre eles depois que fizesse isso.

– Foi amor à primeira vista – começou ela. – Clint sempre disse que, com ele, aconteceu o mesmo. Um momento apenas... e lá está alguém, e nós nos vemos planejando passar a vida inteira juntos. Não é pouca coisa para uma garota de 15 anos.

– Para gente de qualquer idade, mas, é, você tem razão, especialmente para uma garota de 15 anos.

– Nunca tive qualquer dúvida. Nunca me preocupei, nunca fiquei imaginando coisas. Discutimos algumas vezes, tivemos alguns dramas. Mesmo assim, nunca tive nenhuma preocupação. Já os meus pais, sim. Claro que, hoje em dia, entendo isso melhor do que naquela época. Mas ele era um bom rapaz e os dois perceberam isso. Eles também o amavam.

– Vocês eram o casalzinho perfeito na escola. C & C. A líder de torcida e o astro de futebol americano.

– Não era pouca coisa... – repetiu ela. – Ficamos juntos dois anos antes... de ficarmos juntos. Nesse caso, também não havia dúvidas. Nunca me preocupei com nada. Quando ele foi para o treinamento, passei a noite inteira chorando. Não porque estivesse preocupada, mas porque parecia estar sem um pedaço de mim.

O garçom se aproximou de novo e anotou os pedidos.

– Vocês eram tão jovens... – comentou Beckett.

– E audaciosos. Destemidos. Nós nos casamos, fui embora com ele, deixei a minha casa, a minha família e os meus amigos sem nenhuma pontinha de hesitação ou arrependimento. Quem era aquela garota? – acrescentou ela, rindo.

– Sempre a achei muito corajosa.

– Bom, fui descobrir o que era medo quando Harry nasceu. O que é essa pessoinha? E se eu cometer algum erro? E se ele ficar doente, se machucar? Apesar de tudo, não duvidei nem por um instante que conseguiríamos dar conta do recado.

Pegou o copo de água e tomou um gole, sorrindo.

– Queríamos ter quatro filhos, quem sabe até cinco. Que loucura. Acho que teríamos chegado lá se ele não tivesse morrido.

– Você era feliz.

– Ah, era. E às vezes me sentia brutalmente só, oprimida. É nessas horas que o medo se insinua. Então dizia a mim mesma que estava ocupada demais para me dar ao luxo de pensar nisso. Tinha orgulho de Clint. Detestava ficar longe dele, saber o que ele enfrentava todo dia e toda noite. Mas Clint fora feito para ser

soldado, como o pai dele, como o irmão. Sabia disso quando me casei.

O garçom trouxe o vinho e executou o ritual de sempre. Clare tomou um gole.

– Gostoso... Melhor ainda é saber que alguém vai me trazer uma comida que não precisei preparar.

– Você queria falar mais. Devia ir até o fim.

– É, devia mesmo. – Agradecia pela disposição dele para escutá-la. – Harry estava brincando e Liam chorava no berço. Eu estava com um daqueles enjoos matinais, portanto tive que deixá-lo chorar até aquilo passar. Sabia que estava grávida. Ainda não tinha feito o teste, mas sabia.

Calou-se por um instante. Apenas por um instante.

– Só fazia três semanas que ele tinha voltado para o Iraque. Nunca cheguei a lhe dizer que íamos ter mais um filho. É o que mais lamento. Ele nunca veria Murphy, nunca tocaria o seu rosto, sentiria o cheirinho do seu cabelo, ouviria o seu riso. Murphy nunca teria um pai. Liam não se lembra dele. Harry, na melhor das hipóteses, tem uma vaga lembrança. Clint era um bom pai. Amoroso, divertido, cuidadoso. Mas não deu tempo...

– Nunca temos o bastante.

Clare assentiu, sabendo a que Beckett se referia, e pôs a mão sobre a dele. Ele também tinha perdido o pai.

– É, acho que é verdade... Nessa manhã, eles apareceram lá em casa. Basta vê-los para compreender. O oficial, o capelão. A gente sabe sem que ninguém precise dizer uma palavra. A luz diminui, o ar some. Por um segundo, não existe nada.

Beckett apertou a mão dela.

– Sinto muito, Clare.

– Eu estava com Liam nos braços. Esqueci que o tinha tirado do berço quando bateram à porta. Ele chorava, reclamava porque os dentes estavam nascendo, causando uma pontinha de febre. Harry se agarrava à minha perna. Deve ter percebido algo, pois também começou a chorar. E tinha um bebê dentro de mim. Clint se fora. As outras viúvas vieram ajudar, consolar. Eu me senti aos pedaços.

Havia o medo, a dúvida, a preocupação. E uma dor terrível... Não imaginei que fosse sobreviver.

Beckett pensou em Clare sozinha com duas crianças pequenas, grávida de poucas semanas e viúva.

– Como conseguiu?

– Só sabia que precisava voltar para casa. Eles tinham que vir para casa. Aquela era a única resposta clara para todos nós, e era a resposta certa. Aqui, posso pensar em Clint, em quanto o amava, e consegui aceitar que tivemos tudo o que podíamos desejar. Nem mais, nem menos. Agora, tenho algo mais. Posso pensar nele, falar sobre ele. É preciso; os meninos merecem isso. Merecemos a vida que levamos atualmente.

– Não sei se ajuda falar isto, mas quando perdemos papai, ficamos meio entorpecidos, acho. Dávamos um passo de cada vez, lentamente, para lidar com todas aquelas terríveis coisas práticas de que precisamos tratar nessas horas. E acabamos nos vendo em outro lugar. Um lugar em parte familiar, em parte não. Tiramos algo daí e sabemos que não podíamos ter isso sem a pessoa que perdemos.

– É verdade. – Agora sentia-se grata porque ele compreendia. – Quando você pensa no seu pai, ou fala dele, lembra-se de tudo isso. Comigo acontece a mesma coisa. Você conheceu Clint. Temos uma história que o inclui, portanto, já que estamos saindo juntos, não quero que se sinta constrangido, pouco à vontade.

Beckett refletiu e disse subitamente:

– Você se lembra do professor Schroder?

– Tive aulas de História dos Estados Unidos com ele. Eu o detestava.

– Todo mundo o detestava. Ele era um idiota. Clint, eu e alguns outros garotos enchemos a casa dele de papel higiênico.

– Foram vocês? Clint participou disso? – Clare se recostou, rindo.

– Ai, meu Deus! Lembro perfeitamente dessa história. Devem ter usados centenas de rolos. A casa ficou parecendo um cargueiro que transportava papel higiênico que tinha explodido.

– Se for para fazer algo, faça direito.

– Ah, pode ter certeza de que vocês capricharam. E o professor

Schroder era mesmo um idiota.

– Como pode imaginar, foi Owen quem bolou o plano. Eu, Owen e Ry. Além de dois outros caras. Não posso revelar os nomes deles, já que fizemos um juramento.

– Clint nunca me contou nada e olha que, por semanas a fio, só se falou disso.

– Um juramento é um juramento. Conseguimos uns cinquenta rolos e levamos um tempão para juntar tudo isso. Se um grupo de garotos entrasse num mercado e comprasse uma quantidade dessas de uma vez só, as pessoas iam desconfiar. Então, fomos comprando pouco a pouco, em locais diferentes. E também pegamos de casa, um rolo aqui, outro ali. Tínhamos um cronograma, mapas, vigias e rotas de fuga. Foi uma campanha magistral e o resultado foi lindo.

– Vocês foram os heróis anônimos da Boonsboro High. Se soubesse, teria dado uma festa para vocês.

– Fizemos uma, cerca de um mês depois. Fomos acampar no bosque perto lá de casa e enchemos a cara de cerveja e de licor de pêssego.

– Ai, que coisa mais pavorosa...

– Verdade. Bons tempos.

– Charlie Reeder – Clare apontou para ele, com um brilho maroto no olhar que fez aquele verde faiscar. – Um deles só podia ser Charlie. Ele e Clint andavam sempre juntos.

– Não posso confirmar nem negar.

– Charlie Reeder – repetiu ela. – Naquela época, vivia procurando uma chance de aprontar. E, hoje em dia, é policial. Quem diria... Ele gosta de livros de aventura, daqueles bem másculos, e café do tipo bem forte.

– Acho que está começando a conhecer as pessoas pelo que elas procuram lá na livraria.

– Também tenho segredos. Sei, por exemplo, que todos os rapazes da família Montgomery gostam de ler... e quais as suas preferências. Sei que todos vocês tomam café demais. Sei que você e Owen compram cartões sentimentais no Dia das Mães e no aniversário dela, enquanto Ryder dá uns mais engraçados. –

Erguendo a taça, Clare lhe lançou um olhar entendido. – E isso é apenas a ponta do iceberg.

– Uma das vantagens de ser comerciante numa cidade pequena.

– Sem dúvida. E sei de pelo menos uns dez clientes que estão planejando reservar um quarto na pousada para alguma ocasião especial, apesar de todos morarem por aqui. Vocês vão ter uma surpresa, Beckett.

– Vai ser ótimo para Lizzy ter companhia.

– Quem? Ah, o seu fantasma. Agora é Lizzy?

– Estamos mais íntimos. Como acha que Hope vai lidar com isso?

– Hope sempre consegue lidar com as situações. Isso faz parte dela.

*Fantasmas*, pensou Clare. *Quanta bobagem!* Então resolveu mudar de assunto:

– Como está ficando o apartamento?

– A previsão era que ficasse pronto na semana que vem. Lizzy deveria ter umas aulas com Avery, que vive rondando por lá. Ela encheu o saco... digamos, convenceu Owen de que o local precisava de mais umas mãos de tinta, portanto vai demorar um pouco mais.

Continuaram conversando durante o jantar. Um belo passo além no seu planejamento cuidadoso, pensou Beckett. Quem sabe não propunha ir ao cinema no encontro seguinte? E, depois, comer alguma coisa? Tudo feito com calma e de um jeito bem natural.

– Foi maravilhoso. – Ela fez um barulhinho de prazer enquanto voltavam para o carro. – Nem me lembro da última vez que tive um jantar adulto...

– Podemos repetir a dose – propôs Beckett e abriu a porta do carro para ela. – Quando você quiser.

*Amanhã*, pensou ela, com uma pontadinha de culpa. Não podia ficar duas noites seguidas longe dos meninos. O melhor que tinha a fazer era aproveitar ao máximo a que estava tendo.

– Vou dar uma olhada na agenda e ver o que dá para fazer.

Virou-se, dando a Beckett a oportunidade perfeita para beijá-la. Como ele não fez nada, ela entrou no carro.

Talvez o jantar o fizera decidir que era melhor serem apenas

amigos. Ele a levaria para sair uma vez ou outra e seria um ótimo companheiro para as crianças quando tivesse tempo e disposição.

Não podia culpá-lo por isso. Saídas como aquela serviam para as pessoas descobrirem se queriam ou não entrar num relacionamento e o que esperavam dele. E uma relação com ela implicava inúmeras complicações, pensou Clare durante o trajeto de volta para casa.

Ela certamente o fizera lembrar disso falando dos meninos. Talvez tivesse falado um pouco demais. Quem ia querer ouvir um monte de histórias sobre filhos num encontro?

E também falara sobre Clint. Esperava ter deixado bem claro por que fora embora da cidade e por que voltara para lá. Quem havia sido, quem havia se tornado. E, para ser sincera com ele, quanto tinha amado Clint Brewster.

Que homem gostaria de ouvir sobre o falecido marido de uma mulher num encontro?

Por que não falara de livros? Bom, até que falara, lembrou-se Clare. Mas por que não só de livros ou filmes, ou de qualquer outra coisa leve e apropriada para um jantar a dois?

Se saíssem juntos novamente, talvez preparasse antes uma lista de assuntos adequados. Ficou espantada ao ver como queria mais, de Beckett e com Beckett. Ela a fizera se sentir mulher outra vez, com toda aquela ousadia, todos aqueles desejos.

*Assuntos seguros*, decidiu. E começaria agora mesmo.

– Ah, já ia me esquecer de comentar: li o último livro de Michael Connelly.

– Da série do Harry Bosch?

– Exatamente. Acho que vai adorar. E, no mês que vem, vai ter o lançamento do livro de suspense de uma autora estreada. Você deveria dar uma olhada. Ela é ótima e teremos também um escritor local agendado para o evento.

Continuaram conversando sobre livros no caminho de volta. *Melhor assim*, pensou Clare. Prepararia tópicos de conversa para essas saídas. Sabia falar de outras coisas além dos próprios filhos.

Só não tinha muitas oportunidades para fazer isso.

Quando pararam diante da sua casa, ela notou a quietude. Poderia passar uma hora trabalhando no site da livraria sem ser

interrompida. Poderia se dar ao indescritível luxo de tomar um banho demorado. Poderia fazer absolutamente o que quisesse sem qualquer outra responsabilidade ou preocupação.

– Está começando a esfriar à noite – murmurou, dirigindo-se para a porta. – Está ficando frio mesmo. O verão nunca dura o bastante...

– E o inverno dura demais.

– Mas o de agora vai ser especial. A pousada – esclareceu, ao ver que Beckett a olhava sem entender. – Ela vai ser inaugurada no inverno.

– Verdade. Pelo jeito, vamos congelar quando tivermos que mobiliar aquilo tudo.

– Vai valer a pena. Adoraria ajudar. Para ser sincera, estou louca para fazer isso.

– Quanto mais mãos, melhor.

– Então vou incluir nos meus planos. Foi ótimo sair com você.

– Também achei ótimo.

Ele se inclinou, roçando de leve os ombros de Clare, e lhe deu um beijo lento e demorado; um beijo que parecia um sonho.

*Não, ah, não*, pensou Clare, sentindo a pele formigar. Um homem não beija uma mulher desse jeito quando quer que os dois sejam apenas bons amigos. Ainda estava no páreo.

– É melhor você entrar – disse ele, baixinho. – Antes que pegue um resfriado.

Ela sorriu e abriu a porta.

– Ligo para você – acrescentou Beckett.

Clare o encarou, espantadíssima por vê-lo recuar.

Então ele não ia entrar? Será que *todos* os indícios tinham mudado durante o tempo em que ficara afastada dos encontros?

– Tranque bem a porta.

– Pode deixar. Boa noite.

Ela abriu a porta. Espere aí. Proativa... Não foi isso que Avery disse? Entrar sozinha quando não queria de jeito nenhum ficar só não significava proatividade...

– Ahn, Beckett, desculpe. Sei que é bobagem, mas você se importa de entrar comigo? A casa assim vazia...

Deu de ombros, com um ar desamparado que a deixou até constrangida.

– Claro. Devia ter me oferecido. É meio assustador – falou ele, entrando na casa. – Vou ver se a porta dos fundos está trancada.

Era pura manipulação, mas Clare não lamentava nada. Admitiu que lamentaria se desse tudo errado e ele acabasse não ficando.

Iria se sentir humilhada.

Mas, se não descobrisse no que poderia dar, ia enlouquecer imaginando como seria.

Detestava ficar imaginando.

– Tudo tranquilo – disse Beckett voltando da cozinha. – Nenhum bandido à vista. Ainda acho que você deveria ter um cachorro. Uma casa nunca parece vazia quando temos um. Vai ficar bem?

– Vou, sim, obrigada. Quer que eu lhe prepare um drinque?

– Melhor não. Tenho que ir andando.

– Preciso perguntar uma coisa.

– O quê?

– Quando me beijou, ali na porta, foi um beijo tipo *Vamos sair para jantar de novo qualquer dia desses* ou foi outra coisa? Porque, para mim, pareceu outra coisa.

– Outra coisa?

Ela enlaçou seu pescoço e o beijou do jeito que queria fazer.

– Isso.

Ele inclinou a cabeça para fitá-la.

– Clare...

– Não me obrigue a pedir que suba e vá verificar os armários, Beckett. – Ela tomou o rosto dele entre as mãos. – Simplesmente suba.

Clare se afastou e lhe estendeu a mão. Ele a segurou com força.

– Já queria ficar com você mesmo quando não tinha esse direito.

– Desde que queira ficar comigo agora...

Os dois começaram a subir a escada.

– Não estava querendo apressá-la. Achei que precisaria de tempo para se acostumar à ideia, para ter certeza.

– Tendo a tomar decisões bem depressa.

Já no quarto, Clare se virou para Beckett.

– Somos amigos há muito tempo, mas preciso fazer uma confissão. Sabe que dá para ver a pousada da janela do meu escritório, não é?

– Sei.

– Quando tivemos aqueles dias bem quentes na primavera, você ia trabalhar do lado de fora uma vez ou outra, naquele andaime lá em cima do telhado. E tirava a camisa. Eu ficava olhando... – Deu um risinho, sem tirar os olhos dele. – E imaginava como seria estar com você. Agora posso descobrir.

Pôs as mãos no peito de Beckett.

– É algo que não faço há um bom tempo.

– Vai se lembrar direitinho.

Ela riu novamente, relaxada, à vontade.

– Isso também, mas estava me referindo a tirar a roupa de um homem. Vamos ver se lembro como funciona.

Despiu-lhe o blazer e, então, jogou-o numa cadeirinha que ficava ao lado do armário.

– Até agora, tudo bem.

Abriu o primeiro botão da camisa, depois o segundo. Beckett se viu dividido entre o prazer e o espanto.

– Achei que ficaria tímida.

Clare terminou de sabotar a camisa dele.

– Achou? – Ela inclinou a cabeça meio de lado. – Também já faz um bom tempo que não tenho mais 15 anos nem sou uma garota inocente.

– Não é isso, ou não só isso.

– Ah, a mãe de três filhos, a jovem viúva. – Clare tirou a camisa dele e a jogou sobre o blazer. – Você provavelmente já ouviu falar sobre como garotinhos são feitos.

– Apenas rumores.

– Eu amo meus meninos, muito mesmo. – Ela passou as mãos bem devagar pelo peito de Beckett e fechou os olhos para experimentar melhor aquela sensação. – Decididamente, sempre adorei o processo de produção das crianças...

Então, ela se virou e ergueu o cabelo que lhe caía nos ombros.

– Pode me ajudar?

Beckett baixou o zíper aos poucos. Parecia até um sonho, pensou, com aquela atmosfera meio turva, encantadora. Mas também era a mais intensa das realidades. Quente e excitante.

Clare se livrou do vestido, que caiu no chão, e voltou a se virar, estendendo os braços para ele.

Não era um sonho. Já não era mais um sonho. Era real: ela o desejava como ele a desejava. Enfim pôde sentir aquela pele macia, o pulsar forte e rápido do coração de Clare sob a sua mão.

Foi ela quem o levou para a cama. Passou os dedos por seu cabelo e desceu-os por suas costas, os lábios dos dois grudados. Debaixo do corpo de Beckett, ela se mexia, sexy e sinuosa, incrivelmente sedutora. Ele achava que a conhecia, tinha certeza disso. Mas nunca imaginara que, dentro dela, vivesse aquela mulher liberal e ávida. Essa mulher o pegou de jeito; podia levá-lo ao céu ou ao inferno, dependendo dos seus caprichos.

Viva. Tudo nela estava vivo, pulsava, desejava. As mãos calejadas de Beckett a acariciavam, despertando a sua pele, a sua circulação, os seus sentidos. Ela não se cansava: os músculos dos braços dele, a pressão, o peso, a forma daquele corpo. O jeito como a respiração dos dois se unia em mais um beijo ardente, até Beckett levar a boca aos seus seios.

Clare arquejou. Prazer, desejo. Deixou-se levar, mergulhou fundo nessas duas sensações.

Acabaram de tirar as roupas um do outro. Estavam calados; o ímpeto era tamanho que não havia espaço para palavras. Depois, deixaram-se desabar. Ela o envolveu, montou nele. Uma oferta. Um pedido.

Quando Beckett a penetrou profundamente, ela soltou um grito, um som de alívio e de entrega. Ele lutou para se conter ao senti-la estremecer, estremecer, estremecer. Mas Clare voltou para cima dele e, naquele movimento único, poderoso, derrotou todo o seu autocontrole.

Ele a abraçou e mergulhou naquela onda quente até sentir o gozo lhe escorrer do corpo, esvaziá-lo.

Clare estava sem fôlego e não sabia ao certo – se é que alguma vez soube – se, ao gozar, havia chorado ou gritado de alegria.

Sentia-se uma tola, pois tinha vontade de fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

– Poderia ter sido melhor – murmurou ele, com o rosto enterrado no seu cabelo.

– Ahn?

– Poderia ter sido melhor. Fui meio apressado.

– Não, eu é que fui. Obrigada por acompanhar o meu ritmo. Ai, meu Deus, Beckett! – Ela soltou algo como um longo ronronar. – Fique assim um pouco mais, por favor. Fique.

Clare o abraçou para garantir que ele não ia se afastar.

Beckett ficou, feliz. Erguendo-se um pouco, apoiado nos cotovelos, disse:

– Olhe só para você, Clare Murphy... quer dizer, Brewster... toda descabelada e corada. Como está linda!

– Gosto de me sentir descabelada, corada e linda. E você, Beckett Montgomery, todo prosa e cheio de si.

– Claro. Acabei de fisgar a livreira do bairro e a queridinha da cidade...

Contendo um riso, Clare lhe deu um beliscão na bunda.

– Nada de sair por aí se gabando disso, hein?

– Estava pretendendo sair daqui e pôr um anúncio no *Citizen*.

Ela adorava olhar para aquele rosto agora tão relaxado, para aqueles olhos tão azuis e profundos.

– Não se esqueça de dizer que sou incrível.

– É a pura verdade – observou ele, beijando-a. – Você acabou comigo.

– Bom saber que não perdi a forma.

Beckett lhe deu um beijo na lateral do pescoço. Precisava de um tempinho. Não queria pensar em Clare com outro homem, nem mesmo junto daquele com quem ela havia se casado. Talvez fosse bobagem sua. Por certo era egoísmo. Mas, naquele momento, simplesmente não queria.

Ficou estendido assim por uns instantes até aquele sentimento se dissipar.

– Quero ver você amanhã.

– Ah, Beckett, não posso sair de novo amanhã... Tem os

meninos.

– Não precisamos sair. Ou podemos levá-los a algum lugar.

– Eles têm uma festa de aniversário amanhã à tarde. É o tipo de atividade que começa a ter agora e continua sem parar todos os sábados. Você podia vir jantar no domingo. Precisa ser meio cedo porque eles têm escola no dia seguinte.

– A que horas?

– Cinco e meia?

– Estarei aqui.

Ele se virou na cama e tomou a mão dela ao se sentar.

– Tenho que ir.

Clare abraçou o próprio corpo com um falso dar de ombros.

– E vai me deixar sozinha nesta casa vazia... sem um cachorro.

– Você não tem medo – retrucou ele com um sorrisinho.

– Não, foi uma armação. Mas eu tinha que dar um jeito de trazer você para a cama.

– Obrigado.

– E agora, vai me obrigar a impedir que vá embora?

– O carro está aí fora. Sabe que as pessoas vão vê-lo, principalmente se ficar parado ali até de manhã.

Achando graça por ver que ele se preocupava com a sua reputação, ela se sentou ao seu lado.

– Beckett?

– O quê?

– Vamos dar a essa gente motivo para falar.

## capítulo doze



**N**A SEGUNDA DE MANHÃ, embora bem sem jeito, Clare usou a própria chave para entrar na Vesta. Ouviu o barulho da gigantesca batedeira trabalhando e foi direto para os fundos, onde sabia que encontraria Avery preparando massa.

– Oi! Queria falar com você antes... – Parou, chocada, com os olhos pregados na amiga que fazia pelotas da massa já pronta. – Seu cabelo! Está... Isso é rosa-choque? Você pintou?

– Você transou.

– Eu... Pintou o cabelo porque eu transei?

– Não. Pinte o cabelo porque *não transei*. Quer dizer, não exatamente. – Ela bufou enquanto enrolava a massa. – Talvez em parte. Acima de tudo, estava querendo mudar um pouco. Algo para dar um empurrãozinho nas coisas.

– E com certeza conseguiu.

Avery baixou os olhos para os próprios tênis.

– Estou levando uma vidinha bem monótona, Clare. Não, na verdade, sou a monotonia em pessoa.

– Não é nada. Gostei. É... divertido.

– Acho que gosto. Um pouco. – Como tinha as mãos cheias de massa e de farinha, tentou coçar o queixo com o ombro. – Tomei um susto quando me vi no espelho do banheiro hoje. Tinha esquecido, foi um choque: quem diabos é essa aí?! De todo modo, é um daqueles tonalizantes que vão saindo com as lavagens. Vou conviver com este cabelo por uns tempos e ver no que dá...

Clare pensou: *graças a Deus*.

Com movimentos rápidos e experientes, Avery começou a pôr as bolas de massa nas fôrmas.

- Agora, voltando ao sexo. Você transou sexta à noite e...
  - Até sábado de manhã.
  - Ficar se gabando é coisa de gente mesquinha. Sou ou não sou a sua melhor amiga?
  - Você mora aqui – respondeu Clare, apontando para o coração.
  - E o que mereço? Uma simples mensagem de texto: *Passei a noite c/ B. Fantástica.*
  - Não deixei aquele trequinho da música da Shania Twain na sua secretária eletrônica, “I Feel Like a Woman”? Então, estou me sentindo uma mulher de verdade.
  - Verdade. Ri muito. Mas a amiga do peito merece mais detalhes.
  - Tinha uma festa de aniversário no sábado e você ficou trabalhando aqui até, sei lá... meia-noite?
  - Por aí.
  - Não estou habituada a tanto sexo... No sábado, assim que as crianças foram para a cama, também fui me deitar. No domingo, não preciso dizer que não tive lá muita privacidade e que você estava trabalhando outra vez.
  - Está vendo só? Sou a monotonia em pessoa.
  - Não é, não. – Clare pousou as mãos nos ombros de Avery, esfregando-os e dando-lhe uma sacudida. – Mas passei bem cedo especialmente para conversarmos. Ah, meu Deus! Como quero falar com a minha melhor amiga...
  - Você está me bajulando. Gosto disso. Continue, por favor, enquanto cuido do resto da massa.
  - É uma quantidade impressionante para uma segunda-feira, não?
  - Além de uma festinha hoje à noite, temos uma encomenda de seis pizzas grandes para a hora do almoço. Mas fale...
  - Foi incrível. Tudo. O jantar...
  - Jantei recentemente. Já em relação ao sexo... Vá em frente.
  - Bom...
- Clare começou a desembuchar. Ela falou para a amiga das preocupações que teve quando saíram do restaurante e da sua mudança de planos diante da porta de casa.
- Você se saiu com aquela história de *Ah, preciso de um homem*

*forte para entrar comigo nesta casa vazia e assustadora?*

– Exatamente.

– Estou orgulhosa de você.

– Beckett estava achando que tinha que pegar leve comigo. Percebi que, se eu não tomasse logo uma atitude, ainda estaríamos nessa mesma situação na época do Natal. Por isso dei o pontapé inicial e o levei para passear...

Os olhos azuis de Avery se iluminaram com uma expressão risonha e uma pontinha de orgulho.

– Estou ouvindo.

– Ah, disso eu tenho certeza... – Maravilhada consigo mesma e com o mundo em geral, Clare remexeu um pouco os ombros. – Senti que uma parte da minha vida que andava deixada de lado voltara. Tive algumas sensações que havia muito tempo não experimentava. Não só em termos físicos, embora tenha sido perfeito.

– Com calma, devagarinho, ou selvagem e enlouquecido?

– Acho que, quando ele foi embora no sábado de manhã, tínhamos conseguido tudo isso e algumas combinações dos dois.

– Ok, agora estou com inveja. – Depois de cobrir as fôrmas, Avery foi lavar as mãos na pia da cozinha. – Feliz por você, mas com inveja. Feliz por ele também. Beck sempre teve uma queda por você.

– Esse é o único problema. Não sou a Clare Murphy por quem ele tinha uma queda anos atrás. Beckett precisa querer ficar com a pessoa que sou agora.

– Acha que Beckett está vivendo uma antiga fantasia?

– Não sei. Nem sei se ele sabe. Mas não vou me preocupar com isso ainda. Gosto dessa fase em que estamos descobrindo quem somos atualmente. As coisas estão mudando aos poucos. Quero ver no que tudo isso vai dar.



Durante as duas semanas seguintes, Beckett ficou pulando de

projeto em projeto: do trabalho na loja ao controle das entregas. E tentando achar brechas no seu tempo para ficar com Clare. Enquanto o pessoal especializado instalava o piso do andar térreo, a equipe se concentrou basicamente no trabalho da parte externa.

Por fim, ele e os irmãos pararam diante da entrada principal para observar a varanda e os degraus prontos.

– Não disse? – falou Beckett. – Ela está reluzente.

– Não podia ser diferente, com todas essas camadas de polimento. – Agachando-se, Ryder passou a mão pela madeira. – Lisa como vidro. E bem seca.

– Sabe que os skatistas não vão resistir quando virem isso.

Ryder olhou para Owen.

– Então vamos dar um bom chute em alguns traseiros e garantir que todos saibam. Que tal tirarmos essa porcaria daí? – acrescentou, apontando para a lona azul bem grande. – Vamos mostrar a todos do que o pessoal da Pousada Boonsboro é capaz.

– É isso aí... e vamos pôr também uma fita entre as colunas para que ninguém possa passar por aqui – concordou Beckett.

Para Beckett, aquele devia ser um dos melhores momentos da sua vida, quando baixaram a lona, numa manhã fria de setembro, com o aroma outonal se espalhando pelo ar.

Diversos ônibus escolares passavam para buscar estudantes quando ele e os irmãos atravessaram a rua para ter uma visão melhor da fachada descoberta.

E a fachada estava absolutamente linda. Ainda não inteiramente pronta para a festa, mas linda. A cor profunda e intensa da madeira reluzia em contraste com as paredes de pedra, traçando veios de ouro e ocre. Bem larga, a escada da entrada se destacava contra as cores mais suaves dos balaústres e dos corrimãos. Acima dela, a varanda dava um toque de graciosidade e charme.

– A gente trabalhou nisso aí e viu as coisas irem mudando – comentou Owen. – Mas, de perto ou de dentro, não se consegue realmente *ver*. Cara, fizemos um ótimo trabalho.

– Verdade. É um momento especial – concordou Ryder. Pegou o celular, enquadrou o prédio e tirou uma foto. – E está imortalizado. Agora, de volta ao trabalho.

– Melhor mandar essa foto para a mamãe.

Owen balançou a cabeça.

– Já falei com ela hoje. Está vindo para cá. Vamos deixar que sinta todo o impacto dessa visão.

– Ah, é melhor mesmo – disse Beckett. – Afinal, essa vista vai ser o assunto da cidade.

Ele continuou observando as linhas e cores enquanto atravessavam de volta.

Lá dentro, os três irmãos se separaram. Owen foi ver como andava a instalação do piso de cerâmica; Ryder ia começar a trabalhar no teto de caixotões da sala de jantar; Beckett se pôs a subir para o terceiro andar, mas parou no segundo ao sentir o inconfundível cheiro de madressilvas.

– Você gosta disso, não é? – murmurou, dirigindo-se à suíte Elizabeth & Darcy. – Já não parece tristonha.

Por impulso, Beckett entrou no quarto e foi até a varanda. Então olhou para a cidade: o traçado da avenida principal com as lojas e casas, as varandas cobertas e as calçadas de tijolos. E, mais adiante, dava para vislumbrar o campo, as colinas, o semicírculo de morros contra o céu azul de outono.

– Isso é ótimo. – Ele não sabia se estava falando consigo mesmo, com o prédio ou com o fantasma. Mas pouco importava. – Parece que está tudo certo.

Outras pessoas haviam ficado ali, naquela varanda, quando a rua não passava de uma vasta estrada de terra por onde passavam cavalos e charretes. Quando vieram soldados para lutar naquelas colinas, naqueles campos e morros. O prédio resistira enquanto os mortos eram enterrados e a grama verde voltara a brotar sobre eles.

– Você foi uma dessas pessoas? – indagou, pensando nas madressilvas. – Esteve nesta varanda? Quando? Chegou de diligência ou de carro? Como morreu? Por que ficou aqui?

*Ela não quer fazer confidências*, deduziu. As mulheres sabem guardar os seus segredos.

Contemplou a livraria. Era cedo para Clare estar lá, pensou. Devia estar arrumando os meninos para o colégio, preparando o café da manhã e as suas mochilas.

Será que pensava nele durante essas tarefas matinais? Será que ia olhar pela janela do escritório e imaginar o que ele estaria fazendo, quando voltariam a se ver?

Será que, às vezes, sentia sua falta à noite, como ele sentia dela?

Beckett gostava de achar que sim.

Uma das funcionárias do Salão da Sherry abriu a porta e, ao avistar o prédio, simplesmente ficou parada, admirando. Beckett sorriu, cheio de orgulho.

Ainda não terminamos, pensou. Isto aqui precisa de luzes, bancos, jardineiras... um monte de coisas. Mas, quando estiver pronto para a festa, vai ser o grande destaque do baile.

Ao voltar para dentro, percebeu um movimento com o canto do olho. Foi apenas um borrão que pareceu reluzir no ar e, quando ele se virou para ver, sumiu.

A porta que ele acabara de fechar se abriu de súbito.

Beckett recuou e o seu coração pulou no peito. Poderia jurar que tinha ouvido um ligeiro risinho.

– Ok, muito engraçado – disse, voltando a fechar a porta.

Nem bem tinha feito isso, ela se abriu novamente.

O processo se repetiu mais uma vez.

E mais uma vez.

Talvez Elizabeth gostasse de ar fresco, ou da vista, mas não podia ficar ali brincando a manhã toda.

– Ok, ouça bem. Não posso deixar a porta aberta. Lembre-se dos pombos... especialmente do cocô dos pombos. Não vamos convidá-los a se instalar de novo aqui dentro.

Diante dos seus olhos, a porta se abriu alguns centímetros, como numa espécie de provocação, e então se fechou.

– Obrigado.

Esperou ainda um instante antes de se afastar do quarto.

Tinha vencido uma disputa com um fantasma, pensou Beckett, dirigindo-se ao terceiro andar. Uma aventura e tanto...

Pouco depois das nove, o dia ficou bem mais animado. Seu celular tocou e uma foto da livraria apareceu na tela. Beckett deixou a trena de lado e atendeu:

– Oi.

– Ai, Beckett, ficou lindo! Acabei de chegar, entrei no escritório e olhei pela janela. Juro que olhei duas vezes para ter certeza de que não era minha imaginação.

– Tiramos a lona há umas duas horas.

– Você me disse como ficaria, vi alguma coisa, mas a realidade é muito mais bonita. Estou vendo as pessoas que passam, a pé ou de carro, parando para olhar.

– Eu também. Estou na varanda do segundo andar.

Ele ergueu a mão com um sorrisinho.

– Espere um pouco.

Ouviu uns ruídos, um palavrão abafado. Escutou – e viu – a janela do escritório se abrir. Ela se debruçou no parapeito, linda como um girassol, e fez o seu sorriso se alargar.

– Oi, Beckett – disse ela ao seu ouvido.

– Oi, Clare.

– Você deve estar nas nuvens...

– Na verdade, só estou acima da avenida principal... Dê um pulo aqui para apreciar. É fantástico. E precisa ver também o trabalho com o piso lá no térreo.

– Esta manhã não dá. Tenho que dar conta de toda a papelada, já que não pude fazer nada ontem à noite por causa de tabuadas, um trabalho de história, um teste de ciências e um pesadelo.

– Testes de ciência também me dão pesadelos...

– Ah, mas não foi isso, não. Foram os alienígenas com tentáculos de polvo.

– Isso também me daria pesadelo...

– Foi o Liam. Ficou tão apavorado que acordou os irmãos, e Murphy resolveu que era a hora perfeita para brincar. Ou seja, tenho que recuperar o tempo perdido. Depois, vamos receber uma excursão, logo só posso mesmo admirar a fabulosa pousada daqui.

Apenas falar com Clare tendo a avenida entre os dois... era muito, muito pouco.

– Tive uma ideia: traga os meninos aqui após o colégio. Podemos fazer um tour pelo prédio e, depois, comer uma pizza.

– E o dever de casa?

- Você é uma mãe incrível! Após o dever. Que tal?
  - Eles iriam adorar, mas do jeito que as coisas andam, só devemos terminar lá pelas quatro e meia.
  - Espero vocês.
- A voz possante de Ryder veio lá do alto:
- Ande logo com essas medidas, Beckett!
  - Pelo visto, nós dois temos que voltar ao trabalho. Obrigada pela linda visão. Nos falamos mais tarde.
  - Foi muito bom ver você, Clare.



Beckett passou o dia inteiro num astral fantástico que melhorava ainda mais sempre que tinha que ir à rua e alguém o parava para falar da pousada. E continuou nesse clima até o fim da tarde, quando os operários foram embora.

Teve a reunião de costume com os irmãos para confirmar as tarefas e estratégias do dia seguinte.

– Vamos continuar esta conversa lá na Vesta – sugeriu Owen. – Um dia como hoje merece cerveja e pizza.

– Não posso. Clare vai trazer os meninos para conhecerem a pousada e, depois, vamos comer uma pizza.

– Estão vendo o que acontece quando se arranja alguém? – disse Ryder, balançando a cabeça com ar tristonho. – Não sobra tempo para uma pizza e uma cerveja com os irmãos...

– Beck agora é um homem de família – falou Owen em tom sério. – É melhor começar a pensar logo no plano de aposentadoria e no seguro de vida.

– Ah, não encham o saco. E não sou um...

– Acabaram-se os torneios de pôquer, as festas – continuou Ryder, dando um tapinha solidário no ombro do irmão. – E pode esquecer os clubes de striptease, cara. Agora, você vai precisar economizar para as férias na Disney. Pobre coitado. Vamos, Owen, podemos comer e beber a parte dele.

– É, acabaram-se as loucuras da juventude – concordou Owen, suspirando, quando os dois estavam indo embora.

– Babacas! – gritou Beckett, rindo. Mas aquelas gozações o fizeram sentir uma leve pontada no peito. – Isso tudo é puro ciúme porque tenho uma namorada.

Baixou os olhos para a prancheta e tentou se concentrar no que precisava fazer no dia seguinte e no resto da semana.

Meu Deus, ainda não era um “homem de família”. Gostava dos meninos, e muito. Os três eram incríveis – interessantes, divertidos, inteligentes – e adorava estar com eles. Sabia o que era ser irmão e filho. Portanto, sabia muito bem o que era uma família e como era vital. Mas não tinha noção do que seria estar responsável por uma...

Estava apenas saindo com Clare. Era o começo de um namoro. Claro que os filhos dela faziam parte disso tudo – não era nenhum idiota. Mas eles quatro só se entendiam bem.

Só isso.

E o que os seus irmãos pretendiam com aquelas provocações era justamente deixá-lo com a pulga atrás da orelha.

Disse consigo mesmo que o melhor a fazer era não pensar naquilo, esquecer tudo, mas ficou feliz da vida quando uma batida na porta da recepção o distraiu dos seus pensamentos.

Passou pela cozinha e viu Clare e os meninos diante da porta. Abriu-a com uma reverência.

– Sejam bem-vindos à Pousada BoonsBoro. Fizeram reserva?

– Somos convidados do proprietário.

– Nesse caso...

Beckett deu um passo para trás e os convocou a entrar com um gesto amplo que fez as crianças rirem.

– Você disse para vir por essa porta, não foi? Estou tão habituada a... Ah! O piso está simplesmente fantástico! Podemos andar nele?

– Por aqui. E, depois, vamos pela cozinha até o hall. Contornando o saguão de entrada. Só vão pôr o rejunte amanhã.

– Parece tão grande... Não mexam em nada – apressou-se a acrescentar Clare. – Vocês se lembram do que eu falei? E fiquem perto de mim. Só vamos aonde Beckett disser que podemos ir.

– Você é dono disso tudo mesmo? – perguntou Liam.

– É da minha família. – E lá estava aquela palavra novamente. – As pessoas vão entrar por aqui e fazer o registro. Hope vai ficar sentada bem neste lugar.

– Mas não tem onde sentar!

– Vai ter, Harry – respondeu Beckett. – Os hóspedes também vão ter onde sentar, diante da lareira.

– Mamãe adoraria ter uma lareira. – Murphy ergueu os olhos para ele. – Você constrói coisas. Bem que podia fazer uma para ela.

– Onde arranjam todos esses tijolos velhos? – Harry cutucou-os. – Onde fica a parede que dá para a rua?

– É essa mesmo. Esse tijolos estão aqui há muito tempo, então queríamos que as pessoas pudessem vê-los. Numa demonstração de respeito pelo prédio. A cozinha fica logo ali. – Beckett deu uma olhada para Clare. – Daqui a pouco vão começar a instalar os armários. Será uma grande etapa ultrapassada.

– Sem dúvida. Estão vendo, meninos? É aqui que a Hope vai cuidar do café da manhã.

– Não ultrapasse a fita, Harry – pediu Beckett, aproximando-se do garoto, que estava bem na borda do piso recém-instalado.

– Não vou fazer isso. O que são essas coisinhas saindo por entre as lajotas?

– São espaçadores. Está vendo como todas essas linhas entre as lajotas estão bem certinhas?

Começou a explicar a questão do rejunte, mas, depois, achou que era técnico demais.

– Por que algumas são menores?

– Aqui nas bordas? Elas foram cortadas para caber direitinho. – Pelo visto, o menino estava interessado, por isso acrescentou: – Existe uma ferramenta especial para fazer isso.

– Onde?

– Eu lhe mostro antes de irmos embora.

– O tapete de cerâmica ficou fantástico! – exclamou Clare, segurando firme a mão de Murphy, por via das dúvidas.

– Que tapete? – perguntou o menino.

Antes de levá-los para a sala de jantar, Beckett lhes explicou o que era um tapete de cerâmica.

– Ah, já começaram o teto!

– Queríamos ver se o projeto daria certo – disse Beckett. – Depois, vai ficar mais fácil instalar o assoalho.

Harry apontou para o arco de pedra na parede.

– Isso aqui também é por respeito?

– Exatamente. Este foi o primeiro prédio de pedra construído na cidade. É um detalhe importante.

– A livraria da mamãe também fica num prédio antigo. As escadas rangem.

– É sempre assim.

– Se ele é velho, como é que tem uma varanda nova?

– Alguém retirou a que estava aí havia muito tempo. Então, colocamos outra no lugar. – Beckett abriu a porta. – Não ficou exatamente igual, mas acho que combinou bem com o prédio. Tenho cópia de umas fotos antigas que o Sr. Bast nos deu. Qualquer dia desses posso mostrá-las para vocês.

– Ele tem uma loja de móveis e um museu – disse Liam, dançando varanda afora. – Tem todo tipo de *coisas* no museu. Mas não tem nenhuma múmia.

– Talvez possa arranjar uma.

– Também é lindo visto por este ângulo. – Clare saiu para a varanda, olhando para a Vesta e a livraria. – Todos os clientes que apareceram hoje na loja só falavam da pousada. Devo ter ido umas dez vezes à varanda da Virando para olhar para cá... Murphy!

Ela voltou correndo ao vê-lo no meio da escada.

– Desça aqui. Eu lhe disse para não subir a escada sozinho.

– Eu só ia conversar com a moça. – O menino ergueu os olhos e sorriu daquele jeito angelical. – Ok, tchau.

– Que moça? Com quem está falando?

Às pressas, Clare o pegou no colo.

– A moça lá de cima. Ela disse “oi” e sabia o meu nome.

– Beckett, se tem alguém lá em cima...

– Vou subir – disse ele, mas já sabia do que se tratava.

Para que Clare ficasse com a mente tranquila, examinou o ambiente rapidamente.

– Não tem ninguém aqui – afirmou Beckett quando desceu de

novo as escadas.

– Acho que ela precisava ir a uma festa. Ela vai morar aqui com a Hope? – indagou o menino.

– Talvez – Com ar inquiridor, Beckett olhou mais uma vez para cima. – Ela ia a uma festa?

– Acho que sim. Estava com um vestido longo. As mulheres às vezes usam vestidos longos pra ir a festas. Podemos ver lá em cima agora? Podemos, podemos?

– Claro. Pode ser? – indagou a Clare.

– Está bem, mas... precisamos ter uma conversinha mais tarde. Murphy, fique perto de mim.



Já que ela não ia sair de perto dos filhos, Beckett teria que esperar até irem comer pizza. No restaurante, seria mais fácil ficar sozinho com ela, ou pelo menos não perto deles. Só precisava de um punhado de moedinhas de 25 centavos.

– Ok, entendo que você não queira falar na frente deles, mas podíamos conversar sobre uma praga de sapos de duas cabeças e os três não estariam nem aí.

– Não sei o que aconteceu ou o que é isso. Só sei que atraiu o meu caçulinha lá para cima, sozinho, para... seja lá o que for.

– Ela não é perigosa.

– Não existe *ela* nenhuma – insistiu Clare. – E, mesmo que houvesse, como pode ter certeza de que não é perigosa?

– Estamos aqui o dia inteiro.

– Adultos.

– Estive lá mil vezes sozinho. Ainda hoje ela e eu fizemos um acordo sobre a porta da varanda, que não poderia ficar aberta.

– Vai ver ela queria empurrar você pelo parapeito.

Beckett teve vontade de rir, mas, evidentemente, Clare não estava de brincadeira.

– E por que ela faria isso?

– Como vou saber? – Ela estava irritada. – Não acredito que estamos sentados aqui falando de um fantasma. Pelo amor de Deus, Beckett!

Ela pegou o copo de refrigerante assim que a garçonete o colocou na mesa.

– Está tudo bem?

– Tudo ótimo, Heather. – Beckett lhe deu um sorriso sereno. – Obrigado.

Esperou a moça se afastar.

– Estamos tendo esta conversa porque você ficou aborrecida. Murphy não estava assustado.

– Ele é uma criança.

– Exatamente. E acho que foi por isso mesmo que a viu. Dizem que as crianças são mais perceptivas nesse sentido, não é?

– E eu lá sei? Eu... Eu nunca... Não acredito nesse tipo de coisa. É maluquice.

Beckett tentou amenizar o clima.

– Imagine que você é Scully e eu sou Mulder. Talvez eu queira mesmo acreditar, mas o fato é que Murphy a viu. Tem o cabelo como o seu, ou seja, é loura. De vestido longo. Na minha opinião, é daquela época em que as mulheres usavam vestidos longos. Século XVIII ou XIX...

– Meu Deus!

Beckett pôs a mão sobre a de Clare e a segurou firme.

– Eu não deixaria que nada de mal acontecesse a ele, aos três, a vocês. Se, por um segundo que for, eu achar que Lizzy pretende fazer mal a alguém, Clare, darei um jeito de, sabe-se lá como, exorcizá-la. Acho que é isso, exorcismo. – Ele se inclinou para a frente. – Você está pensando em filmes como *A Bruxa de Blair* ou *Poltergeist*. Porque curte livros de terror. Então, na sua cabeça, fantasmas são malvados.

– Na ficção, nem sempre os fantasmas são maus.

– É isso aí.

– Na *ficção*. Nunca lidei com um deles na realidade. Fiquei assustada quando vi Murphy subindo aquela escada e sorrindo para o nada.

– Tenho uma teoria. Vou fazer um resumo antes que as moedas acabem e a pizza chegue. Ela gosta do que estamos fazendo, gosta de nos ver recuperando o prédio. Trazendo-o de volta à vida, digamos. Acho que ela adora ter gente por perto.

– Agora você quer que eu acredite que não só tem um fantasma lá, mas que é um fantasma sociável.

– Por que não?

– Ah, por mil razões...

– Pense um pouco, agente Scully. Quanto mais a obra avança, mais ela aparece. Nas primeiras vezes que entramos lá, não percebi nada. Mais tarde, porém, quando começamos a fazer as medições, os esboços, passei a sentir a presença dela. Era como estar sendo observado. À medida que o trabalho foi avançando, apareceu o cheiro de madressilva. Nem sempre, porém cada vez com mais frequência. Hoje foi o dia em que tiramos a lona, ou seja, um marco importante, e aconteceu isso.

– Não quero ela rondando os meus filhos!

– Quem? – perguntou Murphy, subindo no colo da mãe.

– Ninguém. – Clare o envolveu com os braços e fungou no seu pescoço até que o garotinho começou a rir. – Ninguém mexe com os irmãos Brewster.

Essa era a questão, pensou Beckett quando a pizza chegou.

Depois que Clare foi embora com os filhos, ele voltou à pousada. Era ótimo andar naquele trequinho de piso já pronto, pensando nos pés que pisariam ali em pouco tempo.

E ficou esperando para ver o que poderia acontecer.

Não aconteceu nada.

Talvez ela tivesse ficado magoada, pensou. Mortas ou vivas, as mulheres podem ser bem sensíveis.

– Você a deixou assustada. Os filhos são a coisa mais importante do mundo para ela e, ainda por cima, Murphy é o caçula. Por isso ela ficou apavorada. Simples assim.

Nada.

– Não sei por que não quer falar comigo. Não fiz nada. E você devia lhe dar um desconto. A maioria das pessoas se apavora mesmo. Eu, que já estou acostumado, às vezes tomo susto.

Mais uma vez, nada.

– Dê um tempo para Clare se acostumar, principalmente porque é provável que ela venha muito aqui enquanto estamos trabalhando e depois que tudo estiver pronto. Uma das amigas dela vai gerenciar a pousada. Hope vai ficar no terceiro andar, então Clare e Avery devem aparecer muito aqui. Assim que terminarmos a obra e Hope vier morar na pousada, você não ficará mais solitária.

A porta da varanda do E&D se abriu e Beckett se deu conta de que, à noite, sem os operários por perto, aquilo era meio desconcertante.

– Claro. É bom ter um pouco de ar fresco.

Dirigiu-se à varanda, sentindo o cheiro de madressilva.

– Você vai gostar da Clare ao conhecê-la melhor. Ela é incrível. Ficou com medo de que você pudesse fazer algum mal ao menino, por isso...

Parou de falar quando a porta bateu.

– Uau! Ficou brava. – Beckett voltou a abrir a porta. – Eu não disse que achava isso. Olha, talvez ela seja meio superprotetora. Seu marido morreu. Maldita guerra! Ele nem chegou a conhecer Murphy. Portanto, na concepção de Clare, ela é tudo o que os meninos têm e precisa garantir a todo custo que estejam protegidos. Quem pode tirar a sua razão?

A porta se abriu mais um centímetro e Beckett interpretou aquilo como um sinal de desculpas ou de compreensão.

– Dê a ela algum tempo. Tenho trabalho para fazer lá em casa – disse, gesticulando para a rua. – Amanhã, quando começarem a ladrilhar os banheiros, isto aqui vai ficar uma loucura. É um trabalho demorado, mas vai valer a pena. Amanhã de manhã estarei de volta.

Entrou no quarto, fechou a porta, pensou um pouco.

– Você tem que deixar a porta fechada, de verdade.

Aguardou um instante e, satisfeito, desceu, saiu do prédio e o trancou.

Depois de atravessar a rua, parou e se virou para olhar. Por um instante, pensou ter visto a silhueta de uma mulher no parapeito da varanda.

Mas a porta continuava fechada.

## capítulo treze



**A**BORRECIDA, IRRITADIÇA E LOUCA por dez minutos de paz, Clare foi se arrastando até a livraria. Por um instante, concedeu a si mesma a autopiedade de que tanto precisava.

Era dona daquele maldito lugar, não era? Bem podia tirar o dia de folga, ir fazer alguma coisa divertida como... Não lhe vinha nenhuma ideia à cabeça.

Porque não estava no clima. O que Clare mais queria era se sentar sozinha, numa solidão abençoada, e passar algumas horas olhando para o nada.

– Bom dia! – exclamou Laurie toda animada, sentando-se diante do computador. Aquele sorriso largo e radiante deixou Clare imediatamente com dor de cabeça. – Como estão as coisas?

– Como seria de imaginar depois que se leva três crianças ao dentista à força e se passa a viagem de ida e a de volta ouvindo lamentos e reclamações. Ainda estavam nessa ladainha quando os larguei na escola. Talvez as professoras mandem me prender.

O sorriso de Laurie imediatamente se transformou numa expressão de solidariedade.

– Não é um bom jeito de se começar o dia...

– Para nenhum de nós.

Clare largou a bolsa e a pasta nos degraus da escada. Já que a ideia de tirar o dia para ficar num lugar tranquilo não ia dar certo, precisava ao menos de um café antes de começar a trabalhar.

Na verdade, o trabalho ficava vários níveis acima das birras de três meninos.

– Vou subir por um instante para dar vazão a essa chateação – disse ela, enchendo a caneca. – E tentar não lembrar que eles têm

consulta marcada com o pediatra na semana que vem. Quem sabe não posso simplesmente fugir de casa?

– Você trabalha demais.

– Não estou no clima para discordar. Ou lembrar que dentistas e médicos cobram pelos serviços prestados.

– Detesto ter que dizer isso, mas você tem três mensagens.

– Três? – A notícia exigia um pouco de caramelo no café. – Faz só meia hora que abrimos a loja...

– Desculpe. Ahn... E temos um vazamento no banheiro do estoque. Sinto muito.

E lá vinha uma conta do bombeiro. Não havia caramelo que pudesse aliviar aquela dor.

– Fazer o quê...

– Pense pelo lado bom. Talvez você acabe tirando toda a tralha de lá de uma vez por todas.

– À medida que nos livramos dela, mais tralha surge. É como a multiplicação dos pães e dos peixes. Então é melhor tratar logo disso, não acha? – perguntou Clare.

Laurie acenou para Clare com o bloquinho amarelo das mensagens, sorrindo com ar ansioso.

– Antes, vou cuidar disso. Se precisar de mim, estarei lá em cima. Mas, sinceramente, espero que não precise pela próxima hora.

– Clare segurou o bloco, mas Laurie não o soltava de jeito nenhum. Sentiu-se num cabo de guerra. – Você sabe que preciso dele para retornar as ligações, certo?

– Eu sei, mas...

Movendo a cadeira de um lado para outro, Laurie inclinou a cabeça e sacudiu o bloco, que Clare ainda tentava pegar.

– Pelo amor de Deus, Laurie! Que negócio é esse? Você está oficialmente proibida de ingerir cafeína até... Ai, meu Deus!

Clare soltou o bloquinho e pegou a mão da amiga, que ostentava um lindo e reluzente anel de noivado.

– Vou me casar!

– Estou vendo... Ah, Laurie, esse anel é lindo!

– Não é? Não consigo parar de olhar para ele. Adorei. Simplesmente *adorei*. Achei que você não ia reparar nunca.

– A autopiedade e os canos vazando me deixaram cega. Quando foi o pedido?

– Ontem à noite. Há uma ou duas semanas Tyler vinha agindo de uma forma muito estranha. Fiquei até com medo que ele quisesse terminar comigo.

– Laurie, ele é louco por você. Está na cara – retrucou Clare, virando a mão da amiga para admirar o anel por outro ângulo.

– É, mas andava tão esquisito... Ontem à noite, estava com um ar muito sério e disse que precisávamos dar uma volta pelo parque. Não fazia ideia do que ele tinha na cabeça.

– Estou tão feliz por você... – Clare deixou a caneca de lado e abriu os braços para Laurie. – Você nem desconfiava?

– Não mesmo. Nem um pouco. Quer dizer, faz dois anos que estamos namorando e nós meio que já sondamos as possibilidades. Mas não percebi que estávamos chegando lá. – Seus olhos castanhos brilhavam com lágrimas de felicidade. – Ele ficou de joelhos, Clare, bem ali no coreto do Shafer Park.

– Sério? Ah, Laurie...

– Eu sei. Quem poderia imaginar? Eu o amo tanto e ia ficar arrasada se ele terminasse comigo. E agora, veja só isso! – Ela balançou a mão mais uma vez. – Vamos nos casar. Mal consegui esperar você chegar para lhe mostrar o anel.

– Deixe eu ver de novo.

Sem hesitação, Laurie estendeu a mão.

– Foi ele mesmo quem escolheu.

– É lindíssimo. Simplesmente perfeito. E o casam...?

Os sininhos da porta tilintaram quando dois clientes entraram.

– Bom, continuamos a conversa mais tarde – disse Clare.

Ela levou mais meia hora até conseguir subir, se instalar e se organizar. Depois de retornar as ligações, lembrou-se do vazamento e correu para avaliar a situação.

Estava agachada no chão do banheiro, pondo um balde debaixo do filete de água, quando Avery entrou.

– O que houve? Mandei zilhões de mensagens de texto para você hoje de manhã.

– Dentista, trauma, noivado, trabalho. E, agora, serviço de

bombeiro. Céus, que dia! E ainda nem estamos na hora do almoço.

– Laurie me contou sobre ela e Tyler... com os olhos soltando verdadeiros arco-íris. E já é quase uma hora.

– Não pode ser!

– É, sim. E só tenho um minuto. Hope está aqui.

– O quê? Desde quando?

– Chegou por volta das onze. Você saberia se tivesse olhado o celular. Alguns empregados da pousada levaram os móveis que Hope trouxe lá para cima. Ela chegou!

– Precisa de ajuda com o resto da bagagem?

– Na verdade, ainda não consegui falar com ela. Vou tentar dar um pulo lá, ajudá-la a se instalar, desfazer as malas... Tudo isso depois do almoço. Será que você pode ir?

– Eu... – Uma da tarde já... – Deixe eu ver se Mazie pode ficar um pouco com as crianças após a escola.

– Se ela não puder, aposto que Beckett fica. A menos que aquela briguinha idiota ainda esteja rendendo.

– Briguinha idiota?

– Foi o que me disseram. Algumas noites atrás, vocês estavam discutindo lá no restaurante.

– Pelo amor de Deus, não estávamos discutindo! – Embora ele estivesse mesmo errado. – Mas não vou pedir a Beckett para ficar com as crianças depois de um dia inteiro de trabalho.

– Você que sabe. Faça uma forcinha, mesmo que não fique muito tempo. Afinal, Hope acabou de chegar a uma cidade estranha.

– Vou dar um jeito.

– Ótimo! – exclamou Avery, observando o pingar ritmado da água dentro do balde. – Por que não pede ajuda a Beckett para consertar esse vazamento?

Clare fechou a cara para Avery, cujo cabelo agora era quase castanho-avermelhado, com mechas douradas.

– Ele é o quê, pau para toda obra?

– Ora, um ótimo benefício de dormir com um faz-tudo que parece gostar dos seus filhos é usá-lo quando for necessário. Bom, tenho que voltar. Vejo você no apartamento da Hope.

Clare não iria *usar* Beckett. Ela dera conta de tudo por seis anos

sem a ajuda de um homem, fosse hábil ou não. Só porque começara a sair com Beckett não significava que se tornara incompetente de uma hora para outra.

Irritada, disparou escada acima para apanhar a caixa de ferramentas. Só precisava de uma chave inglesa. Bastava apertar a rosca do sifão. Era algo que qualquer um podia fazer.

– Eu mesma vou cuidar disso – falou ao descer de volta. – Se alguém ligar, anote o recado. Não deve demorar muito.

– Tem certeza? Posso pedir ajuda. Um dos operários da pousada pode vir dar um jeito nisso.

– Vou lhe dar uma caixa de ferramentas de presente de noivado.

– Prefiro uma camisola sexy.

– Uma caixa de ferramentas – insistiu Clare, sacudindo a que trazia na mão. – Você sabe muito bem que nem sempre tem algum homem por perto. As mulheres precisam saber se virar e consertar coisas em casa.

– Se é o que você diz...

– E eu sei.

Agora mais determinada do que nunca, Clare marchou para o banheiro. Sentou no chão e abriu a caixa de ferramentas. Já tinha consertado canos antes, além de portas que rangiam, gavetas emperradas... Ela enfrentara o exemplo perfeito de frustração materna, aqueles brinquedinhos com a etiqueta "faça você mesmo". Quando se casou, teve que aprender as tarefas, já que passava muito tempo sozinha. Desde aquela época, não parara de aprender.

Não tinha condições de pagar um bombeiro sempre que começasse algum pinga-pinga. Não iria chamar o pai toda vez que um ralo entupisse, o cortador de grama começasse a engasgar – o que estava acontecendo atualmente – ou surgisse algum outro probleminha.

Conseguiria por certo consertar um pequeno vazamento sem pedir socorro. Pegou a chave inglesa e começou a trabalhar.

Após dez minutos frustrantes, o filete se intensificou; embora lento, escorria sem parar. Mas tudo bem, não tinha problema. Sabia o que fizera de errado e tudo o que precisava era...

– Tem licença para esse tipo de trabalho?

Toda vermelha e lutando para não explodir, ela ergueu os olhos para Beckett.

- Estou quase terminando.
- Deixe eu dar uma olhada.
- Estou quase terminando.

Beckett se agachou e tirou a chave inglesa da mão de Clare.

– Pelo visto, você vai precisar de uma arruela. Deve haver alguma coisa que sirva lá na caminhonete. Vou precisar desligar a água por alguns minutos.

- Sei como fechar a água.
- Ok, então por que não faz isso enquanto vou buscar a arruela? Ele se ergueu e a ajudou a ficar de pé.

Clare percebeu que Beckett não tinha feito a barba de manhã e precisava aparar o cabelo. *E* estava com cheiro de serragem. Para completar, ainda dava uma de macho sabe-tudo: *Deixe que resolvo isso para você, mocinha...*

- Laurie chamou você?
- Não. Por quê?

Clare balançou a cabeça e saiu para fechar o registro.

Quer dizer que precisava de uma arruela, pensou ao vê-lo fazer o conserto bem depressa e com toda a eficiência. Já tinha notado isso e sabia onde comprar a droga de uma arruela para aquele cano estúpido.

- Isso deve resolver. Deixe eu ligar a água de novo e...
- Eu ligo.

Beckett ergueu as sobrancelhas quando Clare se virou e saiu do banheiro.

Abriu a torneira da pia, examinou os canos, arrumou as ferramentas na caixa.

– O trabalho tem um preço. – Com um gesto descontraído, ergueu o queixo de Clare e lhe deu um beijo. – Pronto! Estamos quites. Por que não me ligou?

- Porque eu mesma estava *consertando*.

Beckett perscrutou o rosto dela com os profundos olhos azuis intrigados e pacientes.

- Está brava comigo ou com o cano?

– Estou... – Lutou para conter as palavras que lhe subiam pela garganta. A culpa nem era tanto dele... – Estou tendo um dia difícil. Só isso. Obrigada pela ajuda.

– Às ordens. Por falar nisso, posso ficar com os meninos depois do colégio para você poder ajudar Hope na mudança.

– Tem escutas por aqui? Instalaram algum sistema de interfone entre a livraria e a pousada?

– Não que eu saiba, mas esbarrei com Avery quando fui comprar um sanduíche na hora do almoço.

– Eu disse a ela que ia chamar Mazie.

– Então preciso perguntar outra vez se você está brava comigo.

– Não. Por que estaria? – falou entre dentes, porque, na verdade, estava e nem sabia direito por quê. – Só não quero que você fique à disposição para fazer consertos, cuidar das crianças ou qualquer outra coisa que aconteça. Sei resolver esses problemas. É algo que venho fazendo há anos.

– Isso não se discute – concordou Beckett com toda a calma, encarando-a. – Algo a impede de aceitar a ajuda que lhe oferecem ou o problema é só comigo?

– Não. É. Ahn... – balbuciou ela, pressionando os olhos com os dedos. – Um dia terrível que começou com a ida ao dentista de três meninos irritadíssimos.

– Cáries?

– Não. Imagine, as coisas teriam sido ainda piores. Bom, com certeza os garotos vão adorar ver você. Se tiver tempo, é claro.

– Posso cancelar todos os compromissos sociais da minha agenda desta noite.

– Ahn... vou buscá-los e mandar que terminem o dever de casa. Prometi fazer tacos se eles se comportassem no dentista... o que não aconteceu. Mas vou fazer assim mesmo, já que é mais rápido e mais fácil para mim.

– Que tal eu aparecer lá pelas quatro? É um bom horário?

– É, sim. Obrigada.

– Até lá, então.

– Beckett! Desculpe se fui grossa com você. Obrigada mesmo pela ajuda.

– Tudo bem. – Ele já ia saindo, mas se deteve. – Clare, você pode ser capaz de fazer tudo, mas isso não significa que é obrigada a fazer.

*Talvez não*, pensou ela. Mas não queria esquecer o que tinha aprendido.



Ryder ficou olhando Beckett arrumar suas coisas. Sabia quando o irmão estava chateado e decidiu descobrir o que estava acontecendo.

– Estamos precisando de ajuda lá na loja, sabe?

– Meus serviços já foram requisitados para outro lugar.

– Ficar com as crianças. Ela traz você na rédea curta, cara.

Beckett se limitou a erguer o dedo médio.

– Acho que precisa ser bonzinho se quiser marcar pontos depois daquela briga lá na Vesta.

– Que briga? – Dessa vez, Beckett ergueu a cabeça, de cara amarrada. – Não tivemos briga nenhuma.

– Não foi o que me disseram.

– Tivemos uma *discussão*. Se as pessoas não sabem a diferença entre uma coisa e outra... Merda! – Deu um chute no pneu dianteiro da caminhonete. – Talvez ela veja a diferença. Quem sabe?

– Tentar deduzir o que ela acha é o seu primeiro erro. Ninguém entende as mulheres.

– Tem alguma coisa errada. Ela quase avançou para cima de mim quando fui consertar um vazamento na livraria. É por causa da Lizzy. Tenho certeza.

– Clare acha que você está paquerando o seu fantasma?

– Não é o meu fantasma. Clare ficou apavorada na outra noite, quando andei pela pousada com ela e as crianças, e Murphy viu Lizzy.

– Agora as crianças compartilham a sua alucinação?

– Você sabe muito bem que não é uma alucinação. – Ele apontou

com o polegar para Diaraque, que fazia xixi no pneu que Beckett acabara de chutar. – Por que é que o seu cachorro vai lá para cima e fica circulando por aquele quarto todo santo dia?

– Ele é um cachorro, Beck. Também não tento descobrir o que se passa na cabeça dele. – Mas Ryder precisava admitir que aquela história era interessante. – Então o menino a viu.

– Viu. Nunca toquei nesse assunto com nenhum dos três. – Contou ao irmão o que tinha acontecido e, depois, concluiu: – Clare ficou enlouquecida e furiosa. Aparentemente, ainda está.

– Isso vai passar. Leve flores para ela ou qualquer outra coisa.

– Não dá tempo de comprar flores. Além do mais – ele chutou de novo o pneu –, não fiz absolutamente nada.

– Ah, isto é importantíssimo. – Ryder balançou a cabeça, com pena de Beckett. Quando o irmão entrou no veículo, ele se debruçou na janela do caminhão. – Elas sempre vão achar que você fez alguma coisa errada, logo é mais fácil distraí-las com flores. Assim, é mais provável que vocês acabem na cama.

– Seu cínico filho da mãe.

– Sou realista, meu irmão. Vá cuidar dos meninos. Talvez, para uma mulher como Clare, isso tenha o mesmo efeito que flores.

*Talvez*, pensou Beckett, dirigindo a caminhonete. Mas não ia ficar com as crianças por ter feito algo errado. Ia simplesmente lhe dar uma mãozinha.

Gostava de ajudar Clare. *Queria* ajudá-la.

Mais cedo ou mais tarde, ela ia acabar se acostumando.

Quando chegou à casa dela, os três ficaram malucos. Tanto o seu ego quanto o seu humor melhoraram muito assim que os garotos vieram correndo, disputando a sua atenção, enchendo-o de perguntas e súplicas por brincadeiras.

– Calma – disse Clare, pondo a mão no ombro de Harry e voltando-se para Beckett. – Só precisamos terminar um dever de matemática.

– Matemática, é? Era a matéria em que eu me saía melhor.

– Vou ficar *o resto da vida* fazendo dever – falou o garoto.

– Até parece... É só acabar esta folha aqui e está liberado.

– Pode ir – disse Beckett. – Nós cuidamos disso.

– Mas...

– Não tem espaço para mulheres aqui.

– É a Noite dos Homens! – exclamou Murphy, flexionando os braços para exibir os minúsculos bíceps, do jeito que Beckett tinha lhe ensinado.

– Uma Hora e Meia dos Homens! – emendou Clare, e foi então que viu a sacola que Beckett colocara na bancada da cozinha.

– Isso aí não é da sua conta. São coisas de homens.

Ele pegou a sacola e lhe deu um beijo de leve. Liam fez uns sons de vômito enquanto Harry olhava fixo para o dever de casa e Murphy tentava subir pelas pernas de Beckett como se fosse um macaco.

– Está certo. – Clare encarou Harry por alguns instantes e passou a mão pelo cabelo do filho. – Não faça o dever por ele. E vocês, meninos, deixem o seu irmão em paz para ele terminar a lição de uma vez. Depois, podem todos brincar. Não vou demorar muito.

– Divirta-se. – Beckett sentou-se à mesa. – O que temos aqui?

Clare lançou outra olhadela demorada para o filho e foi embora.

– Precisa somar os três números e escrever a resposta. Não sei por que tem tantos assim...

– Estamos começando bem...

– Podemos pegar a sacola agora? – perguntou Liam. – São biscoitos?

– Não e não. Vão já para o quarto de brinquedos. Preciso que dividam todos os bonecos entre mocinhos e vilões e, depois, formem equipes com eles.

– Para quê?

Beckett cutucou a barriga de Murphy.

– Para a guerra.

Diante da perspectiva de uma guerra, os dois saíram correndo, soltando gritos assustadores.

– Então – retomou Beckett –, temos que somar cinquenta mais oito mais duzentos...

Logo percebeu, porém, que não era de ajuda que Harry precisava, mas de alguém que conseguisse manter a sua atenção no exercício.

– É isso aí! Acertou tudinho. – Pelos sons que vinham da outra sala, percebeu que tinham começado a guerra sem ele. Pegou a sacola e a colocou em cima da mesa. – Quanto aos exercícios de matemática, além do dever que nos chama, isto parece perfeito.

Tirou da sacola uma trena.

– É de verdade. Não é um brinquedo. Tenho várias. Com toda a certeza, existem mil coisas por aqui que podem ser medidas.

Harry puxou a ponta da trena e, ao soltá-la ela se recolheu rapidamente.

– Quando quiser que a fita fique para fora, aperte este botão e ela vai parar. Depois, é só apertar o outro lado e ela se solta novamente.

Harry experimentou a trena mais algumas vezes, então olhou para Beckett.

– Por que me trouxe isso?

– Outro dia, quando estávamos na pousada, você parecia interessado em saber como se constroem e como se consertam coisas. Não dá para fazer nada disso sem uma trena. Meu pai me deu uma...

– Você não é meu pai.

– Não, não sou – concordou Beckett, pensando “ô-ou”. – Só me lembrei que ganhei uma dessas quando era pequeno e achei que você ia gostar de ter uma.

– Vi você beijando a mamãe. E já vi vocês se beijando antes.

– Verdade.

Harry pôs a trena em cima da mesa e cruzou os braços.

– Por que você faz isso?

– Porque gosto dela. Quem sabe você não conversa com a mamãe sobre isso?

– Estou conversando com *você*.

– Ok, faz sentido. – Então a resposta também deveria fazer. – Gosto muito da sua mãe. Beijar é um jeito de demonstrar isso.

– Vocês vão se casar?

Nossa! Como explicar a um menino de 8 anos que existe uma distância enorme entre beijar e casar?

– A gente gosta um do outro, Harry, e gosta de ficar junto, de

fazer coisas junto.

– Mamãe disse que Laurie vai se casar.

– É verdade, mas...

– Você não pode pedi-la em casamento antes de falar comigo.

Sou o mais velho.

– Tudo bem.

– E não pode dar beijos nela se ela não quiser.

– Combinado.

– Você precisa *jurar*.

Embora o seu olhar e a sua voz expressassem seriedade, Beckett percebeu que o o lábio inferior tremia ligeiramente.

*Corajoso, esse menino*, pensou ele. *Corajoso mesmo*.

– Sabe, eu também perdi o meu pai.

Harry meneou a cabeça.

– Sinto muito.

– É, não é fácil... Os filhos têm que cuidar da mãe. É nossa função. E você está fazendo isso muito bem, Harry. Nunca vou beijar a sua mãe se ela não quiser. Não vou pedir que ela se case comigo sem falar com você antes. – Estendendo a mão, acrescentou: – Eu juro.

Por um instante, Harry só fitou o rosto e a mão de Beckett. Depois, apertou-a.

– Tudo certo entre nós?

Harry encolheu um ombro.

– Acho que sim. Você vem brincar com a gente só para poder beijar a mamãe?

– É uma boa recompensa, mas venho porque é divertido e porque gosto de vocês. Mas não vou lhe dar nenhum beijo...

O menino deu uma risadinha abafada e voltou a pegar a trena.

– Você trouxe trena para nós três?

– Não. Trouxe uma coisa diferente para cada um.

– Posso ver?

– Claro. Esse nivelzinho é para o Murphy. Olhe só, quando você o põe em algum lugar, tem que olhar a bolha que fica aqui no meio. Está vendo estas linhas e como a bolha fica certinha entre elas? Esta

mesa está muito bem nivelada. Senão – acrescentou Beckett erguendo uma das pontas do nível –, ia ficar assim. Viu?

– Vi. – Fascinado, Harry resolveu experimentar. – Incrível!

– E isso aqui é uma chave Phillips.

– Quem é Phillips?

– Boa pergunta. Não faço a menor ideia. – Beckett teria que pesquisar. – A chave Phillips tem essa espécie de estrelinha aqui, em vez da ponta achatada das chaves de fenda comuns. Esta é pequena e Liam vai poder usá-la para abrir a caixinha onde fica a bateria dos brinquedos e trocá-la quando for preciso.

– Legal!

– Se tivéssemos mais ferramentas e alguns outros materiais, poderíamos construir coisas de vez em quando.

Harry se empertigou.

– Que tipo de coisas?

– Sei lá, mas vamos pensar em algo.

– Ok. Gostei da trena. É de verdade. Vou lá mostrar para Liam e Murphy e medir algumas coisas.

– Boa ideia. Eu vou ficar aqui mesmo.

Harry saiu correndo e Beckett ficou sentado à mesa por uns instantes. Esperava ter lidado com aquele assunto espinhoso da melhor maneira possível. Achava que fizera tudo certo, mas, *ufa*, que alívio ver as coisas voltarem ao normal...



Clare tomou um gole do champanhe que Avery tinha trazido e examinou o apartamento de Hope. Poucas coisas, pensou: prático... e temporário. Era evidente que a amiga pensava como ela, pois trouxera apenas o mínimo indispensável na mudança.

– Vendi muita coisa. Dei algumas para a minha irmã. Meu irmão ficou com a cama. Eu não queria mais e ele não se importava em dormir onde eu dormia com Jonathan.

Hope deu de ombros.

– Melhor assim – observou Avery. – Um novo começo, um novo lugar, um novo tudo.

– Achei melhor esperar para comprar outra até me mudar para o apartamento de verdade. Por enquanto, posso perfeitamente dormir nesse colchão novo.

– Boa ideia. – Avery fez um brinde. – Devia ir ver na Bast’s. Fica perto daqui, na avenida principal. A maior parte dos móveis da pousada é dessa loja. E Owen me disse que, até que as coisas possam ser trazidas para cá, eles estão guardando tudo no depósito. Garanto que fariam o mesmo pela gerente.

– Talvez. Seja como for, vou dar uma olhada. – Hope olhou as caixas, as paredes vazias, o chão nu. – Ai, meu Deus, o que foi que eu fiz? – Girou sobre si mesma, com os olhos arregalados e meio perdidos. – Vendi metade das minhas coisas; nem sei direito o que enfiei no depósito. Saí de um lugar que eu adorava e sabe-se lá por quanto tempo não vou ter um emprego de verdade. Por que fui inventar isso?

– Isso é só ansiedade – replicou Clare.

– Ansiedade? Ansiedade é pouco! Fiquei maluca, isso sim. Normalmente não sou desse jeito. Nem sei onde estou.

– Em Boonsboro. – Avery virou a amiga de frente para a janela que dava para a avenida principal. – Já estive aqui milhares de vezes. Está vendo? Ali é o meu restaurante.

– Ah, você entendeu o que eu quis dizer.

– O que sei é que você vai começar a trabalhar no emprego perfeito, numa cidade onde tem as melhores amigas possíveis: inteligentes, sexy, lindas e sábias.

– Modestas e adoráveis também – acrescentou Clare, mas Hope não achou graça.

– Como posso saber se é o emprego perfeito para mim? Ainda não comecei a trabalhar.

Avery passou o braço por seus ombros e a puxou contra si.

– Eu sei do que você está precisando.

– Tem razão. Vocês são sábias. Preciso de muito champanhe – disse Hope.

– Não... Bom, isso fica para depois. – Avery enfiou a mão no

bolso. – Owen me deu a chave. A sua chave da pousada. Vamos até lá para você se lembrar de onde está.

– Ainda não terminei de arrumar as coisas. Talvez nunca termine. Não tem lugar para todas as minhas roupas. – Hope pressionou as têmporas. – O que vou fazer com elas?

– Vamos dar um jeito nisso. Mas, agora, vamos explorar os seus futuros domínios.

– Avery tem razão. – Embora a ideia de as três entrarem sozinhas no prédio a deixasse um tanto desconfortável, Clare tratou de demonstrar todo o entusiasmo do mundo. – Pelo que disse, ainda não esteve lá desde que se mudou.

– Fiquei tentando organizar tudo.

– Ajudo você mais tarde.

– E eu passo aqui amanhã – prometeu Clare. – Pelo menos fico por um tempo.

– Está bem. Vamos lá.

– Você precisa ver a entrada principal.

Clare pegou o casaco e lá se foram as três pela escada dos fundos.

– E o lugar é lindo – comentou Hope. – Um prédio magnífico, sem dúvida. Só não sei por que achei que podia dar conta dele...

– Porque é inteligente e sabe o que faz... Logo, é sábia. Era de um desafio como esses que você estava precisando para dar a volta por cima.

Enquanto atravessavam a rua, Hope olhou para Avery e soltou um suspiro.

– Quanto exagero. Só esqueceu de dizer que sou sexy e linda.

– E precisa, Miss Filadélfia?

– Chamar de sexy e linda nunca é demais.

– Estão preparando o chão para instalar o piso – disse Avery, gesticulando. – Você tem que ver os fundos da lojinha de presentes. Ficou fantástico. Aqui. – Ela entregou a chave a Hope. – É você quem deve abrir.

*Então vamos lá,* pensou a moça, enfiando a chave na fechadura.

## capítulo catorze



QUANDO ENTRARAM, HOPE NÃO disse nada. Clare ia começar a falar, mas Avery fez que não com a cabeça. Compreensiva, ficou calada.

Havia caixas empilhadas por todo canto, deixando apenas uma espécie de corredor por onde se podia passar. Eram armários de cozinha, percebeu Clare. A instalação seria iniciada em breve, mas era uma pena que Hope não pudesse admirar as lindas lajotas do piso com todas aquelas caixas e lonas.

As duas conseguiram se esgueirar até a ampla arcada.

– As cores estão ótimas – comentou Hope num tom de voz casual.

No entanto, ficou um bom tempo parada no cômodo abarrotado antes de cruzar o corredor curto que levava à área da recepção.

Ao chegar, fez um ruído, misto de surpresa e de prazer.

– Lindíssimo. Elegante e diferente sem ser rebuscado. Sabem se podemos andar por aqui também?

– Owen disse que todos os lugares em que não pudéssemos pisar estariam isolados. – Querendo ver com os próprios olhos, Avery foi até um dos banheiros e acendeu a luz. – Uau! Uau! Uau!

– O que foi? Oh! – exclamou Hope. Ela entrou também e passou os dedos pelo desenho estilizado formado pelos ladrilhos das paredes. – Vejam como isso remete aos detalhes do tapete cerâmico sem reproduzi-lo. Eu simplesmente adorei.

– Quer para você?

Hope se limitou a lançar um olhar para a amiga com as sobrancelhas erguidas.

– Tenho certeza de que há mais coisas para ver.

Andou até o primeiro quarto e parou diante da porta do banheiro

que estava isolada com uma fita.

Já puseram o piso, percebeu Clare, e pensou naquele primeiro momento com Beckett, bem ali. Na percepção súbita e surpreendente. No cheiro de madressilva.

Deixou as outras duas comentando sobre as cores e os detalhes dos ladrilhos e foi para a sala de jantar.

– É uma bela visão – disse Hope, aproximando-se.

Ela continuou observando o teto e, depois, saiu andando em direção as janelas da frente.

– Ainda não está convencida?

Sem deixar de olhar para fora, Hope deu de ombros.

– Não estou na minha zona de conforto e isso é meio assustador. Tudo isto aqui é uma mudança tão grande, mas é o que quero. Acho que é disso que preciso. Mas, agora que está feito, fico me perguntando se estou preparada para algo assim. – Ela se virou. – Apesar de tudo, este lugar tem algo especial. Está me dizendo algo e me faz achar que talvez *esta* seja a minha nova zona de conforto. Parece certo estar aqui. É provável que eu atravessasse a rua e entre em pânico novamente, mas, quando estou aqui dentro, está tudo bem.

Mais uma vez, ergueu os olhos para o teto de caixotões ao ouvir o som de passos no andar de cima.

– Avery deve ter subido sem a gente.

– Não subi, não.

Hope voltou a olhar para cima quando Avery apareceu.

– Talvez seja Ryder ou Owen – comentou Clare.

– Pode ser, mas as picapes deles não estavam nem na frente nem nos fundos.

– Bom, tem alguém lá em cima e, já que as portas estão fechadas, só pode ser gente que tem a chave. – Para esclarecer o problema, Hope foi até o saguão e parou ao pé da escada. – Oi!

Sua voz ecoou e, depois, houve apenas o silêncio.

– Deve ser o fantasma. – Avery abriu um sorriso torto, divertindo-se. – Vamos lá ver.

– Avery... – começou Clare, mas a amiga já estava subindo a escada correndo.

Resignada, foi atrás dela, junto com Hope, enquanto Avery continuava a chamar por alguém.

– Esfriou ou é impressão minha? – A amiga parou diante da porta do E&D. – Estão sentindo? – indagou, respirando fundo. – Verão. Madressilvas.

– Pura imaginação sua – retorquiu Clare, mas cruzou os braços, com um calafrio, já que também estava sentindo aquele perfume.

– Então a minha imaginação está seguindo a dela. É fascinante.  
– Hope entrou no aposento. – Alguém tentou pesquisar para descobrir quem era ela? Seria... – Pulou de susto quanto a porta da varanda se abriu. – Vejam só isso!

– Essa porta não estava trancada. Foi por aí que alguém entrou – insistiu Clare.

– Alguém carregando uma braçada de madressilvas? Acho que não. – Avery se aproximou da porta e a escancarou. Depois, voltou a fechá-la. – E entrar por aqui escondido não seria nada fácil, ainda mais que está tudo iluminado lá fora...

– Não estou sentindo nenhuma melancolia por aqui. – Hope andou pelo quarto, voltou a abrir a porta e foi para a varanda. – O que quer que seja, ou quem quer que seja... parece amistoso.

– Não estou *sentindo* nada porque aqui só tem pedra, tijolo e madeira – retrucou Clare, irritada.

– Várias outras casas mal-assombradas só tinham isso – replicou Avery, falando agora em voz mais baixa e num tom mais profundo.

– Ah, parem com isso! – Agora, Clare estava realmente brava. – Parem com isso! É um prédio antigo. Os pisos rangem. Estão precisando consertar essa porta. E pronto!

– Minha querida – Avery tomou-lhe a mão –, por que você está tão irritada?

– Vocês duas ficam aí tentando fazer a pousada parecer mal-assombrada e ainda me pergunta por que estou irritada?

– É. – Avery apertou um pouco mais a mão da amiga. – Se não acredita nessas coisas, é normal achar que estamos sendo tolas. Mas daí a ficar com raiva...

– Não estou com raiva. Só estou cansada de ser obrigada a falar de fantasmas como se eles existissem.

– Tudo bem. Não fico aborrecida por você não acreditar. Por que você fica ao saber que acredito?

– Tem toda a razão. Está certíssima. O dia não foi fácil e ainda tenho que preparar o jantar. É melhor eu ir andando.

– Nós vamos também – disse Hope.

– Não. Fiquem para ver o resto. Desculpem. Estou mesmo cansada. É só que... – Sua voz falhou, deixando-a mais atrapalhada ainda. – Não acredito em nada disso.

– Tudo bem, pode ir. – Avery deu de ombros, irritada. – Acho melhor subirmos para Hope ver o apartamento dela.

– Não quero acreditar nisso – prosseguiu Clare, agora com um nó na garganta e os olhos marejados. – Se fosse mesmo possível, por que Clint não voltou?

– Clare... – Antes que ela pudesse se afastar, Avery a abraçou. – Sinto muito. Isso nem me passou pela cabeça.

– Sou uma idiota, uma idiota. – Sem tentar mais resistir, Clare deixou as lágrimas lhe escorrerem pelo rosto. – E é uma burrice ficar com raiva, mas por que ela precisava voltar? Por que não ficou por lá?

– Se eu soubesse...

– Murphy a viu.

Avery tomou um susto.

– O quê? Quando?

– Quando viemos aqui com Beckett. Fiquei apavorada ao vê-lo subir a escada e sorrir para... ela. Também fiquei furiosa. Por que ele pode vê-la e não teve uma chance de ver o pai? Uma vez que fosse? Uma única vez. Droga!

Foi para a varanda em busca de ar. Hope enfiou um lenço de papel na sua mão e passou o braço por seu ombro.

– É uma estupidez ficar com raiva. – Clare soltou um suspiro trêmulo enquanto enxugava os olhos. – É inútil querer saber o porquê. Já pensei nisso tudo antes, já deveria ter superado. Quando começaram a falar de fantasmas, eu não acreditava em nada do que diziam, portanto era até interessante. Como num romance. Apenas uma boa história. Nada mais. Mas, então, Murphy...

– Você pode perfeitamente querer saber o porquê – murmurou

Hope. – Mesmo que não exista uma resposta para a sua pergunta.

– Até agora não sabia por que isso tinha mexido tanto comigo. Ou talvez não conseguisse admitir.

– Bem, acho melhor irmos embora daqui – sugeriu Avery. – Vamos voltar para a casa de Hope e sentar um pouco para conversar.

– Não. Já estou bem. É melhor saber e admitir para encarar a situação.

Clare se virou, fitando a porta escancarada, e soltou o ar por um tempo.

– É melhor mesmo eu encarar a situação, já que, pelo visto, ela não pretende ir embora.



Naquela manhã, Beckett foi se encontrar com os irmãos na lavanderia. Se Owen não tivesse convocado a reunião, poderia dormir mais uma ou duas horas, já que pretendia trabalhar em casa até a hora do almoço.

Mas Owen era Owen, e reuniões e cronogramas eram a sua paixão.

– O eletricitista vem agora de manhã para instalar as luminárias externas aqui e as novas internas na loja de presentes. As caixas estão marcadas, mas você vai ter que ficar de olho em tudo, Beckett. Antes que me pergunte por quê, são cerca de duzentos pontos de luz ao todo. Não quero perder tempo, dinheiro e horas de trabalho dos operários consertando algo que foi trocado.

– Perfeito. Só vou para o escritório depois de ter feito isso. E, antes que *você* pergunte, estou com o meu checklist.

– Já que tocou no assunto... – disse Owen, e acrescentou meia dúzia de tarefas e telefonemas na lista de Beckett.

– Que diabos você vai fazer enquanto eu estiver pendurado na porcaria do telefone?

Owen virou a prancheta para o irmão ver. Diante do tamanho

daquela lista, Beckett se calou.

– Por que não passa uma parte desses afazeres para a gerente?  
– perguntou Ryder.

– Porque estamos lhe dando uns dias para fazer a mudança, meu Deus! Na semana que vem, Hope já vai ter a sua cota, acredite em mim. – Virou uma página na sua prancheta. – Aqui está a lista que comecei a preparar para ela. Enquanto eu estiver instalando o balcão na loja, o que você pretende fazer?

– Tem dois homens trabalhando lá. – Ryder verificou a própria lista. – Depois vão buscar a escrivanhinha que mamãe reservou e levá-la para o escritório da loja. A pintura da fachada continua. Pelo visto, não vai acabar nunca... E vou mandar eles começarem a parte interna, atacar o saguão da recepção, já que o chão está pronto.

Passou os olhos pela lista inteira enquanto Beckett tomava café e o rádio começava a tocar música country, indicando que os operários estavam chegando.

– Mamãe tem um compromisso em Hagerstown – lembrou Owen. – Portanto, certamente vai passar na obra quando estiver voltando para casa. Avisem ao pessoal que a patroa vem aqui. Por enquanto, isso é tudo.

– Graças a Deus!

Ryder deu um sorrisinho ao ver Beckett bocejar.

– O trabalho de babá ontem à noite deixou você exausto?

– Isso é um código para sexo? – perguntou Owen. – Se estiverem usando códigos, precisam me atualizar.

– Não, não é um código. E, não, não fiquei exausto. Só não dormi o bastante. Provavelmente porque ser babá não é um código para sexo.

Ainda com o mesmo sorriso, Ryder indagou:

– Ela estava com dor de cabeça?

– Ah, como você é babaca... – disse Beckett com ar indiferente. – Não é hora... Seria estranho dormir com ela sabendo que as três crianças estão logo ali ao lado. Sei que eles ainda não estão prontos. Principalmente depois que Harry veio tirar satisfações comigo porque beijei a mãe dele.

– Está brincando? – Àquela altura, o sorriso de Ryder ia de orelha

a orelha. – Que ótimo!

– Foi uma atitude admirável. Ele cuida dela. Aqueles meninos são muito legais. Murphy quer que eu faça uns caixões para os bonecos dele. Para quando morrerem em combate. Quem teria uma ideia dessas?

– Adoraria ter uns desses... – refletiu Owen. – Teria sido fantástico. Poderíamos enterrá-los no quintal, fazer umas lápides com o emblema...

*Brilhante*, pensou Beckett.

– Depois, eles iriam ressuscitar, recuperados graças a alguma força sobrenatural, e tratariam de se vingar.

– Também dá para gravar os emblemas na tampa dos caixões. Todo homem deveria ter o seu. Ainda tem aquele kit de gravação em madeira, não tem?

– Claro. Cara, ele iria achar o máximo!

– Enquanto vocês ficam aí brincando, eu vou trabalhar. – Ryder afivelou o cinto de ferramentas. – Tem um monte de sobras de madeira por aí – acrescentou ao sair.

Owen esperou até que o irmão já estivesse longe, gritando ordens para os operários.

– Sabe que, se você fizer os tais caixões, ele vai se animar todo e querer os do Wolverine e do Venom.

– Claro que vai. E você?

– Lógico que também vou. Fico com...

– Homem-Aranha e o Cavaleiro da Lua.

– Droga! Eu ia escolher o Aranha.

– Tarde demais.

– Batman e Coringa.

– É um bom começo.

Beckett pretendia ir direto para o seu escritório, em casa, mas acabou enfiando as luvas de trabalho para ajudar a derrubar a velha cerca. Depois, falou com Madeline ao telefone para saber a disposição das prateleiras que ela queria instalar em uma das paredes.

Quando estava saindo, viu o barbeiro no banco diante do Salão da Sherry e parou para conversar.

– Está muito bom. – Juntos, observaram o electricista que instalava um dos grandes lampiões que ladeavam a porta de entrada. – Ouvi dizer que vão dar uma festança quando a obra terminar.

– Ouvi o mesmo.

– Quem passa por aqui de carro está ficando com torcicolo para olhar o prédio.

– Eles não têm a mesma visão que você, Dick. – O celular no seu bolso tocou. – Até mais tarde. – Saiu andando já com o aparelho no ouvido. – O que foi, Ryder? Ficou com saudade de mim?

– Morrendo de saudade. Os ladrilheiros estão em dúvida sobre o padrão da parede. Como mamãe está em Hagerstown, você foi escolhido para resolver o problema.

– Estou indo.

Quando finalmente chegou ao seu escritório, já eram quase dez horas, bem mais tarde do que tinha planejado. Mas não se incomodou com isso. *Um passo de cada vez*, pensou, enchendo uma caneca com o resto do café preparado mais cedo.

Primeiro, tratou dos telefonemas, pois era o que mais detestava. Em seguida, decidiu atualizar o projeto da disposição dos móveis, já que havia agora algumas compras adicionais.

Depois de enviar as atualizações por e-mail a todos, abriu um arquivo. Pretendia terminar as placas indicativas naquele dia mesmo. Tinha que resolver aquilo de qualquer maneira e era melhor que todos gostassem do resultado.

Haviam hesitado entre três fontes possíveis porque ninguém quisera assumir a decisão sozinho. Bom, ele decidiria por todos. Ficou experimentando todas com espaçamento, tamanho e tonalidades diferentes. Levantou-se, andou de um lado para outro, foi até a janela e observou o prédio, tentando chegar a uma definição. Voltou para a escrivaninha, verificou novamente as medidas, os cálculos, e trabalhou ainda um pouco com as fontes.

*Hora de comer*, decidiu, e ligou para a Vesta, pedindo um calzone.

*Pronto, vai ser assim*, disse consigo mesmo, e imprimiu uma

folha. Levou-a para perto da janela, ergueu-a no ar com um dos olhos fechados. E sorriu.

– Perfeito.

Para causar mais impacto e se convencer definitivamente, sentou-se outra vez para trabalhar num letreiro para a loja de presentes usando a mesma fonte e a mesma paleta de cores.

Alguém bateu à porta.

– Está aberta. Pode entrar!

Já ia se levantando, estendendo a mão para pegar a carteira, quando o seu dia ficou mais luminoso: Clare entrou trazendo uma caixinha de comida para viagem.

– Fazendo um bico na Vesta? Aposto que as gorjetas são ótimas.

– Estou economizando para comprar um carro novo. – Ela lhe estendeu a caixa com um sorriso. – Estava lá quando prepararam o seu pedido, então me ofereci para trazer porque queria conversar com você. Puseram na sua conta.

– Excelente. Vamos dividir?

– Não, obrigada. Vou só comer uma saladinha e ajudar Hope durante uma hora. Mas estava querendo...

– Esqueci a sua gorjeta. – Beckett segurou-a pelo quadril e puxou-a para si. – Como está cheirosa!

Pela primeira vez desde a discussão sobre Lizzy, ela parecia realmente relaxada e feliz.

– Andei experimentando novos hidratantes corporais. O que estou usando é de damasco com mel.

– Aprovado.

Ele a beijou, mergulhando naquele aroma, mergulhando nela. Quando Clare enlaçou o seu pescoço, Beckett pensou que havia muito tempo não a abraçava de verdade, não a possuía de verdade.

– Você é bom em dar gorjetas.

– Foi só o sinal. – Beckett conduziu-a em direção à porta. – Tem que vir comigo para receber o resto.

Levou-a então até o seu apartamento.

– Beckett!

Clare riu, mas ele percebeu que a respiração dela tinha se

alterado; sentiu-a estremecer quando ele mordeu bem de leve o seu lábio inferior.

– Não posso. Agora não dá. Estamos no meio do dia.

– Hora do almoço.

– Ok, mas...

– Penso em você o tempo todo – prosseguiu Beckett, sempre fazendo-a recuar. Deslizou os lábios até o seu pescoço e, depois, voltou a beijá-la na boca. – Penso em ficar com você de novo desse jeito. É duro vê-la e não poder tocá-la.

– Eu sei. Eu...

– Deixe que eu a toque.

Mas já estava fazendo isso. Suas mãos percorriam o corpo dela, apertavam-no, despertando desejos que abafavam o bom senso.

– Acho que posso me atrasar um pouco.

Beckett enfiou a mão por baixo do vestido de Clare, foi subindo por sua perna e voltou a descer.

– Com certeza posso me atrasar.

Deixou-se cair na cama, com o coração já disparado, o corpo em ritmo acelerado. *Louco, irresponsável, maravilhoso*, pensou quando sentiu a boca de Beckett pressionar os seus seios, os dentes dele a mordiscarem... tratando de forma um tanto selvagem a roupa deles.

Clare soltou uma exclamação de surpresa quando os dedos dele se enfiaram novamente debaixo do seu vestido e depois dentro dela.

– Ai, meu Deus!

– Isso, assim...

Excitadíssimo, Beckett a levou à loucura sem parar de beijar a pele macia do seu pescoço.

Ela se ergueu sob o peso dele, segurando um punhado de lençóis, com os olhos enevoados. Quando Clare gozou, seu gemido longo o atingiu em cheio. Depois que ela relaxou, já de olhos fechados, Beckett se livrou da calça jeans, levantou o vestido dela e a penetrou.

Mais um grito e, dessa vez, as mãos dela agarraram seu quadril, cravando as unhas na sua pele. Clare chamou por ele, trêmula, fitando-o bem nos olhos.

Então ela enlaçou sua cintura com as pernas e entrou no ritmo

dele.

Exaustos, os dois ficaram deitados lado a lado, parcialmente vestidos, com a respiração ofegante.

– Eu devia lhe trazer calzones o tempo todo.

– Por mim, tudo bem.

Clare fechou os olhos, querendo ficar ali por mais um instante.

– Isso vai direto para a minha lista de “primeiras vezes”.

– Durante o dia, você quer dizer? – perguntou ele, erguendo a cabeça.

– Não, no meio de um dia de trabalho... E ainda estou vestida. Ou quase.

– Eu estava com certa pressa. – Baixando-se, Beckett roçou os lábios dela com os seus. – Mas, agora, posso tirar as suas roupas e começar tudo de novo.

– Acho que meu organismo e meus horários não aguentariam mais gorjetas. De todo modo, obrigada pelo apoio.

– Os melhores calzones da região. Merda! Vou lá atender – exclamou Beckett ao ouvir as batidas na porta.

Ouviu a voz de Avery e então percebeu que a porta não estava trancada. Enfiou a calça e Clare se levantou, tentando ajeitar e desamassar o vestido.

– Já estou indo! Espere aí!

Mas ela já tinha empurrado a porta e estava parada, de boca aberta, com o dedo apontado para a cena.

– Vocês acabaram de transar! Olhem só essas carinhas animadas e culpadas. Meu corpo não está aguentando mais de tanta inveja. Vou contratar um garoto de programa. Quanto você cobra?

– Engraçadinha...

Clare tentou dar um jeito no cabelo, mas lembrou que tinha deixado a bolsa – logo, a escova – no escritório de Beckett.

– Só estávamos discutindo a relação...

– As evidências provam que estavam *tendo* relações.

– Ela gosta de criar caso – disse Beckett a Clare, apontando para Avery com o polegar.

Então os dois sorriram um para o outro. *Com aquele jeito de quem acabou de dar uma rapidinha*, pensou Avery.

– Eu bati – alegou ela. – Primeiro no escritório, porque foi onde você mandou entregar o calzone e Clare disse que vinha trazê-lo porque queria – ela fez aspas com os dedos – falar com você.

– Disse mesmo. E não falei. Olha, preciso pegar minha escova. Meu cabelo... Tenho que estar na casa da Hope daqui a pouco.

– Vocês não podem transar de novo. Juro que não vou deixar. Se fizerem isso, vou ficar sabendo, vou chorar e cortar o cabelo todinho. Não querem se sentir responsáveis, certo?

– Só vou me arrumar um pouco. Chego num minuto. Prometo.

Avery limitou-se apenas a apontar para os dois, estreitando os olhos, e foi embora.

– Achei que ela fosse ficar aqui para sempre. Por que não...?

– Não. – Clare ergueu a mão espalmada. – De jeito nenhum. Eu prometi. Tenho que pegar a minha bolsa. Estava querendo falar com você. Pedir desculpas.

– Por quê? – indagou Beckett, seguindo-a até o escritório.

– Por me sentir tão distante que nem agradei quando você ficou com os meninos ontem. Por ter sido tão rabugenta quando você consertou a minha pia e por ser grosseira na noite em que fomos ver a pousada e comer pizza... Aliás, esse foi o motivo de todo o resto.

Clare pegou a bolsa e olhou ao redor.

– Acho que nunca tinha estado aqui antes... No escritório. É legal. É a sua cara. Tem banheiro?

– Tem.

– Preciso de um espelho. – Entrou, deixando a porta aberta, e começou a ajeitar o cabelo. – Avery, Hope e eu fomos à pousada ontem enquanto você estava com os meninos. E, bom... Ouvimos um barulho lá em cima. Pareciam passos. E sentimos o cheiro dela. A porta da varanda se abriu sozinha.

Pegou o elástico que tinha no pulso e prendeu o cabelo num rabo de cavalo.

– Fui muito grossa com elas, exatamente como fui com você. Na verdade, fui mais grossa ainda. Fiquei tão furiosa...

Pegou o batom para retocar os lábios.

– Por quê?

– Essa é a questão. E entendi por quê, ou me permiti entender. Compreendi que fiquei tão zangada porque, se isso é possível, se está realmente acontecendo, se é mesmo possível que uma pessoa volte, então...

– Ah, merda! Clint... Nunca pensei nisso. Ah, me desculpe...

– Não, *eu* é que peço desculpas. Não há motivo para você pensar nisso. E menos ainda para eu descontar em você, Avery e Hope. Quando ficamos irritados, descontamos nas pessoas de quem gostamos.

Para terminar o serviço, pegou o pó compacto.

– Eu a magoei e não quero fazer de conta que não aconteceu nada – replicou Beckett.

– Você não me magoou. Foi a situação em si. E, agora que sei por que fiquei daquele jeito, já não sofro mais.

– Simples assim?

– Chorei muito depois que as crianças foram dormir e fiquei um bom tempo pensando nisso tudo. É, já não estou remoendo. – Jogou o pó compacto na bolsa e saiu do banheiro. – Não sei por que algumas pessoas voltam... Bom, pelo menos há várias histórias a esse respeito. E não posso saber por que Clint não voltou. Talvez até tenha voltado e eu é que não estava pronta para isso ou em condições de vê-lo ou de sentir a sua presença. Mas sei que ele se foi e não posso ficar com raiva dele, de você ou... do que quer que exista do outro lado. Por isso, vim pedir desculpas e agradecer por ter levado os meninos para ver a pousada, consertado a droga da pia e ficado com eles ontem, me dando tempo para resolver essa história.

– Foi um prazer.

– Agora tenho mesmo que ir.

– Quero vê-la neste fim de semana.

– Também quero – disse ela, aninhando-se nos braços de Beckett e permanecendo ali por um instante. – Deixe eu ver qual é a programação.

– Ligo mais tarde.

– Ok. – Clare abriu a porta. – Ah, tem mais uma coisa: obrigada pela gorjeta.

Beckett foi até a janela e esperou para vê-la atravessar a rua correndo, com a saia esvoaçante, as pernas à mostra. Quando chegou à outra calçada, olhou para trás e acenou para ele antes de entrar às pressas pelos fundos do prédio.

Beckett ficou pensando nela, pensando no amor. Quanto custava, o que oferecia. Depois, pegou a caixa da Vesta e foi esquentar no micro-ondas aquele calzone, já gelado.



Ele voltou para a pousada já no fim do dia. Com a cabeça longe, sentiu o cheiro de tinta antes de ver o trabalho feito.

Ainda precisava de outra demão, mas aquele tom de palha já refletia a luz, brincando com as cores das lajotas. Ouviu o barulho da serra, o bate-bate dos martelos. Quando chegou ao pé da escada, a voz da mãe ressoou nos seus ouvidos.

Perfeito, ia pegar todos juntos ali.

Encontrou a mãe e Carolee na suíte Eve & Roarke.

– Estava torcendo para encontrar você aqui – disse ele, dirigindo-se ao banheiro.

– Olhe só isso! – exclamou a mãe, estendendo-lhe um folheto. – Esse porta-toalhas aquecido é perfeito para esta suíte.

– Você já...

– Não encomendei o outro porque não estava cem por cento convencida. Este aqui é o ideal. Vidro temperado.

– É meio...

– Caro, eu sei. Mas é perfeito. Tem um ar futurista.

– É bem legal – comentou Beckett, analisando o item, lembrando o resto dos objetos que comporiam o aposento. – Funciona bem com as luminárias e com os acabamentos que estamos instalando aqui.

– Ótimo, porque já encomendei. Mas essa não é a grande notícia.

– Não vai me dizer que está grávida?

A mãe lhe deu um tapa no braço.

– Carolee...

– Carolee está grávida?

– Você está tão engraçadinho... Não, e é ótimo que não esteja, porque ela vai ser a nossa subgerente.

– Que ótimo! – Surpreso, ele olhou para a tia. – Não sabia que você queria trabalhar aqui.

– Se quero! – Os olhos de Carolee brilharam. – Adoro este lugar e não vou me importar nem um pouco de largar meu emprego de meio expediente lá na loja. Sou boa para lidar com o público e você sabe como adoro divertir as pessoas. Escrevi até um projeto.

– Até parece que precisa... – disse Justine, cutucando a irmã com o cotovelo.

– São negócios. Por mais que sejam de família, não deixam de ser sérios.

– Eu voto pela sua contratação – afirmou Beckett. – Você vai ser uma ótima subgerente.

– Está vendo? Agora é por unanimidade.

– Estou tão empolgada! Adoro de verdade este lugar. Vou poder vir a pé para o trabalho em vez de dirigir até... – Ela balançou a cabeça. – Mas temos que ver se Hope e eu nos entendemos bem – acrescentou Carolee, cruzando os dedos. – Aí, sim, fica sendo oficial.

– Bom, essa notícia deixou a minha no chinelo.

– Clare está grávida.

Beckett ficou boquiaberto.

– Meu Deus, mãe!

– Toma lá, dá cá, filhinho. Que notícia é essa?

– Onde estão os outros?

– Lá em cima, no apartamento da Hope. Eles continuaram trabalhando e azulejaram a cozinha e o banheiro, já que era algo simples.

– Vamos pedir para descerem e nos encontrarem aqui.

Saiu do aposento e gritou:

– Reunião de família, o mais depressa possível! Eve & Roarke.

– O que está acontecendo, Beckett? – perguntou Justine.

– Algo que terminei hoje. Ah, vou precisar usar a oficina por um

tempo. Tenho que fazer uns caixões.

Pouca coisa surpreendia Justine Montgomery, especialmente quando vinha dos seus filhos, mas essa frase a fez pestanejar.

– Caixões?

– Para os meninos. Para os bonecos que morrerem em batalhas. Provavelmente vou passar lá depois que... Ok, aí vêm eles.

– O que houve? – indagou Owen. – Estamos quase terminando.

– E quero uma cerveja – acrescentou Ryder.

Diaraque veio andando calmamente atrás dele e cheirou todos como se os cumprimentasse.

– Podem comprar uma para mim. – Beckett abriu a pasta, pegou o esboço do letreiro. – Aqui está. Se alguém não gostar, vou matar, mesmo que seja mamãe ou Carolee.

– Humm... – murmurou Ryder, observando o desenho.

– Que fonte é essa? – perguntou Owen.

– A que escolhi – respondeu Beckett. – Olha que mato você. Ainda vai restar um irmão.

– Veja só essas cores, Justine! – exclamou Carolee, pondo a mão no braço de Beckett e se inclinando para ver melhor.

– Era exatamente o que eu queria: esse marrom bem forte sobre um fundo bege cremoso.

– Está em escala. Tem bastante espaço para incluir o site e o telefone sem atrapalhar a visibilidade do nome.

– Nada mau – comentou Ryder, acariciando as orelhas do cachorro e sorrindo para o irmão.

– Ainda quero saber que fonte é essa. Se decidirmos ficar com esse...

– Vamos ficar – insistiu Beckett.

– Preciso dela para o material de escritório, os cartões de visita, as placas dos quartos, os chaveiros...

– Ok, chega – atalhou Beckett, tirando um pen drive da pasta e entregando-o a Owen. – Está tudo aqui.

– É como o porta-toalhas aquecido – disse Justine, passando o braço pela cintura do filho. – Cem por cento perfeito.

– Fiz um também para a loja de presentes. Imaginei que deve ficar na vertical, pendendo de um suporte e impresso dos dois lados.

– Adorei a ideia! – exclamou a mãe. – Vamos ver se Madeline ainda está lá, Carolee. Quero que ela veja isso. Bom trabalho – acrescentou, apertando mais o filho contra si. – Muito bom mesmo.

– Acho que vou lhe pagar uma cerveja – falou Ryder.

– Também acho – concordou Beckett.

– Encontro vocês lá. Preciso me limpar um pouco já que não passei o dia inteiro diante de uma escrivaninha.

– Você me deu o tamanho da...

– Está tudo aí, Owen – garantiu Beckett.

– Vou conferir. Depois, Ryder me paga uma cerveja.

– Por que tenho que lhe pagar uma cerveja?

– Porque é a sua vez.

– Mentira!

Os dois saíram discutindo a questão.

## capítulo quinze



CLARE MAL COMEÇARA A tomar o café e ligara o computador quando ouviu alguém mexer na maçaneta da porta. Voltou os olhos para lá e viu que Sam Freemont estava parado do outro lado do vidro. *Tarde demais para se esconder*, pensou, já que ele a vira, dera uma piscadela e um sorriso maliciosos.

Considerou a hipótese de não abrir, mas ele só tinha batido à porta, piscado e dado um sorriso. Nunca conseguiria entender por que Sam se achava tão irresistível.

Destrancando e entreabrindo a porta, Clare bloqueou a passagem.

– Desculpe, Sam, ainda não abri.

– Estou sentindo cheiro de café.

– É, acabei de ligar a máquina, mas só vou abrir daqui a uma hora. Preciso muito...

– Estou precisando muito de um café. Não pode servir um agora para um amigo?

Ele não forçou exatamente a entrada, mas Clare se viu recuando. Era mais fácil servir logo o maldito café, disse a si mesma, deslizando para trás do balcão.

Sam lhe causava arrepios desde os tempos da escola.

– Como vai querer o café?

– Quente e doce. Basta você pôr seu dedo nele. É todo o açúcar de que preciso.

Ultimamente estava um pouco mais assustador.

– Vi que seu carro estava lá nos fundos e pensei: Clare começou cedo hoje. Está trabalhando muito, querida.

– Não dá para administrar um negócio sem trabalhar.

*A não ser que seu pai seja o dono da concessionária em que você vai uma vez ou outra quando bem entende,* acrescentou mentalmente. Ela pousou o café no balcão.

– O açúcar está na prateleira logo ali.

Ele apenas se inclinou sobre o balcão.

– Como tem passado, docinho?

– Tenho andado ocupadíssima. Na verdade, preciso começar a trabalhar. Então...

– Você precisa de um tempo para si mesma. Não é o que sempre lhe digo?

– É, é, sim. Mas neste exato instante...

– Você viu o carro em que vim hoje? É uma delícia de dirigir.

– Imagino.

– Venha dar uma olhada. Ou melhor, deixe-me levá-la para dar uma volta.

Mais uma vez ele deu aquela piscadela.

– Tenho trabalho a fazer, Sam. – Clare pôs a tampa no copo de café, já que ele não o fizera. – É por conta da casa.

– Se ficar de generosidade, não vai poder comprar coisas bonitas para si mesma.

Com aquele olhar malicioso, enfiou a mão no bolso do paletó do terno cinza risca de giz, deixando à mostra as reluzentes abotoaduras de ouro e os punhos franceses com suas iniciais bordadas.

Tirou uma nota de 20 da carteira e deixou-a sobre o balcão.

– Pode ficar com o troco. Compre uma coisinha para você.

Ela saiu de trás do balcão com a intenção de se dirigir à porta e mandá-lo embora, mas ele calculou bem o tempo e bloqueou a passagem. Clare ficou presa entre Sam e o balcão.

*Chega,* decidiu Clare. *Já chega.*

– Você está no meu caminho e precisa ir embora.

– Eu lhe digo o que tenho que fazer. Vamos dar um passeio de carro hoje à noite.

– Não vamos, não.

– Um longo e delicioso passeio – prosseguiu ele, descendo o

dedo pela lateral do pescoço de Clare, que o afastou com um safanão. – Vou levá-la para jantar e depois...

– Não sei como dizer isso de maneira mais clara. Tenho trabalho a fazer. Tenho filhos para criar. E não estou interessada em sair com você para dar uma volta de carro nem para jantar. Nem para almoçar. Nem para um brunch. – Pronto, tinha dito tudo, pensou, vendo o sorriso desaparecer do rosto de Sam. – Agora estou pedindo que saia da minha loja.

– Você devia ser mais amável comigo, Clare. Podia parar com esses joguinhos. Eu faria o que você quisesse.

– Posso fazer as coisas sozinha.

Tentou dar um passo para o lado, mas ele esticou o braço, batendo a mão espalmada no balcão.

Uma primeira pontada de medo arranhou a superfície de sua indignação.

– Pare com isso! O que diabos há de errado com você?

– Você está sempre ocupada demais para passar um tempo comigo. Mas não para passar bastante tempo com Beckett Montgomery.

– Isso é problema meu.

– Está perdendo seu tempo com ele. Os Montgomerys não passam de uns pé-rapados. Sou muito melhor que Beckett Montgomery. – Ele se aproximou, pousou a mão na cintura de Clare, provocando-lhe outras pontadas de irritação e medo ao deslizá-la por seu quadril e apertar sua bunda. – Só quero que você dê uma voltinha de carro comigo. Você vai ver como será agradável.

– Tire as mãos de cima de mim. – Detestou sua própria voz trêmula e lutou para estabilizá-la. – Eu nunca vou dar uma volta de carro com você. Não estou interessada em você nem no seu dinheiro. Quero que dê o fora da minha loja e não volte nunca mais.

O falso charme se tornou uma intensa e aguda raiva que fez o coração de Clare disparar.

– Isso não é jeito de falar comigo. Já passou da hora de uma mulher como você entender que precisa ser grata, demonstrar consideração.

Clare se lembrou do café que estava às suas costas. Pôs uma das

mãos no peito de Sam e, com a outra, alcançou o copo descartável.

Alguém deu umas batidas vigorosas na porta.

– Clare! – Avery bateu novamente, furiosa. – Preciso que abra a porta. – Virou o rosto e ergueu um braço. – Owen, venha aqui!

Sam recuou um pouco, repuxando os punhos da camisa.

– Pense no que eu disse.

Como estava com as pernas bambas, Clare se apoiou no balcão.

– Não volte mais aqui. Não vá mais até a minha casa. Fique longe de mim.

Sam foi até a porta e a destrancou. Clare nem tinha percebido que ele a trancara.

Avery disparou para dentro quando ele saiu.

– Monstro! – gritou para ele, antes de bater a porta e trancá-la de novo. – Você está bem?

– É, estou. Estou, sim.

– Ele estava assediando você? Aquele cafajeste, cretino. Quantas vezes você vai ter que rechaçá-lo?

– Aparentemente ainda não atingi o número mágico.

– Clare, você está tremendo.

Imediatamente Avery se aproximou para abraçá-la. Esfregou os braços da amiga e percebeu que ela estava gelada.

– Droga, o que ele fez? Assustou você de verdade.

– Um pouco. Talvez muito. Não conte a Owen. Aliás, onde ele está?

– E eu lá sei? Só o usei como ameaça. Sam sempre teve medo dos Montgomerys. Que diabos ele estava fazendo aqui dentro?

– Sou uma idiota, uma completa idiota. – Foi para trás do balcão e tirou uma garrafa de água do frigobar. – Ele disse que queria um café e achei que seria mais fácil servi-lo que argumentar que a loja ainda estava fechada. Ele normalmente só fica perturbando, mas hoje foi diferente. Estava furioso, agressivo.

Clare se lembrou da sensação daquelas mãos nela e estremeceu.

– Ele sabe que tenho saído com Beckett e parece que não está lidando muito bem com isso.

– O monstruoso Sam Freemont sempre tem o que quer e você é uma mancha no histórico dele. A mãe sempre foi condescendente

com todas as sujeiradas do filho desde pequeno. Você sabe o que falam sobre ele e uma mulher com quem andou saindo uns anos atrás.

Clare assentiu, aliviando a garganta com um gole de água.

– Ele a espancou e a mãe pagou para a mulher ficar de bico calado. Achava que isso fosse só fofoca. Agora... estou inclinada a acreditar que aconteceu mesmo.

– Você devia ter dado um chute no saco dele.

– Fui idiota. Ele me pegou de surpresa. Ia jogar o café na cara dele, mas não adiantaria nada, pois estava tampado.

– Quer chamar a polícia?

– Não. Ele só foi desagradável e asqueroso. Deve estar morto de vergonha por ter se assustado com você. E eu lhe disse para não voltar mais aqui. Vai ter que tomar café e comprar livros em outro lugar.

– Como se ele lesse...

Clare tirou a tampa do café e o entornou na pia que havia atrás do balcão.

– E deixou essa maldita nota de 20. *Pode ficar com o troco*, ele disse, *compre uma coisinha para você*. É um babaca!

– Rasgue.

– Não vou rasgar uma nota de 20 dólares.

– Então eu rasgo.

– Não. – Rindo, Clare espalmou a mão sobre a nota enquanto Avery tentava alcançá-la. – Vou mandá-la de volta pelo correio.

– Não vai, não. – Com o rosto vermelho de irritação, Avery agarrou a mão de Clare. – Vocês não podem ter nenhum contato. Estou falando sério, Clare. Qualquer tipo de contato vai estimular ainda mais essa obsessão ou o que quer que seja.

– De onde você tira esse tipo de coisa?

– Assisto a muitas séries policiais, já que atualmente tenho tempo de sobra, pois não saio nem faço sexo com ninguém. É sério, Clare, rasgue isso, dê a alguém, gaste, mas não mande de volta para ele.

– Ok, talvez você esteja certa. Vou doar para a igreja ou algo

assim. – Enfiou a nota no bolso. – Estou muito feliz por você ter aparecido.

– Eu também.

– Por que veio aqui?

– Vi o carro do babaca quando estava indo para o restaurante. Um carro chamativo, com placa da concessionária, só podia ser de quem? Pensei em parar aqui para evitar que você não morresse de tédio. Só não esperava encontrá-lo praticamente agarrando você.

– Obrigada. Muito obrigada.

– A que horas as meninas chegam?

Clare consultou o relógio.

– Daqui a pouco. Droga, agora estou atrasada.

– Isso se ajeita. Vá trabalhar. Já que estou aqui, vou dar uma bisbilhotada por uns minutinhos.

– Avery, ele não vai voltar. Eu não o deixaria entrar, de qualquer forma.

– Preciso lembrá-la que não estou saindo nem fazendo sexo com ninguém? Um livro não seria nada mal.

Com as mãos nos bolsos, Avery foi olhar as prateleiras de lançamentos.

Clare suspirou e pegou duas xícaras. Como a amiga tinha decidido ser sua fiel escudeira, podiam pelo menos tomar um café.



Beckett ficou satisfeito com o próprio timing. Como havia previsto, chegaria à casa de Clare logo depois do dever de casa e antes do jantar. Assim, talvez descolasse um convite para ficar. As chances eram grandes. Teriam uma ótima noite de sábado e levariam as crianças no parque no domingo à tarde.

Sua semana tinha sido tranquila, sem maiores problemas no trabalho, então estava sentindo que a sorte o acompanhava... até chegar à casa de Clare e não ver o carro dela. Mas avistou Harry na varandinha com a trena.

Saiu da caminhonete carregando a caixa que tinha trazido.

– Estou medindo para ver o tamanho da abóbora que temos que comprar para o Halloween. Vamos pôr na caixa de correio.

– Boa ideia. Vai se fantasiar de quê?

– Ou de Wolverine ou de Coringa.

– Herói ou vilão. Escolha difícil.

– Temos um catálogo com todos os tipos de fantasias, mas precisamos escolher logo. Mamãe dá doces na loja na noite de Halloween.

– Ah, é? Vou passar lá para pegar uns para mim. Onde ela está?

– Teve que voltar para o trabalho para buscar alguma coisa. A Sra. Ridenour vai ficar aqui até ela voltar. O que tem nessa caixa?

– Uma coisa que meus irmãos e eu fizemos para vocês.

– Pra gente? O que é?

– Vamos entrar. Quero mostrar para vocês três.

Harry disparou até a porta, gritando enquanto a abria.

– Beckett está aqui! Ele trouxe uma coisa pra gente numa caixa!

Alva veio da cozinha e os meninos surgiram de direções diferentes e ficaram em volta dele.

– Que bela surpresa! Meninos, sem gritaria. Clare teve que dar uma chegadinha na livraria. Ela acabou de sair.

– Só vim trazer uma coisa para os meninos.

– Ele e os irmãos que fizeram – informou Harry. – O que é?

– Vamos dar uma olhada.

Agachou-se, pôs a caixa no chão e tirou a tampa.

– Uau! – exclamou Liam, admirado.

– Isso aí parece... – Alva balançou a cabeça para Beckett.

– Você fez caixões? – perguntou Harry.

– Isso mesmo. – Sorriu para Harry. – Heróis e vilões merecem um enterro decente, não acham?

– E o que é isso? – perguntou Liam, pegando uma minilápide. – É um escudo?

– Não, é uma lápide. Ela é posta em cima do túmulo para indicar onde alguém foi enterrado.

Liam encarava Beckett com uma devoção quase religiosa.

– Isso é o *máximo*!

– Tem os símbolos e tudo o mais. – Murphy pegou um caixão, abriu e fechou a tampa presa com pequenas dobradiças. – Esse é pro Batman.

– Esse é do Hulk. Olhem, é maior que nem ele. – Harry examinou-o. – Como você sabia os tamanhos?

– Medindo – respondeu, cutucando a barriga do menino.

– Muito maneiro! – A animação de Liam era tão grande que ele se jogou em cima de Beckett. – Nunca tivemos nada parecido. Podemos enterrá-los de verdade?

– Essa é a ideia.

– Na caixa de areia – advertiu Alva. – Nada de cavar o quintal.

– Vamos buscar os mortos – propôs Harry e partiu a toda para o quarto de brinquedos.

– Temos mais lá em cima.

Liam correu para a escada. Murphy foi pegando os caixões e as lápides, olhando cada um deles.

– Esse aqui é do Cavaleiro da Lua, esse do Capitão América, esse do Lanterna Verde.

– Tem para os vilões aí também.

– Sra. Ridenour? – Harry apareceu na porta do quarto de brinquedos. – Tem uma sacola para carregarmos todos eles? Os que não estão mortos têm que ir ao enterro.

– Claro, tenho certeza de que vão querer prestar sua homenagem. Vou lá dentro pegar.

Alva balançou a cabeça para Beckett novamente e foi para a cozinha.

Murphy empilhava os caixões, abria e fechava as tampas.

– Temos que decidir quem vai morrer na guerra e quem não vai. O papai morreu na guerra.

– Eu sei – falou Beckett.

O que ele deveria dizer, como dizer? Meu Deus, no que estava pensando quando fizera caixões para menininhos órfãos?

– Sinto muito – acrescentou.

– Ele foi um herói.

– É, foi mesmo.

– Não conheci ele porque não tinha nascido. Mamãe disse que

ele me ama assim mesmo.

– Pode ter certeza disso. Eu conheci seu pai.

Um interesse melancólico surgiu nos olhos do menino.

– Conheceu?

– Éramos da mesma escola.

– Vocês eram amigos?

Na verdade, não saíam juntos, mas Beckett se lembrou da noite em que encheram a casa do Sr. Schroder de papel higiênico e de quando comemoraram esse feito.

– Éramos.

– Você foi ao enterro dele?

– Fui, sim.

*Que dia horrível*, lembrou-se Beckett.

– Que bom, porque os amigos têm que ir. – Ele deu um lindo sorriso e se levantou. – Vou levar tudo lá pra caixa de areia. – Tentou carregar os caixões, em vão, e olhou para Beckett com cara de filhote abandonado. – Está muito pesada.

– Eu levo.

– Peguei todos, Harry!

Liam desceu a escada correndo, com uma cestinha vermelha cheia de bonecos.

– Vistam o casaco – ordenou Alva, lá da porta do quarto de brinquedos. – Está esfriando.

– Beckett vai trazer os caixões! – Murphy correu atrás dos irmãos. – Quero cavar! Eu é que vou cavar!

Beckett pegou a caixa.

– Imagino que tenha ouvido.

– É de cortar o coração – falou Alva.

– Quando fiz isso, não me toquei que fosse lembrá-los de Clint. Devia ter pensado nisso.

– Deixe de bobagem. Os meninos sentem uma atração normal por guerra, morte e maldade. Sabem direitinho que isso é só uma brincadeira. São meninos equilibrados e saudáveis. Clare é uma mãe maravilhosa.

– Eu sei. Ela é mesmo.

– E como é uma mãe maravilhosa, fez questão de passar para os

meninos que o pai era um bom homem, um pai amoroso, que morreu a serviço do país. E agora Murphy sabe que você estava lá quando o pai dele foi enterrado. Que o amigo do pai é amigo dele também. Isso é bom, Beckett.

– Só não quero cometer erros.

– Mesmo os super-heróis cometem ou não teriam que ser enterrados em caixões na caixa de areia. Está pensando em esperar por Clare?

– Sim. Já que estou aqui mesmo.

– Ótimo. Então vou para casa e deixo os meninos e os preparativos para o funeral por sua conta.

Ela deu uma palmadinha no rosto de Beckett quando se dirigiu para a porta.

– Tem um frango descongelando. Eu diria que tem bastante para mais uma pessoa.

– Obrigado, Sra. Ridenour.

– Já pode começar a me chamar de Alva. Há bastante tempo não sou mais sua professora.



Avery ficou ruminando o incidente com Freemont o dia todo e, quanto mais o fazia, mais se preocupava.

– Ele sempre foi arrogante – disse a Hope. – Até quando era criança.

– Clare devia tê-lo denunciado.

Depois de fazer a marcação, Hope prendeu o gancho na parede.

– Talvez. É, quanto mais penso nisso, mais acho que era o que ela devia ter feito. Entendo os motivos dela. – Inquieta, Avery andou até a janela. – É estranho chamar a polícia por causa de alguém que você conhece quase a vida toda. Mesmo que seja um maldito canalha.

Hope desceu do banquinho, pegou o quadro e subiu de novo para pendurá-lo.

– Pelo que você me contou, ele a está perseguindo.

– Não sei, isso já me parece exagero – replicou ela, mas a preocupação estava tão pulsante que chegava a embrulhar seu estômago.

Hope pegou um pequeno nível. Depois de acomodá-lo em cima da moldura do quadro, foi ajustando-o até que a bolha ficasse alinhada no centro.

– Você disse que ele a chamou para sair várias vezes, que passa pela casa dela e pela loja ainda fechada quando ela está por lá. Que mais pode ser isso? Ah, sim, mandou flores no aniversário e, coincidentemente, estava por perto algumas vezes quando ela chegou em casa carregada de compras.

– “Deixe-me ajudá-la, senhorita.” – Avery assentiu. – É verdade. Mas isso não quer dizer que ele tenha um santuário com fotos dela no armário do quarto.

– Como você pode saber?

– Se ele tiver um santuário, pode acreditar em mim, será dele mesmo. Ainda assim, Sam a assustou hoje e o que eu vi definitivamente ultrapassava todos os limites. – Esfregou os braços enquanto andava. – Você acha mesmo que ele tentaria alguma coisa? Quero dizer, algo mais que apenas chateá-la, importuná-la e assustá-la?

– Não entendo por que Clare se arrisca. Olha, se ela não quer dar queixa, podia ao menos falar disso com Beckett.

– Não acho que ela vá fazer isso. Vai ficar preocupada que Beckett faça alguma coisa. Ele não tem um golpe tão rápido quanto o de Ry, mas também não leva desaforo para casa.

– Então conte você.

– Meu Deus, eu me sentiria uma traidora.

– Ela pediu para você não contar nada a ele?

– Não, mas ficou subentendido.

– Avery, pergunte a si mesma como se sentiria se alguma coisa acontecesse. Se esse cara machucá-la ou... fizer coisa pior.

Avery pressionou a barriga, enjoada.

– Você está preocupada. Não apenas zangada, mas preocupada

de verdade. Confie em seus instintos. E nos meus. Porque você me assustou com essa história.

– Preciso contar a Beckett. Venha comigo.

– Claro.

– Não deixe que eu me distraia quando passarmos pela loja – disse, pegando a jaqueta.

– Podemos dar uma passada lá na volta.

– Não, preciso me certificar de que está tudo bem. Eu enlouqueceria se ficasse aqui. Passaria o tempo todo olhando pela janela para ver quem entra e quem sai da loja.

– Vou baixar as persianas quando você estiver aqui.

Ao saírem, Avery deu o braço a Hope.

– Adoro ter você por perto. Fiquei tão obcecada com Clare e Sam Babaca Freemont que nem perguntei como foi hoje.

– Está tudo razoavelmente organizado.

– Mas não organizado como você gostaria.

Hope sorriu.

– Logo estará. Tenho passado boa parte do meu tempo na unidade de armazenamento. Está caminhando. Assim como a instalação dos azulejos. Fui acompanhar de perto hoje. – Olhou para trás, satisfeita por ver as luzes acesas. – Estão trabalhando na cobertura. Você precisa ver os azulejos do lado da banheira que tem a parede flutuante. Já terminaram o andar principal, sem contar o revestimento impermeável da cozinha. Na semana que vem vão montar os armários. Tivemos um atraso.

– Olha só como já está toda inteirada!

– Owen me mantém informada. Já de Ryder não consigo arrancar nem um grunhido.

– É um homem de poucas palavras.

– Vá direto ao assunto – instruiu Hope assim que chegaram diante da entrada da Vesta. – Se tiver que resolver alguma coisa, faça isso depois de falar com Beckett.

– Tudo bem, direto ao assunto.

Estava bem cheio, pensou Avery, acenando para o gerente noturno, indicando que falaria com ele dali a pouco. Quando olhou na direção da cozinha, Hope a conduziu para a porta da escada.

– Depois.

– Mesmo se você não estivesse aqui, eu nem pensaria em dar uma olhadinha. – Elas subiram a escada e Avery acrescentou: – Nem sei como vou contar a ele. Devia ter ensaiado algo.

– Ora, vamos...

Hope bateu vigorosamente à porta.

– Você sabe que Clare vai ficar zangada comigo... não, conosco, porque vou dizer que você insistiu.

– Estamos fazendo isso porque nos importamos com ela, nos preocupamos. Ela não vai ficar zangada.

– Acho que Beckett não está em casa. Talvez esteja na casa da mãe ou trabalhando na loja. Diabos, quem sabe na casa de Clare. Talvez ela tenha sucumbido e contado a ele e nós não teremos que contar. Talvez eu devesse...

Calou-se ao ouvir passos.

– Parece que ele está de volta – observou Hope, que logo teve que reajustar os pensamentos e a atitude ao ver Ryder.

Não entendia por que ele parecia sempre incomodado com ela.

– Ora, ora, Beckett está dando uma festa e não me convidou.

– Não. – Avery riu, mas foi um som falso e patético até para ela mesma. – Eu só queria... quer dizer, Hope queria perguntar uma coisa sobre... uma coisa. Como estávamos por aqui... – Odiava mentir, sempre se enrolava toda. – Seja como for, ele não está.

– Queria saber se podia pegar uma cafeteira para a sala de jantar. E uns aquecedores de prato. Vou precisar de dois.

Ryder voltou-se para Hope.

– Você é boa nisso. Ela, não.

– Como é que é?

– Você sabe mentir bem. Fale com minha mãe a respeito da cafeteira. Agora, pode me contar o que aconteceu? – perguntou a Avery.

– Nada.

– Há quanto tempo nos conhecemos?

– Olha, é que...

– Ah, pelo amor de Deus – interrompeu Hope, impaciente, então perguntou a Ryder: – Você tem a chave?

– Tenho.

– Se achar que Beckett não se importaria, podemos entrar? Isso não é assunto para ser discutido na escada.

Ele se adiantou e pegou o chaveiro.

– Querem uma cerveja?

– Não.

Avery cruzou os braços e o seguiu, entrando no apartamento.

– Vou pegar uma para mim. – Totalmente à vontade, Ryder acendeu as luzes e foi até a cozinha. – Agora, desembuchem.

– Você quer que eu conte a ele? – indagou Hope, vendo que Avery permanecia calada.

– Não. – Ela passou a mão no cabelo. – *Eu* tenho que fazer isso. Ok, quer saber, tem a ver com Sam Freemont.

– Aquele imbecil?

– É, ele mesmo. Vi o carro dele parado perto da livraria hoje de manhã cedo, antes do horário comercial.

Hope observava Ryder enquanto Avery contava a história. Ele não esboçou qualquer reação, só assentiu, tomando uns goles da cerveja. Se não estivesse olhando com atenção, pensou ela, nem daria para notar sua mandíbula tensa, seu olhar frio.

Esperava uma reação inflamada, explosiva até, mas aquela frieza toda era ainda mais letal.

– E achei que Hope tinha razão – concluiu Avery. – Se... por acaso, mesmo que remotamente, acredito eu, alguma coisa acontecesse, eu não poderia suportar. Então decidimos contar a Beckett.

– Ok, vamos resolver isso.

– Não está pensando em dar uma surra nele, não é? – Avery estava agora repuxando os cabelos. – Não que aquele filho da mãe não merecesse por tê-la assustado, mas se fizerem isso, ela vai ficar ainda mais zangada. E as pessoas vão ficar sabendo e falar sobre o assunto. Vão falar dela. Clare odeia isso.

– Ele não está nem aí para nada disso – observou Hope. – Só quer dar uma baita surra nesse cretino por ter assustado a Clare. E, a princípio, concordo com ele.

– Bom senso e rapidez para mentir. Nada mal – comentou Ryder.

– *A princípio.* Mas o que me preocupa, apesar de eu não conhecer esse cara, é que ele desconte em Clare. Que esse espancamento piore as coisas para o lado dela. Você ficaria satisfeito de fazê-lo pagar, mas ela correria mais risco.

Ryder tomou mais um gole da cerveja com ar contemplativo.

– Vamos resolver isso – repetiu –, de um jeito ou de outro.

– Ryder...

– Avery, você é uma ótima amiga e fez a coisa certa. Agora pare de se preocupar. Nós vamos proteger Clare.

Eles fariam isso mesmo, pensou ela. Claro que fariam.

– Tudo bem. Se for preso por agressão, eu pago a fiança.

– Fico feliz em saber. Por que não pede que nos mandem uma Pizza do Guerreiro?

– Claro, vou pedir.

Ele esperou as duas saírem e então pegou o celular.

– Preciso que venha até a casa de Beck – disse a Owen. – Não quero saber o que está fazendo.

Desligou e ficou esperando.



Beckett subiu correndo a escada, tão leve que parecia flutuar. *Que dia maravilhoso,* pensou, e fora o melhor funeral de todos os tempos. Quando Clare chegara, chamara os caixões de pequenas obras de arte macabras, e o convidara para jantar um delicioso frango.

Terminaria aquele dia perfeito trabalhando um pouco e assistindo a um canal de esportes.

Assim que abriu a porta de casa, sentiu cheiro de pizza.

– Meu Deus, sintam-se em casa. Essa é a minha cerveja?

– É nossa agora. Sobrou uma fatia. – Ryder indicou a caixa. – Pode pegar, se quiser.

– Jantei na casa da Clare. O que está acontecendo?

– Por que não se senta? – sugeriu Owen.

Ele obedeceu.

– Se tivesse acontecido algo com mamãe, não estariam comendo pizza e tomando cerveja, mas há algo de errado.

– O negócio é o seguinte. Encontrei Avery e a morena diante da sua porta um pouco mais cedo. Depois de alguns rodeios, Avery me contou o que veio falar com você. Sam Freemont esteve na livraria hoje de manhã antes de Clare abrir. E foi insistente.

Beckett estreitou os olhos.

– Como assim? Ele foi agressivo? Seja mais específico.

– Avery viu o carro dele estacionado na frente da livraria e resolveu ver o que estava acontecendo. Sam a tinha encurralado contra o balcão.

Beckett se levantou, devagar.

– Ele pôs as mãos nela?

– Ele a assustou – prosseguiu Owen. – Não foi embora quando ela pediu que fosse, não se afastou quando ela mandou que se afastasse. Então Avery começou a esmurrar a porta, fingiu que estava me chamando e ele deu o fora. Espere! – pediu ao ver Beckett se dirigindo para a porta. – Você sabe onde ele mora?

Beckett não conseguia raciocinar com aquela neblina vermelha que lhe toldava a visão.

– Eu descobri o endereço dele. – Owen deu uma batidinha no celular. – Mas não acho que ir até lá transformar a cara dele num pedaço de bife sangrento seja o melhor a fazer.

– Eu acho – interveio Ryder.

– É o que você faria. E se for o desejo de Beckett depois que tivermos terminado esta conversa, bem, a maioria ganha e apoiarei vocês.

– Me dê a porcaria desse endereço.

– Vou dar a porcaria do endereço depois que me ouvir cinco minutos. Se for lá quebrar a cara dele, Sam vai denunciar você por agressão.

– Avery me disse que paga a fiança.

– Cale a boca, Ry. Você não está preocupado com isso porque está doido para dar uma surra no sujeito. Não tiro a sua razão –

acrescentou Owen com um brilho nos olhos que contradizia seu ar de serenidade.

– Mas ficará na cadeia ou em liberdade condicional, e isso vai deixar Clare ainda mais chateada. Os meninos também. Sempre odiei esse desgraçado presunçoso. Ele é do tipo que descontaria isso em Clare. Voltaria a assustá-la e ameaçá-la ou espalharia boatos sobre ela, como fez com Darla tempos atrás.

– Ry deu uma surra nele por isso, não deu? – lembrou Beckett.

– Deu, mas Darla não tinha filhos que acabariam escutando aquele monte de merda a respeito da mãe. Você sabe que esse é o tipo de coisa que ele faria.

– E você espera que eu fique aqui de braços cruzados?

– Eu espero que você faça uma visita à concessionária do pai dele amanhã e tenha uma conversinha com Sam. Se não conseguir intimidar esse desgraçado, você não é meu irmão. Se o assustar, talvez ele pare com essa babaquice. Caso contrário, como nós e nossa equipe estaremos protegendo Clare, cuidaremos dele.

– Essa é a maneira indireta de dar uma surra – comentou Ryder.  
– Quando há testemunhas.

– Se acontecer algo e resolvermos em público, na frente de todo mundo, ele se sentirá humilhado. O que é uma vantagem.

– Pode ser. – Mais calmo, Beckett pegou a cerveja que Owen tinha deixado pela metade. – Pode ser.

– Você precisa falar com Clare.

– É o que vou fazer – garantiu ele, com a raiva acesa novamente.

– Por que diabos ela não me contou isso?

– Essa foi a primeira coisa que eu pensei – disse Ryder. – E tenho que concordar com o que Owen me falou antes de você chegar: ela precisa prestar queixa, denúncia ou seja lá o que for à polícia, para eles terem isso registrado. Aí nós conversamos com ele ou quebramos a cara dele.

Por mais que ele tivesse dito “nós”, Beckett sabia que deveria agir.

– Conversar primeiro, quebrar a cara depois.

– Isso aí. Vá pegar a sua própria cerveja – disse Owen, recuperando sua garrafa.

## capítulo dezesseis



**P**ELA SEGUNDA VEZ EM dois dias, Clare abriu cedo a porta da livraria. Mas, dessa vez, ela o fez com um sorriso.

– Olá. Acabei de chegar. Ainda vai levar uns minutos para o café ficar pronto.

– Não é por isso que estou aqui – retrucou Beckett, fechando a porta atrás de si.

– Ah, aconteceu algo errado. – Instintivamente, ela tomou a mão dele. – Algum problema na pousada?

– Não. Quero saber por que você não me falou sobre Sam Freemont.

Droga, Avery. Ressentimento e irritação vieram à tona.

– Não queria falar sobre isso.

Clare foi para trás do balcão. Ele não queria café, mas ela queria. Dessa forma, ganhou um pouco de distância e algo para fazer com as mãos.

– Quer dizer que não era algo de que queria falar *comigo*?

– De que não queria falar *com ninguém*. É uma situação nada confortável. Lidar com o público significa que preciso enfrentar situações desse tipo de vez em quando.

– Quantas vezes você é encurralada por um cliente aqui, sozinha, e ele põe as mãos em você?

– Não estava encurralada. – Ela se recusava a pensar em si mesma desse jeito, vítima de uma armadilha, indefesa. – Acima de tudo, eu não tinha nada que abrir a porta.

– E por que diabos fez isso?

Como ela já havia se repreendido dezenas vezes, aquela

pergunta afiada atingiu-a como uma bofetada. Ela respondeu na mesma moeda:

– Olha, Beckett, foi apenas uma reação automática. Um cliente na porta e alguém que eu conhecia.

– Alguém que você conhecia e que vinha cercando e irritando você.

– É. Eu não devia ter deixado ele entrar. Pode acreditar: não vou cometer esse erro novamente. Deixei isso bem claro para Sam e para Avery. Ela não devia ter contado isso a você. É assunto meu.

– Então é assim? Eu devo ficar de fora dos seus assuntos?

Ela bufou.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Foi o que você disse, e é assim que me parece o tempo todo.

Clare se sentia encurralada novamente, dessa vez pelo excesso de preocupação e pelo que julgava ser uma raiva fora de propósito.

– Você está exagerando.

– Não acho. Toda vez que quero ajudá-la com algo, tenho que falar disso.

– Eu não quero tirar vantagem de...

– E por que não? Estamos dormindo juntos... por que não aproveitar quando há oportunidade?

– Isso não significa que eu queira ou espere que você resolva as coisas que sou perfeitamente capaz de resolver. Agradeço sua ajuda, você sabe disso, mas não significa que vou começar a depender de você para cuidar de mim.

Seguiu-se um silêncio sepulcral. Então Beckett falou:

– Os casais tomam conta um do outro, Clare. É isso que os torna um casal. Um conta para o outro algo que tenha acontecido e os assusta.

– Realmente, Beckett, você está criando caso à toa. Avery...

– Não coloque Avery no meio. Freemont saiu quando você o mandou ir embora?

– Não.

– Ele parou de tocar em você quando você o mandou parar?

– Na verdade, ele não... – *Tocou, sim*, admitiu ela. Clare já estava misturando estupidez com negação. – Não. Ele não vai vir

aqui novamente. Ele não terá permissão para fazer isso. Avisei à minha equipe.

Aquilo machucava, percebeu Beckett. Mas seguiu em frente.

– Você falou com a sua equipe, mas não comigo.

– Ah, Beckett... – Frustrada e com uma pontada de culpa que não queria sentir, jogou as mãos para o alto. – Eu disse aos funcionários que ele tinha sido rude e desagradável naquela manhã e que fora banido da loja. Não dei maiores explicações. E, sabe, o problema não é seu, é meu.

– É nosso. É uma questão de confiança.

– Confio em você, é claro, eu confio. Acho que, no fundo, eu não lhe contei porque sabia que ia ficar chateado e bravo, e que isso ia piorar a situação. Agora, você está aí, o que não muda o fato de Sam ser um completo idiota. Eu o pus para fora da loja.

– Poderia ter feito isso se Avery não tivesse aparecido na porta?

– Mas ela apareceu, então...

– Isso não responde à minha pergunta. É uma resposta que deveria poder me dar, Clare. Que deveria poder dar a si mesma.

Aquilo a deixou mortificada, porque não sabia, não tinha certeza do que responder.

– Eu acho... acho que a situação teria se tornado mais difícil e... assustadora, mas...

– Assustadora. – Olhou nos olhos dela, balançando a cabeça lentamente. – Esta é a palavra certa.

– Eu o teria feito sair, Beckett. Sempre faço.

– Sempre? – Beckett colocou as mãos sobre o balcão entre eles.

– Não há outra palavra. Ele já fez isso antes.

– Não é bem assim. Ele é irritante e inconveniente, talvez um pouco assustador também. Tem essa ideia fixa, como se o fato de continuar me chamando para sair uma hora vai me fazer ceder e aceitar. O que nunca vai acontecer.

– Ele já foi à sua casa?

Clare se lembrou do fim de semana com gastroenterite e as crianças entediadas. E aquela não tinha sido a primeira vez.

– Já, mas eu...

– Droga.

– Beckett.

– Ele está assediando você. Isso precisa ter um fim. Você tem que chamar a polícia.

– Não quero fazer isso. Simplesmente não vou fazer isso.

– Você é mais esperta, Clare.

Beckett se virou e andou até as estantes. Ela realmente podia ver que ele lutava para se controlar. Mas, ao encará-la de novo, lançou-lhe um olhar raivoso.

– Deixe-me explicar: ele vem aqui quando você está sozinha.

– Eu o deixei entrar. O erro foi meu.

– Pouco importa. Como já tinha feito antes, Freemont a pressionou para sair com ele. Você recusou. Pediu-lhe que se retirasse. Ele não obedeceu. Então a assustou e intimidou, encurralando-a aqui no balcão. Você disse para Freemont parar, ele a ignorou. Ordenou mais uma vez que saísse, não foi o que fez. Ele pôs as mãos em você, e você não sabe o que poderia ter acontecido se Avery não aparecesse na porta. Fui preciso?

– Beckett...

Algo no rosto dele a impediu de apresentar mais desculpas. Isso porque ele estava certo, admitiu. E ela não era tão burra assim.

– Sim. Mas ele não me machucou nem chegou perto de me ferir.

– Se Avery não tivesse aparecido, Freemont poderia ter feito isso, sim. Ele vem aqui, ele vai à sua casa. Pense nisso, pense nos seus filhos e como teria sido para eles se as coisas tivessem saído do controle, se algo tivesse acontecido a você.

– Não é justo. Não é justo colocar os meninos nesta história.

– Não é justo, uma ova! Se isso diz respeito a você, diz respeito a eles. Chame a polícia, diga exatamente o que aconteceu. Registre queixa. Você quer que isso pare. Seria um passo para detê-lo. É óbvio que ele não vai ouvi-la. Talvez não venha aqui na loja da próxima vez. Talvez passe na sua casa de novo. Seus filhos gostam de atender à porta. Pense no que poderia acontecer se um deles o deixasse entrar.

– Agora você está tentando me assustar. Bom trabalho – murmurou ela. – Tudo bem, vou falar com a polícia, dizer o que aconteceu. Principalmente porque você está certo: ele não me

escuta. Não aceita a minha recusa e desinteresse. Acho que, se eu fizer isso, ele pode parar.

– Bom, algo me diz que ele vai me levar mais a sério.

– Eu sabia. – Ela apontou o dedo para ele. – Você vai tirar satisfação com ele. Vai tornar tudo isso um problema.

– Clare, pelo amor de Deus...

O tom cansado de sua voz – que muitas vezes ela ouvira de si mesma, quando seus filhos se comportavam como idiotas – poderia tê-la divertido em qualquer outra circunstância.

– Isso é um problema – continuou ele. – Está achando que vou brigar com ele? Espancá-lo?

– E não vai?

– Seria gratificante e, admito, seria minha reação instintiva. Mas não, não é isso que vou fazer. Vou falar com ele, deixar claro que, se incomodá-la novamente, haverá consequências.

– Então, se ele me assediar mais uma vez, você vai bater nele?

Beckett não conteve um sorriso.

– É possível. Estou lhe dizendo o que vou fazer porque acredito que, quando duas pessoas estão envolvidas e se importam uma com a outra, não escondem nada.

A fala de Beckett mexeu com ela. *Pense nisso mais tarde*, disse a si mesma. *Resolva agora a questão.*

– Não acho que brigar com ele seja a solução.

– Clare. – Com firmeza, Beckett pôs as mãos sobre as dela. – Não escolhi lutar. Nem você. Agora, faça o que tem que fazer. Telefone para a polícia. E eu farei a minha parte. Então, se Sam tiver o mínimo de bom senso ou instinto de autopreservação, vai deixá-la em paz.

Ele deu um leve aperto nas mãos dela antes de soltá-las.

– Pode ser que você fique chateada comigo por um tempo. Ainda estou um pouco com você. Mas nós vamos superar isso.

– Sabia que eu sempre observei você e seus irmãos? As cabeças duras e a certeza incontestável de que sempre tinham conhecimento da resposta verdadeira.

– Quando você sabe a resposta, não quer dizer que é teimoso. Significa apenas que está certo. – Ele foi até a porta e a abriu. –

Você é a mulher da minha vida. Ah, outra coisa sobre mim e meus irmãos? Nós cuidamos das mulheres em nossas vidas. Não sabemos fazer de outro modo.

Ele saiu, enfiou as mãos nos bolsos e atravessou a rua.

Estava bem chateado, admitiu. Por causa dela, do merda do Sam Freemont, de toda aquela droga de situação.

Sabia manter a calma quando precisava. Sabia como ter algum autocontrole, mesmo quando não queria.

Percorreu a pousada à procura de um dos irmãos. Seu prazer diante dos operários ocupados, da visão de tanta beleza e do cheiro de tinta não conseguia acabar com a fúria que ainda revolvava suas entranhas.

Sentiu o cheiro de madressilva ao chegar ao segundo andar e ouviu a porta da varanda do E&D se abrir.

– Agora, não – murmurou, e continuou até o terceiro andar.

Encontrou Ryder na cozinha, instalando o primeiro armário.

– Ótimo, me dê uma mãozinha.

– Estou indo para Hagerstown.

– Me ajude aqui. Vamos começar com este. Como foi com Clare?

– *Você não conhece as pessoas até conhecê-las.* Não era isso que papai sempre dizia? – Apoiou o armário sobre as marcações enquanto Ryder pegava a furadeira. – Ela tem a cabeça mais dura que já vi.

– Deixe-me fazer uma pergunta: quantas mulheres você conhece que não têm como característica a teimosia?

Beckett refletiu.

– Boa pergunta. Mas ela vai falar com a polícia. Não queria, e está chateada porque achei o argumento certo para levá-la a fazer isso.

Ryder fez o primeiro buraco.

– Você usou as crianças, não foi?

– É o ponto fraco dela. Além do mais, eu não disse nada que não fosse verdade. E ela está chateada porque vou falar com Freemont.

– Eu lhe disse para não contar a ela.

– Não é assim que eu resolvo as coisas. Não é assim que se constrói um relacionamento.

– Construir um relacionamento... – Ryder bufou e voltou a acionar a furadeira. – Você voltou a ler romances.

– Me dê um soco – disse uma voz.

Beckett olhou ao redor e viu Owen.

– Os caras lá embaixo disseram que você ficou dando socos por toda parte, então imaginei que você tinha conversado com Clare.

– É, conversei. Estou indo falar com Sam.

– Tem certeza de que não quer ajuda?

– Posso lidar com Freemont.

– Em termos de briga, ele já treinou com Clare – disse Ryder enquanto verificava o nível do armário.

– Bem – Owen deu de ombros –, ela está errada.

– Não sei se vocês perderam o memorando, mas uma mulher errada não chega a ser um problema. Lembrem-se das flores – falou Ryder.

– Não vou comprar flores para Clare. Ela é que deveria comprar flores para mim. Estragou tudo. E eu ignorei o memorando.

Ryder apenas balançou a cabeça quando Beckett saiu intempestivamente.

– Sabe, com uns 20 dólares de margaridas ou qualquer outra flor ele poderia amenizar muito a situação.

– Ele se sustenta nos princípios.

– É, e um homem que se sustenta nos princípios não fica com ninguém.

Ryder terminou o primeiro armário e se afastou para dar uma olhada.

– Vamos acabar o resto do serviço – disse.

– Tenho que encontrar a Hope na Vesta às dez. Avery permitiu que usássemos a sala dos fundos para criar o programa de reservas no computador.

– Ela pode esperar alguns minutos. Você não está planejando transar com ela, não é?

– Meu Deus, não vou transar com nossa gerente.

– Então não precisará comprar flores para ela se chegar atrasado. Vamos logo com isso.



Beckett recuperou a calma a caminho de Sharpsburg Pike. A experiência tinha lhe ensinado que é possível obter resultados melhores com a razão, e não com um confronto cheio de raiva. Só precisava lembrar que preferia resultados à satisfação de uma briga.

Não que não desse conta do babaca do Sam Freemont. Lembrava-se agora de uma ocasião memorável no segundo ano do ensino médio, quando o idiota tentara obrigar o pequeno Denny Moser a passar seu dever de casa.

E, pelo que se lembrava, Beckett só precisara de um soco para acabar com tudo.

Freemont fora choramingar com o vice-diretor Klein, mas como Denny o defendera, Beckett não teve qualquer problema.

O imbecil costumava ficar afastado dos Montgomerys, pensou ele enquanto se dirigia à concessionária. Beckett duvidava que Freemont tivesse prazer de vê-lo ali, em seu próprio território.

Foi direto até o showroom com os carros novos e reluzentes sob as luzes de holofotes. Mal chegou a dar uma olhada ao redor quando um dos vendedores o abordou.

– Bom dia! É um grande dia para um carro novo. O que posso lhe mostrar hoje?

– Não estou procurando um carro. Estou à procura de Sam Freemont.

O sorriso do vendedor permaneceu, mas seus olhos perderam o brilho.

– Ele deve ter voltado para o escritório. Posso mandar chamá-lo.

– Não, tudo bem. Eu vou até lá. Onde é?

– Lá atrás, vire à esquerda. – O homem apontou. – Ele fica lá no fundo. O escritório do canto.

– Obrigado.

Beckett passou por vários escritórios, vazios ou ocupados por vendedores ao telefone ou ao computador. Encontrou Sam com os

pés em cima da mesa, folheando um exemplar da revista *GQ*. Combinava mesmo com ele.

– Desculpe interromper, vejo que está muito ocupado.

Sam ergueu os olhos. Sua primeira reação foi um sorriso de desprezo, apenas um ligeiro movimento da boca enquanto colocava os pés no chão.

– Procurando uma nova caminhonete? Temos um modelo básico econômico que deve servir para você. Sem frescuras para o trabalho duro.

– Estou quase comprando.

Beckett entrou e fechou a porta.

– Deixe a porta aberta.

– Tudo bem, se você quer que todo mundo ouça.

Prestativo, Beckett abriu a porta novamente. Pensou em ficar de pé, então optou pelo modo mais casual, até mesmo descuidado, e se sentou.

– A menos que esteja aqui para comprar um carro, estou ocupado.

– Sei, checando a última moda em gravatas. Não vai demorar. Depois poderá voltar para o seu trabalho. Você passou dos limites com a Clare ontem.

– Não sei do que está falando.

– Sei que você estava... Vamos simplesmente dizer que a estava pentelhando. – Uma palavra insultuosa, pensou Beckett, que indicava uma atitude infantil, não de um adulto. – E não aceitou um não como resposta. Ela não está interessada em você.

– Agora você está falando por ela?

– Estou falando por mim. Ela já falou por si mesma. Deixe-a em paz.

– Ou o quê? – Sam levantou sua lapela. – Veio aqui me ameaçar? Acha que me intimida?

– Acho, sim. Acho que você é esperto o bastante. É muito simples. Você tem se atirado em Clare. Ela não está a fim. Você tem que parar com isso.

– Você não pode me dar ordens.

Para testar, Beckett se remexeu na cadeira e viu Sam recuar.

– Estou apresentando os fatos. Clare não aguenta mais. É isso.  
– Por que está dizendo isso? Por que ela decidiu experimentar um pouco de safadeza com você? – Seu rosto ficou vermelho, destoando da gravata. – Não é da sua conta se Clare e eu tivemos um pequeno mal-entendido ontem.

*Algumas pessoas não mudam mesmo*, pensou Beckett. Ele tinha certeza de que Sam usara a estratégia do *pequeno mal-entendido* para explicar ao vice-diretor Klein o seu ataque a Denny Moser.

– É um assunto que me diz respeito e, neste momento, ela está explicando seu pequeno mal-entendido aos policiais da cidade.

O rosto de Sam ficou ainda mais vermelho, depois empalideceu.

– Ela nunca faria isso.

– Não se aproxime dela de novo. Você não vive na cidade, Sam. Você não tem nenhum motivo para estar em Boonsboro.

– Você acha que é o dono da cidade agora?

– Acho que Clare significa mais para mim do que Denny Moser. Não que eu não gostasse dele. Ainda gosto. Se tentar alguma coisa com Clare novamente, vai entender o que estou querendo dizer.

Beckett se levantou.

– Você vai se arrepender de ter me ameaçado – retrucou Sam.

– Não ameacei você. Nunca faria isso. Espero que não me obrigue a agir. Ah, bela gravata – acrescentou e saiu.



Ele não comprou flores para ela – seria como se render aos argumentos de Ryder. Comprou uma planta. Uma planta não são flores.

E escreveu um pequeno cartão:

*Sem sangue derramado.*

*Beckett*

*Não é um pedido de desculpas*, pensou. Uma declaração, um

sinal. Não há motivo para alguém ficar chateado, porque ambos fizeram o que precisava ser feito.

Levou a planta até a livraria, assim, pelo menos, seus irmãos não tirariam sarro dele.

– Clare está nos fundos com um cliente – informou Cassie. – Vou avisá-la que você está aqui.

– Não, estou apenas deixando isto aqui para ela. Vou voltar para o trabalho.

– São tão bonitas... Eu amo violetas-africanas. Qual é a ocasião?

– Nenhuma.

– Sem nenhum motivo? Estas são as melhores.

– É. Bem, tenho que ir.

Ele escapuliu.

Quando chegou ao terceiro andar, Ryder tinha quase concluído o trabalho. Era um pouco surreal, percebeu Beckett; parecia que havia atravessado o túnel do tempo.

– E então?

– Ele foi o mesmo de sempre. Um idiota. Mas entendeu o recado.

– Ótimo. Agora, talvez possamos nos concentrar no trabalho.

– Estou dentro.

Trabalharam durante toda a manhã, adentrando a tarde. Quando ouviu vozes, femininas, Beckett parou de instalar os suportes e ganchos nos armários do quarto do apartamento.

Ao pôr a cabeça para fora, viu Hope, Avery e Clare amontoadas na cozinha.

– Senhoritas.

– Owen disse que provavelmente você teria terminado os armários. – Hope fechou a porta de um deles, que estava examinando. – Parecem bons.

– Vamos arrastá-la para baixo para ver os móveis mais tarde – disse Avery –, mas ouvimos falar que os ladrilhos da cobertura ficaram ótimos. Queremos ver.

– Tem gente trabalhando lá agora, mas vocês podem subir para dar uma olhada.

– Vão indo. – Clare manteve os olhos em Beckett. – Vou subir em um minuto.

Avery ergueu o polegar para Beckett, por trás de Clare, e em seguida puxou Hope para fora do apartamento.

– Você e Avery estão bem?

– Ela e Hope me encurralaram. Nós estávamos preocupadas com você. É difícil ir contra a sinceridade e a preocupação genuína. Eu bem que tentei.

– O que a polícia disse?

– Conversei com Charlie Reeder. Ele não gostou da situação tanto quanto você. Ainda assim, não há muito o que possam fazer. Como já disse, eu o deixei entrar, e Sam não me machucou nem me ameaçou. Mas foi tudo registrado e, se ele voltar, poderei solicitar uma ordem de restrição. Falarão com ele se chegar a esse ponto. Na verdade, acho que Charlie vai falar com ele de qualquer maneira. Parece que provoço esse efeito nas pessoas.

– Sinceridade e preocupação genuína.

– Uhum. E você falou com Sam.

– Tivemos uma conversa, ele sabe como as coisas são. Foi rápido, simples, direto ao ponto.

– E sem derramamento de sangue, de acordo com a violeta-africana.

– É.

– Você comprou a planta para amolecer meu coração?

Pousando a ferramenta, Beckett andou até ela.

– Eu a comprei para que você entendesse que não temos motivo para brigar.

– Funcionou. Assim como uma coisa que você disse, quando estava me dando bronca.

– Eu não estava... talvez estivesse.

– Você disse que os casais falam entre si dos seus problemas. Precisei perguntar a mim mesma se já havia me esquecido de como é ter um parceiro. Mas o fato é que Clint estava longe na maior parte do nosso casamento. E, quando ficava distante, lidava com a vida e a morte todos os dias. Perdi o hábito de lhe falar sobre os problemas da casa. Diante de tudo o que ele enfrentava, por que preocupá-lo contando que uma das crianças estava com febre, que a privada transbordou ou que havia um vazamento no telhado?

– Você se acostumou a resolver as coisas por conta própria.  
– O que ele poderia fazer se estava no Iraque e o carro quebrou em Kansas?

Beckett a encarou por um tempo.

– Não estou no Iraque.

– Não, e também não estou mais no Kansas. – Ela levantou as mãos e, em seguida, deixou-as cair. – Não que eu tenha esquecido como é ter um parceiro, mas minha experiência é diferente da sua. Talvez da maioria das pessoas. Tenho estado sozinha há muito tempo.

– Agora não mais. Eu não sou militar e estou aqui. – Sentia necessidade de estar. – Imagino que você saiba como usar um desentupidor no vaso sanitário.

Ela riu um pouco.

– Com certeza.

Ele segurou seu queixo.

– Mas, se tiver um telhado com goteiras, não precisa ser a única a subir a escada para consertá-lo.

– Então, há etapas. Pode levar algum tempo para eu entendê-las.

– Temos tempo. Também parece que estamos bem.

– Muito próximos disso. As brigas sempre me mantêm irritada por um tempo. Por que você não vai jantar conosco hoje à noite? É a minha versão de uma planta bonita.

– Seria ótimo.

Ele pôs as mãos em seus ombros.

– Vou estar lá por você. Espero que, mesmo que não queira criar expectativas, você consiga aceitar. Talvez até goste um pouco.

– Gosto de você. – Ela se ergueu na ponta dos pés para beijá-lo.  
– Gosto do nosso relacionamento.

– Isso é um bom começo.

– Vejo você hoje à noite. – Ela o beijou novamente. – Obrigada pela preocupação real e sincera e pela planta.

– De nada.

Ele voltou a trabalhar nos armários e abriu um pequeno sorriso quando sentiu o cheiro de madressilva.

– Você vem aqui também? Não me incomodo com a companhia.

Agora, não mesmo. As coisas melhoraram.

Seu humor havia abrandado. Ele sacudiu o suporte do armário para verificar sua estabilidade.

– Ótimo, perfeito.



Beckett continuou de bom humor durante o trabalho e ao longo de uma reunião em que sua mãe apareceu com Carolee para verificar o andamento da instalação dos ladrilhos e da pintura. Ficou empolgado ao ouvir suas vozes ecoando pela construção enquanto andavam de cômodo em cômodo.

Só teve tempo de correr para casa e tomar um banho para tirar a poeira do dia antes de encontrar com Clare.

Era difícil não se render a três garotos ansiosos para jogar e a uma mulher bonita que prepara uma refeição quente. Dirigindo para casa naquela noite, ele pensava que, quando ainda se passa algum tempo com essa mulher bonita, depois de as crianças terem sido vencidas pelo sono, tudo se equilibra de uma maneira perfeita para se terminar o dia.

Tinham passado por dificuldades e ele percebeu que aprenderam um com o outro, coisas que talvez nenhum dos dois houvesse considerado antes.

Ela não era a garota despreocupada por quem ele tivera uma quedinha no ensino médio. Deveria saber disso, é claro. Como ela poderia ser a mesma? Mas compreendeu agora, subindo as escadas até o seu apartamento, dando-se conta de que aquela mudança causara o que poderia chamar de sua segunda queda, muito mais profunda.

Aos 16 anos, ele se apaixonara por Clare Murphy, uma garota que pertencia a outra pessoa e que o via simplesmente como um amigo. Experimentou sentimentos confusos pela jovem viúva, que tinha voltado para casa com dois meninos e outro crescendo dentro

dela. Sentimentos que não podia transformar em nada, a não ser amizade, algo que Clare aceitava e retribuía.

E agora ele estava descobrindo as alegrias e frustrações de ultrapassar aquelas emoções cuidadosas e seguras, o simples querer, e ser tomado pelo mesmo ardor da adolescência.

Era estranho, pensou, que esses sentimentos – negligenciados, ignorados, reprimidos – pudessem resistir por mais de uma década. Achava que a base deles sempre estivera no mesmo lugar, talvez aguardando. Não importava quanto ambos tivessem mudado, evoluído, reestruturado suas vidas. No fundo, permaneceram o que eram.

Ele ficou por um tempo olhando pela janela, em direção à pousada. Algumas coisas foram feitas para durar. Elas precisam de cuidados, compreensão, respeito e muito, muito trabalho. Quaisquer que sejam as alterações, o coração resiste.

Foi para a cama, ansioso para trabalhar nelas – na pousada, com Clare e seus meninos – e ver no que ia dar.

Acordou com o mesmo bom humor. Isso até levar sua segunda xícara de café para o estacionamento e ver os quatro pneus rasgados em sua caminhonete e os arranhões descendo pelo lado do motorista.

## capítulo dezessete



**B**ECKETT ESTAVA COM SEUS irmãos na brisa fria do outono, avaliando os danos.

– Isso não é um simples ato de vandalismo – observou Ryder. – É algo muito mais grave, extremamente pessoal.

– Isso eu já tinha percebido. – Beckett chutou um dos pneus estragados. – Percebi com clareza.

– Então sabe quem foi.

– Ah, sim, é muito fácil ligar os pontos. Eu deveria ter quebrado a cara daquele desgraçado, lá mesmo no escritório dele. Covarde de merda. Ele tinha que se esgueirar ali, no meio da noite, para fazer isso. É bem infantil, não é? Arranhar a caminhonete e rasgar os pneus...

– Algumas pessoas simplesmente não crescem – observou Owen –, não evoluem. Eu diria que Sam é uma delas. – Aos poucos, a fúria foi tomando conta da sua voz. – Ele não consegue encarar você como um adulto, então vem e faz isso com a sua caminhonete. Típica vingança de paus pequenos.

– Obrigado, Dr. Freud – murmurou Beckett.

– Nós podemos saber quem foi o responsável por isso, mas se ninguém tiver visto... Merda, Beck, isso é péssimo. Você poderia quebrar a cara dele agora mesmo.

– Pode contar comigo – disse Ryder.

– As consequências seriam as mesmas de antes: você seria preso por agressão e os hematomas na cara dele iriam se curar.

Eles se viraram quando o delegado entrou. Owen pousou a mão no ombro de Beckett.

– Vamos ver o que Charlie tem a dizer.

– Que jeito horrível de começar o dia.

Charlie Reeder, o varapau que tinha sido o astro do time de basquete do colégio, deslizou para fora do carro. Ele se aproximou dos Montgomerys com as mãos nos bolsos.

– Que inferno, Beck, isso é uma vergonha.

– Essa é a declaração oficial do Departamento de Polícia de Boonsboro?

Charlie suspirou.

– Isso é uma observação pessoal e eu vou acrescentar como é irritante. Vou fazer o boletim de ocorrência. Você tem seguro, não é?

– Tenho, claro.

Franzindo a testa, Charlie caminhou ao redor da caminhonete e notou os estragos no lado do carona.

– Você vai ter que registrar queixa, consiga alguém de fora para ver isso. Vou tirar fotos do veículo para o nosso arquivo. A que horas você estacionou aqui?

– Por volta das dez, eu acho.

– A Vesta ficou aberta até uma hora depois disso. – O delegado coçou a nuca enquanto se juntava aos três irmãos. – Você não viu ninguém no local?

– Só alguns carros, não havia ninguém... Ah, o carro de Dave Metzner, tenho certeza disso por volta desse horário. Ele ficou trabalhando até fechar.

– Vou falar com ele e com qualquer pessoa que estivesse trabalhando e tenha passado por aqui por volta desse horário. A que horas você o encontrou nesse estado?

– Por volta das 6h45.

– Ok. A Creamery estava prestes a fechar quando você chegou em casa. – Ele olhou para a sorveteria. – É mais provável que isso tenha acontecido mais tarde, mas vou verificar. Vou falar com os moradores dos apartamentos com vista para cá, para ver se elas viram algo ou alguém. Talvez tenhamos sorte.

– Todos nós sabemos quem fez isso, Charlie – interveio Ryder. – Quase todo mundo na cidade sabe que a caminhonete é do Beck e que ele estaciona aqui toda noite. E só uma pessoa tem problemas com ele.

– Então acha que Freemont fez isso porque você está saindo com Clare? – Charlie perguntou a Beckett.

– Isso e o fato de que passei no escritório dele ontem de manhã para lhe dizer para ficar longe dela.

Charlie deu um novo suspiro.

– O que você pretendia com isso?

– E se alguém assediasse Charlene, tocasse nela, pusesse as mãos nela, o que você faria?

– Faria o mesmo. – Charlie pôs as mãos no quadril ossudo. – Talvez eu concorde com você. Poderiam ter sido crianças ou apenas um bêbado idiota, mas ninguém relatou nada parecido com isso. Então você era um alvo específico. Cá entre nós, me parece mesmo coisa do babaca do Sam. Típico do Freemont. Mas se ninguém o viu, não temos provas.

– Talvez ele tenha deixado digitais.

Charlie olhou para Owen.

– Sim, talvez ele tenha urinado nos pneus e deixado seu DNA. Se estivéssemos em *CSI Boonsboro*, conseguiríamos prendê-lo até o fim do dia. Olha, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance, pressioná-lo ao máximo. Vou falar com o Freemont pessoalmente. Mas, Beckett, você está ferrado com isso aqui.

– É, percebi.

– Vou tirar fotos, pegar a sua declaração, fazer um relatório. Vou falar com as pessoas e dar umas cutucadas no Freemont.

– Obrigado. Talvez ele já tenha deixado isso pra lá. Ou pelo menos mudou seu foco da Clare para mim. Já é alguma coisa.

– Me faça um favor – disse Charlie, dando um tapinha no ombro de Beckett. – Fique longe dele. Caso o veja passeando por aqui, perto de Clare ou em qualquer outro lugar na cidade, você pode me chamar. Eu trato disso. Ligue para o seu seguro, dê o meu nome. Vou garantir que eles recebam uma cópia do relatório da polícia.

Sem muitas opções, Beckett deu sua declaração oficial, depois foi para dentro lidar com a dor de cabeça do seguro. Quando finalmente chegou à pousada para trabalhar, todos os empregados já sabiam do ocorrido. Recebeu muitos comentários solidários e raivosos, assim como uma boa carga de conselhos. Ele tentou não

remoer aquilo, superando as frustrações do dia com as ferramentas. Imaginou o rosto do presunçoso Freemont toda vez que acertava a cabeça de um prego.

Não adiantou muito, mas já era alguma coisa. Seu humor melhorou no momento em que ele viu Clare furiosa. Ela irrompeu pela escada com uma expressão tensa.

Percebeu que, quando Clare ficava brava e chateada, seus olhos brilhavam verdes como os de um gato.

– Fiquei sabendo logo que cheguei à cidade, mas só pude vir aqui agora. Fui ver a sua caminhonete primeiro. Aquele desgraçado! Você sabe que foi Sam que fez aquilo. É típico dele. Que droga! Agora sou eu que quero dar um soco nele.

– Eu gostaria de ver isso.

Ele conseguiu esboçar um sorriso irônico enquanto descia o lance de escadas.

– Não é engraçado, Beckett.

– Não, não é. Mas é apenas borracha e tinta.

– Não é essa a questão.

Ela se afastou dele, e o carpinteiro que estava perto parou de trabalhar e saiu do cômodo.

– Não, mas isso é relevante. Foi o único jeito com que ele conseguiu me confrontar, não teve coragem para me encarar pessoalmente. Quando deixo a raiva de lado, sinto até certa satisfação.

– Ah, que inferno!

– Ah, isso também. Você quase nunca pragueja. É reconfortante ver você fazendo isso por minha causa. Meu ego acabou de inflar mais um pouco.

– Ele só fez isso porque você foi lá e o enfrentou.

– Sim, e daí?

– Você não tinha que fazer isso.

– Tinha, sim, Clare.

– Homens... – Ela jogou as mãos para o alto, rodando pelo aposento. – Homens, homens, homens... Suponho que agora você esteja pensando em voltar lá e enfrentá-lo novamente, aumentando ainda mais essa confusão lamentável.

Ele ponderou a sugestão.

– Eu poderia deixar você me convencer do contrário. – Sorriu quando ela se virou para fuzilá-lo com os olhos. – Isso inflaria o seu ego, eu diria. Fico feliz em poder retribuir.

– Você não pode estar realmente planejando isso.

– Fiquei um bom tempo imaginando a cena: eu o arrastando para o estacionamento e espancando-o na frente de seus colegas de trabalho e de vários clientes horrorizados. Ele pedindo para eu parar, mulheres desmaiando. Seria muito agradável.

– Homens... – repetiu ela. – Vocês não passam de meninos em embalagens maiores.

– Talvez. Mas se eu fizesse tudo isso, Owen iria falar *eu avisei* quando ele tivesse que vir me socorrer. Não vale a pena dar essa satisfação ao meu irmão.

Ela suspirou, aliviada.

– Desculpe, Beckett.

– Acho que vai valer a pena se ele acreditar que estamos quites e permanecer bem longe de você. Eu precisaria de pneus novos antes do inverno, de qualquer maneira.

Clare se aproximou e tomou o rosto dele nas mãos.

– Meu herói... – murmurou ela, beijando-o suavemente.

– Isso é tudo o que eu ganho? Lembro que são quatro pneus e um trabalho de pintura.

Ela riu um pouco e beijou-o novamente.

– É o melhor que posso fazer nestas circunstâncias – replicou Clare, apontando com a cabeça na direção do barulho dos operários que trabalhavam no banheiro.

– Nós temos vários outros quartos.

Ela balançou a cabeça e caminhou pelo cômodo para olhar as paredes pintadas.

– Eu adoro essa cor.

Mais calma, ela andou lentamente pelo salão da cobertura.

– Estou tentando decidir qual quarto é o meu favorito, mas ainda não consegui. E qual quarto reservar para os meus pais para o aniversário de casamento deles no ano que vem. Mas é impossível.

– Escolha um para você e para mim. Eu faço a reserva.

- Difícil escolher, mas o farei com prazer! Tenho que voltar.
- Que tal um jantar hoje à noite? Vou levar você e os meninos a algum lugar.
- Hoje tem clube de leitura, mas obrigada. Ah, vamos enfeitar a casa para o Halloween amanhã. Se quiser aparecer...
- Claro que sim! Sou especialista no assunto!
- Ótimo, você pode esculpir a abóbora. Os garotos já estão grandes o bastante para perceber que eu sou muito ruim nisso. Apareça mais tarde. Eu pago um café.
- Eu vou. Ah, e obrigado por ficar tão furiosa!
- Não tem de quê.



Aqueles dias não haviam sido tão ruins assim, refletiu Beckett. Tudo o que ele precisava fazer era consertar a caminhonete, pois todas as outras coisas estavam indo bem. A melhor parte foi quando parou diante da pousada, do outro lado da rua, ao lado de seus irmãos, como na manhã em que haviam retirado a lona.

Dessa vez, eles contemplaram a fachada concluída e o letreiro:

## **Pousada Boonsboro**

- Está bom – comentou Owen.
- Está muito bom – opinou Ryder.
- Agora só falta concluir os acabamentos, terminar de mobiliá-lo, contratar empregados e enchê-lo de hóspedes. – Beckett enfiou as mãos nos bolsos. – Isso será mais fácil, considerando o que já fizemos, não concorda?
- Olhou para a placa da loja de presentes no fim da rua.
- Lojinha da Pousada. Ficou bom.
- Mamãe e Madeline prometeram que vai estar tudo pronto para a inauguração sexta-feira à noite.

– Nossa única função é aparecer e comer bolinhos de caranguejo. – Ryder desviou o olhar para o prédio ao lado da pousada. – Você sabe que mamãe está com planos para abrir uma confeitaria ali e quer que comecemos a trabalhar logo.

– Uma coisa de cada vez. Agora vamos curtir – retrucou Beckett.

– Vamos curtir quando tivermos acabado tudo. – Ryder consultou o relógio. – Olhem o desperdício de tempo.

– Eu preciso trabalhar com Hope e o webdesigner ainda esta manhã – comentou Owen.

– Quando você for, chame Saville – disse Ryder. – Estaremos prontos quando trouxerem o piso.

– Já está na minha lista. Beck, você poderia verificar se está tudo em ordem na loja de presentes, se ainda há algo a ser feito. Aproveite e pegue um café para nós. Está muito frio hoje.

– Parece que teremos uma forte geada esta noite. Ainda temos um pouco de trabalho externo para finalizar. Não tente se esgueirar para o quarto dos fundos com Clare – falou Ryder a Beckett e atravessou a rua com Owen. – Estou cronometrando.

– Sim, sim.

Ele curtiu a visão da pousada mais um pouco e, em seguida, dirigiu-se à loja.

Tinha que admitir, estava tudo muito bom. Acolhedor, com paredes de um tom vívido, exposições de cerâmica e joias artesanais, obras de arte nas paredes ou esperando para ser penduradas.

Foi ter com Madeline, que abrisse mais caixas do estoque, e fez uma listinha de pequenas tarefas a serem realizadas antes da inauguração.

Enfiando a prancheta debaixo do braço, Beckett entrou na Virando a Página.

– Oi, Romeu. Clare está lá em cima.

Ele ergueu as sobrancelhas para Charlene, a esposa do delegado Charlie Reeder.

– Romeu?

Ela contraiu os lábios e fez um som exagerado de beijo.

– Você é muito fofo.

– Verdade. Eu preciso de três cafés grandes. Vou subir e dar oi para Clare enquanto você os prepara, ok?

– Ela vai adorar.

Charlene deu uma piscadela para Beckett, que balançou a cabeça e ficou imaginando o que a Virando a Página andaria colocando nos seus cafés. Então subiu para o escritório.

Com o telefone colado ao ouvido, Clare ergueu um dedo, pedindo-lhe que esperasse e dando-lhe um grande e brilhante sorriso. Enquanto ela finalizava a ligação, ele foi até a janela e olhou mais uma vez para a pousada, pois gostava de ver o letreiro.

– Beckett.

Ele se virou e a envolveu em seus braços.

– Muito obrigada – disse ela antes de lhe dar um daqueles beijos de tirar o fôlego.

Não sabia o que eles colocavam nos cafés, mas decididamente queria um pouco daquilo.

– Ok, de nada. Obrigada pelo quê?

– Pelas flores. Elas são lindas, foi uma surpresa maravilhosa. Eu fiz o que Liam costuma chamar de “ruídos de menina” e ele tentou combatê-los com ruídos, como se tivesse ânsias de vômito. Foi uma cena e tanto.

Clare o abraçou com força e esfregou sua bochecha contra a dele.

– Mas você deveria ter entrado. Eu teria feito o café da manhã para você.

– Que flores?

Ela recuou, radiante.

– Ué, as rosas que encontrei na minha porta quando estava saindo para levar as crianças para a escola.

– Clare, não fui eu.

– Mas elas estavam... O quê?

– Eu não levei flores para a sua casa esta manhã.

– Mas o cartão dizia que...

– O que ele dizia?

– *Sempre pensando em você.* Ah, meu Deus...

Suas pernas começaram a tremer e ela se sentou.

– Havia uma caixa branca lisa na soleira da porta, com as rosas e um cartão. Fiquei preocupada, porque estava muito frio, mas não acredito que estivessem lá havia muito tempo. Estavam frescas e lindas. Elas não são suas...

– Você o viu?

– Não. Bem, ontem, no supermercado, por um segundo acho que sim.

– Você não me disse nada.

– Eu não tinha certeza. Na verdade, pensei que tivesse apenas imaginado. – Ela agarrou a mão de Beckett. – Por favor, não faça nada. Vou ligar para o Charlie agora e contar o que aconteceu. Mas, por favor, não faça nada. Eu realmente acho que, quanto mais atenção lhe dermos, pior será.

– Ligue para o Charlie. Da próxima vez que você achar que o viu, me chame.

– Pode deixar. Prometo. Eu... Ele já havia me enviado flores antes.

– Quando?

– No meu aniversário. Sempre rosas vermelhas, como estas, mas eu realmente pensei... E ele sempre assinou o cartão. Beckett, ele apareceu no supermercado algumas vezes, talvez seja por isso que pensei que o tinha visto... depois do que aconteceu comigo e com a sua caminhonete. Mas então pensei que estava vendo coisas.

– Onde mais? – perguntou Beckett, com a voz estranhamente calma. – Onde mais ele apareceu?

– Ah. – Ela hesitou um pouco, esfregou as têmporas. – Ai, meu Deus, quando penso sobre isso agora... Ok, encontrei com ele no shopping algumas vezes, mas é normal eu esbarrar com pessoas conhecidas lá, então nunca dou muita atenção a isso. Do lado de fora do banco, mais de uma vez.

Ele observou-a rememorar e reparou que Clare estava ficando pálida.

– No estacionamento da farmácia, na loja onde compro as minhas plantas. Em outros lugares também, agora que estou pensando melhor. Ele sempre aparece quando estou sozinha. Nunca

quando estou com as crianças, com Avery, com minha mãe ou com qualquer um. – Ela fez uma pausa. – Isso não é coincidência.

– Não, claro que não. Ele está perseguindo você. Conte tudo a Charlie. E, Clare, eu vou passar na sua casa todos os dias depois do trabalho até que isso acabe.

– Não tenho como argumentar contra isso. As flores... – Ela abraçou o próprio corpo. – Há alguma coisa errada com ele; enviar flores após tudo isso... Não se trata apenas de ser inconveniente.

– Acho que nunca foi apenas isso. Conte tudo a Charlene e aos outros. E não fique sozinha na loja.

– Meu Deus. – Ela esfregou a testa. – Não, você está certo. Eu só preciso me acalmar e pensar nisso. Vou ligar para o Charlie agora.

– Eu estarei do outro lado da rua. Mantenha o celular com você.

– Ok. Beckett? Tome cuidado também. Ele pode tentar fazer algo mais do que danificar a caminhonete.

– Não se preocupe.

Mas ela ficou preocupada. Mesmo depois de ter conversado com o delegado, continuou aflita. Ligou para Avery e, por insistência da amiga, foram juntas buscar a caixa, o bilhete, as flores e levaram tudo para a delegacia.

– Beckett está certo. Sam é um covarde, é melhor você não ficar sozinha no trabalho, em casa. Em qualquer lugar, por enquanto.

– Avery, você acha mesmo que ele tentaria alguma coisa?

– Sinceramente não sei, por isso não vamos arriscar. Tranque as portas do carro mesmo quando estiver nele. E sua casa também. Não apenas ao sair ou durante a noite. Prometa.

– Não precisa se preocupar com isso. Não estou ignorando essa história, mas quero que Sam pense que estou. Quanto menos ele achar que isso está me afetando, mais cedo vai parar.

*Talvez sim, talvez não*, pensou Avery, e observou Clare voltar para a livraria. Esperou até que ela entrasse e, em seguida, se dirigiu para a pousada.

Encontrou os três irmãos reunidos na cozinha ainda em obras.

– Está ficando ótimo – comentou ela rapidamente. – Temos que conversar.

– Estamos ocupados agora – replicou Ryder. – Daqui a mais ou

menos uma hora vamos ao seu restaurante. Que raio de cor é essa que você está usando esta semana?

Avery passou a mão nos cabelos.

– Cherry Coke, é um pouco intenso.

– O que há de errado com a cor natural? – perguntou Owen.

– Eu mantive o natural por quase trinta anos. Você já fez algo por tanto tempo? Bom, não é por isso que estou aqui. Temos que conversar agora. Clare e eu levamos aquelas malditas flores até a delegacia, mas não sei o que diabos eles podem fazer a respeito disso.

– Eu não sei o que podemos fazer. – Owen enfiou a trena de volta no cinto de ferramentas. – Se fizéssemos o que gostaríamos, ficaríamos presos de cinco a dez anos.

– De qualquer maneira, quebrar as pernas dele não é a resposta. Uma pena. Olha, Sam tem dessas obsessões. Ele se fixou em mim há algum tempo.

– O quê? Quando? – questionou Owen.

– Quando eu estava abrindo a loja, antes de Clare retornar. E foi tão insistente quanto agora. Ele costumava aparecer enquanto eu trabalhava nas instalações. As pessoas entravam e saíam o dia todo. Dizer que ele estava atrapalhando ou que eu estava ocupada nunca foi suficiente para eu me livrar. Ele é como uma maldita sanguessuga.

– Por que você não disse nada?

Ela deu de ombros.

– Não durou muito tempo, talvez algumas semanas. Olhem, o defeito de Clare é a gentileza; a minha se esgota bem mais depressa. Eu me liberei dele num dia, quando disse que, se não me deixasse em paz, Luther gravaria suas bolas a ferro em brasas – disse ela, referindo-se ao ferreiro. – Ele estava trabalhando com chaminés naquela época. Luther não faria isso, mas aparentava ser capaz.

– Bem pensado – comentou Owen.

– Sim, e funcionou. Mas essa obsessão com a Clare é muito mais assustadora. Tenho um mau pressentimento. E não costumo falhar.

– Todos estão atentos ao Freemont e à Clare. Os policiais já

estão sabendo – replicou Beckett. – Tanto eu quanto Charlie Reeder já o advertimos.

– É, eu sei, mas isso só piora as atitudes dele. Enviar flores depois que ela alertou os policiais a seu respeito? Não é normal. Odeio não saber o que fazer.

– Conte aos vizinhos da Clare. Serão mais pessoas tomando conta dela.

Owen franziu a testa para Ryder.

– Isso é bom, mas não se limite aos vizinhos dela. Espalhe por toda a cidade. As pessoas gostam muito da Clare. A comunidade toda vai cuidar dela.

– Eu sempre soube que você tinha um cérebro – observou Avery, relaxando pela primeira vez em horas. – Bom, já é alguma coisa. Me sinto bem melhor.

– Eu vou passar lá hoje à noite e tenho algumas ideias, como instalar luzes com sensor de movimento ao redor da casa dela.

Avery assentiu para Beckett e a tensão abandonou o corpo dela completamente.

– Gostei da ideia. Muito boa. Tenho que ir agora. Pode deixar que vou aproveitar o horário do almoço para espalhar o alerta para todo mundo.



O próprio Beckett instalou as luzes, na parte da frente e nos fundos da casa. Levou o dobro do tempo normal por causa da “ajuda” que as crianças lhe deram. Em compensação, ganhou outro jantar e ficou muito satisfeito ao ver a expressão de alívio de Clare quando concluiu o serviço.

Além disso, teve a alegria de ver as crianças correndo em volta da casa várias vezes, comemorando cada vez que as luzes acendiam.

Mas ele tinha outras ideias ainda melhores e as apresentou a

Clare na tarde seguinte na livraria. Encontrou-a no anexo, reorganizando as prateleiras.

– Ei, tem uns caras aqui que eu gostaria que você conhecesse.

Clare virou com os livros na mão.

– Ah, são tão fofos! Onde você os encontrou? – perguntou, já colocando os livros de lado e se agachando.

Os cachorros entenderam isso como um convite para brincadeira e começaram a lamber as suas mãos e, depois, o rosto.

– Olhem para vocês, que meninos grandes. Beckett, como é que você vai manter dois cachorros no apartamento? São labradores, não é?

– Mestiços de labrador, como os da minha mãe. São irmãos, têm 5 meses de idade. Tomaram todas as vacinas e são domesticados.

– Sim, bons garotos. – Ela bagunçou os pelos cor de chocolate e esfregou as orelhas sedosas. – Eles são adoráveis, mas precisam de espaço para correr e... – Ela estreitou os olhos para Beckett enquanto os cachorros disputavam a sua atenção. – E você não está pensando em mantê-los no apartamento.

– Eles precisam de crianças.

– Beckett... – Seus olhos se estreitaram ainda mais. – Qual é o seu segundo nome?

– Ah, Riley.

– Beckett Riley Montgomery!

Ele abriu um sorriso torto.

– Nossa, igualzinho a minha mãe.

– E é só o começo.

– Crianças precisam de cachorros, e cachorros precisam de crianças. – Ele deixou o sorriso irônico e tentou ganhá-la com um mais cativante. – Eu sei que você vem pensando em arranjar um cão para os meninos.

– Pensando, sim, mas *um* cão, no singular.

– Eles são irmãos – lembrou-a. – Não devemos separar irmãos. – Agachou-se e esfregou a barriga de um dos cachorros. – Você iria partir seus corações. Além disso, terão a companhia um do outro quando as crianças estiverem na escola. Eles foram resgatados. Os antigos donos os abandonaram. É como expulsar um casal de bebês.

– Pare com isso.

Ok, pensou, talvez estivesse forçando um pouco a barra.

– Eles precisam de um bom lar, juntos. Se você não quiser, fico com eles.

– No apartamento?

– Fazer o quê... – Ele deu de ombros. – Não quero separá-los nem deixá-los na rua.

– Isso é uma armadilha!

– Esta raça lida muito bem com crianças. São fiéis, bem-humorados. Gostam de brincar e serão ótimos companheiros para os meninos.

– Esteve pesquisando, não é?

– Sim, um pouco. E minha mãe tem muitos contatos. Os cachorros vão alertá-la sempre que alguém estiver perto da casa. Mesmo dóceis, são bons guardiões. Eu me sentiria muito melhor, Clare, se você tivesse dois desses em casa.

O menor deles colocou uma pata no joelho de Clare e lhe lançou um olhar carente. Ela soltou uma espécie de gemido com suspiro, que disse a Beckett que ela já fora conquistada.

– As crianças vão enlouquecer! Meu Deus, se eu fizer isso, terei que arrumar acessórios e brinquedos, um manual de treinamento.. Uma avaliação psiquiátrica.

– Já tenho tudo de que eles precisam na caminhonete: alimentos, bacias, camas, brinquedos... Veja, eles já têm até as próprias coleiras e guias.

– Você não deixa passar nada mesmo! Você disse que são domesticados, não é?

– É... – Beckett achou melhor não mencionar que um deles já tinha feito xixi em suas botas. – Ah, você pode ter alguns contratemplos enquanto eles estiverem se ajustando a um novo lugar.

– O que devo fazer quando esfriar? Estarei aqui e os meninos vão estar na escola. Eles teriam que ficar no quintal.

– Precisamos construir uma casinha de cachorro.

– Precisamos?

– Claro! Vai ser divertido.

– Ah, Beckett... – Ela se rendeu, acariciou os cachorros. – Como eles se chamam?

– Chauncy e Aristóteles.

– Você só pode estar de brincadeira.

– Receio que não. Eles realmente estão precisando de novos nomes.

– Quem poderia culpá-los? – O menor soltou um latido alto, animado e mordeu a orelha do irmão. – Espero que isso não seja um erro.

– Vai ser ótimo. Os meninos aprenderão a ter responsabilidade, a cuidar de um bicho de estimação.

– Certo. – Os filhotes rolavam e brincavam um com o outro. – Vou me lembrar disso sempre que os estiver botando para dentro e para fora e limpando as bobagens que fizerem.

Ele se inclinou acima dos dois cachorros para beijá-la.

– Obrigado, mamãe.

– Você me ganhou quando disse “eles são irmãos”. Aparentemente eu tenho uma fraqueza. Vamos torcer para que os meus pais tenham também. Eles querem fazer uma festa do pijama com os meninos sábado à noite.

– Sério?

– Sim. Na verdade, eles gostariam que todos nos mudássemos de vez para lá.

– Eles se preocupam com você.

– Tenho que ligar para casa todas as noites, tranquilizá-los, dizer que as minhas portas estão trancadas, e assim por diante. Eu só consegui fugir da festa do pijama porque disse que ia ver se você queria sair comigo.

– Acho que posso reservar esse horário para você.

– Ótimo. Passo lá por volta das sete.

– Você vai me pegar? Para onde vamos?

– Sábado à noite você vai saber. – Clare olhou para os cachorros, que estavam andando de um lado para outro e cheirando todos os lugares. – Você não é o único que sabe fazer surpresas. – Ela ficou de pé. – Vai ter que se virar com esses cachorros até depois da escola. Mais tarde pode levá-los junto com os acessórios.

- Que tal eu levar pizza também? Assim todos poderão brincar sem se preocupar com o jantar.
- Cachorros e pizza... As crianças vão se sentir no céu.



Ele não havia pensado na logística do transporte de cachorros e pizza, mas rapidamente aprendeu uma lição valiosa: os focinhos curiosos dos filhotes precisavam ser separados dos alimentos. Isso lhe custou o preço de uma pizza e o tempo perdido esperando a segunda sair.

Deixou a pizza escondida na parte de trás da caminhonete, numa caixa de entregas emprestada, e teve praticamente uma luta com as guias quando os cachorros correram em direções opostas. Mas toda essa trabalhadeira valeu a pena assim que Murphy abriu a porta.

Ele arregalou os olhos, de queixo caído, e os cachorros logo saltaram na sua direção. Murphy caiu sentado, gargalhando, enquanto os cães pisavam e pulavam nele e lambiam todos os lugares que pudessem alcançar.

– Cachorrinhos! Beckett trouxe cachorrinhos!

Ele rolou com os animais, fazendo o possível para abraçar os dois juntos. Seus irmãos saíram correndo do quarto de brinquedos.

Foi um verdadeiro caos, do melhor tipo, na opinião de Beckett. Os cachorros corriam, saltavam, latiam. As crianças os perseguiram, caíam e gritavam.

Clare veio assistir, com as mãos no quadril. Começou a balançar a cabeça, tentando estabelecer algum tipo de ordem. Em seguida, apenas encarou Beckett.

Ele abriu um sorriso largo enquanto as crianças e os cachorros brincavam em torno de seus pés. Ficou parado com as mãos enfiadas nos bolsos, as pernas abertas o suficiente para os meninos e os filhotes passarem entre elas. Quando um dos cães testou seus dentinhos afiados na ponta da sua bota, ele apenas riu e o cutucou.

No instante em que a encarou, com aqueles olhos azuis e

quentes, Clare se apaixonou perdidamente.

Talvez já estivesse apaixonada havia mais tempo, pensou. Mas aquele fora o momento em que soube, sem sombra de dúvida, que o amava. Conseguia imaginar Beckett ao seu lado no mês seguinte, no ano seguinte... para sempre. Um amanhã que ela gostaria de viver. Um novo amanhã.

Talvez o amor estivesse acompanhado de um pouquinho de pânico e a incerteza de saber o que iria acontecer. Mas ele a tocou tão forte e de modo tão genuíno quanto o riso de seus filhos.

– Mãe! Mãe! Você viu? – Liam cambaleou, carregando um filhote com a língua para fora, parecendo sorrir. – Beckett trouxe cachorrinhos!

– Eles gostam da gente! – Harry virava a cara para um lado e para outro, tentando se esquivar dos “beijos” do segundo cão. – Eles gostam muito da gente!

– Vem ver! – Murphy abraçou o animal que estava no colo de Harry. – Vem ver, mãe! São muito fofos, macios e não fedem. A gente pode ter um cachorro? *Por favor, mamãe, pode?*

– Mais um? – Ela arregalou os olhos, fingindo choque. – Dois não são suficientes?

– Que dois?

– Esses dois!

Ela pensou que, independentemente do que os cachorros fizessem, de quantas vezes precisasse limpar as sujeiras e sair de uma cama quentinha para levá-los para fora, seria um pequeno preço a pagar se comparado à alegria estampada no rosto do seu garotinho.

– Eles são nossos? – Seu sussurro ecoou com a mesma alegria.

– Pergunte ao Beckett. Ele é que os trouxe.

Três rostos se viraram para Beckett enquanto os filhotes mordiscavam e lambiam.

– Você os trouxe pra gente? – perguntou Harry. – Para sempre?

– Bem, eles são irmãos.

– Como nós! – gritou Liam.

– Sim, e precisam de um bom lar. De amigos que possam cuidar deles, alimentá-los, brincar com eles, amá-los.

– Eu amo eles! – Murphy engatinhou até abraçar a perna de Beckett. – Eu amo muito, muito!

– O amor dá certo trabalho. – Beckett se agachou. – Até quando você está cansado ou ocupado. Significa garantir que eles tenham o suficiente para comer e beber, ar puro, companhia. Você está pronto para isso?

– Eu prometo.

– Então acho que você pode ficar com eles.

– Este é o melhor presente de todos. Obrigado! – Liam abraçou Beckett, em seguida correu para fazer o mesmo com Clare. – Mãe, ganhamos filhotes!

– Você os trouxe para nós – repetiu Harry e finalmente deu a Beckett seu sorriso angelical. – Nós vamos cuidar bem deles, sempre!

– Estou contando com isso.

– Por que você não os leva para dar uma volta? – sugeriu Clare.  
– Mostre as coleiras para eles.

– Vem com a gente. – Murphy puxou a mão de Beckett. – A gente vai mostrar as coleiras. Como eles se chamam?

– Eles precisam de bons nomes. Por que vocês não pensam nisso? Tenho algumas coisas para eles na caminhonete. Vou buscá-las.

– Eu ajudo você – disse Harry, levantando-se.

– Uma ajudinha vem a calhar.

Liam e Murphy correram em direção aos fundos, chamando os cachorros para acompanhá-los, já testando alguns nomes enquanto Harry saía pela frente com Beckett.

Clare continuava mergulhada no amor, olhando os pelos dispersos e um pouco de urina no piso. Bom, um preço muito pequeno a pagar.

## capítulo dezoito



– **D**OIS CACHORROS. – AVERY arrumava uma tábua de queijos para a inauguração da loja de presentes. – Eu não consigo entendê-la. Com você é tudo ou nada, Clare.

– Parece que sim. Até ontem de manhã, tudo o que eu tinha a fazer era aprontar os meninos para a escola, lhes dar comida, preparar o almoço ou dar dinheiro para eles comprarem um lanche. Esta manhã, além de encontrar os cinco embolados em cima da cama de Murphy, tive que aprontá-los contra a vontade deles, porque queriam ficar em casa cuidando dos cachorros. Sem contar que me levantei duas vezes na noite passada para levar os filhotes para fazer xixi.

– As bexigas vão crescer também.

– Espero que sim. Depois de me certificar de que estavam alimentados, hidratados e com as necessidades feitas, coloquei-os para fora. Mas eu fico com um pouco de culpa, porque os deixamos sozinhos no quintal dos fundos, então, antes de vir para o trabalho, dei uma olhada neles, e vou verificar novamente na hora do almoço. Mazie cuidará deles até a hora em que terminar a inauguração. Acho que eu deveria dar uma passadinha lá agora para ver como estão.

– Eles vão ficar bem. Crianças e cachorros realmente são uma combinação perfeita. Estou ansiosa para conhecê-los. Quais são os nomes deles mesmo?

– Eu acho que, depois de muita discussão e debate, ficou resolvido que seriam Yoda e Ben... por causa do Obi-Wan, claro.

– Legal.

– Desculpe, me atrasei ainda mais do que esperava. – Hope

voltou correndo para a cozinha. – Tivemos muitas entregas. Todo mundo está ocupadíssimo por lá – disse para Avery.

– Acredito que teremos a casa cheia para a inauguração. As pessoas vão querer dar uma olhada e talvez fiquem para jantar.

– Uma coisa puxa a outra, essa é a ideia. O que posso fazer?

– Acho que já podemos começar a levar as bandejas para baixo, assim Madeline encontrará tudo no lugar.

Com as bandejas na mão, foram para os fundos.

– Nem acredito que estamos quase em novembro. – Hope balançou a cabeça para jogar para trás o cabelo que caíra no seu rosto, atingido por uma brisa. – Parece que acabei de me mudar para a cidade.

– Daqui a pouco já é o Halloween – lembrou Avery.

– Sim, e de repente o Dia de Ação de Graças e, em seguida, o Natal.

– Ah, nem fale no Natal... – Clare fechou os olhos brevemente. – Ainda tenho muita coisa para fazer.

– E depois vem o Ano-Novo – continuou Hope – e nós vamos estar envolvidas com a inauguração da pousada. Eles estão realmente fazendo progressos com o pátio. Você precisa ver. Talvez possamos dar um pulo lá antes que a inauguração comece.

– Eu amo este lugar... – Clare se deteve no pátio atrás da loja de presentes. – Acho que poderia fazer algo parecido em casa.

– Por que não faz? – questionou Avery.

– Preciso de dinheiro. – Clare esperou que Avery equilibrasse suas bandejas antes de abrir a porta dos fundos. – Tenho que abrir uma poupança para o pátio.

Assim que entraram, viram Madeline caminhando em direção ao escritório com seu cabelo castanho caído nos ombros, os brincos balançando.

– Oi! Avery, vai ficar ótimo. Estou muito empolgada. Minhas meninas estão ali e vão ajudar você a deixar tudo como programei.

– Madeline – Clare respirou fundo –, está um cheiro maravilhoso aqui.

– São as velas e os difusores, marcas da pousada. Estamos usando a fragrância de romã Marguerite e Percy, não podemos errar.

– Falando em coisas boas... – Clare parou no canto da cozinha. – Tudo aqui está ótimo! Fiquei com vontade de renovar totalmente minha cozinha. Amei aquele jarro, ah, e essas tigelas! Vou fazer muitas compras de Natal aqui.

Ela passeou pela sala, observando as belas vitrines de bijuteria, as peças de arte vibrantes e a cerâmica reluzente.

– Você fez um trabalho incrível.

– Eu quero isso. – Hope parou na frente de um quadro, no qual flores de cerejeira se estendiam para o céu azul, refletidas numa lagoa ondulada. – Eu quero isso para o meu apartamento. Quero contemplar a primavera todos os dias.

– Gostei muito. – Avery olhou para Clare, esperando consentimento. – É perfeito, e foi vendido para você! Nós duas queremos lhe dar um presente de boas-vindas, para quando vier morar na pousada.

– Sério? Nossa. Eu aceito. – Ela passou os braços na cintura das amigas. – Vocês são incríveis.

– Então vou colocar um ponto vermelho na etiqueta do quadro, indicando que foi vendido... se é o que você quer mesmo.

– Com certeza – afirmou Clare para Madeline.

– Primeira venda! E nem eu, Justine ou Carolee precisamos oferecer. Meninas, ao trabalho!

– O que mais podemos fazer além de gastar dinheiro? – perguntou Avery.

– Honestamente, nada, está tudo a postos. Nervosas, ansiosas, mas a postos.

Avery consultou o relógio.

– De qualquer forma, voltaremos em vinte minutos. Estarei com o celular, se você precisar de alguma coisa antes disso. Vamos atravessar a rua para que Hope possa se exhibir.

– Já estou vendo uma meia dúzia de coisas para a decoração da pousada. – Ela ainda estava apreciando as peças quando Avery a puxou porta afora. – Vou voltar amanhã com um caderno. Você viu aquela tigela de bambu? É perfeita para a bancada da cozinha.

Ela procurou pelas chaves.

– Podemos entrar pela frente. As portas devem estar instaladas

semana que vem e dei uma olhada nos banquinhos de teca que Justine comprou para a varanda.

Ela trancou as portas.

– Vamos subir. Já terminaram de colocar os azulejos no Nick & Nora! Vocês têm que ver como ficou. Eu passo aqui todas as noites depois que os operários encerram o trabalho. Sei que Beckett faz isso, mas sinto como se eu devesse... Além disso, preciso ver tudo o que foi feito durante o dia.

– Você já...?

Clare olhou de relance para o Elizabeth & Darcy.

– Às vezes eu sinto um odor diferente, ouço algumas coisas. Mas acho que ela ainda está um pouco tímida comigo. Olhem só para isso, não é espetacular?

A parede dos fundos de azulejos azul-marinho brilhava, num contraste impressionante com o piso chocolate. As outras paredes, com listrinhas finas de tons diferentes de marrom, davam um toque de sofisticação.

– Eu nunca teria pensado em colocar essas cores juntas – observou Clare. – Ficou maravilhoso: moderno e elegante, mas um pouco chamativo, acho.

– Exatamente, e o quarto vai ter teto chocolate e paredes azuis suaves. E as luzes? Incríveis. Lustre de cristal sobre a banheira, arandelas de cristal ladeando o espelho.

Hope pôs a mão no coração.

– Juro que, a cada dia que passa, me apaixono mais um pouco por este lugar.

– E eu estou apaixonada pelo Beckett. – Quando suas amigas se voltaram, Clare soltou uma risada. – Nossa, eu disse isso em voz alta, não é?

– Apaixonada mesmo? – perguntou Avery. – Com A maiúsculo?

– Completamente apaixonada! – Assim como Hope, ela colocou a mão no coração. – Eu não acreditava que me apaixonaria de novo, não depois de tudo o que aconteceu. Acho que não acreditava que poderia me apaixonar duas vezes. Não é como foi com Clint, não acho que deveria ser igual. Mas é tão intenso, tão profundo, tão real... Nem consigo acreditar que eu tenha tanta sorte!

– Você e Beckett. – Avery pestanejou. – Apaixonados com *A* maiúsculo.

– Ah, não sei dele. É mais garantido dizer que é um *A* minúsculo.

– Clare, ele sempre foi um fofo com você.

– Isso é diferente. *A* minúsculo já é o máximo. Eu não espero grandes promessas dele. Como eu disse, agora é diferente. Hoje consigo compreender isso melhor do que aos 16 anos. Tenho muito mais a perder.

– E para oferecer – acrescentou Hope.

– É verdade. Mas... – Ela pensou nas palavras de Beckett na noite anterior. – O amor dá trabalho. Uma mulher, três crianças... e agora dois cachorros? Um monte de trabalho... Estou feliz como as coisas estão. Estou tão feliz, tão grata por *sentir* isso de novo. Por saber que posso sentir.

– Eu amo essa sensação. – Hope suspirou, lembrando. – Sinto falta disso.

– Acho que eu também, só não tinha percebido. E é um pouco assustador neste momento. Pode parecer loucura, mas meio que gosto. Dá mais energia!

– Se você está feliz, estamos felizes.

– Estou muito feliz. Estou apaixonada por um homem muito bom, interessante e que gosta dos meus filhos. Isso é incrível!

– Sempre admirei o seu gosto por homens – comentou Avery.

A janela do banheiro se abriu e foi soprado para dentro um perfume de madressilva.

– Eu diria que ela também – murmurou Hope.



Uma das coisas de que Clare mais gostava em Boonsboro – e que a deixava feliz por ter voltado para criar os filhos ali – era a sensação de pertencer a uma comunidade. Quando estava na nova loja de presentes, bebendo vinho num pequeno copo de plástico, viu

ou falou com mais de dez conhecidos. Observou-os vagar por lá, formar grupos, compartilhar notícias, opiniões.

O pai de Avery foi até ela. Era um homem alto de cabelo ruivo revoltado e uma barba aparada com uns fios brancos. Clare apontou com a cabeça para ele.

– Olhe só para você, todo arrumado.

Ele corou, demonstrando uma timidez fofa.

– Justine disse para não vir com a roupa do trabalho.

– Claro que não, você é um dos artistas em exposição.

Ele ruborizou ainda mais.

– Ah, eu não sou nenhum artista. Apenas um soldador com muito tempo livre.

– Willy B, é preciso muito mais do que uma simples habilidade de soldagem e tempo livre para criar essas esculturas de metal. E os relógios são fantásticos! Hope já marcou aquele como vendido – ela apontou para um deles –, vai para a pousada.

– Ela vai colocar isso lá? Sério?

– Ela quer o relógio para a sala de jantar; ficará em frente ao arco de pedra. Assim, as pessoas que vierem jantar irão ver o seu trabalho.

– Isso não é o máximo?

Ele soltou uma risadinha.

Avery se esforçou para abrir caminho em meio à aglomeração de pessoas.

– Deixe os bolinhos de caranguejo aqui por enquanto. Estão quase acabando. Eles estão trazendo mais para baixo.

– Tem um bom número de pessoas – comentou Clare. – Madeline parece em êxtase e um pouco entorpecida.

– Eu deveria sair. Sinto que estou ocupando metade da sala sozinho.

– Fique exatamente onde está – ordenou Avery a seu pai. – Madeline quer que você fale com os clientes potenciais, que lhes conte sobre o seu processo artístico.

– Ah, não, Avery.

– Ah, sim, Willy B. – Ela cutucou seu peito largo. – Tenho que verificar as outras bandejas. – Não deixe ele fugir, Clare.

– Estou às ordens.

Ela deu de ombros para Willy B, mas teve pena dele.

– Nós poderíamos dar um pulo lá fora – falou Clare. – Tem um monte de clientes potenciais lá tomando ar fresco.

– Como é bom ver as pessoas assim – disse ele, respirando fundo quando saíram da loja.

– Não é? Eu estava pensando como é bom ver tantos rostos familiares, ter um pouco de tempo apenas para conversar e tomar um drinque.

Ela examinou os pequenos grupos ao seu redor, tão atenta às pessoas, que não notou o carro estacionado a meio quarteirão – e Sam Freemont ao volante, espionando-a.

– Como é que estão os seus meninos? Ouvi dizer que você tem dois membros novos na família. Foi Justine que me contou – comentou Willy B.

– Eles estão se sentindo no paraíso e, por enquanto pelo menos, têm sido muito responsáveis cuidando dos filhotes. Admito que está sendo mais divertido e menos trabalhoso do que imaginei... por ora.

– Você não vai se arrepender. Foi Beckett que os levou, né?

– Ele os levou para a livraria – confirmou ela. – Foi uma armadilha.

– Justine está muito feliz por você e Beckett estarem juntos. Ela gosta muito de você e dos meninos.

– Eu sei. Por falar neles, tenho que ir para casa render Mazie.

– Quer dizer que, assim que viro as costas, você vem paquerar no meu território.

Beckett saiu da loja e deu um soco leve no braço de Willy B.

– Eu não consigo ficar longe de mulheres bonitas. Lá dentro deve estar muito bom. – Ele indicou a pousada com o queixo barbudo. – Tommy estaria muito orgulhoso.

Willy B tinha sido o melhor amigo de seu pai por toda a vida.

Beckett se lembrava de como ele havia chorado no funeral. Muito provavelmente, a perda de Thomas Montgomery para ele doía tanto quanto para Beckett e sua família.

– Sim, acho que ele estaria. Acredito que teria curtido uma noite como esta.

- Ele adoraria. Gostaria de ver como é que está lá dentro.
- A qualquer hora que você quiser. Você sabe disso.
- Vou dar um pulo lá qualquer dia desses, pronto para ficar boquiaberto.
- Willy B! – Justine chegou à porta, com as mãos no quadril. – Volte já para cá, venha se enturmar!
- Mas agora, Justine? – Ele suspirou. – Nem adianta discutir. Espero não derrubar nada.
- Ele é o homem mais bonito – afirmou Clare quando ele se arrastou para dentro.
- Ele tem 65 e deve chegar aos 90 ou mais. Como ele pode ainda ser tão bonito?
- Ele simplesmente é. Bom, tenho que ir para casa, apesar de querer ficar. Não esqueça, estarei aqui amanhã às sete.
- Espere, espere. – Beckett a pegou pelo braço e balançou a cabeça. – Você não pode ir dirigindo para casa sozinha.
- Beckett, daqui para Main são menos de 2 quilômetros.
- Eu vou segui-la, me certificar de que você chegou bem e dar uma carona para Mazie. Você ouviu o que Willy B disse: nem adianta discutir.

Clare achou que era uma superproteção sem propósito, especialmente quando Beckett insistiu em levá-la de caminhonete até sua van, estacionada nos fundos da livraria, a uma curta distância.

Sabia que ele estava esperando enquanto ela trancava tudo, por isso deu uma piscadela com a luz da varanda. Beckett tocou a buzina antes de se afastar e fazer a volta para deixar Mazie em casa.

Do outro lado da rua, a alguns metros, Sam observava a casa, notando como a frente foi inundada pela luz quando Clare apareceu à porta e a babá saiu.

Continuou espionando. Viu o quintal dos fundos ficar todo iluminado. *Está pondo os vira-latas para fora*, pensou.

Cachorros e luzes de segurança... Tudo isso seria por sua causa? Será que ela achava que ele fosse um ladrão?

Isso não estava certo, Clare não podia tratá-lo assim. *Obra de*

*Montgomery*, decidiu. Ela era muito doce, não ia conseguir mandar aquele babaca intrometido tratar da própria vida.

Sam cuidaria disso. Cuidaria dela.

Sabia do que Clare precisava. De um homem de posses, de status, com estilo. Um homem que pudesse colocar as crianças num bom colégio para que ela não precisasse trabalhar tanto. Um homem que pudesse levá-la para jantar fora, exibi-la.

Ela veria. Ele a faria ver.

Relaxou e observou a rotina das luzes acendendo e apagando.

Ficou lá por quase uma hora, observando as janelas do quarto acesas, e mais um pouco depois que as luzes se apagaram.

Quando foi embora, já tinha um plano em mente.



Como a maioria dos homens estavam ocupados, Beckett ajudou a levar a primeira banheira para o segundo andar. De qualquer forma, queria ver a reação de Lizzy. Assim, permaneceu mesmo depois de concluir o serviço. *Boa iluminação e cores quentes*, pensou, enquanto avaliava o trabalho em cerâmica, que era mais tradicional do que nos outros quartos. Um contraste perfeito com os tons escuros do bronze escovado e a torneira charmosa da banheira, em forma de telefone.

Beckett aguardou, mas, aparentemente, Lizzy estava esperando o encanador finalizar o trabalho para dar sua opinião.

Ele desceu e subiu as escadas inúmeras vezes, transportando banheiras, vasos sanitários, torneiras, chuveiros. Reparou que tudo estava meticulosamente etiquetado por Hope ou por seu irmão.

Na sua última subida – pelo menos isso era o que ele esperava –, Beckett viu Hope no depósito com uma prancheta.

– Não sabia que você estava aqui.

– Eu estava lá embaixo no outro depósito. Nós finalmente temos espaço lá dentro. Estou verificando aqui, depois tenho que me certificar de que as peças estejam indo para os quartos certos.

– Elas estão marcadas – lembrou-a. – Estamos colocando tudo nos quartos certos.

– Isso é o que você diz. – Hope sorriu. – Tenho que verificar pessoalmente. Há uma grande quantidade de peças para cada um: chuveiros, torneiras de pia e banheira, aquecedor de toalhas, espelhos, ganchos de parede... – Ela arqueou uma sobrancelha elegantemente. – Devo continuar?

– Não, porque a mula aqui levou tudo isso lá para cima.

– Vai valer a pena. – Ela baixou a prancheta e ajeitou o cachecol elaboradamente amarrado – Além disso, ajudou você a relaxar para o encontro de hoje à noite.

– Onde é que eu vou?

Ela riu.

– Você saberá na hora. Tive uma ideia. – Abriu a bolsa do tamanho de um pequeno planeta, tirou o que parecia ser um diário ou agenda com fadas estilizadas na capa. – Eu ia ver isso com a sua mãe. Pensei em colocarmos em cada quarto um parecido com este. Peguei emprestado da livraria. Os hóspedes poderiam escrever comentários neles.

– Por mim tudo bem.

– Ótimo. Pensei também em termos um belo livro de registros. Sei que vocês não tinham isto em mente, mas se pudéssemos achar um bem estiloso, colocaríamos em cima da mesa na biblioteca. Seria outra forma de os hóspedes escreverem algo.

Ela enfiou a mão na bolsa novamente e puxou uma pasta cor de creme.

– Para os quartos: colocamos uma agradável nota de boas-vindas da equipe neste papel timbrado, a lista de obras disponíveis, o cardápio do restaurante da Avery e outras informações.

– Você está realmente entusiasmada com tudo isso.

– Estou mesmo, mas você ainda não viu nada. Tenho planos para o escritório, pensei em algumas coisas ontem à noite.

Ela tirou um enorme caderno da bolsa.

– Beckett! – gritou Ryder da varanda do segundo andar. – Você vai ficar de conversa fiada com a gerente o dia todo ou vai trabalhar?

- Me deixe em paz! – berrou Beckett.
  - Vou deixar você ir. – Hope colocou o caderno de volta na bolsa.
  - Diga-me uma coisa: ele vai me chamar pelo nome algum dia ou será sempre “a gerente”?
  - Você só precisa se preocupar se ele passar a chamá-la de *maldita gerente*.
  - É, acho que você tem razão.
- Ela olhou para cima, com a expressão gélida, mas Ryder já havia entrado.



Pela primeira vez em meses, Beckett considerava reformar o banheiro do seu apartamento para instalar uma banheira de hidromassagem. Apesar de não frequentar a academia, ele se achava em boa forma. Já não sabia se isso era verdade, pois o transporte de banheiras, vasos sanitários e pias o deixara exausto.

Tudo lhe doía.

Uma banheira de hidromassagem, pensou ele enquanto se despia e largava as roupas suadas e sujas no piso do banheiro. Talvez uma nova ducha que solte jatos de calor, iguais as que estão sendo instaladas na pousada.

Seria ótimo ter uma massagista que viesse em casa.

Quando entrou no seu minúsculo e pobre boxe, prometeu a si mesmo que reformaria a casa e acrescentaria itens capazes de lhe proporcionar um banho relaxante.

Mas, do jeito que estava se sentindo no momento, era mais que provável que se aposentasse antes de a casa ganhar uma reforma. Realmente precisava investir na ideia.

A construção de qualquer coisa naquele momento – inclusive a casinha de cachorro que ele prometera aos filhos de Clare que começaria na semana seguinte – lhe parecia ser o sétimo nível do inferno.

Num belo dia, poderia apenas ficar com a prancheta de desenho,

o AutoCAD, a régua de cálculo, as plantas e os projetos, e diria às outras pessoas onde martelar, serrar e rebocar.

– É, isso vai acontecer – murmurou ele, e tentou imaginar um turbilhão de jatos quentes massageando seus músculos cansados, mas de nada ajudou.

Depois teria que recolher as roupas e jogar a toalha no cesto, pois Clare poderia querer usar o banheiro quando viesse buscá-lo.

Ele gemeu de dor nas costas.

Como não sabia para onde iriam, ficou olhando para o guarda-roupa, tentando escolher o que vestir. Provavelmente não usaria calça jeans, embora parecesse a escolha perfeita para o seu corpo exausto, assim como um moletom.

Vestiu uma calça preta e uma camisa casual com um minúsculo xadrez azul e verde. Se fosse absolutamente necessário, poderia usar uma gravata e – pelo amor de Deus, não – um paletó.

Se ela não tivesse feito planos, ele tentaria convencê-la a passarem uma noite tranquila, pedindo comida em casa e assistindo a um filme.

Mas uma mulher que trabalhou durante toda a semana, em casa e na empresa, merecia se divertir mais no sábado a noite.

Se ela quisesse sair para dançar, ele talvez caísse em prantos.

Deu uma olhada no apartamento e achou que estava razoavelmente limpo, até porque ele não tinha passado tempo suficiente ali para bagunçá-lo. Dividindo-se entre Clare, o trabalho, as reuniões de família, os cachorros e as crianças, não lhe sobrava quase nenhum período livre para cerveja, batatas chips e programas esportivos.

Parou por um momento, pensou se sentia muita falta dessas coisas e percebeu que não. Estar ocupado tinha suas vantagens, principalmente quando era com Clare e seus queridos filhos, o trabalho que amava e a família. Hora de parar de reclamar, decidiu, e talvez passar uma pomada para dores musculares.

A batida na porta soou exatamente quando ele estava pensando em deitar cinco minutos no sofá. Dizendo a si mesmo para parar de agir como um velho, foi atender.

Avery e Hope entraram e passaram direto por ele, com os braços

cheios.

– Finja que não estamos aqui – aconselhou Avery enquanto iam para a cozinha.

– O que...

– Oi! – Clare parou à sua frente, esperando um beijo. – Nós só vamos arrumar as coisas. Não vamos demorar.

– Tudo bem, mas arrumar o quê?

– Você vai ver. Eram muitas coisas para eu trazer sozinha.

– Somos invisíveis. – Avery esvaziou uma mesa dobrável que ele às vezes usava para comer. – Você não pode nos ver.

Num piscar de olhos, Hope abriu uma toalha branca sobre o móvel e Avery puxou um saca-rolhas do bolso, abriu a garrafa de um Cabernet e o colocou num suporte de prata.

– Pensei em jantarmos aqui. Espero que você concorde.

Confuso, Beckett seguiu Clare até a cozinha e a viu colocar uma assadeira em seu forno.

– Você quer ficar em casa?

– A não ser que você odeie a ideia.

– Não, mas...

Ela usava um vestido azul-escuro curto e justo, e brilhantes sapatos vermelhos de salto agulha.

– Você está linda. – Ele sentiu um cheiro maravilhoso. – O que está no forno?

– Carne assada.

– Sério?

Claramente satisfeita, Clare riu.

– Conversei com sua mãe e ela disse que era o seu prato favorito. Espero que a minha seja tão boa quanto a dela.

– Você fez a carne assada?

– E algumas outras coisas. Acho que aquele vinho já respirou o suficiente, que tal nos servir um copo? Eu ainda tenho que terminar de arrumar aqui.

– Claro, vou... – Parou quando viu uma forma familiar em cima do balcão. Aproximou-se e levantou a tampa. – Torta de maçã? Você está brincando, não é? Você fez uma torta?

– Também ouvi dizer que era sua favorita. Gosto de fazer tortas

quando tenho tempo.

– Clare, você deve ter ficado o dia todo preparando isso! Eu não esperava...

– Por quê? – Ela inclinou a cabeça. – Por que não pode esperar algo assim de vez em quando? Não foi isso que você me disse?

– É, acho que sim... Uau!

– Você sai comigo, sai com meus filhos. Você trouxe cachorros para eles, colocou aquelas luzes lá em casa... Você nos dá todo o tempo e atenção, Beckett. Eu queria fazer isso por você também.

Ele ficou comovido.

– Acho que essa é a melhor coisa que alguém já fez por mim.

– Isso eu não sei, mas adorei fazer tudo... E quanto ao vinho?

– Claro!

Ele se afastou, vendo que Hope e Avery tinham transformado seu humilde móvel em uma romântica mesa para dois, com velas e flores. Havia música tocando baixinho em seu aparelho de som.

Beckett serviu o vinho e levou os copos para a cozinha, onde Clare decorava uma bandeja com azeitonas.

– Está tudo muito bonito. Elas são realmente invisíveis ou já foram embora?

– Hoje somos só nós dois. – Clare pegou o copo, brindando com o dele. – Ao nosso momento a sós!

– Eu não consigo pensar em nada melhor, Clare. Obrigado.

– Beckett. – Ela mergulhou em seus braços. – É um prazer para mim!

Clare não iria deixá-lo ajudar e ele precisou admitir que era uma delícia apenas se sentar com ela, conversar tomando vinho e comendo os aperitivos caprichados. Sentiu o fardo do dia se esvaír. Quando deu a primeira mordida no assado de Clare, ficou deleitado.

– Está perfeito!

– Sua mãe e eu comparamos as receitas. Estavam bem parecidas. Eu tinha que fazer tudo certinho para que você não se decepcionasse, já que não iríamos sair hoje.

– Clare, eu arrastei meia tonelada de peças de banheiro pela escada hoje. Desde que cheguei aqui, estou me sentindo um velho

de 80 anos que foi atropelado por um caminhão. Carne assada e torta de maçã em casa? É como se fosse Natal de tão bom!

– Fiquei sabendo que você trabalhou hoje. Pensei que vocês tivessem folga aos sábados.

– Normalmente, sim, mas queríamos arrumar logo as coisas no banheiro para o encanador poder começar o trabalho na segunda-feira de manhã.

– Está virando cada vez mais realidade, não é? Já não se trata mais apenas de um prédio bonito. Agora está ganhando forma e função. Lembro quando instalamos as estantes, o balcão, quando abrimos as primeiras caixas de livros. E agora tudo aquilo é real! Minha livraria!

– Há sempre tantas coisas acontecendo e a gente faz tudo o tempo todo pensando no que vem depois. Mas há dias como este, em que a gente para e pensa: é real. – Ele colocou mais vinho para os dois. – Agora, aqui com você, eu penso no que já passou, no começo, nos planos, no desenvolvimento, e a concretização dá uma sensação muito boa! Me diga: você vai ficar aqui esta noite?

Ela sorriu.

– Achei que você nunca fosse perguntar.

## capítulo dezenove



**E**LE TERIA COMIDO MAIS da torta, porém Clare insistiu em lavar a louça. Percebendo que era ela quem estava no comando, não tentou persuadi-la a empilhar a louça para lavá-la mais tarde. De qualquer forma, estava gostando muito de vê-la mexendo em sua cozinha, com uma música ambiente, a conversa rolando tranquila.

– Essa foi uma baita surpresa, Clare.

– Pode não atingir o patamar de dois filhotes de cachorro, mas não foi nada mal. É bom ter uma noite em que o foco não seja fantasia e doces a cada minuto. E eu sei que, assim que passar esta época, vai ser Papai Noel o tempo todo até o Natal.

– Eles ainda acreditam?

– Acho que Harry já sabe, mas finge que não. Eles começaram a fazer listas, que incluem cada brinquedo que veem na televisão.

– Eu me lembro de fazer a mesma coisa. Bons tempos...

– Liam quer uma Barbie.

Ela lhe lançou um sorriso. Depois de um instante de surpresa, Beckett também sorriu.

– Para atuar como refém, vítima ou espectadora inocente.

– Exatamente. Ele só não pensou ainda no papel de espectadora. Homens são mesmo meninos em pacotes maiores.

– Você deveria comprar aquele carro da Barbie também. Ela poderia estar dirigindo e ser sequestrada. Isso seria legal.

– No passado eram o Ursinho Pooh e bonecos de mola que pulavam para fora da caixa.

– Os tempos mudam.

– Mudam mesmo. E pense só nisso: ano que vem você estará decorando a pousada.

– Eu acho que devemos ir com tudo.  
– Com certeza. Você terá que ornamentar os corredores para valer. Deveria fazer um tour de férias.

– Hummm... Pode ser.

– Sério, Beckett. As pessoas estão envolvidas e querem realmente saber o que vocês fizeram ali. Deveriam organizar um tour quando tudo ficar pronto. Hope saberá fazer isso. Avery e eu poderíamos ajudar. Pense em relações comunitárias, publicidade e orgulho.

– Vou conversar sobre isso com minha família.

Já podia imaginar sua mãe totalmente empolgada com a ideia.

– Estou pensando em abrir a livraria aos domingos quando vocês estiverem funcionando. Talvez a pousada faça bem a meus negócios.

– Ela fez uma pausa e olhou ao redor. – Por que você não se serve do restante do vinho? Vou me refrescar.

Que bom que tinha pegado as roupas sujas e as toalhas molhadas, pensou ele.

Fez como Clare sugerira e levou a taça até as janelas da frente. Ela tinha razão quanto ao tour, à decoração e até mesmo à livraria aberta aos domingos. Mais trabalho para todo mundo, mas eles fariam valer a pena. Olhou para o prédio que brilhava agora e o imaginou decorado para as festas.

Definitivamente valia a pena.

Um ano antes, o prédio estava caindo aos pedaços no escuro. Dali a pouco mais de um ano, ele estaria cintilando com luzes, guirlandas e enfeites.

Incrível o que podia acontecer em um ano.

Clare estava ali com ele. E conseguia imaginá-los juntos no ano seguinte. Na realidade, não via outro cenário.

– Beckett? Pode vir aqui um minutinho?

– Caramba, ele tinha deixado coisas jogadas lá dentro? Caso tivesse, só precisaria distraí-la, então pegou o vinho dela no caminho.

– Não tive muito tempo para...

Ele parou de falar na hora em que entrou no quarto, pois ficou sem palavras.

Claire à luz de velas.

Ela as espalhou pelo quarto para criar um brilho suave e romântico, e acrescentou flores para perfumar o ar. Fizera sua cama e arrumara os travesseiros de forma convidativa.

Mas Clare é que era o destaque. Seus cabelos caíam sobre os ombros, cintilantes. O corpo – pele suave e curvas sutis – parecia envolto pela noite, sombreando seus seios e suas coxas.

Não tinha certeza do nome do que ela estava usando – espartilho parecia muito comum e ultrapassado. Ele o chamaria de sedução instantânea.

– Achei que você não se importaria.

– Você me deixa sem fôlego.

– Eu esperava que isso acontecesse. Venha até aqui, Beckett, e me deixe sem fôlego.

Ele colocou os copos de lado e foi direto até ela. Passou os dedos por seus ombros, deslizou-os ao longo de seus braços e voltou a subi-los.

– Agora vou ter que conseguir um canil inteiro de filhotes para os meninos.

Quando Clare riu, ele tomou sua boca. Tirou seu fôlego.

Ela desejava tanto saber como era o foco absoluto do corpo e da mente. Aquele momento vívido e intenso, em que se prendia a respiração, como se a pessoa estivesse suspensa sobre um penhasco, preparando-se para uma queda vertiginosa.

Queria dar isso a ele, isso e muito mais. Aproximou-se, necessitando se fundir com ele.

Naquela noite, Clare daria qualquer coisa para celebrar o fato de poder amar.

A noite inteira para saborear essa sensação.

Colou seu rosto ao dele, então recuou.

– É bom – ela começou a desabotoar sua camisa – ter tanto tempo. Alongar o tempo.

– Só me diga uma coisa: você estava usando isso o tempo todo?

Seu olhar deslizou em direção ao dele, sedutor como seu sorriso. Beckett se perguntou se as mulheres sabiam que aquele olhar podia fazer de um homem um escravo.

– Foi mais eficiente. E era bom saber que entraria aqui e tiraria meu vestido. – Ela afrouxou a camisa ao redor dos ombros. – Chamar você para entrar. Era gostoso saber que você ia me ver e me desejar.

– Quero você toda vez que a vejo. Quero você até mesmo quando não a vejo. Simplesmente quero você, Clare.

– E pode me possuir. Gosto de saber disso também.

Ela abriu seu zíper, fazendo sua barriga estremecer.

– Alongar o tempo é um desafio diante da sua beleza.

– Eu vou ajudá-lo com isso. Você deveria deitar. Trabalhou duro hoje.

Clare lhe deu um cutucão de brincadeira.

Ele pensou que deixá-la tomar as rédeas e ir vagarosamente poderia matá-lo – mas morreria feliz.

Então se deitou. Ela deslizou por cima de Beckett, montando nele. Jogando o cabelo para trás, colocou as mãos sobre seus ombros.

– Posso sentir aqui o trabalho que você faz. – Começou a massageá-lo delicadamente, indo em direção a seu pescoço. – E aqui – continuou ela enquanto seguia em direção a seus bíceps. – É excitante. E em suas mãos... – Ela tomou-as, pressionando uma de encontro a outra. – Rijas e fortes. É excitante saber que elas estarão em mim, tocando-me, fazendo coisas que só você e eu sabemos.

Entrelaçou seus dedos, então inclinou-se para mergulharem em um beijo.

Ele se perguntava como o corpo podia relaxar tão de repente e sacudir tão loucamente ao mesmo tempo. Ela o acalmava, o provocava, desfazia cada nó de tensão ao mesmo tempo que gerava outros quando seus lábios roçavam seu queixo, descendo-lhe o pescoço em beijos demorados e suaves.

– Preciso tocar você.

– Você vai – murmurou ela. – Eu quero que você me toque. Em breve.

Mas Clare mantinha os dedos entrelaçados com os dele enquanto deslizava os lábios por seu peito e, vagarosamente, de um jeito torturante, descia em direção à barriga.

Esse banquete indolente do corpo dele era um presente, pensou Clare. Um presente para ambos. Como era bom tê-lo embaixo dela, sentir o formato de seu corpo, o seu cheiro, o gosto de sua pele.

Para deliciar-se, fartar-se se ela quisesse, pelo tempo que quisesse. Quanto mais ela consumia, mais seu apetite aumentava.

Mãos fortes, braços fortes, costas fortes, pensou Clare, e ainda assim ele tremia por ela. Sua respiração aumentava, seus músculos se retesavam. Para ela. Isso também era um presente.

Clare levou-o ao limite e manteve-o lá até que cada respiração saísse com dificuldade. Então levantou-se, trazendo as mãos dele entrelaçadas até seus seios levemente cobertos pela renda preta.

Enfim ela arqueou o corpo para trás, permitindo que ele a tocasse. Suspirando de prazer enquanto a luz das velas a banhava.

Os dedos de Beckett acharam os fechos. Ele conseguiu não se apressar, não rasgar nem puxar, mas soltar cada um cuidadosamente. E ver a renda deslizar sobre a pele dela, descendo para revelar mais.

Clare o puxou para si quando ele se inclinou para experimentá-la e saboreá-la, pressionando-o contra ela, levando-o ao delírio.

O ar pulsava, inebriante com a cera das velas e o perfume das flores, e sob a fraca luz das chamas mais uma vez ela o empurrou docemente para trás e pousou as mãos em seus ombros. Encarando-o, fez com que ele a penetrasse.

Sua respiração relaxou, como um soluço. Clare voltou a entrelaçar os dedos com os dele e começou a se mover, a princípio quase suavemente. Olhava nos olhos de Beckett até que ele não visse nada além dela, não sentisse nada além dela. Apenas Clare.

O tempo se estendeu, em um ritmo longo e vagaroso. Mais uma vez ela o levou ao limite e o manteve lá por um instante, então o conduziu à escuridão esmagadora.



De manhã, Beckett inverteu a situação e lhe levou café da manhã

na cama. Não era uma carne assada rebuscada, mas ele sabia fazer uma omelete bem saborosa.

Sua expressão surpresa o fez desejar ter preparado mais que alguns ovos com queijo.

– Você vai comer torta no café da manhã?

– *É fruta.* – Ele sentou-se a sua frente para observá-la comer. – Pão doce é uma forma aceitável de café da manhã. Por que não torta?

– Não influencie as crianças com essa ideia. Meu Deus, estou sentada na cama tomando café e comendo ovos. Isto deve ser um universo paralelo.

– Se esta torta estiver incluída, eu quero viver nele. O que você tem para fazer hoje?

– Agenda apertadíssima. Ajudar meu pai a colher ervas... Isso significa que eu vou ganhar algumas. Ida rápida ao mercado na volta para casa. Algum trabalho de escritório, algumas coisas para fazer em casa... E por aí vai. E você?

– Eu também tenho papelada e preciso de umas comprinhas. Preferiria passar o dia com você.

– Você poderia jantar conosco amanhã. Vamos tentar conseguir algo na Vesta antes de sairmos pelas ruas pedindo doces.

– Estou dentro. Eu poderia pegar vocês.

Ela balançou a cabeça enquanto terminava os ovos.

– Depois de buscá-los na escola, levá-los para casa e colocar suas fantasias, nós vamos para a casa dos meus pais, para eles brincarem de “doces ou travessuras”. De lá, vamos falar pelo Skype com os meus sogros, assim eles poderão ver os meninos. Espero chegar na Avery por volta das cinco e lhes dar algo para comer.

– Então tá bom, encontro com vocês lá.

Ele não queria deixá-la ir, mas não achava certo atrapalhar o tempo que Clare passaria com os pais. E tinha dito a Owen que tentaria chegar na loja por volta de meio-dia.

Ficou pensando em Clare depois que ela foi embora, e ao longo de todo o trajeto de carro.



Ela ouviu a versão em três partes da harmônica noite do pijama dos meninos, e depois os filhos saíram correndo pelo quintal para gastarem ainda mais energia com os filhotes.

– Eles se comportaram? – perguntou Clare à mãe.

– Sempre se comportam. – Ela deu de ombros quando Clare arqueou as sobrancelhas. – Avós têm escalas diferentes dos pais para avaliar bom comportamento. É nossa obrigação. Esses cachorros são adoráveis e alegam tanto as crianças... Beckett é um doce.

– É mesmo.

– Como foi o encontro de vocês?

– Absolutamente perfeito. Carne assada nunca falha. Ele me levou café da manhã na cama.

– Ele parece um bom partido. – Ela recebeu outro olhar de desaprovação. – Não me diga que você não está pensando nisso.

– Nós só estamos juntos desde o começo do verão e eu não quero... Eu estou tão apaixonada por ele, mãe...

– Querida... – Rosie abraçou Clare, embalando-a. – Isso é ótimo.

– É mesmo. Dá uma sensação boa. Estou feliz. Nós estamos felizes, mas isso não significa... Não estou fazendo planos. Uma nova abordagem para mim: viver um dia de cada vez e curtir-lo sem pensar sobre... todo o resto. Eu amo estar com ele, as crianças são loucas por ele. E é recíproco. Então estou feliz e não preciso fazer planos.

– Olá! – Seu pai abriu a porta e colocou a cabeça para dentro. – Você vai me ajudar aqui ou não vai?

– Já estou indo – prometeu Clare.

– O fazendeiro Murphy tem mais manjericão e tomates que nós dois poderíamos usar em três estações. Você voltará para casa carregada – avisou a mãe.

– Então é melhor eu ir.

– Logo estarei lá.

Porém Rosie ficou observando pela janela por alguns minutos enquanto o marido dava a Clare luvas e tesouras de jardinagem e os netos corriam pelo gramado com grandes filhotes marrons.

Sua filha estava feliz e apaixonada. Dava para perceber. Conhecia bem Clare. Bem o bastante para saber que ela sempre precisaria fazer planos, por mais que não quisesse admitir.



Na segunda-feira, Beckett agradeceu a Deus por não ter que carregar nada pesado escada acima. Passou a maior parte do dia com um pincel e o resto dele fazendo acabamentos.

Já eram cinco horas quando se preparava para ir embora.

– Vocês vão ficar para o “doce ou travessuras”? – perguntou aos irmãos.

– Eu vou – disse-lhe Owen. – Hope vai dar doces na frente da pousada.

– Nós ainda não abrimos.

Owen lançou um olhar de desaprovação ao resmungão do Ryder.

– Ela tem caramelos e até chocolates Butterfingers.

– Butterfingers? – Ryder tinha um fraco por eles. – Pode ser que eu vá, vamos ver se dá. O que diabos você está fazendo?

– Colocando minha capa – disse Beckett enquanto amarrava nos ombros o pano brilhante e vermelho. Ele colocou os óculos de proteção e as luvas de trabalho antes de dar a Owen um rolo de fita adesiva. – Faça um X bem grande na minha camisa. Coloque no meio, na parte de cima.

– Por quem raios você está pretendendo se passar? – quis saber Ryder.

Beckett baixou os olhos e checkou o que Owen estava fazendo.

– Sou o Carpinteiro X. Mais rápido que uma serra e mais poderoso que uma pistola de pregos. Luto por verdade, justiça e junções de encanamentos.

– Isso é tão patético...

– Aposto que as crianças não pensam assim. E aposto que consigo mais doces que você.

– Porque vão sentir pena de você! – gritou Ryder enquanto Beckett se afastava.

– Muito bom para uma fantasia improvisada às pressas – comentou Owen.

– É, nada mal, mas não vou dizer isso a ele.



A Vesta fervia. Muitas pessoas tiveram a mesma ideia, notou Beckett. Pegar uma pizza antes de chegar à Main Street. Avistou Avery, usando uma longa peruca loira presa na parte de trás da cabeça, lançando a massa para o alto, para o deleite de sua plateia de pequeninos super-heróis, princesas, fadas e monstros.

– Hannah Montana? – gritou ele.

Ela deu uma batidinha na estaca de madeira feita de plástico em seu cinto antes de pegar a massa no ar.

– Buffy, a caça-vampiros.

– Fofo.

– Não se você é um vampiro.

Divertindo-se, caminhou até o reservado de super-heróis e localizou Clare. Ela dava uma Tempestade maravilhosa, pensou, usando uma peruca branca em estilo meio punk, uma saia preta justa e botas de cano alto.

– Desculpe-me, senhora. Estou procurando três meninos. Eles são mais ou menos deste tamanho. – Ele indicou as três alturas. – Atendem por Harry, Liam e Murphy.

– Sinto muito, eu não os vi. Sou a Tempestade e esses são meus amigos e colegas de trabalho: Wolverine, Homem de Ferro e Deadpool.

– Prazer em conhecê-la. Eu sou o Carpinteiro X.

– Você é o Beckett!

Murphy saiu de sua poltrona, apontando para ele.

– Durante o dia, eu sou Beckett Montgomery, arquiteto brilhante, homem bonito da cidade. Mas à noite, quando os malfeitores caminham pelas ruas, sou o Carpinteiro X, defensor de Boonsboro e adjacências.

– Você tem superpoderes?

– Tenho minha perspicácia, minha agilidade felina e superforça.

Ele pegou o Deadpool em miniatura, levantou-o acima da cabeça e colocou-o sobre os ombros.

– Somos nós. – Murphy abaixou-se para sussurrar no ouvido de Beckett. – Somos nós: Murphy, Harry, Liam e mamãe.

– Espere um momento. – Ele tirou Murphy dos ombros e ficou segurando-o. – Quer dizer que, durante todo esse tempo, você não me disse que era Deadpool?

– Só no Halloween. – Murphy levantou a máscara. – Está vendo?

– Que coisa... – Beckett sentou o garotinho no colo. – Você me enganou direitinho. – Ele colocou Murphy na cadeira quando Heather pôs a pizza sobre a mesa. – *Ótimo timing.*

– Temos que nos chamar pelos nossos nomes de super-heróis – informou Liam. – Murphy fica atrapalhando.

– Eu posso contar pro Beckett porque ele está com a gente.

– Eu não quero pizza. – Harry fez uma careta para o pedaço que Clare colocou em seu prato. – Não estou com fome.

– Tudo bem. Então eu vou ficar com os doces que vovó e vovô deram para você, e os que você ganhar até amanhã.

– Eu vou comer a sua parte. Estou faminto como o Hulk.

Beckett fingiu que ia pegar o prato de Harry.

– Eu posso comer – murmurou o menino, puxando o prato para si.

– Tudo bem se eu for brincar de pegar doces com vocês?

– Você está muito velho para isso.

– Você está muito enganado, Wolverine. – O Carpinteiro X balançou a cabeça para Harry. – Você nunca está velho demais para doces. Ou pizza, que, como todo mundo sabe, é a comida predileta de todos os super-heróis.



Às seis, super-heróis, vilões, estrelas pop, fadas e uma variedade de mortos-vivos encheram a Main Street. Adolescentes corriam em bandos, pais empurravam carrinhos ocupados por coelhinhos, gatinhos, cachorrinhos e palhaços. Alguns andavam de mãos dadas com crianças pequenas, outras eram carregadas no colo, alguns acompanhavam crianças maiores de loja em loja e casa em casa.

Hope estava sentada nas escadas da pousada com uma grande tigela de doces no colo.

– Porções de poder para super-heróis.

Ela estendia a bacia quando os meninos gritavam *Doces ou travessuras*.

– Linda a sua fantasia – disse a Clare. – Quem você seria, o Empreiteiro X?

– O Carpinteiro X. Meu cinto de ferramentas está sempre carregado.

– Foi o que ouvi falar.

Beckett riu e apontou um dedo acusador para Clare. Hope estendeu a bacia para o grupo seguinte e respondeu a várias perguntas sobre a pousada.

– Todo mundo não para de perguntar – disse ela a Beckett. – Quando você puder me dar uma data, abrirei reservas.

– Nós vamos calcular com cuidado.

– Adoro tudo isso. Não sabia o que esperar, mas é divertido, doce e ótimo de se assistir. Só que eu subestimei seriamente a quantidade de doces.

– Você pode pegar mais na livraria – falou Clare. – Ou com Avery. Nós sempre compramos uma quantidade grande.

– Mãe! – Liam esqueceu sua própria regra quando puxou Tempestade. – Nós queremos ir antes que os doces acabem.

– É só atravessar a rua e pegar mais se os seus acabarem – repetiu Clare enquanto os filhos a conduziam pela calçada.

– É divertido. – Beckett estava ao lado de Clare, observando as

crianças correrem para a bacia seguinte. – Mais divertido ainda com crianças. Elas ficam muito empolgadas.

– Isso vai dar uma energia daquelas mais tarde. Tenho que deixá-los comer alguns doces, logo eles estarão eufóricos na hora de dormir, e cansados para a escola amanhã.

– Bem – ele passou o braço em torno dela enquanto seguiam as crianças até a parada seguinte –, faça nevar um pouco, Tempestade. Dê a si mesma um pouco de tempo.

Eles caminhavam de mãos dadas, acompanhando a velocidade dos meninos ou detendo-os quando alguém parava para conversar. O ar foi ficando mais frio e folhas secas, agitadas pelo vento forte, rodopiavam no meio-fio.

– Eu deveria ter trazido as jaquetas dos meninos em vez de deixá-las no carro.

– Está com frio? Porque, só de olhar para você, eu fico morrendo de calor.

Ela lhe deu um sorriso malicioso.

– Então a roupa surtiu efeito. Não, não estou com frio, mas Liam já está fungando.

– Nós não vamos ficar aqui fora por muito mais tempo.

Eles já tinham atravessado a rua e começaram a andar do outro lado.

– Tem razão, e ele está com uma camisa térmica por baixo da fantasia. Ainda assim...

– Vou lhe dizer uma coisa, Supermãe: nós vamos parar na livraria e eles poderão se aquecer. Eu compro o chocolate quente.

– Meu Deus, mais chocolate. Mas é uma boa ideia.

Quando eles pararam na loja, Sam Freemont estava do outro lado da rua usando uma máscara de Jason, calça de moletom e casaco de capuz. Ficar ali, do lado de fora, observando-a lhe dava um frenesi.

*Doces ou travessuras*, pensou. Daria a ela um pouco dos dois, muito em breve.

Satisfeito com o modo como tudo estava se encaixando perfeitamente, ele desceu a rua com a multidão e continuou à medida que ela diminuía. As luzes das varandas brilhavam enquanto

crianças maiores corriam gritando umas com as outras. Ninguém prestava atenção nele, andando pela calçada com sua máscara.

O poder que isso lhe proporcionava se misturava quase eroticamente com a excitação do que estava por vir.

Ele caminhou com determinação até a casa de Clare, então deu uma olhada rápida e casual em volta antes de deslizar em direção às sombras das árvores que a cercavam.

Tinha estudado a casa o bastante para conhecer seus pontos frágeis. Os cachorros andavam pelo quintal, mas ele estava preparado. Jogou um punhado de biscoitos caninos por sobre a cerca.

Imediatamente, abanando o rabo, eles se puseram a comer.

Puxou o pé de cabra e começou a trabalhar na janela. *Casinha de merda*, pensou enquanto ela se abria com um rangido. *Vidinha de merda*. Ele estava lhe oferecendo tão mais que isso, e já era mais que tempo de ela lhe dar ouvidos.

Guardou a ferramenta e entrou, fechando a janela.



Por volta das oito, os meninos estavam sentados na Vesta, comendo e trocando doces de acordo com o limite estabelecido pela mãe: três para cada um. Beckett pegou um Butterfinger, um Snickers e um pacotinho de Skittles... e se sentiu um pouco enjoado.

Crianças, aparentemente, eram feitas de material mais resistente, pois Liam já estava querendo mais um doce.

– Amanhã – disse Clare, para seu desapontamento.

Harry recebeu o mesmo tratamento quando implorou para jogar videogame.

– Já está na hora de dormir.

Ela olhou para Murphy, que estava focado em sua terceira e última barra, como se sua vida estivesse dentro do chocolate com caramelo.

– Hora de ir, Deadpool.

– Acompanho você até em casa.

– Ah, Beckett... Não tem... nada já há dias. Além disso... Espere aí, lá estão Alva e Joe pagando a conta. Deixe-me ver se vão embora agora, então eu terei companhia. Pode ser?

– Eu acho bom.

Ela se afastou.

– Estou guardando minhas minhocas de gelatina – disse Murphy.

– Minhocas para um dia de chuva.

– Não vai ter chuva. Estou guardando pra amanhã. A gente pode voltar na pousada pra eu ver a moça de novo?

– Se sua mãe deixar.

– Eu só quero jogar *uma* vez – reclamou Harry.

Beckett desviou sua atenção para um Wolverine emburrado.

– Vou lhe dizer uma coisa: se tudo correr bem, nós vamos no fliperama este fim de semana e vamos jogar como loucos.

– Vamos! Mas não no sábado, porque é aniversário do Tyler. Pode ser domingo?

– Por mim tudo bem.

Clare voltou com Joe, que despenteou o cabelo de Liam.

– Ficaremos felizes em acompanhar esses belos combatentes do crime até em casa.

– Nós vamos ao fliperama no domingo – anunciou Harry.

Clare arqueou as sobrancelhas.

– É mesmo?

Beckett deu uma cutucada no pé de Harry por baixo da mesa.

– Estávamos analisando essa possibilidade.

– É uma possibilidade real, especialmente se três super-heróis vierem logo sem discutir.

O suborno surtiu efeito. Logo estavam de pé, indo em direção à porta, gritando “tchau” para Avery. Beckett os acompanhou.

– Vejo você amanhã. – Ele deu um beijo suave em Clare. – Feliz Dia das Bruxas.

Ela apertou levemente sua mão.

– Não coma muito doce.

Ele os observou do outro lado da rua, dirigindo-se para o estacionamento. Desejou estar indo embora com eles. Não só para

vê-la a salvo em casa, mas para estar lá. Talvez ajudá-la a colocar as crianças na cama.

Chegou a dar um passo a frente, mas se deteve. *Que bobagem*, pensou. Clare faria isso tudo mais depressa sem ele lá para agitar ainda mais as crianças. E ela provavelmente estava cansada e iria querer descansar um pouco depois de colocá-los para dormir.

Ele a veria amanhã – isso era suficiente. Ainda que não parecesse.

Voltou para dentro e sentou-se no bar. Dane-se, iria tomar uma cerveja.

– Vocês estavam bastante ocupados hoje à noite – disse ele quando Avery lhe trouxe a garrafa.

– Sempre ficamos na noite do Halloween. É bem divertido, mas meus pés estão me matando. Vou descansar, pedir para Dave fechar.

– Quer uma cerveja antes?

Ela ponderou.

– Sabe, até que eu tomaria uma.

Tirando o avental, pegou uma cerveja e contornou o balcão para sentar-se ao lado dele.

Avery fez um brinde batendo sua garrafa na dele.

– Feliz Dia das Bruxas.

## capítulo vinte



**A**NDAR PELA CASA VAZIA de Clare deu a Sam uma onda de satisfação. Podia ir aonde quisesse e bem entendesse. Observou as fotografias em cima das mesas e estantes e se imaginou nelas.

Logo participaria desses registros. Era só uma questão de encontrá-la sozinha e fazê-la entender o que era melhor para ela. Até Clare enfim admitir que ele era a pessoa certa.

Um homem de verdade tomava o que queria. Fora paciente com Clare, talvez até demais, e já era hora de ela encarar a realidade.

– Esta noite vou lhe dar uma lição – disse enquanto subia as escadas.

*Olhe só como ela vive, pensou, nessa casa que mais parece uma caixa de biscoitos. É assim que sua mãe a chamaria: uma caixa de biscoitos numa roça.*

Ele iria mudar isso.

Caminhou até o banheiro dela, deu um pequeno suspiro quando viu o tamanho e a simplicidade das luminárias baratas. O cômodo não era maior que o armário da sua casa, observou. Era patético ela se conformar com tão pouco. Bisbilhotou a caixa de remédios e meneou a cabeça ao ver as pílulas anticoncepcionais. Ótimo, assim estava bem, não ia querer cometer um erro para depois ter que corrigi-lo.

Já bastavam aqueles três pirralhos com que ele precisaria lidar. Um bom internato resolveria isso; era um investimento razoável para deixar o território limpo.

Depois de examinar e cheirar os cremes e as loções corporais que ela usava, disse a si mesmo que pediria à mãe para levar Clare a um spa, para passar um dia. *Um belo tratamento, pensou, e outra*

*lição*. Qualquer mulher ligada a ele teria que estar apresentável, em público ou não.

Sam entrou no quarto dela. Com o que tinha a seu dispor, Clare tentara tornar bonito o cômodo. Fizera o melhor possível com poucos recursos. Pensou em como ela seria grata a ele quando a pegasse pela mão e mostrasse como podia viver bem.

Será que havia trepado com Montgomery naquela cama? Precisaria conversar com ela sobre isso. Teria que ser firme, mas a perdoaria, claro. Mulheres são fracas.

Abriu o armário e acariciou os vestidos, as blusas. Lembrava-se dela vestindo cada uma daquelas roupas, quando caminhava pela rua, empurrava o carrinho do supermercado, se postava atrás do balcão daquela livraria idiota.

Ia precisar de um guarda-roupa novo. Imaginou como ela ficaria empolgada, satisfeita quando ele a ajudasse a escolher as peças. Provavelmente teria que escolher tudo até que Clare se acostumasse ao novo status.

É, assim seria melhor. Sam a ensinaria como se vestir.

Curioso, foi até a cômoda, abriu as gavetas, tocou, observou. Obviamente precisaria de auxílio com as roupas de dormir e a lingerie. Uma mulher – ao menos a *sua* mulher – deveria ter estilo e sofisticação mesmo em momentos muito íntimos.

Topou com duas peças bem diferentes das demais: sexy, sedutoras. Sua pulsação se acelerou quando passou os dedos pelo tecido, imaginando-a usando aquilo para ele.

Então se deu conta de que ela vestira aquilo para Montgomery. Rasgou parte da renda do corpete. Não utilizaria nunca mais a peça. Iria obrigá-la a queimá-la. Ela teria que se desculpar – não aceitaria menos que isso – e incinerar as roupas de puta que usara com Montgomery.

Depois, Clare vestiria o que ele iria comprar, o que ele lhe *mandasse* vestir. E ficaria grata.

Uma raiva aguda o invadiu. Tanto que demorou a notar os latidos dos cachorros.

Fechou a gaveta da cômoda silenciosamente, com todo o cuidado, e entrou no armário momentos antes de ouvir o som da

porta se abrindo lá embaixo e os gritos quase selvagens dos pirralhos.

Eles seriam adestrados também, prometeu a si mesmo. Logo aprenderiam a respeitar as regras para o seu próprio bem.



Seus super-heróis correram para os fundos a fim de deixar os cachorros entrarem. *Cinco minutos*, pensou Clare, enquanto o caos se instalava. Daria a eles outros cinco para que se acalmassem antes de ir para a cama.

No dia seguinte, não seriam os únicos na Escola Fundamental de Boonsboro que teriam ido dormir um pouco mais tarde com a glicose elevada.

Pôs as sacolas dos doces na bancada, longe de cachorros curiosos e crianças sorrateiras, e pensou na vontade louca que tinha de se livrar da peruca, tirar a fantasia e limpar a maquiagem.

Tinha sido divertido, pensou. Mas estava pronta para pôr um fim na diversão. Deixou-os conversar sobre a grande noite, brincar com os cachorros... mas depois bateu o martelo.

– Ok, meninos, hora de ir para a cama.

Houve os esperados protestos, desculpas, negociações, mas ela se manteve firme, tanto por si mesma quanto pelos meninos.

Queria pôr um pijama confortável, desfrutar de algum silêncio, talvez tomar uma caneca de chá e ler um livro.

– Parece que vocês não estão interessados em jogar no domingo.

– Estamos, sim!

Harry lhe lançou um olhar abismado e horrorizado.

– Meninos que discutem com a mãe não vão a fliperamas. Quero que vistam seus pijamas. E todos vão escovar os dentes com mais vontade hoje. Marchando, tropa.

Ela os conduziu até o andar de cima, ficou na porta do quarto um pouco para se assegurar de que tinham começado a se arrumar.

– Não joguem as fantasias no chão. Ponham na caixa. Estou

falando sério. Vou lá pôr meu pijama também.

– Podemos ir ao fliperama fantasiados? – perguntou Liam.

– Vamos ver. Agora quero que as guardem.

Ela foi até o próprio quarto. Começou a tirar a peruca quando viu seu reflexo no espelho. Um sorriso surgiu em seus lábios.

– Você não é a Halle Berry, mas até que não está tão mal.

Removeu a peruca e deixou escapar um longo e profundo suspiro.

No armário, contendo a respiração, com os olhos grudados nas pequenas aberturas da veneziana, Sam se perguntou o que estava fazendo ali. Aquele instante de lucidez fez seu coração disparar.

Arrombara a casa dela como um ladrão e agora estava escondido em seu armário como... Sentia pavor só de pensar. E se ela abrisse as portas? O que ele diria? O que faria?

Clare o pusera nessa posição, nessa terrível posição, e agora...

O pânico passou quando ela deslizou a ridícula fantasia pelos ombros e, depois, baixou-a até os pés. Seu cabelo caiu solto pelas costas enquanto ela a dobrava e a deixava em cima de uma poltroninha.

Clare usava um conjunto de sutiã e calcinha comuns brancos. Sam não fazia ideia de que branco podia ser tão excitante.

Ele sabia o que estava fazendo, disse a si mesmo. Estava tomando o que queria.

Ergueu a mão para abrir o armário.

– Mãe! Harry está monopolizando a pasta de dentes!

– Tem bastante para todo mundo. Vou aí daqui a um minuto.

Os pirralhos, lembrou ele, e bem devagar baixou a mão trêmula. Tinha se esquecido deles. Precisaria ter um pouco mais de paciência. Esperaria até que estivessem na cama.

Tinha que esperar. Tinha que vigiar.

Clare tirou a calcinha e pôs uma outra de algodão. Desabotoou o sutiã e vestiu uma camiseta desbotada, jogando as duas peças usadas no cesto.

Ao ouvir sons que não pareciam com dentes sendo escovados, ela foi até o banheiro, passando a mão na escova de cabelo no caminho.

Harry e Liam interromperam a luta com as escovas de dentes e Murphy parou de fazer barulho de bomba enquanto jogava uma das bolas dos cachorros na pia cheia quase até a borda.

Excitadíssimos, os filhotes saltavam no menino para pegar a bola.

– A gente já escovou os dentes – disse Murphy, dando um sorriso angelical. – Eu ia lavar a bola porque estava cheia de baba.

– Deixe a água descer, Murphy. – Ela se agachou perto de Liam.

– Abra a boca. – Ele obedeceu e ela cheirou, identificando o inconfundível aroma da pasta de dentes de sabor tutti-frutti. – Você está aprovado. Vá para a cama. Harry...

Ele revirou os olhos, mas abriu a boca para o teste do bafômetro.

– Você também. Para a cama.

Pegando uma toalha, concentrou-se em Murphy, que falou:

– A bola está limpa agora.

– Aposto que sim. E seu pijama está todo molhado. – Deixou a escova de lado para tirar a parte de cima da roupa do filho, depois secou suas mãos e seu peito. – Abra a boca.

– Eu escovei muito bem.

Abriu a boca e bafejou para provar o que dizia.

– Ótimo. Vá buscar outra blusa.

– Tenho que trocar a calça também, senão não vai combinar.

– Murphy... – Clare controlou a impaciência. Em dois minutos eles estariam dormindo. – É claro. Mas ande logo.

Usou a mesma toalha para secar a água da pia e do chão, depois a pendurou no boxe para que secasse antes de colocá-la para lavar.

Quando chegou ao quarto dos meninos, viu Murphy na cama de um dos cachorros com Yoda, e Ben debaixo das cobertas na cama de Harry. Liam estava deitado na sua com os olhos enevoados de quem já ia dormir.

– Murphy, você não vai dormir na cama do cachorro.

– Mas ele se sente sozinho.

– Não se sente nada. Ben pode dormir com ele.

– Mas, mãe!

Harry se agarrou ao cachorro enquanto ela se perguntava quantas vezes tinha ouvido essas palavras naquele dia.

– Ele não pode dormir na cama de cima, Harry. Ele pode cair ou

tentar pular e se machucar. Você não quer que ele se machuque, certo? Vamos, já está tarde.

Conseguiu pôr o cachorro para baixo, na sua própria caminha, enquanto Murphy continuava enrodilhado com Yoda, fingindo roncos altíssimos.

– Sem chance. – Clare pegou Murphy no colo e o pôs na cama de baixo do beliche. – Fiquem aí – ordenou aos cachorros, e beijou Murphy, depois Liam, e por fim Harry. – E isso vale para meninos e cachorros. Boa noite.

Estava na metade do caminho para o seu quarto quando ouviu o barulho inconfundível de patas andando no chão e uma risadinha abafada de Murphy. Imaginou que os cachorros tivessem ido para a cama dele.

Teria que começar a discipliná-los no dia seguinte, urgentemente. Voltou ao banheiro e foi escovando o cabelo rumo ao quarto. Assim que tirasse a maquiagem, faria o chá. Daria uma olhada nos meninos mais uma vez, depois sentaria para descansar.

Tinha que preparar o informativo seguinte da livraria, mas estava exausta. Começaria cedo no dia seguinte.

Ao atravessar o quarto em direção a seu pequeno banheiro, percebeu um movimento e se virou. A escova caiu de sua mão fazendo um estardalhaço quando Sam surgiu de trás da porta do quarto e a fechou.

– É melhor você ficar calada – disse ele na maior tranquilidade, com um sorriso. – Não vai querer assustar seus filhos. Eles poderiam se machucar.



Na Vesta, Beckett tomou mais um gole de cerveja. Era bom relaxar um pouco, com Avery, conversar sobre amenidades.

– Você vai à festa de Chuck e Lisa? – perguntou ela.

Era só a alguns quarteirões dali, pensou. Estava repleta de amigos e seus irmãos deviam estar lá.

– Devo dar uma passadinha.  
– Ah, não vai a festas sem a sua namorada?  
– Engraçadinha. Qual é a sua desculpa?  
– Eu ia, mas meus pés me traíram. O que tem de errado conosco, Beck? Nós sempre íamos a todas as festas.

– Tem razão. Quer saber, você poderia ir comigo. Ficaríamos lá uma hora. Buffy e o Carpinteiro X precisam preservar sua reputação.

– Você me leva e me traz nas costas? – perguntou ela quando Hope entrou.

– Esperava que ainda estivessem por aqui.

– Algum problema? – indagou Beckett.

– Não consigo entrar na pousada. Tem umas luzes piscando lá em cima. Ia dar uma olhada, ver se é algum curto, mas não consigo fazer a maldita porta abrir.

Ele se levantou enquanto ela falava e foi olhar pela porta envidraçada da frente do restaurante. As luzes das portas da varanda do E&D piscavam em clarões que pareciam relâmpagos.

– Ela tem estado de mau humor nos últimos dias. – Quando Hope arqueou as sobrancelhas, Beckett deu de ombros. – Só estou fazendo uma observação. Vou lá dar uma olhada.

– Vou com você. Essa história da chave é irritante. Ela estava funcionando perfeitamente umas horas atrás.

– Esperem por mim! – Avery saiu correndo atrás deles. – Sou uma caça-vampiros, lembram?

– Não acredito que vá encontrar nenhum vampiro lá – retrucou Beckett, atravessando a rua com as duas.

– Nunca se sabe. Além disso, os fantasmas mais temperamentais são fichinha para uma caça-vampiros.

Beckett pegou as próprias chaves, tilintando-as enquanto se encaminhavam para os fundos do prédio.

– Pode tentar com a minha? – pediu Hope, passando-a para ele.

Beckett enfiou-a na fechadura e a virou. Olhou para Hope ao ouvir o clique, e a porta se abriu suavemente.

– Estou lhe dizendo: ela não funcionou cinco minutos atrás. Se for o seu fantasma fazendo brincadeiras, não sei porque está com raiva de mim.

Beckett ligou a luz da recepção.

– Como eu falei, ela tem estado de mau humor.

Naquele momento, a luz que ele tinha acabado de ligar começou a piscar. No andar superior, portas batiam, lembrando tiros.

– De mau humor mesmo – murmurou Avery.

– Eu vou ver o que está acontecendo – avisou Beckett. – Fiquem aqui.

– De jeito nenhum. – Avery agarrou a mão de Hope enquanto seguiam Beckett. – Deve ser coisa de Halloween. Sua maneira de celebrar a data.

– Não parece uma celebração – afirmou Hope.

– Acho que ela tem estado triste nos últimos dias – comentou Beckett.

Quando ele se aproximou, as portas do E&D se escancararam. Lá dentro, as luzes piscavam como num estroboscópio.

– Talvez furiosa.

– Talvez precisemos dos Caça-Fantasmas – sussurrou Avery.

– Ok, Lizzy, pare com isso! – Beckett ergueu a voz em um tom irritado.

Quando entrou, viu saírem do banheiro ondas de vapor que pareciam nuvens.

– Bom... Que merda é essa? Você não está gostando dos azulejos, da porcaria da banheira? Mude de quarto.

– Beckett – chamou Hope com a voz trêmula, apertando forte o seu braço. – Olhe para o espelho do banheiro.

Em meio às nuvens, viu letras aparecerem, como se alguém escrevesse com o dedo sobre um vidro embaçado.

– Socorr... – leu ele. – Lizzy, se você estiver em apuros... – Ele parou conforme as letras continuavam.

**SOCORRA CLARE.  
RÁPIDO!**

– Ai, meu Deus.

Avery virou-se para correr, mas Beckett passou feito uma bala por ela.

– Chame a polícia, chame meus irmãos! Agora! Diga para eles irem até a casa da Clare.

– Estou ligando para a polícia – avisou Hope, digitando em seu celular enquanto corria.

– E eu estou telefonando para Owen – disse Avery. – Vamos com você.



*Não grite, Clare,* ela ordenava a si mesma. Os meninos iriam escutar e viriam até ela. Não correria esse risco.

– Você invadiu minha casa.

– Que escolha você me deu? Já passou da hora de nós termos uma conversa particular, de você entender como as coisas serão. Por que não se senta?

– Eu não quero me sentar.

– Sente-se! Uma das coisas que você vai aprender é fazer o que eu mandar.

Ela se sentou na borda da cama, tensa.

– Sam, você cometeu um erro invadindo minha casa. Se for embora agora, esqueceremos tudo isso. Terá sido apenas um engano.

– Não, foi você que cometeu um erro quando mandou a polícia atrás de mim. – Ele ergueu as mãos. – Bom, eu posso deixar isso pra lá, mas você vai aprender a demonstrar respeito por mim. Você vai se lembrar de quem eu sou.

– Eu sei quem você é.

– E eu sei que você tem baixa autoestima. Sei que isso a levou a bancar a difícil, me dando muito trabalho. Eu não lhe dei tempo quando você voltou? Não poderia ter sido mais atencioso e paciente, dada a situação em que você se meteu, fugindo com Clint Brewster daquele jeito.

– Clint era meu marido.

– E ele está morto, não é? Deixou você com dois pirralhos e outro na barriga, então você teve que voltar rastejando para esta cidade patética.

A raiva queria rivalizar com o medo, mas Clare se conteve. Se o pressionasse, ele poderia machucá-la. E sabe-se lá o que poderia fazer com seus filhos se ela não conseguisse detê-lo.

– Eu voltei para casa. Meus pais vivem aqui. Eu...

– Você nunca deveria ter ido embora, em primeiro lugar. Mas isso são águas passadas. Você me deu falsas esperanças, Clare.

– Como eu lhe dei falsas esperanças?

– Acha que eu não sabia o que você estava fazendo toda vez que sorria para mim? Toda vez que me dizia que não podia sair para jantar ou dar só um passeio de carro? Eu via a maneira como você olhava para mim. Eu não fui paciente? Não fui?

Sua voz já se elevava e Sam estava quase gritando, então Clare assentiu.

– Por favor, não vamos acordar as crianças.

– Comece a prestar atenção. Eu quero que esse jogo termine agora. Já aturei coisa demais, Clare. Você usou Montgomery para me deixar com ciúme e isso não é digno de você. Eu não quero que você nem mesmo fale com ele novamente. Está claro?

– Sim.

– Ótimo. Agora...

– Vou ligar para ele agora mesmo e terminar tudo..

Clare se levantou e dirigiu-se à porta. Ele segurou seu braço e a empurrou de volta.

– Eu disse que não é para você falar com ele. Sente-se até eu permitir que se levante.

– Sinto muito.

Ela se abaixou, pegou sua escova e sentou-se no pé da cama. Como arma, pensou, olhando para suas mãos, era deplorável.

– Assim está melhor. – Ele suspirou e sorriu novamente. – Muito melhor. Agora você vai fazer a mala. Não precisa de muita coisa. Vou substituir tudo seu logo, logo. Mas você precisará do essencial para esta noite. Nós vamos viajar. Só você e eu. Vamos nos ausentar

por alguns dias. Já fiz reservas para uma das chácaras de um resort de que gosto. Eles me conhecem lá, então esteja preparada para ser tratada como uma rainha.

Era aterrorizante ver aquela expressão sorridente tão familiar.

– Você vai ver quanto eu posso lhe dar, Clare. Tudo o que tem que fazer é me obedecer, aprender as lições e me dar tudo o que nós dois queremos há tanto tempo.

– Parece ótimo. Alguém precisa ficar com as crianças. Posso ligar para a minha mãe. Ela...

– As crianças, as crianças! – Ele ficou vermelho de raiva. – Estou cansado de ouvir falar delas. Estão dormindo, certo? Seguros em suas camas com os cachorros babões. Vou ligar para minha mãe quando chegarmos ao resort. Ela vai conseguir alguém para ficar com eles. Tem um internato excelente ao norte de Nova York. Nós os matricularemos o mais breve possível. Você vai aprender que ninguém se compara a mim. Eu posso ser generoso e pagar pela educação dos filhos de outro homem, mas não vou permitir que sejam mais importantes do que eu ou meus interesses. Você está me entendendo?

– Perfeitamente. Devo fazer a mala agora?

– Sim. Eu lhe mostrarei o que é apropriado. – Então seu tom de voz mudou, tornou-se meloso, compreensivo: – Não se envergonhe com o que você terá de escolher a partir de agora. Eu a levarei para fazer compras. Terá muito tempo para você agora, para estar comigo, para levar a vida que eu lhe darei sem as crianças e o seu hobby na livraria para atrapalhar.

Clare se levantou devagar. O medo tinha se atenuado e uma fúria surda tomou conta dela. Só podia pedir a Deus que isso não transparecesse. Deixar seus filhos sozinhos? Ela preferiria vê-lo no inferno.

– Eu quero agradecer. – Clare manteve os olhos baixos, na esperança de demonstrar subserviência, enquanto tentava se aproximar dele. – Eu estava tão confusa, tão dividida, mas agora está tudo bem claro.

Então ergueu o rosto, fitando-o direto nos olhos. Desferiu a escova em seu rosto com toda a força, toda a fúria. Quando o

sangue começou a escorrer da boca de Sam, ela saltou em direção à porta. Seu único pensamento era chegar até os meninos e mantê-los a salvo.

No momento em que ela tocou a maçaneta, ele a puxou para trás. O medo voltou, evidente como o sangue no rosto de Sam enquanto ele a empurrava para o chão. Clare esperneou, tentou arranhá-lo, mas Sam a esbofeteou com força suficiente para que ela visse estrelas.

– Vagabunda! – Ele lhe bateu com o dorso da mão, deixando seu rosto muito dolorido. – Veja o que você fez. Veja o que fez comigo. Eu estou lhe dando tudo e você não aprende. Vai aprender agora.

Quando Sam rasgou sua blusa, ela arranhou seu rosto. Ele se levantou com uma expressão de choque e dor no rosto ensanguentado.

Rolando, Clare se esforçou para se libertar, e de repente o peso sobre ela desapareceu. Rastejou em direção à porta já sem fôlego, tentando se levantar e correr para junto dos filhos.

Sentiu braços a envolvendo.

– Clare, Clare, Clare. – Avery segurou firme até a amiga parar de lutar. – Você está bem agora.

– Meus filhinhos...

– Shh. Hope foi vê-los. Shh.

– Eu tenho que...

Os sons enfim superaram seus sentidos chocados. Escorada em Avery, ela virou a cabeça.

Aos pés de sua cama, Sam encontrava-se estendido no chão, com Beckett por cima, batendo repetidamente no rosto já ensanguentado.

– Ai, meu Deus. Meu Deus.

Tonta, ela se levantou e Hope foi ajudar Avery a sustentá-la.

Segundos depois, os outros dois Montgomerys surgiram e Ryder agarrou o braço de Owen quando fez menção de avançar.

– Temos que separá-los – falou o irmão.

Ryder deu de ombros.

– Vamos lhe dar mais um minuto.

– Pelo amor de Deus, Ry.

Hope deu um olhar de aprovação para Ryder, mas Owen a ignorou.

– Beck. Pare. Pare, caramba. Ele já era. Venha me ajudar, Ryder, antes que ele mate esse desgraçado.

Os dois tiveram que puxá-lo. Bastou ele olhar para Clare para que seu foco mudasse.

– Ele machucou você. – Foi até ela bem devagar, encostou os dedos delicadamente nos hematomas que havia em seu rosto. – Ele machucou você.

– Eu o machuquei mais. E depois você... Beckett. – Tremendo, Clare se segurou nele. – Ai, meu Deus, Beckett.

– A polícia. – Hope olhou pela janela quando ouviu as sirenes. – Vou lá para baixo contar o que aconteceu, ver se podem não fazer barulho para não acordar as crianças. Ah, e dizer que vamos precisar de uma ambulância. – Deu uma olhada em Sam, inconsciente e destruído. – Mas isso não tem pressa.

Percebeu o sorriso duro de Ryder antes de deixar o quarto.

– Levo você lá embaixo, para longe dele. – Beckett pegou Clare nos braços. – Pode nos contar o que aconteceu.

Ela assentiu e apoiou a cabeça em seu ombro, torcendo para que o quarto parasse de girar.

– Avery...

– Vou dar uma olhada neles de novo. Não se preocupe.

– Ele disse que íamos embora esta noite – contou Clare enquanto Beckett a carregava. – Íamos fazer uma viagem, deixaríamos as crianças sozinhas até que ele as pusesse num internato porque elas estavam atrapalhando.

– Ele não vai mais pôr as mãos em você ou nos meninos. Nunca mais.

– Ele pediu para eu separar umas coisas para pôr na mala. Foi quando eu o acertei com a escova de cabelo. O mais forte possível. Acho que cheguei a arrancar um dos seus dentes.

– Lá em cima primeiro – disse ele a Charlie Reeder ao se cruzarem no pé da escada, então falou para Clare: – Você o acertou com a escova de cabelo.

– Era tudo o que eu tinha.

– Não. – Ele se sentou, mantendo-a em seus braços. – Você tem muito mais.

Beckett ficou ao seu lado enquanto ela dava seu depoimento, e nem ao menos se virou para ver Sam ser levado embora numa maca. Hope trouxe chá para Clare ao mesmo tempo que um enfermeiro fazia curativos.

Os policiais localizaram a janela arrombada e fizeram o registro. Já Ryder foi atrás de ferramentas para consertá-la.

Depois que a polícia foi embora, Avery saiu da cozinha.

– Fiz sopa. Quando estou chateada, cozinho, então todos vocês vão tomar sopa.

Ela voltou à cozinha para servir a sopa e Ryder se deixou cair numa cadeira.

– Agora que os policiais se foram, vamos falar abertamente: que mentira vocês contaram a eles? Como souberam que Clare estava em apuros?

– Por Lizzy.

Beckett tomou a mão de Clare e contou a história.

– Ela é bem esperta para uma morta – comentou Ryder com uma olhada para Hope. – A gerente vai ter muito trabalho.

– A gerente tem nome – afirmou ela.

– Ouvi dizer.

– Hope e eu vamos ficar aqui hoje. – Avery pôs a sopa diante de Owen. – Eu não dormiria se fosse para casa.

– Eu adoraria. – Clare deixou escapar um longo suspiro. – Elizabeth disse a vocês que eu precisava de ajuda. E vocês vieram. – Ela entrelaçou os dedos nos de Beckett. – Todos vocês vieram. Acho que isso é bem mais que uma escova de cabelo.

Beckett só foi embora depois de ela dormir. Pôs o saco de dormir de Homem-Aranha de Harry na caminhonete antes de ir para a pousada.

Chegando lá, esticou-o no chão do E&D.

– Ela está bem. Graças a você. Ele a machucou um pouco... mas teria feito coisa pior se você não tivesse nos alertado.

Ele se sentou e tirou as botas de trabalho.

– Sam está no hospital, sendo vigiado. Vai ser preso assim que

os médicos o liberarem. Um de nós quebrou sua mandíbula, não sei se eu ou Clare e sua fiel escova de cabelo. Ele perdeu a consciência e dois dentes. Arrebentei seu nariz. Acho que ainda foi pouco.

Exaurido e nervoso, ele se deitou.

– De toda forma, achei que era melhor eu dormir aqui esta noite, se achar que não tem problema. Pensei que você quisesse companhia e não estou com vontade de ir para casa. Acho que sou o primeiro hóspede da Pousada Boonsboro... ao menos o primeiro vivo.

Beckett ficou deitado olhando para o teto. Sentiu algo frio percorrendo suas juntas, depois a luz do banheiro que ele tinha esquecido acesa se apagou.

– Obrigado. Boa noite.

Fechou os olhos e dormiu.



Domingo de manhã, por insistência sua, crianças e cachorros foram postos na van.

– Era pra gente ir ao fliperama – lembrou-lhe Harry. – Você prometeu.

– É, hoje à tarde. Mas tem uma coisa que quero mostrar para vocês antes. Não é longe.

– E certamente é um segredo.

Ele olhou para Clare. Ela havia disfarçado os hematomas com maquiagem, mas Beckett sabia que os meninos tinham percebido e que ela lhes contara a verdade, mesmo que não com todos os detalhes.

Ele dirigiu até fora da cidade, ouvindo Liam e Harry discutirem e Murphy cantar para os cachorros, que tinham aprendido a uivar em conjunto.

Aquilo tudo parecia bem normal, pensou. Embora houvesse hematomas no rosto de Clare.

– Posso levá-los sozinho para o fliperama se quiser voltar para

casa e descansar.

– Beckett, os tapas doeram e fiquei muito assustada, mas não foi nada além disso. E agora acabou – replicou ela, mantendo a voz baixa, mais baixa que a música tocando no rádio.

Ele não achava que tinha acabado. Não completamente.

– Hope falou com uma amiga dela, uma psiquiatra de Washington – prosseguiu Clare. – Ela disse que, embora sejam só conjecturas, já que não falou com ele, esse é o típico comportamento de um perseguidor, incrementado por narcisismo. Sam foi ficando cada vez mais obcecado por mim e se convenceu de que eu queria ficar com ele, apesar de continuar impedindo-o de se aproximar, e concluiu que os meninos eram um obstáculo. Quando eu não estava com ninguém, era uma coisa, mas meu relacionamento com você causou uma espécie de surto psicótico. Basicamente, ele saiu dos trilhos. Agora vai para a cadeia. Lá, vai conseguir ajuda. Não sei se me importo com o fato de ele receber ajuda, mas vai receber.

– Contanto que essa ajuda venha com grades e um uniforme de presidiário, ele pode ter o que quiser.

– Concordo. – Ela olhou em volta. – Sua mãe não mora para estes lados?

– Não é longe. Não, não estamos indo lá para que ela encha você de novo hoje.

– Graças a Deus. Tive toda a ajuda que pude ontem de amigos, da família, de vizinhos, da polícia. Quero me sentir, e ser, normal e entediante hoje.

Ele dobrou em uma estradinha de cascalho, virou à direita e subiu uma ladeira.

– Ryder mora naquela direção, Owen para lá – informou ele, gesticulando. – Não tão longe, mas também não tão perto.

Parou perto de uma casa parcialmente construída, inacabada.

– Quatro hectares. Um riozinho passando por trás da casa... ou do que será uma casa.

– É seu? Que bonito, Beckett. Você é louco se não a terminar e vier morar aqui.

– Talvez.

As crianças e os cachorros saíram em disparada. Tinha muito espaço para correr, percebeu ao vê-los fazer isso. Sabia onde gostaria de construir um quintal, com algumas árvores para dar sombra, um jardim, e onde queria pôr um monte de outras coisas.

– Isso tudo é seu? – perguntou Harry. – Podíamos acampar aqui, não podíamos?

– Acho que sim.

– Nem pensar. – Clare ergueu a mão. – Eu não. Não vou acampar.

– Quem chamou você?

Beckett pegou a bola das mãos de Harry e lançou para que os seres de duas e quatro patas fossem buscá-la.

– Isso foi perfeito – disse Clare, andando em círculos. – Melhor do que ser normal e entediante. É lindo e silencioso aqui. Você tem que nos mostrar a casa, explicar como ela vai ficar depois de pronta.

Ele segurou sua mão para impedir que ela se aproximasse da casa.

– Vim aqui algumas vezes na semana passada, olhar o que comecei e nunca terminei, tentando entender por que não levei a obra adiante. Adoro este lugar, sua beleza, o modo como me sinto aqui.

– Quem não adoraria?

Os olhos azul-escuros dele, subitamente intensos, encontraram os dela.

– Espero que isso seja verdade, porque descobri o motivo de nunca ter terminado a casa. Eu estava esperando por você, Clare. Por eles. Por nós. Quero terminá-la para você, para eles, para nós.

A mão dela se afrouxou.

– Beckett...

– Posso mudar de planos. Acrescentar dois quartos, um cômodo de brinquedos.

Ele gesticulava com a mão livre enquanto as últimas folhas secas redemoinhavam ao seu redor.

– Acho que podia pavimentar uma parte daquele lado, para que as crianças andem de bicicleta, talvez instalar uma cesta de basquete. Os meninos e os cachorros precisam de mais espaço.

Quero lhes dar mais espaço. Quero lhes dar o que você quiser, é só me dizer. Preciso lhes dar o que eles quiserem e ter o que eu quero. E quero você, Clare, quero todos vocês. Por favor... Merda. Espere um pouco.

– O quê? – Ela ficou boquiaberta. – Beckett.

– Espere, só um minuto. – Correu até os meninos, que pegavam gravetos para atirar aos cachorros. – Harry.

– Eles mastigam os gravetos. Olhe só.

– Harry, prometi uma coisa a você. Disse que falaria com você antes de pedir sua mãe em casamento. Preciso da sua aprovação.

Harry olhou para o graveto no chão enquanto os irmãos permaneciam a seu lado, atentos.

– Por que quer fazer isso?

– Porque eu a amo. Eu a amo, Harry. E amo vocês também, meninos, e queria que fôssemos uma família.

– O homem mau tentou machucar ela – disse Murphy. – Mas você veio, e você e mamãe lutaram com ele e levaram ele para a cadeia.

– É, e você não precisa se preocupar com isso.

– Você vai dormir na cama dela? – quis saber Liam.

– Isso é parte do acordo.

– Às vezes também gostamos de fazer isso, se tem trovão ou se temos pesadelo.

– Então acho que vamos precisar de uma cama bem grande.

Ele esperou enquanto os meninos se entreolhavam. Conhecía muito bem a linguagem silenciosa entre irmãos.

– Ok, se ela quiser também.

– Obrigado. – Ele apertou a mão de Harry, depois abraçou os três. – Obrigado. Desejem-me sorte.

– Boa sorte! – gritou Murphy.

Se não estivesse nervoso, Beckett teria rido no caminho de volta até Clare.

– O que foi isso?

– Conversa de homem.

– Ah, é, Beckett, você começou a falar de quartos e de

pavimentação, e então sai correndo para ter uma conversa de homem?

– Não podia prosseguir sem antes falar com Harry. Tínhamos um trato, e os garotos precisam saber que se deve cumprir com a palavra dada.

– Bom, ótimo para você, mas...

– Precisava que ele me desse a aprovação antes de eu pedir você em casamento. Ele disse que concorda se você quiser. Não me faça bancar o idiota na frente das crianças.

A mão que ela erguera para tirar o cabelo do rosto ficou congelada no ar.

– Você pediu autorização para o meu filho que nem 9 anos tem ainda?

– Pedi. Ele é o mais velho.

– Sei.

Ela se virou.

– Estou estragando tudo – falou Beckett. – Eu amo você. Devia ter começado assim. Juro que tropeço mais com você do que com qualquer outra pessoa. Amo você, Clare. Sempre amei, mas é diferente amar quem você é agora. É tão mais sólido... Você é forte, estável, decidida, inteligente. Amo quem você é, como você é. E amo aqueles meninos, você precisa saber disso.

– Eu sei. – Por um instante, ela ficou encarando as árvores, seus galhos desfolhados, embaçados por causa das lágrimas. – Eu poderia amar você mesmo que você não os amasse, porque o amor, às vezes, simplesmente acontece. Mas só poderia me casar com você se os amasse, apenas se soubesse que você seria bom para eles. Eu amo você, Beckett. – Com os olhos secos de novo, ela se virou de frente. – Você comprou esses cachorros que eu não sabia se queria e ficou tão preocupado tentando me convencer que não me viu me apaixonar por você. Amo você, Beckett, sem a menor sombra de dúvida, sem qualquer inquietação. E é claro que me casarei com você.

Passou os braços em volta dele.

– Ah, você não faz ideia de onde está se metendo.

– Quer apostar que sei?

– Vamos descobrir, porque... O que é *isso* no seu bolso? Não venha me dizer que é alegria por me ver.

– Ah, eu esqueci. – Ele puxou uma sacolinha. – Comprei para você uma nova escova de cabelo.

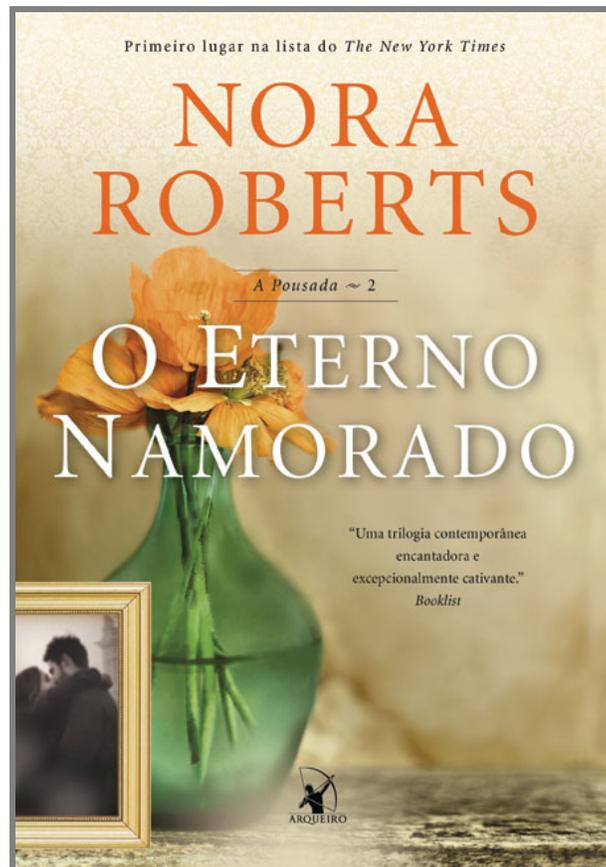
Por um instante, Clare só o encarou. Depois, tomou seu rosto entre as mãos.

– Por que será que ainda me surpreendo?

Ele a abraçou e a girou no ar. Ainda com ela no colo, ergueu o polegar para os meninos.

Os meninos dela – *dela* – gritaram de alegria e vieram correndo com os cachorros latindo atrás.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO ROMANCE  
DA TRILOGIA A POUSADA:  
*O ETERNO NAMORADO*



## capítulo um



UMA LUA CHEIA DE inverno iluminava as velhas pedras e os tijolos da pousada que ficava na praça. À luz daqueles raios, as novas varandas e os gradis brilhavam, e o cobre do telhado chegava a faiscar. Ali, o velho e o novo se misturavam – o passado e o presente – num casamento sólido e feliz.

Naquela noite de dezembro, as janelas estavam escuras, guardando os seus segredos nas sombras. Mas, em questão de semanas, estariam acesas como as demais da avenida principal de Boonsboro.

Parado com sua caminhonete no sinal da praça, Owen Montgomery perscrutou a avenida: lojas e apartamentos estavam envoltos no clima das festas. Luzes piscavam e dançavam. À sua direita, uma bela árvore enfeitava a janela da frente de um apartamento do segundo andar. A residência temporária da futura gerente refletia o seu estilo: elegância sóbria.

No Natal seguinte, pensou, a pousada estaria coberta de lâmpadas brancas e guirlandas verdes. E Hope Beaumont ia armar a sua linda arvorezinha diante da janela do apartamento da gerente, no terceiro andar.

Olhou para a esquerda, para a entrada da Pizzaria Vesta, que Avery havia enchido de luzes.

O apartamento que ficava no andar de cima – onde antes morava o seu irmão Beckett – também exibia uma árvore de Natal perto da janela. Era a única claridade que se via ali, pois todo o resto estava tão escuro quanto a pousada. Ela devia estar

trabalhando, pensou, ao ver o movimento no restaurante. Remexeu-se no banco, mas não conseguia vê-la atrás do balcão.

Quando o sinal abriu, ele virou à direita, na St. Paul Street e, depois, à esquerda, para entrar no estacionamento nos fundos da pousada. Continuou sentado na caminhonete por um instante, pensativo. Podia ir até a Vesta para tomar uma cerveja, comer uma fatia de pizza e ficar por lá até o restaurante fechar.

Depois, percorreria a pousada. Na verdade, nem precisava fazer isso, mas não tinha passado no prédio o dia inteiro, já que andava ocupado com outras reuniões, outros trabalhos da empresa da família. Não queria esperar até a manhã seguinte para ver o que os irmãos e os operários tinham feito naquele dia.

Além do mais, a Vesta parecia lotada e faltava no máximo meia hora para a pizzaria fechar. Não que Avery fosse botá-lo para fora... O mais provável é que viesse se sentar e tomasse uma cerveja com ele.

*Ideia tentadora*, pensou, mas tinha mesmo que dar uma passada na pousada e ir para casa. Precisava estar na obra, com as ferramentas em punho, às sete da manhã.

Saltou da caminhonete e enfrentou o ar gélido já com as chaves na mão. Alto como os irmãos, porém mais magro, fechou mais o paletó contra o corpo enquanto contornava a parede de pedras do pátio para chegar às portas do saguão.

Todas as suas chaves eram separadas por cores – seus irmãos o chamavam de maníaco –, mas essa organização funcionava perfeitamente. Em segundos, estava dentro do prédio, deixando o frio lá fora.

Acendeu as luzes e ficou parado, sorrindo como um bobo.

O tapete de cerâmica destacava uma parte do piso, acrescentando um toque de charme às paredes pintadas de cor suave, com lambris em um tom cremoso. Beckett acertara em cheio ao propor que deixassem à mostra os tijolos da parede lateral.

E a mãe deles não podia ter escolhido lustre melhor: nada de rebuscado nem de tradicional demais. Instalado bem acima do retângulo de cerâmica, parecia algo orgânico, com os braços de bronze e os globos estreitos e delicados. Olhando para a direita,

percebeu que os banheiros da recepção, com ladrilhos elegantes e pias de pedra rajada de verde, haviam sido pintados.

Pegou o bloquinho e tomou nota de alguns detalhes que ainda precisavam ser ajustados. Só então passou pelo arco de pedra que ficava à esquerda.

Mais tijolos aparentes. É, Beckett era genial. As prateleiras da lavanderia exibiam uma organização impecável: aquilo devia ser obra de Hope. Com a mão de ferro, tinha conseguido botar o irmão dele, Ryder, para fora do que viria a ser o seu escritório ali na pousada, pois queria começar a organizar tudo.

Parou por um instante no local e viu os vestígios da presença do irmão: os cavaletes e uma prancha de compensado criando uma mesa rústica, o fichário branco bem grosso – a bíblia do trabalho deles –, algumas ferramentas e latas de tinta.

Não ia demorar muito, avaliou, para Hope expulsar Ryder dali novamente.

Continuou o seu percurso e se deteve para admirar a cozinha.

Já tinham instalado os pontos de luz. A grande luminária de ferro acima da bancada e versões menores dela em cada janela. Armários de madeira, acessórios em tons claros, granito polido complementado por ferragens em aço inoxidável.

Abriu a geladeira para pegar uma cerveja. Logo, logo voltaria a dirigir, pensou, e trocou-a por um refrigerante. Depois, anotou que precisava tratar da instalação das persianas e das cortinas das janelas, agora que já estava tudo praticamente pronto para elas.

Voltou à recepção, passou os olhos pelo local de novo e, mais uma vez, sorriu.

O console que Ryder havia feito com uma madeira bem grossa tirada de um celeiro combinava perfeitamente com os velhos tijolos e o vão profundo da lareira. Por enquanto, lonas, mais latas de tinta e mais ferramentas estavam amontoadas por ali. Fez mais anotações, passou pelo primeiro arco e foi em direção ao que ia ser o lounge, mas parou no meio do saguão. Nesse momento, ouviu passos no andar de cima.

Atravessou o segundo arco, que levava ao pequeno corredor

onde ficava a escada. Viu que Luther tinha trabalhado bastante nos corrimãos de ferro e começou a subir, passando a mão pelo metal.

– Ok, coisa fofa. Ry? Está aí em cima?

Tomou um susto quando uma porta se fechou bruscamente. Chegou ao andar superior e os seus olhos azuis tranquilos se estreitaram. Seus irmãos adoravam zombar dele e nem a pau lhes daria uma brecha para fazer isso.

– Ooooh! – exclamou, fingindo. – Deve ser o fantasma. Estou com *tanto* medo!

Dirigiu-se para a frente do prédio e viu que a porta da suíte Elizabeth & Darcy estava fechada, ao passo que a da Titânia & Oberon estava aberta.

*Muito engraçado*, pensou, irritado.

Foi se aproximando da porta com cautela, pretendendo escancará-la, pular dentro do aposento e, quem sabe, até dar um susto no irmão que tentava lhe pregar uma peça. Pôs a mão na maçaneta recurvada, girou-a bem devagar e empurrou.

A porta não se moveu.

– Pare com isso, seu babaca – reclamou, mas soltou uma risadinha involuntária.

Por fim, a porta da suíte se abriu, bem como as que davam para a varanda.

O sopro de ar gélido tinha cheiro de madressilva, doce como o verão.

– Ai, meu Deus!

Quase admitiu a existência do fantasma; quase acreditou nele. Afinal, houvera alguns incidentes e Beckett estava convencido o bastante para batizá-la de Elizabeth em honra à suíte preferida da tal mulher.

Aquela, porém, estava sendo a primeira experiência pessoal, e incontestável, de Owen.

Parou, boquiaberto, quando a porta do banheiro bateu, voltou a se abrir e bateu novamente.

– Tudo bem. Uau! Desculpe a intromissão. Eu só estava...

A porta bateu na sua cara – ou melhor, quase isso, pois Owen recuou antes que ela lhe acertasse o nariz.

– Ei, qual é? A esta altura, você já me conhece. Venho aqui quase todo dia. Sou Owen, irmão do Beckett. Estou em missão de paz, coisa e tal.

A porta do banheiro bateu outra vez e o som o fez estremecer.

– Vá com calma, ok? Qual é o problema? Eu só... Ah, entendi.

Pigarreou, tirou o gorro de lã, passou as mãos pelo espesso cabelo castanho-escuro.

– Está certo, chamei você de babaca. É que pensei que fosse Ry. Conhece o meu outro irmão? Você precisa admitir que ele pode ser um perfeito babaca. E cá estou eu, no meio do corredor, dando explicações a um fantasma...

A porta se entreabriu. Com todo o cuidado, Owen a empurrou um pouco mais.

– Só vou fechar as portas da varanda. Elas têm mesmo que ficar fechadas.

Não podia negar que o som da própria voz ecoando no cômodo vazio lhe dava calafrios, mas enfiou o gorro no bolso do casaco, foi até a porta mais distante e a trancou. Quando, porém, chegou à mais próxima, viu as luzes acesas no apartamento de Avery em cima do restaurante.

E a viu, ou percebeu a sua forma, passando pela janela.

A rajada de ar parou; o cheiro de madressilva diminuiu.

– Já senti o seu cheiro antes – murmurou ele, ainda olhando para as janelas de Avery. – Beckett disse que você o alertou naquela noite, avisando que o filho da p... desculpe o linguajar... do Sam Freemont ia perseguir Clare. Obrigado. Os dois vão se casar, Beck e Clare. Com certeza você já sabe disso. Ele é apaixonado por ela praticamente desde sempre.

Fechou a porta e olhou ao redor.

– Mais uma vez, obrigado.

A porta do banheiro estava aberta e ele pôde ver o próprio reflexo no espelho com moldura de ferro que ficava acima da bancada da pia.

Tinha os olhos um tanto arregalados e os tufos de cabelo que puxara só pioravam a sua imagem.

Automaticamente, passou os dedos pelo cabelo, tentando ajeitá-

lo.

– Tudo o que vou fazer é circular por aí anotando umas coisas. Estamos cuidando essencialmente dos acabamentos. Mas, por aqui, não há nada a ser feito. Está pronto. Acho que os operários estavam loucos para terminar logo esta suíte. Alguns ficaram meio assustados. Sem querer ofender. Então... vou terminar a minha ronda e irei embora. Vejo você, ou melhor, não vejo você...

*Deixa pra lá,* pensou, e saiu do quarto.

Passou mais de meia hora circulando de aposento em aposento, de andar em andar, fazendo várias anotações. Vez por outra, o cheiro de madressilva voltava ou uma porta se abria.

A presença dela – Owen não podia negá-la – parecia agora bem amistosa. Mas também ficou um pouco aliviado ao trancar tudo e ir embora.



A neve endurecida estalava de leve sob as suas botas enquanto ele fazia malabarismo para segurar as rosquinhas e o café. Cerca de meia hora antes da aurora, Owen voltou para a pousada e foi direto para a cozinha deixar a caixa das rosquinhas, a bandejinha do café e a sua pasta. Tentando se animar, passou à recepção e acendeu a lareira. Naquele calor e naquela luz agradáveis, tirou as luvas, enfiando-as nos bolsos do casaco.

De volta à cozinha, abriu a pasta, pegou a prancheta e começou a repassar, mais uma vez, a agenda para o dia. O telefone preso ao seu cinto tocou, indicando que estava na hora da reunião matinal.

Estava terminando uma das rosquinhas cobertas de glacê quando ouviu a caminhonete de Ryder chegar. Seu irmão estava usando um boné da empreiteira e um grosso casaco de trabalho bem surrado e exibia aquela carranca de quem quer mais café. Diaraque, o cachorro dele, veio entrando. Farejou o ar e ficou olhando com ar pidão a outra metade da rosquinha.

Ryder resmungou qualquer coisa e pegou um dos copos de

isopor.

– Esse é de Beck – disse Owen praticamente sem olhá-lo. – Basta ver o B que escrevi aí do lado.

Resmungando mais uma vez, Ryder pegou o copo marcado com a letra R. Depois de tomar um bom gole de café, reparou nas rosquinhas e escolheu uma recheada com geleia.

Vendo que Diaraque abanava o rabo, ele atirou um pedaço para o animal.

– Beck está atrasado – observou Owen.

– Foi você que inventou essa história de reuniões antes do amanhecer – retrucou Ryder, dando uma mordida na rosquinha e tomando um gole de café.

A barba por fazer cobria as linhas duras do seu rosto, mas os olhos verdes com pontinhos dourados perderam parte do ar sonolento graças à cafeína e ao açúcar.

– Depois que os operários chegam, somos interrompidos o tempo todo. Andei dando uma olhada por aqui ontem à noite, quando estava indo para casa. Vocês tiveram um dia bem produtivo.

– Foi mesmo. Vamos terminar de instalar os acabamentos do terceiro andar hoje de manhã. Uns acertos com as sancas, umas luminárias e aqueles malditos porta-toalhas aquecidos que ainda estão faltando em uma ou duas suítes. Luther tem cuidado dos corrimãos e parapeitos.

– Eu vi. Fiz umas anotações.

– Ok, ok.

– Deve ter mais algumas coisas, mas só vou saber quando terminar de examinar o segundo andar e for para o terceiro.

– Por que esperar? – indagou Ryder e foi se dirigindo para a porta, apoderando-se antes de outro donut.

Sem nem olhar, atirou mais um pedaço para o cachorro, que andava ao seu lado. Diaraque o apanhou com uma precisão impressionante.

– Beckett não está aqui.

– Ele agora tem mulher e três filhos – observou Ryder. – Tem o horário da escola. Quando ele chegar, chegou, e fica sabendo o que aconteceu.

– A pintura aqui está precisando de uns retoques – começou Owen.

– Também percebi.

– Vou chamar o pessoal para instalar as persianas em todas as janelas. Se três delas ficarem prontas hoje, podemos pensar nos varões e nas cortinas para o início da semana que vem.

– Os homens limpam tudo, mas é apenas aquela limpeza de obra. O lugar vai precisar de uma boa faxina. Precisa falar com a gerente sobre isso.

– Vou estar com Hope ainda pela manhã. E vou entrar em contato com a prefeitura para começarmos a descarregar as coisas.

Ryder olhou para o irmão.

– Ainda temos no mínimo umas duas semanas pela frente, e isso sem contar as festas de fim de ano.

Owen, porém, tinha um plano, como sempre.

– Podemos terminar três delas, Ry, e continuar nesse ritmo. Acha que mamãe e Carolee... além de Hope... vão continuar comprando coisas depois que tudo já estiver instalado?

– Imagino que não. Não precisamos que nos atrapalhem mais do que já vêm fazendo...

Enquanto circulavam pelo terceiro andar, ouviram uma porta se abrindo lá embaixo.

– Aqui em cima! – gritou Owen. – O café está na cozinha.

– Obrigado, meu Deus.

– Não foi Deus quem comprou café. – Owen passou os dedos pela placa de bronze oval e bem polida que trazia gravada a palavra *Gerente*. – Um toque de classe.

– Tem um monte deles por aqui – disse Ryder, tomando mais um gole de café enquanto os dois entravam no aposento.

– Está muito bom. – Owen meneava a cabeça, entrando e saindo da pequena cozinha e do banheiro, passando pelos dois quartos. – É um lugarzinho charmoso e confortável. Bonito e eficiente, como a nossa gerente.

– Ela é quase tão pé no saco quanto você...

– Não se esqueça de quem comprou aquelas rosquinhas, irmão.

Ao ouvir essa palavra, o cachorro sacudiu o corpo todo.

– Já era, amigo – disse-lhe Ryder e, com um suspiro canino, Diaraque se esparramou no chão.

Owen deu uma olhada para Beckett, que vinha subindo a escada.

Percebeu que o irmão tinha feito a barba e parecia animado. Talvez um pouco agitado, como, imaginava, deviam ficar quase todos os homens com três crianças pequenas e todo o caos matinal criado por elas.

Lembrava-se muito bem das suas próprias manhãs em tempos de escola e se perguntava se os pais aguentavam aquilo tomando drogas pesadas.

– Um dos cachorros vomitou na cama do Murphy – informou Beckett. – Não quero falar sobre isso.

– Por mim, tudo bem. Owen já começou a falar em cortinas e em trazer as coisas para cá.

Beckett parou um instante para fazer um carinho na cabeça de Diaraque.

– Ainda precisamos ajeitar um monte de coisas.

– Não aqui em cima. – Owen se dirigiu à cobertura. – Podíamos aprontar essa suíte. Hope pode trazer as coisas dela pelo corredor. E quanto à Westley & Buttercup?

– Está pronta. Ontem mesmo pusemos o espelho e as luminárias do banheiro.

– Então vou dizer a Hope que trate da faxina para este andar ficar brilhando. – Apesar de confiar em Ryder, Owen foi verificar com seus próprios olhos. – Ela fez uma lista do que vai ficar aqui. Podemos então dar um pulo na Bast's e informar o que precisa ser entregue no terceiro andar.

Anotou na sua prancheta: estoque de toalhas e roupa de cama; compra de lâmpadas etc. Às suas costas, Beckett e Ryder só se entreolharam.

– Acho que nós vamos mesmo começar com a mudança...

– “Nós” quem? – questionou Ryder. – Eu e os operários é que não vamos. Ainda temos que terminar as obras neste maldito lugar.

– Não desconte em mim. – Beckett ergueu as mãos. – Tenho que fazer as alterações no projeto da confeitaria aqui ao lado se quisermos passar os operários em pouco tempo.

– Eu bem que gostaria de um pouco de tempo – resmungou Ryder.

Foi descendo atrás de Owen, que se deteve diante da Elizabeth & Darcy, observando o calço que mantinha a porta aberta.

– Beckett, não quer bater um papo com sua amiga Lizzy? Para tentar convencê-la a manter esta porta aberta e as da varanda, fechadas.

– Mas é assim que elas estão.

– Agora. Ela ficou meio chateada ontem à noite.

Intrigado, Beckett ergueu as sobrancelhas.

– Sério?

– Acho que tive o meu encontro pessoal com ela. Tinha vindo dar uma olhada geral e ouvi alguém aqui em cima. Pensei que fosse um de vocês tentando aprontar comigo. Ela achou que eu a tivesse chamado de babaca e fez questão de demonstrar.

Beckett abriu um sorriso largo.

– Lizzy tem um gênio...

– E eu não sei? Acho que fizemos as pazes, mas nunca se sabe... Ela pode guardar rancor.

– Aqui está tudo pronto – interveio Ryder. – E na T&O também. Ainda temos que instalar as sancas e os rodapés no N&N; uns poucos retoques e a luminária de teto do banheiro do E&R. Ela finalmente chegou ontem. J&R, lá nos fundos, está cheia de caixas. Lâmpadas e mais lâmpadas, prateleiras e sabe-se lá o que mais. Porém estamos quase terminando. Também tenho uma lista – prosseguiu ele, batendo com o dedo na cabeça enquanto o cachorro vinha se sentar ao seu lado. – Só não preciso anotar cada coisinha em dez lugares diferentes.

– Cabides para os roupões, porta-toalhas, suporte para papel higiênico... – começou Owen.

– Devem chegar hoje.

– Espelhos, TVs, tomadas e interruptores...

– Já encomendados, Owen.

– Tem uma lista do que vai ficar onde?

– Haja saco!

– As placas indicando as saídas têm que vir aqui para cima –

Owen continuou a ler a sua lista enquanto os três se dirigiam para a sala de jantar. – Arandelas para cá. As caixas que fizemos para os extintores de incêndio têm que ser pintadas e instaladas.

– Assim que você calar a boca, posso começar.

– Folhetos, site, anúncios, acertar os preços das diárias e dos pacotes, um folder com informações sobre os quartos.

– Isso não é comigo.

– Exatamente. Viu só como você é abençoado? Quanto tempo ainda vai levar para reformular o projeto da confeitaria? – indagou Owen a Beckett.

– Vou levá-lo para a devida autorização amanhã de manhã.

– Ótimo. – Owen pegou o celular e procurou o calendário. – Vamos acertar os ponteiros. Vou dizer a Hope que pode abrir as reservas para 15 de janeiro. Podemos fazer a festa de inauguração no dia 13, o que nos dá um dia para preparar tudo. E pronto!

– Menos de um mês... – lamentou-se Ryder.

– Nós três sabemos que, daqui a menos de duas semanas, terminamos as obras. Seu trabalho vai ficar pronto antes do Natal. Se começarmos a mudança esta semana, teremos tudo pronto no dia 1º e não vejo motivo para não recebermos o alvará no início do ano. Logo, temos duas semanas para resolver qualquer problema que possa aparecer, com Hope já morando aqui.

– Concordo com Owen. Estamos no fim da estrada, Ry.

Enfiando as mãos nos bolsos, Ryder deu de ombros.

– É estranho... Talvez seja simplesmente isso... Acho estranho pensar que acabou mesmo.

– Anime-se! – exclamou Owen. – Um lugar como este aqui? Não vai acabar nunca!

## sobre a autora

© Bruce Wilder



**NORA ROBERTS** começou a escrever em 1979.

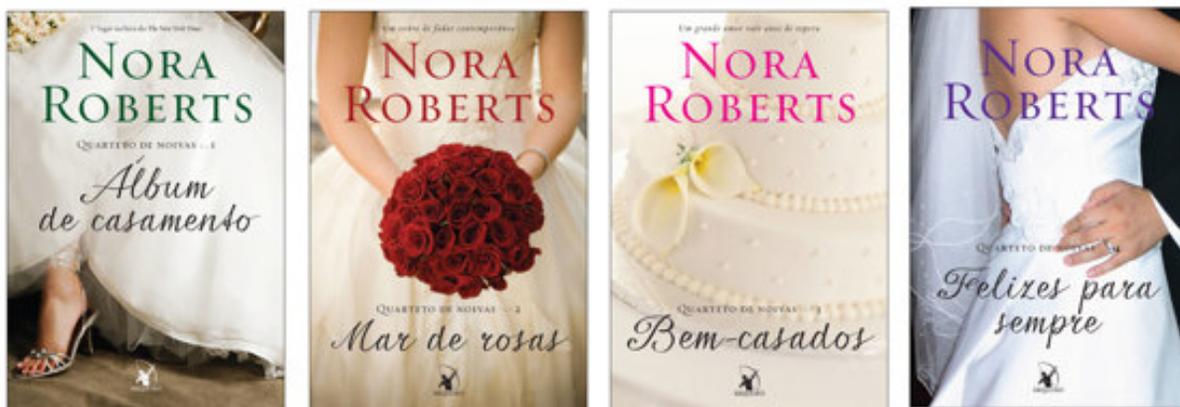
Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 500 milhões de livros vendidos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o

Quill. A revista *The New Yorker* já a chamou de “a romancista favorita dos Estados Unidos”.

## CONHEÇA OUTRAS SÉRIES DA AUTORA



### ***Quarteto de Noivas***

*Quando crianças, as amigas Parker, Emma, Laurel e Mac adoravam brincar de casamento no jardim. Anos depois, fundaram a Votos, a melhor empresa de organização de casamentos do estado. Mas, apesar de tornar real o dia perfeito para tantos casais, nenhuma teve no amor a mesma sorte que tem nos negócios. Até agora.*

Em *Álbum de casamento*, conhecemos Mac. Especialista em captar momentos de pura felicidade, a fotógrafa não leva muita fé no amor. Por isso não entende o frio na barriga que sente ao reencontrar Carter Maguire. Professor de inglês, Carter cita Shakespeare, usa paletó de tweed e sempre fica atrapalhado na frente dela. Agora ele está disposto a ganhar o coração de Mac e convencê-la de que é possível criar suas próprias lembranças felizes.

Já a florista Emma cresceu ouvindo a história de amor dos pais e se tornou uma romântica inveterada. Em *Mar de rosas*, ela se envolve com Jack, que não vem de uma família feliz e é incapaz de assumir um compromisso. Amigos de longa data, eles nunca

revelaram a atração que sentiam um pelo outro. Mas há coisas que não podem ficar escondidas para sempre.

*Bem-casados* nos apresenta Laurel, a criadora de bolos e quitutes lindos e saborosos. Apaixonada desde sempre por Delaney, nunca teve coragem de revelar seus sentimentos. Advogado da Votos, Del se sente responsável por cuidar do bem-estar das quatro sócias. Porém sua postura começa a gerar desentendimentos entre ele e Laurel – e acende uma faísca que eles não conseguirão conter.

Fechando a série, *Felizes para sempre* narra a história de Parker. Ela sabe que subir ao altar é um dos momentos mais extraordinários na vida de um casal e, por isso, dirige a Votos com pulso firme. Certinha e controladora, ela só perde o chão na presença do mecânico Malcolm. Mas quem disse que o príncipe encantado não pode chegar numa Harley-Davidson?



### ***Trilogia Primos O'Dwyer***

*De uma das autoras mais queridas do mundo chega uma trilogia sobre a terra a que nos conectamos, a família que guardamos no coração e as pessoas que desejamos amar...*

Em *Bruxa da Noite*, conhecemos Iona Sheehan e seus primos Branna e Connor O'Dwyer, herdeiros de Sorcha, a poderosa feiticeira que, há muitos séculos, quase destruiu Cabhan, um bruxo das trevas. Desde então essa força maligna vem planejando sua vingança. Agora, para viver plenamente tudo com que sempre sonhou, Iona e os primos devem unir seus poderes e encontrar um meio de derrotá-lo.

Em *Feitiço da sombra*, uma emocionante história sobre os poderes do amor, da amizade e da família, Cabhan impõe sua presença na vida do clã O'Dwyer, primeiro em sonhos, depois na vida real. Mas os três jovens herdaram os poderes e os dons de Sorcha e, juntos, tentarão vencer o temível bruxo e colocar em segurança o condado onde vivem.

Em *Magia do sangue*, livro que encerra a trilogia, os três bruxos da noite estão no condado de Mayo, junto com seus parceiros. E, na

batalha derradeira contra o mal, vão descobrir que superar o passado e unir forças pode ser a única maneira de salvar tudo o que mais amam.

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Jogada mortal, Fique comigo, Seis anos depois e Que falta você me faz*, de Harlan Coben

*A cabana e A travessia*, de William P. Young

*A farsa, A vingança e A traição*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital*, de Dan Brown

*O milagre, Uma carta de amor, Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate*, de Nicholas Sparks

*Julieta*, de Anne Fortier

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!, Praticamente inofensiva, O salmão da dúvida e Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently*, de Douglas Adams

*O nome do vento, O temor do sábio e A música do silêncio*, de Patrick Rothfuss

*A passagem e Os Doze*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas e A nascente*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

[Créditos](#)

[capítulo um](#)

[capítulo dois](#)

[capítulo três](#)

[capítulo quatro](#)

[capítulo cinco](#)

[capítulo seis](#)

[capítulo sete](#)

[capítulo oito](#)

[capítulo nove](#)

[capítulo dez](#)

[capítulo onze](#)

[capítulo doze](#)

[capítulo treze](#)

[capítulo catorze](#)

[capítulo quinze](#)

[capítulo dezesseis](#)

[capítulo dezessete](#)

[capítulo dezoito](#)

[capítulo dezenove](#)

[capítulo vinte](#)

[Leia um trecho do próximo romance da trilogia A Pousada: O Eterno](#)

[Namorado](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outras séries da autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)